

O SOL NEGRO

A CIDADE SECRETA DO VRIL



M. C. PEREDA

“Uma incrível mistura de Realidade, Ficção, Ação, Suspense e Mistério, aliada a narrativa ágil, apresentando fatos desconhecidos, ocorridos no Brasil e no mundo, há mais de 50 anos, culminando em um desfecho surpreendente. Impossível parar de ler!”

Carlos Ehret – *Grão Mestre da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos.*

SUMÁRIO

“APRESENTAÇÃO”

“1.”

“2.”

“3.”

“4.”

“5.”

“6.”

“7.”

“8.”

“9.”

“10.”

“11.”

“12.”

“13.”

“14.”

“15.”

“16.”

“17.”

“18.”

“19.”

“20.”

“21.”

“22.”

“23.”

“24.”

“25.”

“26.”

“27.”

“28.”

“29.”

“30.”

“31.”

[“32.”](#)

[“33.”](#)

[“34.”](#)

[“35.”](#)

[“36.”](#)

[“37.”](#)

[“38.”](#)

[“39.”](#)

[“40.”](#)

[“41.”](#)

[“42.”](#)

[“43.”](#)

[“44.”](#)

[“45.”](#)

[“46.”](#)

[“47.”](#)

[“48.”](#)

[“49.”](#)

[“50.”](#)

[“51.”](#)

[“52.”](#)

APRESENTAÇÃO

Um livro regado a suspense, ação, romance, mistérios inimagináveis e encantadores, com revelações de tirar o fôlego. Esta é a forma como defino este segundo livro da série “O Sol Negro”, criado com uma narrativa ainda mais movimentada e fluida.

Esta segunda obra da série, “O Sol Negro – O Retorno das Sociedades Secretas do Vril”, pode ser lida independente da primeira, pois, embora utilize um mesmo pano de fundo para o desenvolvimento do tema, incluindo os principais personagens, a trama é independente, começando e acabando, e, como sempre, deixando um aperitivo, dado no último capítulo, quanto ao que pode ser esperado pelo leitor no próximo volume.

“A Cidade Secreta do Vril” elencou e ligou dados da história do mundo e da história do Brasil pouco ou até nada conhecidos pelos especialistas e totalmente desconhecida do público em geral, eu diria.

O grupo da Thule Brasil, está novamente envolvido em perseguições e enigmas, gerados através da descoberta de incríveis símbolos e objetos sagrados, pelos quais competem com a Sociedade Vril. Novos grupos de sociedades secretas se revelam focados no mesmo interesse, através de integrantes de ordens antes desconhecidas, alterando o tom e o sentido do que se acreditava ser verdade na trama anterior e, assim, gerando a sensação de que nada pode ser aclamado como a única verdade, já que colidem com versões alternadas de um mesmo acontecimento histórico.

Os personagens principais são postos à prova no âmbito emocional e moral, passando por grandes dificuldades e perigos, em que o seu conhecimento precisa ser desconstruído, transformando-se em um aprendizado constante, uma vez que os fatos são revelados passo a passo.

Qual é a diferença entre o bem e o mal? Quem realmente atua em nome do bem? Como saber identificar essa complexa definição em meio a perigosos enigmas que se apresentam sob situações de extremo estresse emocional e físico? Quem fala a verdade e a representa de maneira confiável?

Preparem-se para uma intensa quebra de paradigmas. Os dados apresentados neste livro levarão o leitor a questionar ainda mais fortemente os livros de história publicados e usados nas escolas.

Procurando por unir ficção a uma extrema realidade, a profunda pesquisa realizada para dar embasamento aos dados e teorias desenvolvidas geram tamanha possibilidade de eventos que o leitor terá grande dificuldade para separar o que é ficção do que pode ser considerado história oficial e ciência tal qual aclamam os acadêmicos.

Envolve-se nos segredos da Segunda Guerra Mundial, adentre o esoterismo associado à ciência, amplamente desenvolvido na época, e descubra o impacto que esse tema gerou no Brasil atual.

A cada capítulo o leitor estará mais e mais envolvido com as descobertas e dados apresentados, tentando construir, junto com os personagens, a solução para tantos mistérios excitantes.

Boa leitura!

M.C. Pereda
Março/2014

1.

30 DE DEZEMBRO DE 1946.

LATITUDE/LONGITUDE APROXIMADA 68°51'S/30°14'E

QUEEN MAUD LAND – ANTÁRTICA

FORÇA TAREFA OESTE

TEMPERATURA: -22°C

Uma forte ventania soava alto, anunciando a chegada de uma tempestade e carregando cristais de água que incomodavam os homens no convés, fazendo-os escorregar sem parar se não andassem agarrados a guarda-corpos e barras de segurança.

O porta aviões USS Philippine Sea movimentava-se lentamente na direção noroeste, buscando juntar-se ao grupo leste da força tarefa. Acompanhando-o, estava a frota do grupo oeste, composta pelo cargueiro USS Currituck, lançado ao mar em 1944. Por ser um navio de apoio à equipe, carregava três hidroaviões Martin PBM-5, os quais foram periodicamente colocados no mar por guindastes, tendo conseguido alçar vários voos de reconhecimento do território desde a chegada quando o bom tempo permitiu. Seguindo no mesmo passo, eram acompanhados pelo USS Henderson um destróier com pouco mais de um ano de experiência, adequado para enfrentar áreas com geleiras e *icebergs*, devido a seu casco estreito, critério de inclusão para a frota selecionada. Mais atrás, aparecia no horizonte o navio mais antigo, o USS Cacapon, com três anos de experiência, fazendo o seu trabalho de carregamento de combustível e, assim, sempre suprindo a todos. Uma frota poderosa, jovem e contendo o que havia de mais moderno em equipamentos bélicos.

A bordo do USS Philippine Sea, o Almirante Byrd avaliava a situação frente à velocidade dos ventos de 60km/h e à visibilidade de, no máximo 80m, enquanto aguardava a comunicação do retorno dos aviões lançados, conjuntamente com o USS Currituck. As instruções eram claras. Cada grupo deveria mapear rápida e eficientemente o território, tirando fotos, filmando e procurando por vestígios das bases inimigas. Tudo isso sob o péssimo disfarce de ser esta a operação propagada pela mídia americana sob o nome High Jump, a qual representava a quarta expedição à Antártica, tendo por

função o mapeamento do território, levando 4 mil homens e uma frota digna da Guerra do Pacífico para fotografar pinguins, geleiras e, se tivessem sorte, algumas baleias. Ao mesmo tempo, levavam a missão de ir deixando bandeiras americanas pelas áreas visitadas. Outro objetivo era a reativação da base de Little America IV, localizada na região central, sob a placa de gelo do mar de Ross. A frota constantemente se defrontava com navios russos que tinham os mesmos objetivos. Dessa vez, não estavam unidos em um ideal antinazista. Ao contrário, competiam para obter informações e apoderar-se de segredos, cientistas e armas tremendamente avançadas, superiores as tecnologias obtidas com a tomada da Alemanha nazista, em 1945.

Em sinal de emergência, o Almirante Byrd é chamado à cabine de comunicação. A força tarefa do leste estava sendo atacada. Ao rádio, o Capitão Dufek, a bordo do USS Pine Island, informava o que estava ocorrendo.

L_{ATITUDE} 68°47' S

L_{ONGITUDE} 90°35'

P_{ROXIMIDADES DA} ILHA P_{ETER} I - A_{NTÁRTICA}.

“Almirante, estamos sendo atacados por algo que não conseguimos identificar com precisão. São... são objetos voadores... discos voadores de cor escura, metálica, senhor... com suásticas desenhadas na parte superior... na parte de baixo, avistamos quatro círculos, um maior ao e três menores... Parecem bolas cortadas ao meio... Fazem um barulho suave, similar ao zunido do vento, associado por vezes, ao de catracas sendo engatadas, senhor... Eles aparecem e desaparecem rápido demais para nossos canhões poderem acertá-los, movimentando de forma errática para trás e para frente, de um momento para o outro. Aparentemente eles estão fazendo ameaças, mostrando a sua superioridade. Se realmente quisessem, já teriam nos abatido. São três discos três discos, cada um com uns 30 metros de comprimento por 10 de altura... Que desastre! Derrubaram o hidroavião George 1! Três dos nossos homens estão mortos! Seis homens sobreviveram, mas não podemos ir buscá-los... Além dos discos, o tempo está terrível. Uma enorme tempestade de neve com ventos fortes se abateu sobre nós, após um dia inteiro de tempo muito claro. Até a tempestade parece ter aparecido do nada!”

“Como estão os outros aviões?!”, pergunta rapidamente o almirante.

“Conseguimos trazê-los antes dos discos aparecerem e a tempestade

piorar... mas o George 1 foi abatido quando tentava retornar para a Ilha de Peter I, senhor.”

“Onde eles caíram?”

“Nas terras de Ellesworth, a algumas milhas do mar... não podemos ir resgatá-los! Caíram em neve macia, longe de uma placa para pouso, e os nazistas não nos deixam aproximar do continente! Senhor, eles são muito superiores a nós... Eles têm o raio da morte! Disparam um raio poderoso da parte de baixo do disco... não temos como confrontá-los... se fizermos isso, eles deixam claro, pela intimidação, que... iremos todos morrer!”

L_{ATITUDE} 71°8’

L_{ONGITUDE} 98°8’

P_{ROXIMIDADES DE} E_{LLESWORTH} L_{AND} – L_{OCAL DA QUEDA DO} G_{EORGE 1}

“Afastem-se dessa área, mostrem que estão abandonando a região e juntem-se ao grupo central. Fomos atingidos por aquela coisa! Ela solta um poderoso raio amarelo avermelhado que é impossível combater!”, gritava ao rádio o Capitão Caldwell, um dos seis sobreviventes. Ferido, esforçava-se para dar as informações que podia. Dentro da fuselagem do avião, utilizava o rádio, ainda operante: “Vocês têm que se reunir! As três frotas separadas não têm chances!”, gritava, sendo sua mensagem recebida, ao mesmo tempo, pelo Almirante Bird e o Capitão Dufek.

L_{ATITUDE} 77°34’ S

L_{ONGITUDE} 179°17’ W

R_{OSS} S_{EA} – A_{NTÁRTICA}

“Almirante Byrd, aqui fala o Capitão Thomas a bordo do Northwind, no grupo central. Informo que sofremos um ataque surpreendentemente rápido, e que o submarino USS Sennet está severamente danificado. Estamos operando o resgate, senhor. Alguns tripulantes estão em estado grave, com queimaduras pelo corpo todo. Não sabemos se conseguiremos salvar o submarino... Tem muita fumaça saindo dele...”

“Quem os atacou?! Descreve!”, questiona o almirante, demonstrando certa alteração emocional.

“U-Boats, senhor! Dois submarinos dispararam sobre ele e estavam acompanhados por um... um objeto voador não identificado, apresentando suásticas gravadas no metal escuro. Tentamos derrubá-lo, mas ele é extremamente ágil no ar e... parecia estar debochando dos nossos tiros,

senhor... Por sorte, um iceberg recebeu um dos torpedos do U-Boat... mas o segundo o atingiu a estibordo. A água estava invadindo quando conseguiram isolar a área. Os motores foram prejudicados e estão em chamas...”

“Algum sinal de um novo ataque aéreo?!”, pergunta Byrd.

“Não, senhor. Somente este; e eles sumiram neste momento. O que devemos fazer?”

“Sigam imediatamente para a fase final do plano, o ponto de encontro da frota e estejam alerta para objetos voadores e submarinos inimigos.”

O Almirante Byrd referia-se ao confronto que acreditavam ser potencialmente real, agora mais do que nunca, após terem comprovado a existência dos discos voadores nazistas, os Haunebu-2 e Vril-7. Através de voos de mapeamento realizados por aviões, encontraram várias aberturas em formato de triângulo com vértices arredondados, medindo 30 metros de altura por 90 de comprimento, em vários paredões de gelo e rochas, principalmente concentrados nas terras da Rainha Maud. Se essas eram as entradas para os túneis que levavam à cidade subterrânea, chamada de “Pequena Berlim”, “New Swabia” ou *Schwabenland*, em alemão, teriam que derrubar esses acessos para retrasar seus planos, quaisquer que fossem.

2.

SÃO PAULO, JARDIM EUROPA,
SEDE DA THULE BRASIL
11 DE MARÇO DE 2013

Um grupo de 12 pessoas estava reunido na sala central do prédio de três andares, um ambiente sóbrio e ligeiramente escuro, auxiliado por diversas lâmpadas de pouca potência, em sua maioria dispostas em lustres, imitando candelabros antigos, projetando-se de um pé direito de oito metros.

Sentados em torno de uma mesa retangular confeccionada com a luxuosa e densa madeira de ébano, eram servidos por dois garçons que traziam café e chás de diversos tipos, em xícaras brancas enfeitadas com três delicadas linhas circulares douradas, juntamente com algumas bolachas amanteigadas, feitas com farinha e pasta proteica de castanha-do-Pará.

A sala era bastante ampla, decorada ao estilo clássico, com peças de tapeçaria, esculturas e quadros que exploravam passagens da história do mundo. A mesa fora situada em uma lateral da sala, sendo que, ao centro, um conjunto de vários sofás e poltronas destacavam-se, com tonalidades que iam do vermelho telha ao marrom, acompanhados por tapetes Afghan e Jaipur. A abóboda era constituída de madeira finamente entalhada ao estilo filigrana árabe, tendo um exuberante lustre de cristal da Bohemia que debruçava sobre o centro deste ambiente. Outro lustre menor, também de cristal, estava disposto sobre a mesa de madeira escura, na qual o grupo havia se acomodado. Situado em uma parede de destaque, ao lado de uma das cabeceiras da mesa, um grande e exótico quadro mostrava figuras míticas pintadas, como as tipicamente encontradas em escrituras védicas, tendo, em vários pontos, imagens que lembravam suásticas, as quais, neste caso, diferentemente das que representavam o antigo Partido Nacional Socialista Alemão, giravam em sentido horário. O grupo parecia estar muito acostumado àquele ambiente erudito e, sendo assim, focados, discutiam e analisavam dados projetados em uma grande tela, com o auxílio de um projetor conectado a um *notebook*. Certamente se tratava de um assunto muito importante.

O líder tinha por volta de 55 anos, porte elegante, cabelos medianamente

grisalhos e olhos claros, apresentando-se de maneira educada, dando chance a todos de expressarem o seu ponto de vista. Mestre Germano costumava liderar, por horas, as discussões.

“Segundo as informações que recebemos de uma loja no sul do Chile e outra na Argentina, as quais coletaram e validaram fatos históricos extraoficiais com outras lojas da Thule na Europa, o que aconteceu a seguir com a operação High Jump é muito diferente da história oficial, ou estória oficialmente contada. Após a reunião das frotas leste, oeste e central, na região da cidade subterrânea na Antártica, chamada por vários de Little Berlim, ou New Swabia para outros, ou ainda Schwabenland para os alemães envolvidos, o Almirante Bird tenta tomar, pela força, a costa norte-noroeste da Antártica, chamada de Terras da Rainha Maud. Entretanto, são recebidos por nada menos que uma frota de mais de 20 U-Boats série XXI, o extremamente avançado Elektroboote, os quais iniciaram um processo de intimidação. Os americanos levaram apenas um submarino, o USS Sennet (SS-408), bem menor e inferior, tecnologicamente falando, fazendo parecer que era o avô dos outros submarinos, sem chances, inclusive pela quantidade. Aí é que temos o fato interessante, como podem ver pelas fotos projetadas e vazadas por militares da operação: foi uma questão de segundos, quando três ou quatro UFOs, os Haunebus 1 e 2 e Vril-7, apareceram e deram o seu recado. Aparentemente, após a derrubada do George 1, poucos tiros foram dados, incluindo o torpedo lançado no USS Sennet por um dos U-Boats. Imediatamente a frota americana tomou consciência de que se o fizesse, ou gerasse qualquer ato de ataque, em minutos, estariam todos mortos”, completou serenamente Mestre Germano.

Ao seu lado estava Rafael, um homem de 50 anos, alto e atlético, rosto forte e anguloso, olhos e cabelos castanhos e pele dourada pela constante exposição ao sol. Ele aguardava o momento certo de falar. Assim, Mestre Germano continua:

“Cavalheiros e damas de nossa loja, o que tenho para revelar são dados que há muito se mantêm em nossa sociedade secreta e parte daquilo que já foi apresentado em livros de diversos autores, os quais citaram a Sociedade Vril e o Sol Negro, regendo o misticismo e a ciência desenvolvida pelas forças nazistas, antes, durante a Segunda Guerra Mundial e até hoje”, diz Mestre Germano, calmamente.

“UFOs? Nazis?! Haunebus?! Nossa, que coisa maluca é toda essa história! E eu que pensei ter visto tudo o que essa turma aprontava!”, exclamou

Armando, um especialista em programação computacional e ex-chef de cozinha que participava do grupo, juntamente com a esposa Ana, uma bióloga, Ph.D, que, como ele, não exercia mais sua profissão.

Com um ligeiro sorriso endereçado ao cavalheiro que espontaneamente havia se pronunciado, Mestre Germano ergue-se de sua cadeira, posicionada ao lado da tela, para continuar a discussão com maior intensidade, auxiliado pela sua perceptível serenidade interna. Sua grande estatura era realçada por gestos e vestimentas elegantes, contrastando com o estilo de Armando, nada atlético, mais baixo, constantemente trajando *jeans* despojados. Diferentemente do marido, Ana era elegante, magra e delicada no porte e estilo de ser. Os cabelos castanhos cortados ao estilo *chanel* salientavam olhos escuros, levemente rasgados e alegres.

Ambos olhavam para Mestre Germano com apreensão, como se esperassem por alguma informação reveladora e que os colocasse novamente em um excitante perigo.

Mestre Germano retoma a apresentação.

“Existem muitas provas colhidas e vazadas pelas forças aliadas ao entrar em Berlim: mapas e projetos feitos pelos engenheiros e cientistas. Túneis foram comprovadamente encontrados no final de 1945. Esses túneis levavam a cidades subterrâneas, ainda inacabadas. Na região de Ohrdruf, Thuringia, onde ficava um dos quartéis gerais de Hitler, foi construído esse complexo, utilizando-se 15 a 18 mil prisioneiros de guerra, a maior parte deles judeus e russos, sendo facilmente sacrificados ao terminar o trabalho para não restar quem contasse o que estava sendo feito...”, esclarece Germano, demonstrando sua maneira didática de apresentar fatos.

Olhando para o lado e localizando o colega, Mestre Germano introduz Rafael apropriadamente, solicitando que este dê continuidade ao assunto abordado. Ele agradece a oportunidade de fazer parte de um grupo como o da Thule, deixando escapar, imediatamente, o seu sotaque argentino em meio ao discurso inicial, tentando colocar várias palavras em português, proferindo o típico portunhol em uma incrível mistura de português e espanhol, sem uma lógica ou regra verbal determinada. Mestre Germano mantém-se ao lado dele, dando apoio ao colega, continuando a apresentação de dados em momento apropriado.

Antes de falar, Rafael faz uma misteriosa pausa, sentindo no ar a tensão que tomava conta dos colegas. Movimentando-se com dois passos para trás, ele localiza uma imagem no mapa do mundo, a porção exata que queria

projetar na tela. Ao tê-la exposto, utiliza-se do *laser pointer* para demonstrar a distância entre a Alemanha e as regiões conhecidas como Terra do Fogo, no extremo sul da América do Sul e as ilhas Malvinas, como ele gostava de chamar, mantendo clara a dissidência territorial com a Inglaterra.

“Cavalheiros e damas, logo antes da tomada de Berlim pelos russos, em maio de 1945, vários importantes oficiais alemães e os cientistas mais proeminentes haviam negociado, com diversos líderes de outras nações, o seu refúgio e proteção. Obviamente tudo isso foi feito em troca de muitas informações e conhecimento científico. Aqueles que não haviam feito isso antes dessa data foram levados, por vontade própria... ou contra ela..., divididos entre russos e americanos, os quais executaram a *Operação Paper Clip*. Essas duas nações disputaram esses cientistas mais relevantes, tentando evitar que fossem mortos pelos próprios nazistas. A maioria que sobreviveu escondeu-se pela Europa, até que foram encontrados. Eles não tinham saída: ou seriam mortos por oficiais da SS remanescentes, ou pelas tropas aliadas desavisadas de sua relevância. No final, o problema do mau uso de seus conhecimentos, continuou sendo o mesmo. Os cientistas que foram forçados a servir à Alemanha nazista viviam em um constante pesadelo e em uma guerra mundial sem fim... o que, na verdade, sempre imperou e ainda não acabou...”. Rafael pega o copo que tinha à sua frente, toma um pouco de água, respira profundamente, sendo interrompido quando pretendia continuar:

“Você quer dizer que os principais cientistas foram levados para os Estados Unidos e Rússia, na época, e os menos expressivos foram mortos ou conseguiram fugir para países que bem os aceitaram, protegeram e também se aproveitaram deles, como Brasil e Argentina?!”, questiona um cavalheiro, adiantando parte do que seria exposto pelos apresentadores. Este é Gabriel, um homem atraente, de 42 anos, com luminosos olhos verde azulados e cabelos louros claríssimos, beirando o branco platinado. Sua expressão facial e corporal era talhada por um misto de curiosidade, diversão e entrosamento com o tema.

Rafael dá um passo na direção de Gabriel, ao mesmo tempo em que dirige o olhar, em um segundo momento, ao resto do grupo. Com ar pensativo, ele continua a explanação:

“Sim, é isso mesmo, Gabriel. A Argentina recebeu boa parte desses cientistas. Perón, enquanto apenas um militar, havia estreitado laços com o fascismo na Itália de Mussolini, tendo convivido um bom tempo com esse regime e seu líder, espelhando-se nele. O governo Perón, logo ao tomar

posse, em 1946, e, podendo-se considerar, engendrando o processo desde 1943, quando ele oficialmente entrou no meio político, criou a mais cara operação internacional da história da Argentina, uma verdadeira rede de espionagem, chamada de Inteligência Argentina para localizar e trazer esses agregados nazistas. Alguns desses agregados devem haver sido alocados em cabanas na Patagônia, Argentina, a meio caminho da Antártica, aonde os que sabiam desse nível confidencial de informação queriam chegar...”

Mestre Germano pede licença para retomar a palavra, pretendendo mostrar algumas imagens da época, contidas no *notebook*:

“Vejam, diz Germano, estas são páginas do jornal O Estado de São Paulo, mostrando fotos e reportagens de um comício nazista, em 10 de abril de 1939, em pleno centro portenho, dando direito a ostentar todos os estandartes e bandeiras, mostrando os símbolos máximos, como a águia e a suástica. Perón queria tirar proveito, tanto quanto vários outros líderes mundiais, de dados além do conhecimento comum ao da época. O avanço tecnológico da Alemanha, graças ao que foi colocado à disposição por Hitler e seus comparsas, de altas patentes, os distanciava do resto do mundo em mais de 25 anos. A operação montada por Perón arrematou até torturadores alemães, conhecedores de um eficiente e complexo coquetel de drogas para o controle da mente.”

Uma voz masculina mais jovem, não ouvida até o momento, pronuncia-se, mostrando energia e conhecimento, através de seu tom e intensidade:

“Durante os anos de guerra, um pouco antes e mesmo depois do suposto fim, o serviço de espionagem alemão na Argentina estava constituído principalmente, pela Sicherheitsdienst, a famosa SD do Reich. A Argentina, que se manteve oficialmente “neutra” até a vitória aliada, foi o principal centro de espionagem SD da América do Sul, e grande parte das informações sobre os Estados Unidos passava por Buenos Aires. Todo esse apoio visava a muitas vantagens com a provável vitória da política e poder do Terceiro Reich”, completa David Bacon, um atraente, alto e atlético homem de aproximados 37 anos, cabelos castanhos escuros e lisos, pele branca e olhos azuis. Até o momento, ele estava apenas ouvindo o que o grupo tinha a dizer e, sem dúvida alguma, era visto por todos como um líder que determinava, junto com Mestre Germano, o caminho a ser trilhado pela Thule no Brasil. David tinha grande conhecimento do assunto abordado. Sendo filho de pai inglês e mãe brasileira, desde pequeno ouvia histórias de batalhas, contadas principalmente pelo seu avô paterno, o qual havia vivenciado a guerra,

lutando como soldado inglês, com toda intensidade, durante os anos de sua juventude.

Rafael concorda imediatamente com David e, ao mesmo tempo, adiciona mais fatos: “Sim, sim, realmente... e uma prova disso são as declarações oficiais de Perón referente ao julgamento de Nuremberg, ocorrido logo após o final da guerra. Ele o considerava uma infâmia, acusando um enorme volume de dados falsos, montados para incriminar os nazistas e manipular o rumo da história. A realidade é que alguns dos que foram pegos e julgados eram pouco expressivos, melhor dizendo, de pouca importância, excetuando-se um ou outro, como Rudolf Hess e o General Hermann Goring. A posição de Perón era claramente a favor da Alemanha nazista, sem pudor. Ao mesmo tempo, em um discurso gravado de Hitler, através de um documentário real, observamos planos para que o Brasil fosse a segunda Alemanha. Eu arriscaria que ele se referia ao Sul do Brasil, sendo conquistado em guerra pela Argentina, então aliada política do Terceiro Reich, antes do início da Segunda Grande Guerra. No Sul do Brasil, o clima temperado e a condição portuária eram mais viáveis para apoio à Alemanha, e a população era branca. Nitidamente uma colonização alemã estava em curso e seria feita de maneira planejada, segundo os registros confessos de Dietrich Niebuhr, um adido político, ex-oficial alemão, e um responsável pela espionagem executada através da Argentina antes e durante a guerra. Segundo ele, quando Hitler se tornou chanceler, ele recomendou que ex-combatentes fossem enviados à Argentina e ao Brasil para iniciar uma colonização silenciosa. Lembro que, na década de 30, um entre cada quatro habitantes de Santa Catarina, no Sul do Brasil, era alemão nato. Nessa época, 600 mil habitantes considerados brasileiros falavam apenas o idioma alemão e liam somente jornais e livros nessa língua. Consta que recebiam ajuda financeira do Terceiro Reich. Se tivessem vencido a guerra, teríamos sido dominados pela Alemanha através dos camaradas implantados na Argentina e no Brasil.”

Ana, a esposa de Armando, resolve fazer as perguntas que a estavam incomodando, já que não conseguia enxergar aonde os que tinham a palavra, queriam chegar:

“Poderiam me esclarecer o que tudo isso tem a ver com a Antártica? Eu realmente ainda estou me sentindo perdida... quem iria querer morar lá e por quê? Qual a vantagem? Aquilo é apenas gelo com 30% de rochas!”, pergunta ela, demonstrando certa ingenuidade.

Mestre Germano retoma a palavra, pedindo licença a Rafael e David:

“Muito bem lembrado. Vamos direto ao assunto e, se necessário, adicionaremos os outros pontos que podem complementar o raciocínio. A Sr^a. Ana bem fez em questionar, pois estávamos começando a nos afastar do motivo principal desta reunião.” Mestre Germano muda a tela da projeção e volta para a Antártica, mostrando o território norte, região das Terras da Rainha Maud, tendo acima as ilhas Malvinas e, do lado esquerdo, a Terra do Fogo. Assim, ele segue com sua explanação:

“Temos informação de que a Sociedade Vril está centralizada nesta região, onde supostamente existe uma gigantesca cidade subterrânea, cuja construção foi iniciada em 1939, pelas tropas levadas por Goring, e lá se mantém, até hoje, continuando a sua expansão. Aparentemente, boa parte dos principais cientistas e oficiais desaparecidos após o final de 1945 foram levados com a ajuda de U-Boats e fizeram várias paradas nas costas brasileira e argentina, principalmente na região da Patagônia e das Malvinas, local onde muitos passaram até vários anos, adequando o momento de sua entrada na cidade de Little Berlim... Vamos assim chamá-la, de agora em diante. Para reforçar as informações que temos, projeto a reportagem do jornal France Press, de 25 de setembro de 1946, o qual mencionou os contínuos rumores de U-Boats sendo avistados em atividade na região da Terra do Fogo. Outro jornal, o France Soir, leva a cabo a reportagem, dizendo ter a declaração do capitão de um navio baleeiro islandês, de nome Juliana, sobre um U-Boat que interceptou esse navio próximo às ilhas Falkland, ou Malvinas. Segundo o relato do capitão islandês, o U-Boat veio à superfície e hasteou a bandeira tricolor com o vermelho crescente e a listra negra superior, identificando a sua origem. Esse capitão alemão ordenou que comida fresca lhes fosse entregue, mas o interessante é que ele falava inglês fluentemente e fez questão de pagar pelo que havia adquirido. Segundo o islandês, simpaticamente, o capitão alemão indicou onde haviam avistado várias baleias e, coincidentemente ou não, dirigindo-se ao local, o Juliana Boat conseguiu atingir o seu objetivo de caça, graças a essa dica.”

Uma outra voz masculina, ainda não percebida, resolve manifestar-se em tom de surpresa e desconsolo, chamando atenção para sua aparência latina musculosa:

“Querem dizer que muitos países e regiões deixaram esses U-Boats saírem da Alemanha, fazendo de conta que ninguém os via, e eles passeavam pelo mundo, parando, reabastecendo e pegando pessoas pelo caminho, incluindo os considerados criminosos de guerra?”, pergunta Jofiel.

Renovando a respiração, ele continua com sua indagação, dada a pausa que a pergunta gerou em todos:

“Eu me refiro a uma então convivência, não apenas de países como Brasil, Argentina e Chile, indo mais além, envolvendo o resto do mundo, como se houvesse um acordo para que isso pudesse ser feito!”

Neste momento, David se levanta, dirigindo-se ao local da projeção, onde estava Mestre Germano e o colega argentino, Rafael, tomando a palavra.

“Essa é uma conclusão muito boa! Tudo nos leva a pensar que é uma probabilidade real. Cremos ser bem possível ter havido uma espécie de acordo entre alguns líderes mundiais para deixar que essas coisas acontecessem bem na frente dos olhos... Falando em níveis de conhecimento de informação, aparentemente, isso era desconhecido de muitos, incluindo vários chefes militares de países como os Estados Unidos e a Inglaterra, onde alguns tiveram que dar ordens contraditórias quanto ao que deveria ser feito, ao serem surpreendidos por esses submarinos, sendo que, por vezes, tais relatos foram feitos após 1946 e ao longo de 1947...”

David faz uma pausa, e Rafael continua o mesmo tema:

“Segundo muitos registros, ordens eram dadas para que eles seguissem o seu curso, sem serem incomodados... O que podemos concluir é que parte dos planos nazistas não morreu com o final da Segunda Guerra Mundial...”

“Sim, Rafael. A ideologia e os principais criadores do conceito sobreviveram e continuaram a articular da mesma forma. Segundo um escritor de nome Jim Keith, esses planos foram incorporados e transformados em grupos seletos, detentores de outros nomes, causando grande influência até hoje... mesmo que parcialmente alterados...”

David projeta na tela um artigo de jornal, datado de 1946:

“Este jornal declara que os alemães fizeram o seu primeiro teste nuclear em março de 1945, não tendo funcionado apropriadamente. Quando os aliados chegaram, encontraram as provas dos testes feitos. Segundo diz na reportagem, o General Goring, ao ser preso em maio daquele ano, declarou ter se negado a obedecer ordens para jogar várias bombas atômicas em diversas regiões do mundo, o que dizimaria a civilização mundial...”

Nesse mesmo instante, alguém que estava apenas ouvindo antes de dar sua opinião, como lhe era particular, analisava os dados, associando-os aos que tinha em sua memória, resolvendo, enfim, colocar seu ponto de vista. Maya Angel foi uma cientista, Ph.D, formada em Química, que, como a amiga Ana, a partir do primeiro confronto com a poderosa seita Vrill, abandonou sua

carreira, dedicando-se exclusivamente aos interesses do grupo. A experiência de Maya frente ao perigo dessa seita era o suficiente para ter-lhe dado conhecimento de suas origens e planos nefastos, enraizados mais profundamente do que a maioria poderia imaginar. O total domínio da energia Vril continuava sendo o ponto central desse grupo de nazistas e seus descendentes, provavelmente escondidos no seu núcleo principal, na imensidão do território da Antártica e camuflado por grupos seletos, espalhados por várias nações, os quais ocultamente, continuavam com o objetivo de dominar o mundo em nome do Sol Negro.

Maya se levanta da cadeira, ao lado de Ana e David, que se mantinha próximo à tela de projeção. Por alguns segundos, seu caminhar parecia distraído e errante, andando lentamente, ajeitando a franja de seu cabelo louro e curto, demonstrando estar pensativa. Nesse instante, ela para, ergue o olhar, revelando um incrível brilho em seus olhos cor mel esverdeado.

“Bom, falando com foco no nosso problema, a seita Vril no Brasil... eu acredito que os irmãos Muller tenham ido para algum lugar menos complicado de chegar e, por outro lado, sendo os líderes da Ordem do Vril apenas no Brasil, avaliando melhor, devido a se tratar de uma organização de pequeno porte e muito atrapalhada, não creio que a eles tenha sido dado o direito de entrar em *Little Berlim*, embora talvez fosse o seu desejo mais profundo...”

“Sim, Maya, concordo com você...”, diz David.

“Eu creio que, neste exato momento, eles estão procurando algum objeto facilitador, que possibilite canalizar e controlar a mesma energia Vril, tal e qual fizeram no ano passado e falharam.”

Exatamente como lhe era particular, Maya estava graciosamente parada, sem olhar para lugar algum, como se visse uma outra realidade em sua mente. Ela ficava assim, com leveza, ciente deste mundo, vendo tudo o que estava à sua volta, ao mesmo tempo, recebendo o que costumava chamar de “*download* dos céus”. David a conhecia tão bem que, ao perceber o estado em que se encontrava, pede aos outros, com um gesto, que façam silêncio, para que ela pudesse completar, aquilo que, nitidamente, estava decodificando em sua mente física e encontrando uma forma adequada de passar para o grupo. Ela assim continua:

“Avaliando as aventuras que tivemos no ano passado... bem, muitos fatos foram religados em minha mente. São informações cifradas, enviadas na forma de símbolos... por etapas... e que agora, como estamos tentando achar

algum novo sentido, trabalhando na montagem e clarificação de um quebra-cabeça, parecem querer se ligar...”

Ela respira profundamente procurando relaxamento e concentração: “... cada vez que vocês adicionam dados, eu consigo notar alguns desses símbolos e seus significados...”

Maya abandona a vaga expressão facial, passando a olhar para as pessoas da reunião, parecendo que o estado no qual se encontrava havia passado, tendo o retorno da total consciência do “aqui e agora”, falando com uma maior velocidade:

“O nosso objetivo tem que ser do tamanho que podemos atingir. Neste momento, não temos como interferir na Antártica... nem sabemos, ao certo, o que lá existe. Temos dados, até certo ponto, tremendamente indicativos da existência de uma base pertencente à Sociedade Vril, mas são vagos. O maior perigo está em desprezar a possibilidade de alguma outra organização, ainda mais forte, estar também por trás disso.... O que iniciou sendo uma estória de nazistas construindo bases secretas na região das Terras da Rainha Maud pode ter culminado com o interesse de outros grupos poderosos e igualmente antigos... ou... com o encontro de uma outra civilização, mais altamente desenvolvida, a qual habitou ou ainda habita aquele submundo: os descendentes dos atlantes. Agora, qual é o grau de contato e influência com o nosso mundo... *that’s the question!*”

Novamente, ela respira fundo, ajeitando seus óculos de acetato preto, parecendo que esperava receber a próxima fala, aumentando a expectativa do grupo e mantendo-os em silêncio. Ao levantar o olhar para os membros que tinha à frente, eles entendem a deixa dada para que pudessem se manifestar. David é o primeiro a questionar:

“O ponto é: qual deveria ser o nosso objetivo neste momento? Os irmãos Muller desapareceram e precisamos localizá-los, antes que achem uma nova forma de dominarem essa energia para usá-la como barganha ou passe de entrada em Little Berlim ou de trazer mais problemas...”

“Pois é...”, diz Maya, “... é exatamente isso que me veio à mente enquanto estavam apresentando. Vamos imaginar que Hitler e outros famosos do Reich estivessem vivos em 1946... ou ainda estão... afinal, o tempo pode ser controlado com o conhecimento do Vril e... hum... talvez aí reze o ponto principal: tempo, controle do tempo, além do domínio da mais poderosa energia já imaginada. Realmente pode ser isso. Portanto, temos que descobrir o que mais poderiam estar tentando encontrar. Vamos ter que dar uma varrida

na história antiga e nas muitas expedições de oficiais especiais da SS pelo mundo, procurando por portais interdimensionais e objetos mágicos sagrados... Assim, encontraremos alguma dica... simples assim”, responde Maya.

Frente à estranheza da última frase, o grupo cochicha desorganizadamente, demonstrando que em nada consideraram “tão simples assim” a possibilidade de localizar o objetivo das buscas. Armando subitamente se levanta, gesticulando desarticuladamente, enquanto falava, como costumava fazer, dirigindo-se diretamente para o casal de amigos, mais especialmente para Maya.

“Ok... A pergunta do David será a minha agora: o que tem lá na Antártica que poderia ser tão atraente assim?! Deve existir alguma coisa que foi responsável por ter descolocado a primeira expedição nazista em 1938... Vamos pensar: os nazistas foram para lá, o resto correu atrás... E se eles tiverem encontrado a entrada para o centro da Terra?”

“Essa é uma das possibilidades...”, declara Maya, demonstrando concordância com a ideia do amigo. “Existem teorias a esse respeito... existem dados históricos relatando expedições feitas entre 1933 e 1945... mas nada em que se possa apostar com alguma certeza. Algo me diz que temos que fazer uma viagem para o Sul do Brasil... e lá ficaremos sabendo...”, adiciona Maya, novamente em estado introspectivo.

Devido a tantas incertezas, o grupo todo murmurava várias palavras e frases desconexas. Cada pessoa falava uma coisa para a outra, sem ninguém ouvir o que o vizinho dizia, já que também estava falando. Mestre Germano percebe o caos gerado e pede que silenciem, batendo um martelo de madeira, três vezes, sobre uma base do mesmo material.

“Senhores e senhoras... ou melhor... cavalheiros e damas da Thule Brasil, temos por obrigação encontrar e sustentar a verdade. Sabemos da grande capacidade deste grupo formado e encabeçado pela Dr^a. Maya e David Bacon em chegar às respostas. Eu presenciei isso pessoalmente e posso dizer o quanto eu acredito que eles chegarão aos seus objetivos, mesmo que, neste momento, eles não estejam claros para ninguém. A única certeza que temos é a atividade da seita Vril em vários países e, no nosso caso, os intitulados irmãos Muller, são os líderes dessa organização local... talvez inclusive, da organização da América do Sul. O mais importante é estarmos abertos a recebermos orientações.”

Neste momento, uma linda jovem que estava sentada logo ao lado de

Armando e Ana resolve falar, com voz baixa e contida, demonstrando grande timidez. Sua voz combinava com o porte físico, pois era tão magra quanto as modelos de passarela, embora de menor estatura. Seus cabelos lisos e loiros caíam pelas costas, até à altura das nádegas. Sua aparência juvenil era salientada pela roupa que usava: um vestido floral de estampa primaveril, acompanhado de sapatilhas douradas.

“Eu gostaria de acrescentar uma coisa... Como todos sabem, eu fui uma das sacerdotisas que os Muller usaram na seita Vril, e, através dela, todos nos conhecemos... e... e...durante os anos em que estive em treinamento e depois, pelo pouco tempo que servi aos fins das cerimônias, eu ouvi e cheguei a ter visões, guiada pelas drogas que me davam, e visualizei algo como duas barras de um material que alternava sua composição entre metal e cristal, com mais ou menos 20 centímetros de comprimento por 5 de diâmetro. No delírio no qual me encontrava, elas foram parar em minhas mãos e funcionaram tal e qual o Gerador Vril dos antigos vedas e que a Maya chegou a manipular, no ano passado, até que desapareceu...”

Nesse momento, nem mesmo o som dos carros que passavam na rua era perceptível. A fala contida e pouco sonora, projetada por Gabriela, tinha um caráter profundamente revelador, fazendo com que o silêncio total e a atenção dos integrantes do grupo se ampliassem. Gabriela olha de soslaio para alguns integrantes da mesa, baixando a cabeça e dizendo o que tinha em mente:

“Como era um delírio, ao passar o efeito mais profundo do transe, a visão dessas barras ou bastões desapareceu. Quando eu descrevi esses objetos aos Muller, eles ficaram muito excitados e os chamaram bastões egípcios...”

Apesar de ter 26 anos, a jovem Gabriela aparentava muito menos, auxiliada pela frágil aparência física, aliada ao constante constrangimento. O esforço de falar em público gerava, em seu rosto, um visível rubor.

Novamente, a confusão das falas descoordenadas se instalava, sendo que, desta vez, em menor intensidade.

Mestre Germano pede repetidamente, batendo o martelo de madeira na mesa, a atenção do grupo, invocando que todos mantenham os seus centros emocionais controlados. Após o retorno do silêncio, ele se vira para Gabriela:

“Existe algum detalhe a mais que tenha ficado retido em sua memória e que possa se relacionar com esses bastões?”

Gabriela demonstra trabalhar com a memória, através de uma expressão facial pensativa, mas insegura:

“Não consigo me recordar de algo relevante. Depois de ter tido essa visão,

eu apaguei por várias horas, e eles não me perguntaram mais nada, já que estavam envolvidos na perseguição de Maya e David.”

Mestre Germano mantém-se solene, posicionado de frente para todos, demonstrando a serenidade típica de seu caráter:

“Cavalheiros e damas da Thule... Temos dados importantes aqui. Maya e Gabriela nos deram muito para pesquisar e, como devem ter notado, são dados complementares. Creio que devemos encerrar esta sessão por hoje, e oriento a todos que busquem informações sobre esses supostos bastões egípcios. Nosso próximo encontro deverá demonstrar uma evolução nesse processo. Uma boa noite a todos.”

3.

NO APARTAMENTO DE DAVID E MAYA, ÀS 20H.

Armando preparava o jantar auxiliado por Gabriela, utilizando-se de todo o talento e anos de experiência como *chef* de vários restaurantes que dirigiu em sociedade com David. Ao longo dos últimos três anos em que estiveram na ativa, eles saíram nas listas de recomendação entre os melhores do Brasil. Mesmo amando o que faziam e tendo um bom resultado com os empreendimentos, decididos a desenvolver o compromisso acordado no sítio histórico de Markahuasi, Peru, em dezembro passado, eles venderam os três pontos a uma já estabelecida rede de restaurantes, tendo recentemente assinado o contrato final. De agora em diante, seguiriam totalmente devotados aos objetivos da Thule Brasil, seguindo critérios associados a um enorme senso de responsabilidade para com o mundo.

Elza, a babá de Suri, filha de David e Maya, já havia saído e, como sempre, Ana era voluntariamente a babá substituta. Junto da amiga Maya, no quarto do bebê, elas trocavam as fraldas e conversavam:

“Nossa... não vejo a hora de engravidar... Estamos tentando há mais de três meses e até agora nada. Será que eu tenho algum problema?”, pergunta Ana, com ar preocupado.

“Mas... a médica disse que não tem nada de errado com vocês dois. Certo?!”, a amiga devolve a pergunta, enquanto termina de trocar a fralda.

“Sim, sim. Ela disse que tudo estava bem, e que eu precisava relaxar e dar mais algum tempo. Eu sei que é normal, mas eu e o Armando mal podemos esperar!”, exclama Ana, enquanto ajuda Maya a colocar as roupinhas em Suri.

“Quanto maior a ansiedade, mais cortisol e menos chances de dar certo, Dr^a. Bióloga! Calma, amiga! Da mesma forma que Suri veio na hora certa para ela e para nós, o mesmo ocorrerá com vocês... Acredite, antes de tudo. Já que nenhum dos dois tem qualquer problema, nada vai impedir que aconteça!”

Maya abraça Ana com um dos braços, mantendo o bebê no outro. Elas caminham em direção à sala, onde o jantar estava quase pronto para ser

servido. Ao chegarem, David estampa em seu rosto um largo sorriso, pegando o bebê no colo e beijando a mãe:

“Esta é a visão mais linda que eu poderia ter! As duas mulheres de minha vida! Eu perdi tanto tempo, deixei de ver a sua barriga crescer e minha filha nascer... vou ter que pagar penitência pelo resto da vida! Eu nunca mais perderei uma coisa dessas!”

Discreta e desconfiada, Maya expressa um tímido sorriso, inclinando a cabeça para o lado direito, erguendo os olhos no sentido oposto, em direção ao céu, pensando se o tipo de vida nada comum que tinham sustentaria por muito mais tempo tamanha teoria. Ao retornar o olhar risonho para David, ele recebe empaticamente a mensagem. Em plena sintonia, eles riem, revelando saber precisamente o que o outro pensava. Percebendo o significado da cena, Armando pisca um dos olhos para a dupla, enquanto carregava uma travessa com um dos pratos a serem servidos, pedindo que tomassem os seus lugares, pois o jantar estava pronto.

Gabriela leva o resto dos pratos preparados pelo famoso *chef*, sendo a última a sentar. Notando que Suri começava a procurar uma forma de se aninhar no colo, David a coloca na caminha, ao lado da mesa, pois ela estava fechando os lindos olhinhos azuis, idênticos aos do pai, e, pela fisionomia, prometia dormir imediatamente.

Enquanto ajudava a servir os pratos, Maya estava muda e distante, assim permanecendo por alguns minutos, ouvindo um tipo de eco difuso, proveniente da típica fala ininterrupta de Armando. Ele contava histórias baseadas em lembranças dos restaurantes, arrematando uma delas na noite em que os quatro tiveram que sair correndo do restaurante J. Dee, quando a seita Vril desligou o gerador do quarteirão onde ficava o restaurante e invadiu o local com a energia Vril, perigosamente incendiária. Ana seguia a história adicionando detalhes, provando a sintonia do casal e parecendo se divertir com as lembranças da escapada. Nesse mesmo momento e com ar extremamente romântico, David salienta que, por causa daquilo, ele acabou indo parar no apartamento de Maya e, conseqüentemente, gerando a chance de seu primeiro momento mágico de amor. Em um impulso, David a beija com emoção. Observando a cena, Armando não poderia deixar escapar o momento:

“Vish, Ana! Vamos ter que cair fora logo, sem lavar a louça... A coisa vai esquentar hoje!”, diz ele com seu famoso jeito desengonçado e cômico. Pensando ser uma boa ideia, vira-se para sua esposa:

“Por falar nisso, temos que investir em um assunto, mais e mais; então, vamos logo à sobremesa... temos uma coisa muito importante para fazer em casa!”

Estando ao lado, Gabriela solta um risinho contido. Pigarreando, ela chama a atenção dos presentes, propositalmente. Somente agora eles notam que, embora os tivesse acompanhado à mesa, Gabriela nada comeu.

“Nossa! Desculpe, Gabi... foi... foi...”, diz Ana, sem saber o que dizer.

“Queridos, eu já moro com vocês há vários meses; portanto, já vi essas cenas muitas vezes... e, por falar nisso, tenho uma novidade: eu fui convidada para sair ainda hoje. Ele vem me buscar daqui a pouco. A gente está se conhecendo melhor... estamos nos envolvendo...”

Demonstrando empolgação, Gabriela tinha um brilho especial em seus olhos, mas, para a surpresa de todos, sem o rubor típico em seu rosto, o que declarava sua boa intenção quanto ao relacionamento.

Esponaneamente, a alegria fica estampada no rosto do grupo. Maya sentia-se na posição de uma tia substituta e, por isso mesmo, segura uma das mãos de Gabriela, compartilhando grande felicidade pela amiga querida.

“Posso saber quem é o sortudo que está tendo a chance de sair com você?!”

“Claro, Maya! É o Gabriel... Veja bem, a gente combina em tudo: no nome, na cor dos olhos, cabelos. Desde que estou indo à Thule... bem, temos conversado e achamos que poderíamos nos conhecer melhor... O que você acha?!”

Maya e Ana trocam olhares de felicidade, dando cada qual um abraço na jovem amiga.

“Eu acho que ele é um homem muito bonito e parece ser de grande desenvolvimento ético, mental e emocional. Afinal, ele é um dos cavalheiros de maior confiança do Mestre Germano. Pelo que sei, nunca se casou, e, quem sabe, você pode mudar a vida dele? Dê uma chance a si mesma e, então, saberá! Leve o celular e me ligue se precisar... Caso não vá voltar para casa, apenas me mande uma mensagem para que eu não me preocupe se eu não te encontrar pela manhã!, exclama Maya, com voz alegre.”

“...mas não suma. Vá devagar com a sede! Amanhã vamos precisar da tua intuição e capacidade de pesquisa para calcularmos as cidades e locais onde poderíamos procurar algo e termos pistas na América do Sul, principalmente no Sul do Brasil... de sei lá o que...”, completa Ana, igualmente positiva e alegre.

As três amigas riem, com ar juvenil, como nos velhos tempos em que Maya e Ana cochichavam coisas no horário do café, no laboratório farmacêutico onde se conheceram. David e Armando acompanham a cena, mantendo um sorriso maroto no rosto.

Em poucos minutos, Gabriel avisava, pelo celular, que aguardava a ex-sacerdotisa do Vril na recepção do prédio. Assim que a garota pega o elevador, aproveitando a deixa, Armando e Ana se preparavam para regressar ao próprio apartamento, alguns andares abaixo.

“Até amanhã! Boa noite!”, exclamou Ana, fechando a porta da sala.

Demonstrando devoção, David faz questão de levar Suri para seu quarto, colocando-a amorosamente no berço e observando-a dormir por vários minutos, sentado em uma poltrona, ao lado do berço. Com um sorriso sereno em seu rosto, ele leva a babá eletrônica com vídeo conectado para o seu quarto. Ao entrar, mal havia deixado o aparelho sobre uma mesinha de canto, ele se depara com uma provocante visão: Maya sai do banho, instilando um ar malicioso, vestindo uma camisola leve e transparente, sem mais nada por baixo. Ele a olha com o mesmo desejo que surgiu desde o primeiro momento em que se tocaram, tendo certeza de que este querer seria eterno. Tirando a blusa e a roupa que o incomodava, com olhar fixo nos olhos da eleita, amam-se da forma como somente eles sabiam, através da energia de maior poder de coesão do universo, o amor verdadeiro, gerando efeitos elétricos difíceis de explicar aos desconhecedores da ciência eletromagnética, ou força de atração.

4.

MADRUGADA, 3H.

“Eu não consigo achar! Eu preciso achar! Nada vai dar certo sem ele... Amentis... o portal de Amentis...”

“David, acorde! É um sonho! Está tudo bem!”, Maya toca no ombro do marido enquanto acende a luz do abajur ao seu lado e, em seguida, abraça-o com força, percebendo-o extremamente agitado e com batimento cardíaco acelerado. A tensão facial e corporal eram tremendas. Ela o solta, passando a massagear seus ombros fortes e largos, enquanto percebe que ele ainda estava presente na cena da qual fora despertado, subitamente.

“Nossa... quanta tensão... solte o corpo... O que foi que você viu? Você está todo suado!”, diz ela ao sentar-se junto a ele, recostando-o no respaldo da cama, ajustando os travesseiros. Cruzando as pernas em posição de ioga, ele respira profundamente, tendo os olhos semifechados, cobertos pelas mãos que amparavam a testa, parecendo tentar lembrar das imagens causadoras das frases que gritou durante o sonho.

“Eu... eu me recordo de algumas coisas...mas outras estão confusas. A primeira é... eu passei por um portal muito parecido com os que vivenciei quando os sacerdotes me treinaram na planície de Gizé, no Egito... Eu posso ter me influenciado pelo que Gabriela disse e criado estas imagens... Os bastões egípcios... eu os vi como sendo os bastões usados por várias divindades, uma delas o deus egípcio Toth... Não sei se criei estas imagens no sonho, ou se são reais...”

“Não pare... siga em frente, descreva o que viu, antes que as imagens desvançam em sua mente. Você mencionou a palavra Amentis... diga o que é...”, pediu.

Pegando o seu inseparável iPad, ela inicia a busca por essa possível palavra-chave, ao mesmo tempo em que David, esforçando-se para lembrar o que havia vivenciado no sonho, narrou uma parte do que recordava.

“... Eu andei por este salão depois de passar pelo portal e encontrei um ser que parecia muito com o que se representa como Toth, o deus egípcio com cabeça de ave e um cajado que imita, na extremidade superior, um bico de

pássaro.”

Maya pensa em voz alta:

“... lá vem Toth novamente... ele está sempre por perto.”¹

Assim, ele seguia adicionando dados. Parte da mente de David parecia estar dentro do sonho, e outra, consciente do que se havia passado.

“Toth me mostrou uma placa de luz cristalizada... acho que azul escuro... sim, era de um azul forte... como uma safira... e disse que quando a encontrar no mundo físico, ela deveria ser usada por você!”

“Ops!”, exclama Maya, surpresa.

David levanta o olhar, cruzando-o com o da esposa, deixando claro estar perdido, ao erguer e abaixar os ombros, sem palavras para descrever o que sentia. Seguindo a expressão corporal do marido, mas sem a alteração emocional que o tomava, ela ergue a sobrancelha esquerda, proferindo sua frase célebre:

“Típico! Típico! E, para acompanhar o famoso “três vezes grande”, devo repetir três vezes. Falta uma: típico!”

Sabendo de algo de que ele não tinha conhecimento, ela gira o iPad, colocando-o de frente para o marido, exibindo uma ilustração do chamado Portal de Amenti, o Salão de Amenti, com Toth, o Hermes Trismegistus dos gregos, traduzido como o “três vezes grande”.

Ao ver a imagem contida no *tablet*, ele reconhece a figura de Toth, mas continua sem entender, expressando não haver captado o que ela queria dizer.

“Ah, tá... vou ler para você entender.” Maya retorna o iPad para si mesma, lendo o texto abaixo da figura:

“Ok, então ouça isto. Quando você estava gritando no meio do sonho... veja bem, disse a palavra-chave: Amenti. Foi fácil. Eu não lembrei na hora o que era, mas sabia que tinha ouvido esse nome em algum lugar. Daí que achei algo similar em algumas páginas da internet, mas com as mesmas informações. Vou ler para você, resumindo e pulando entre estes textos: No fundo do coração da Terra, encontram-se os Salões de Amenti, muito abaixo das ilhas da Atlântida afundadas, salões dos mortos e salões da vida, banhada no fogo do todo infinito e blá, blá, blá... um monte de coisa que acho que não serve para nós agora... Em outro lugar, diz que Amenti era o nome do local onde o deus Osíris julgava os mortos e fazia o julgamento com a balança que pesava o quanto de bem e mal tinha feito na vida. Se a balança se equilibrasse, a pessoa passaria pelo portal”.

Maya tinha várias teorias em mente; por isso mesmo, olhava para David de

forma curiosa.

“... Eu acho que o local é o de menos importância aqui, pelo menos por enquanto... mas devo dizer que... ele também está relacionado com a cidades de Tihuanaco, na Bolívia, e Puma Punku, no Peru, onde um famoso portal, que ainda está de pé, é ligado ao tal de Amenti... aos descendentes dos atlantes e a uma rede de túneis que ligava essa região ao Brasil... Viva! Está começando a esquentar...”

“Isso começa a ficar interessante!, exclama David, mais animado.”

“Sim, sim... o que é importante mesmo é a mensagem... veja: Toth, temos algo a ver com julgamento... algo relacionado com a balança dos atos realizados... uma ligação de karma, podendo ser de uma pessoa, um grupo ou de uma civilização...”

“Um encontro de dois mundos, talvez...”, complementa ele.

“Isso! Pode ser isso sim... por isso, o portal! O que você acha?!”

Ele mal balbucia uma palavra quando é interrompido pelo toque do telefone. Era Armando avisando que algo horrível tinha acontecido a Gabriela. Desesperados, eles se trocam em cinco minutos.

Ana, visivelmente a mais emocional do grupo, subiu até o apartamento dos Bacon, ainda de camisola e robe, assustada e com os olhos cheios de lágrimas. Ela se oferece para ficar cuidando de Suri para que os três amigos possam ir diretamente até o Hospital Albert Einstein, no Morumbi, onde Gabriela estava internada entre a vida e a morte.

O nervosismo e o desespero que deles tomaram conta eram visíveis, mas felizmente a capacidade de autocontrole era ainda maior, fazendo com que tivessem plenas condições de assumir e agir corretamente em uma situação como essa.

“Vamos!”, diz David, segurando a porta do elevador.

Quando Armando vai em direção ao elevador, seguindo os dois amigos, ele se despede da esposa, na porta do apartamento, com um abraço apertado:

“Não abra a porta para ninguém e muito menos autorize a portaria a deixar subir quem quer se apresente, mesmo que seja da Thule, ok?! Não sabemos com o que estamos tratando... pode ter sido um acidente... ou não... Acione o sistema de segurança assim que fechar a porta e fique com o seu celular em mãos! Observe o hall do elevador e a área superior da piscina pelas câmeras de segurança, ok?!”

Ana balança a cabeça positivamente, entendendo plenamente a situação, e, assim que o marido sai, ela aciona o sistema de proteção e blindagem do

apartamento, localizado ao lado da porta da sala, digitando um código conhecido: “... 4171... viva Pitágoras!”², diz ela, como se isso fosse uma prece. Imediatamente as portas blindadas de saída da sala e cozinha são trancadas por dentro, ao mesmo tempo que grossas persianas de aço escovado descem dos tetos, do andar de baixo e do superior da cobertura, bloqueando as janelas de todos os cômodos e pavimentos com esse sistema de fechamento blindado.

David era o responsável pelo que, para os vizinhos do seguro condomínio onde moravam, parecia ser uma bizarrice. O sistema havia sido instalado recentemente.

¹. Maya se referia à aventura vivida na Ilha de Oak Island, no Canadá, e apresentada em “O Sol Negro – O Retorno das Sociedades Secretas do Vril”, em que um raio azul, vindo do céu, colidiu com outro, vindo do poço chamado Money Pit, gerando figuras que lembravam serpentes de luz líquida ao redor do faixo principal, como as representadas historicamente ao longo do cajado de Toth, quando ativo energeticamente. Esse deus egípcio é mais conhecido pelo nome designado pelos gregos, Hermes.

². Ana se refere à escala numerológica criada por Pitágoras, utilizada para compor a senha numérica do nome Maya.

5.

HOSPITAL ALBERT EINSTEIN,
MORUMBI, SÃO PAULO, 4H12.

Um médico recebe Maya, David e Armando em uma sala próxima a UTI onde Gabriela se encontrava. Ao lado do médico, um detetive da polícia civil queria fazer algumas perguntas. Todos se sentam em volta de uma mesa retangular.

O Sr. Ricardo, inspetor da polícia, inicia uma descrição do que ocorreu a Gabriela:

“A senhorita Gabriela chegou ao hospital em estado muito grave, e o Dr. Osmar poderá dar aos senhores todas as informações sobre o ocorrido. O que sabemos está baseado na chamada de rádio que a polícia recebeu e na avaliação do carro e das vítimas. Exatamente às duas horas, recebemos um chamado de emergência quanto a uma perseguição que foi iniciada a um casal que saiu do restaurante Casa da Fazenda, na avenida Morumbi. Pelo relato, quando o veículo deles, um Renault Duster prata virou para subir a rua, outro carro emparelhou, um Hyundai SUV preto IX35, batendo em sua lateral e mandando que parassem. Sem obedecer, o carro desse casal acelerou, sendo baleados logo a seguir. Pouco tempo depois, houve relatos de um estrondo, e supomos que tenha sido quando o carro, em alta velocidade, chocou-se com um paredão de concreto. Acredito que isso ocorreu quando o homem que estava na direção, o Sr. Gabriel Goldschmidt, foi atingido diretamente no coração. Infelizmente ele morreu logo em seguida.”

Não tendo paciência para narrativas policiais e já sabendo quem eram os assassinos, Maya dirige-se diretamente ao médico:

“Ela vai sobreviver?! Ela foi baleada? Como ela está?!”

Entendendo o problema, o inspetor Ricardo permite o diálogo com o médico:

“A Sr^{ta}. Gabriela está sedada, respira sem ajuda de aparelhos, apenas com oxigênio, o que é bom, mas teve impacto forte na cabeça, devido à posição em que estava no momento do choque. Ela quebrou vários ossos das pernas e dos pés, e uma das balas atravessou um dos braços, gerando bastante perda de

sangue. No pulmão, há uma pequena hemorragia, a qual estamos acompanhando e verificando se operaremos ou não, devido ao estado geral e possível evolução. As próximas horas nos mostrarão o que fazer.”

Armando estava nervoso, precipitando-se e perguntando se poderiam entrar.

“Queremos vê-la...”, diz ele com uma voz muito triste.

“Posso permitir somente um de vocês entrar na UTI, por cinco minutos”, responde o médico.

Imediatamente, provando o respeito e a sintonia do grupo, com um único olhar e palavra, a escolhida foi Maya. Mas antes de ela ser direcionada à área do tratamento intensivo, o policial que aguardava, de certa forma, pacientemente, volta à comunicação com três amigos:

“Eu entendo o momento difícil, mas preciso saber se vocês têm ideia de quem possa ter abordado o carro, daquela forma, com o nítido objetivo de executar o casal. A hipótese de assalto está descartada. A evidência é de execução, e não há dúvidas quanto a isso. Portanto, preciso fazer um interrogatório para os laudos investigação.”

David interrompe:

“Detetive Ricardo, seremos positivos quanto ao que deve ser feito, embora não tenhamos ideia alguma de quem possa ter sido. Não conhecíamos Gabriel profundamente. O que havia era um contato superficial. De qualquer forma, neste momento, não podemos e nem temos condições emocionais para isso. Assim que tudo se acalmar, colaboraremos sem problemas.”

David dá um cartão pessoal com os dados, endereço, telefone, e Armando escreve os seus, atrás do cartão entregue pelo amigo. Obviamente, devido à complexidade dos fatos, contar a verdade para a polícia geraria descrédito, concluindo-se que todos estavam loucos ou envolvidos. Mencionar a seita Vril, retomada no Brasil por novos seguidores nazistas e seus descendentes que utilizavam sacerdotisas com poderes mediúnicos e psíquicos diversificados para o controle da energia Vril, seria considerado motivo de chacota. Por outro lado, dizer algo que tivesse mais aderência à história dos irmãos Muller, ligada ao tráfico drogas e armas, seria bem aceita, e os dados poderiam ser provados, devido aos registros nos Estados Unidos, gerados pelo FBI, no final de 2012. Mas de qualquer maneira, essa hipótese representava um grande problema à Thule Brasil e seus integrantes, levantando a suspeita de fazerem parte dessa rede, o que terminava por descartar a segunda hipótese. Sendo assim, a única coisa a ser feita é negar

qualquer conhecimento quanto à causa daquele terrível extermínio. Retomando o momento presente, David pergunta onde estava o corpo de Gabriel.

“Ele foi diretamente enviado ao Instituto Médico Legal, e algum de vocês deverá se dirigir até lá para liberar o corpo para os oficiais, caso ele não tenha parentes localizáveis que possam se responsabilizar”, completa Ricardo.

David pensa por alguns segundos, respondendo, em seguida, para o policial:

“Enquanto Maya entra para ver Gabriela, eu vou ligar para uma pessoa mais próxima dele, Germano, e perguntar sobre parentes, já que eu realmente não conheço nenhum...”

Uma enfermeira vem buscar Maya de forma a vesti-la com jaleco e complementos estéreis, necessários para o acesso à UTI.

David se afasta significativamente do policial e faz uma ligação para Mestre Germano, informando sobre a morte de Gabriel, onde estava o corpo que necessitava ser reconhecido e do estado de Gabriela. Após um momento de desconsolo, Germano se recompõe, esforçando-se em raciocinar, ajudando no que lhe era possível.

“Eu farei o reconhecimento... David, a família de Gabriel é pequena. Ele tem um irmão, pelo que me recordo... Acho que sua mãe morreu há uns quatro anos, e o pai bem antes disso. Eles eram descendentes de alemães que imigraram para o Brasil durante a guerra, por volta de 1944. Os pais de Gabriel se conheceram em uma colônia alemã da cidade de Cândido Godói, no Rio Grande do Sul, e, pelo que me consta, o irmão dele mora lá. Eu vou acessar os arquivos da Thule e achar o telefone desse irmão.... Nesse momento, é bom cuidarmos dos que estão vivos. Eu acredito que os capangas dos Muller tinham ordens de matar Gabriela, por vingança, devido ao que consideram traição. É possível que queiram a mesma coisa conosco, já que, pelo que vejo, estão na ativa novamente. Vou contratar seguranças armados para nossa proteção pessoal e do pessoal da Thule. Sugiro que não saiam do hospital sem que esses seguranças cheguem. Serão os mesmos que já usamos para proteger Maya e Suri quando você estava desaparecido. Agora todo o cuidado é pouco. O ideal é que sumam de cena, vocês quatro, digo cinco, incluindo o bebê. Retornarei assim que tiver notícias, e você faça o mesmo.”

Dentro da UTI, Maya permanecia ao lado da cama de Gabriela, que dormia sedada. A enfermeira deixou-as a sós por alguns minutos, informando que retornaria em breve para buscá-la. A garota apresentava muitos hematomas

no rosto e nos membros superiores. As pernas estavam presas por aparelhos que deixavam ferragens a mostra, devido a algumas fraturas expostas. A visão daquele ser causava comoção imediata, levando Maya a um choro contido. A gravidade era nítida; entretanto, devido a estar respirando sem a ajuda de aparelhos, a esperança quanto à recuperação da amiga era grande. Por falta de espaço, Maya segurou a ponta dos dedos de uma das mãos de Gabriela, já que as veias da área superficial superior estavam perfuradas por agulhas que injetavam soro e medicamentos diretamente no sangue. A conexão de almas que as duas tinham era notada por todos tanto quanto algumas similaridades, como a grande sensibilidade para coisas que a maioria das pessoas não compreende ou não aceita tão bem. Parecendo haver recebido estímulos provenientes do toque de dedos ou simplesmente porque os sedativos estavam baixando em seus níveis séricos, Gabriela começa a despertar, rolando os olhos para cima e balbuciando, como se soubesse que Maya estava lá ao seu lado.

“Calma, Gabi... Relaxe... Estamos aqui com você e ficaremos o tempo todo até que esteja curada... você vai ficar bem...”, dizia Maya com uma voz baixa e muito meiga, escorrendo lágrimas de seu rosto pela emoção de ver a amiga despertando. Essas lágrimas eram um misto de emoção, por acreditar que ela se curaria, misturada às lembranças do passado sofrido, regado a abusos físicos e mentais vividos por essa garota que, apenas agora, nos meses em que viveu com Maya, David, Armando e Ana, havia experimentado ter uma família que a amava.

Gabriela se esforçava em dizer algo e, por isso, começava a se agitar.

“Gabriel... ele sabe... ele descobriu... me disse...”

A falta de ar ao sussurrar essas palavras fazia com que o peito da garota subisse e descesse em esforço para ventilar e gerar energia. Maya tenta acalmá-la sem sucesso.

“Eles são gêmeos... os outros gêmeos... Mengele... Tesla... os Muller e o outro sabem...” Gabriela dá um suspiro. Os aparelhos acusam uma parada cardíaca. A enfermeira surge correndo, trazendo um médico da UTI. Maya fica horrorizada e em choque, parada, sem saber o que fazer. Outra enfermeira retira Maya da sala. Enquanto ela saía, praticamente empurrada, assistia à cena da amiga sendo ressuscitada com aparelhos, até que fecharam a cortina, e ela foi obrigada a sair do recinto. Aos prantos, ela se vestiu novamente com suas roupas e encontrou David, dando a notícia do falecimento de Gabriela. Os três amigos se abraçam.

6.

Ao longo dos dois dias que se seguiram, a tristeza tomou conta do grupo da Thule, especialmente de Maya e Ana, por se considerarem responsáveis por Gabriela. Acompanhados o tempo todo por seguranças armados e altamente especializados, esperaram o irmão gêmeo de Gabriel chegar, junto com sua esposa, para realizar o funeral. O casal assassinado foi cremado e suas cinzas jogadas nos jardins da sede da Thule, no Jardim Europa, onde costumavam conversar e passear. O exato local do depósito do conteúdo das duas urnas de cinzas representa uma parte da profunda ideologia do grupo filosófico. Nele, encontra-se uma escultura feita em madeira de carvalho polida, sendo este o símbolo mais representativo da antiga Sociedade Teosófica de H. P. Blavatsky, demonstrando o sincretismo dos credos, povos e religiões, em uma fusão inevitável que um dia ocorrerá. Circulados por uma cobra que morde a própria calda, encontra-se logo abaixo a frase: “Não há religião que esteja acima da verdade”. Os membros dessa sociedade filosófica, seja ela a Teosófica ou a própria Thule, compartilham esse ideal e sabem que a verdade sempre será revelada àqueles que, quando prontos, busquem-na.



Emblema da Sociedade Teosófica.

Pontualmente às 17h, o chá foi servido na sala principal do prédio. Sentado na cabeceira da mesa, Mestre Germano não tentava disfarçar sua tristeza. Os três cavalheiros sentimentalmente mais próximos a ele eram certamente David, Gabriel e Rafael, que também estava presente junto com Ana, Armando e Maya. Aqueles três eram como filhos para o líder da Thule, sendo que um deles havia partido, sem retorno, para esta realidade.

O irmão de Gabriel, Júlio, acompanhado por sua esposa, Mariana, estava hospedado no mesmo prédio, no primeiro andar, dos dois além do térreo, que compunham o edifício. Havia vários quartos para hóspedes no luxuoso edifício e uma sempre solícita criadagem. Mestre Germano mudara-se para lá há menos de três meses, estabelecendo-se em um grande e confortável quarto, no segundo e último andar.

O casal Goldschmidt voltaria para Cândido Godói, logo pela manhã. Em meio a conversas que esclareciam algumas dúvidas de Júlio quanto à Thule, ficou claro que, embora fossem gêmeos idênticos, a diferença de pontos de vista era imensa entre eles. Gabriel em nada era materialista; ao contrário, desprendido desse mundo, exercia atividades de médico e cientista, com doutorado em Biologia Molecular e Genética, vivendo da herança dos pais e do modesto salário de professor universitário. Focado em suas pesquisas e no

desenvolvimento de seus alunos e teses de mestrado e doutorado, era completamente devotado à carreira e aos alunos, intitulado-se um cientista-espiritualista à procura de uma grande verdade e sentido para a vida. Diferentemente, Júlio é o homem das finanças, administrador, fazendeiro e criador de gado de médio-grande porte, totalmente materialista, o qual faz questão de mostrar ser detentor de uma vida muito confortável devido às suas posses. Embora divergentes em comportamento, ele sempre respeitou as escolhas menos favorecidas, financeiramente falando, de seu irmão gêmeo. Uma coisa tinham em comum: a gentileza. Fazendo muita questão, Júlio convida os presentes para passar alguns dias com o casal na fazenda Goldschmidt, o mesmo sobrenome da família. Os reunidos agradeceram o convite. Maya começava a reagir, saindo do estado de semitorpor no qual se encontrava, fazendo uma pergunta a Júlio, transparecendo estar sendo empurrada por algo invisível, tamanha a mudança de estado que aparentava naquele instante.

“Júlio, quando Gabriela estava no hospital, ela chegou a balbuciar alguma coisa que Gabriel disse algo que tinha a ver com ele... Ela mencionou as palavras gêmeos... Mengele... Você tem alguma ideia do que se trata?!”

A linguagem corporal de Maya demonstrava expectativa quanto a reação dele à pergunta. Mas, tranquilamente e sem revelar qualquer alteração, ele raciocina por alguns instantes:

“Uhm... bem, sendo o meu irmão um geneticista e tendo conduzido alguns estudos na minha cidade de nascimento, eu poderia dizer que muito provavelmente ele contou, durante o jantar com Gabriela, sobre algumas das histórias, ou estórias, que tornaram a cidade famosa. Segundo consta, Josef Mengele o famoso médico nazista, andou por lá e seria o grande responsável por nossa taxa de gêmeos ser mil vezes maior que a média comum mundial. Não existe nada igual, nem por perto, da nossa taxa de natalidade para gêmeos idênticos. Isto é, segundo o Gabriel sempre disse, na nossa cidade temos dez vezes mais gêmeos que as mais altas taxas encontradas em poucos lugares do mundo, sendo que deles, aproximadamente 40% são do tipo idênticos... e... como podem ter percebido, esse é o caso de meu irmão e eu.”

“De fato, vocês dois são incrivelmente idênticos!”, exclama Armando, observando Júlio com ar infantil.

“Meu irmão escreveu, pesquisou e fez muitos trabalhos a esse respeito. Pelo que sei, a maior parte desses dados não foi usada para publicações científicas, ou seja, toda vez que o trabalho dele se referia a Cândido Godoi,

ele não mencionava isso, mas usava os dados científicos de uma outra forma, mostrando outro foco, envolvendo mais comunidades e, portanto, sem comprometer a cidade diretamente. Mas a verdade é outra. Ele isolou sim os dados da cidade e os analisou com o foco da possibilidade de alguma influência externa ter causado aquela taxa absurdamente mais alta de nascimento dessas crianças.”

Envolvida pelo assunto ligado à sua formação acadêmica, Ana se interessa em dar continuidade à discussão.

“... Desculpe, mas qual seria o motivo dele não mencionar os estudos feitos com a população da cidade?”

“... Mengele... a controvérsia... ele sempre dizia que se revelasse os resultados, seria expulso do meio acadêmico e, por isso, ele mantinha os resultados guardados, na casa dele, pelo que sei”, complementa Júlio.

David e Mestre Germano trocam olhares, e o mais jovem ganha em ansiedade, projetando-se para frente na cadeira e querendo balbuciar algo. Mestre Germano apenas balança a cabeça, em sinal de aprovação, permitindo David dar continuidade:

“Você nos autoriza a entrar no apartamento dele para olhar estes estudos? Te entregamos as chaves junto com os pertences do Gabriel... e, se você nos emprestar, prometo que devolveremos bem rápido.” David demonstra excitação.

“Claro, não vejo problema algum, afinal, o que eu faria com esse monte de fichários e documentos que ele arquivava? Deixarei a chave com Mestre Germano e podem ir lá quando quiserem. Se acharem algo interessante, me avisem.”

Por volta das 18h, o grupo da Thule se despede do casal Goldschmidt, o qual desejava descansar um pouco, antes do jantar. Assim que os visitantes sobem pelo elevador localizado no final da sala principal, automaticamente e sem terem combinado, todos se direcionam ao conjunto de sofás que estava na antessala, um ambiente de menor tamanho e mais reservado. Armando fecha as portas do tipo divisórias que corriam sob trilhos no teto, evitando que fossem vistos e ouvidos.

Sentados dois a dois, Mestre Germano assume o seu sempre presente carisma e perspicácia de líder.

“Maya... conte o que sabe. O que Gabriela disse exatamente?”

David lança a ela um curioso olhar, pois mesmo sendo seu marido e estando totalmente envolvido nos mesmos assuntos, ela manteve segredo por

tantas horas.

“Depois você diz que sou eu quem esconde coisas de você!”, expressa-se David com ar de reclamação, querendo descontar o quanto ela o pressiona para revelar mais detalhes sobre si mesmo, sua origem e objetivos de vida, ainda um pouco vagos, sob o ponto de vista dela.

Maya observa o grupo com ar de surpresa, já que não tinha grandes revelações a fazer e começa a esclarecer o que aconteceu na UTI:

“O que eu sei não é pra tanto, mas... lá vai: alguns minutos antes de morrer, Gabriela teve o típico momento de lucidez que algumas pessoas apresentam, antes de se entregarem a essa passagem. Ela despertou, lutando contra os sedativos, e balbuciou as frases que eu disse ao Júlio, adicionadas das palavras que eu não disse: Tesla e o outro também sabe. Ela disse: eles são gêmeos, os outros gêmeos... Mengele, Tesla, os Muller sabem e o outro também.”

Os presentes se entreolham com uma expressão vaga. Esperavam por algo mais óbvio e revelador. Rafael se levanta do sofá e começa a falar em seu típico portunhol, andando de um lado a outro da sala, sem olhar para ninguém, como se estivesse pensando alto:

“Sim... tem sentido quanto a Mengele e gêmeos. Ele morou na Argentina e, depois, no Paraguai, de 1949 a 1960, ou um pouco mais, quando logo em seguida, fugindo do Mossad, uma espécie de serviço secreto israelita que caçava nazistas pelo mundo, entrou no Brasil, vivendo no sul do Paraná e em várias cidades do estado de São Paulo, exercendo a medicina ilegalmente ou vivendo com fazendeiros e outras poucas atividades que são mencionadas... Há referências e testemunhos oficiais quanto a ter sido reconhecido em vários locais, e, especialmente naquela região de Cândido Godói... alguma interferência dele ocorreu, pois muitas testemunhas reconheceram sua foto como sendo a do médico que tratou de mulheres que queriam engravidar... Mas o que Tesla tem a ver? Fiquei curioso e talvez seja por... por algo relacionado a Maria Orsic, a principal médium da Sociedade Vril... Ambos usavam sua mediunidade para o mesmo fim, a ciência...”

“Quem poderia ser o tal outro que sabe? E sabe o quê?!”, pergunta Armando.

“Agora não tenho a menor ideia... mas acho que nós é que saberemos, em breve... é só um palpite!”, completa Maya.

Mestre Germano incorporava sua constante placidez, aliada à contemplação do momento presente. Ele acreditava que todas as respostas

estavam disponíveis no universo, e que tudo dependia de como eram acessadas, bastando que se fizesse uma avaliação precisa dos dados e se permitisse que formulações de hipóteses-cenários fossem levantadas. Ele meditou por alguns instantes, resolvendo falar ao grupo em seguida:

“Meus caros amigos, eu creio que a correlação de tudo isso está novamente no ponto principal de nossa busca. Como bem mencionou Rafael, a correspondência de cartas entre Nikola Tesla e Maria Orsic foi constante, muito antes da Segunda Grande Guerra; afinal, ambos eram ligados à ciência, cada qual ao seu estilo e também eram compatriotas. Imagino quais os assuntos que tratavam de discutir e quão maravilhoso teria sido poder ter obtido tais correspondências... estou certo que alguém se apoderou delas e o proveito que disso foi tirado pode ser o ponto em questão. Maria Orsic e suas sacerdotisas do Vril buscavam informações para impulsionar cientificamente a humanidade e nela inserir uma nova raça, composta de seres humanos mais capazes, não somente mais inteligentes, os mais fortes e saudáveis também... Isso explica a eutanásia praticada nos doentes e mentalmente afetados em grande escala pela Alemanha nazista. Ela queria ajudar a recriar a raça ariana, trazendo de volta a raiz que gerou a evolução dos hominídeos para o homem atual, aproximando-os mais de seus progenitores e de uma civilização que era o seu contato principal, os de algum sistema da região de Aldebaran, a estrela Alfa da constelação de Touro. Segundo ela, era destes seres que ela e suas sacerdotisas obtinham as informações científicas, altamente avançadas, de que os alemães nazistas se aproveitaram... Se isso tudo faz mais do que sentido e é sim uma realidade histórica, o ponto de ligação entre Nikola Tesla, Maria Orsic e Josef Mengele só pode ser entendido como a energia Vril a ser utilizada por cada um deles, de acordo com o seu campo maior de pesquisa ou interesse...”

“Mestre Germano, eu acredito que tenha razão e isso explicaria a presença de Mengele no Sul do Brasil, enfatiza Rafael.”

“Eu creio que possa estar na pista certa e, para maiores esclarecimentos, vou pesquisar os arquivos da Thule no mundo todo, solicitando que procurem por dados que nos deem alguma coisa a mais, que possa elucidar se e como Mengele se envolveu com o Vril.”

A vaga expressão facial de Maya revelava que ela estava construindo imagens em sua mente, relativas a coisas que viu, viveu ou estudou, tentando juntar fatos históricos que fizessem sentido nisso tudo:

“Pessoal, eu me lembrei de mais uma coisa que a Gabriela tinha dito na

nossa última reunião, aqui mesmo, neste prédio...”

Sem terminar a frase que tinha começado, neste momento, David atravessa sua fala. De seus olhos azuis projetava-se um incrível brilho, como se faíscas de fótons surgissem deles:

“Os Bastões de Toth! Sim! Gabriela mencionou que a seita Vril procurava por bastões, os quais estou certo de serem estes que eu vi em um sonho, há poucos dias... Mas por que buscariam algo que parece ser apenas uma lenda, ou melhor, por que procurariam isso aqui no Brasil?”

David passa de um estado de euforia para um novo estado de dúvida, pois as coisas apontavam para pontos difíceis de serem ligados. Devido à sua formação em biologia, Ana podia conceber novas hipóteses possíveis de serem correlacionadas, resolvendo expô-las:

“Maya, David, Mestre, eu acho que vocês estão chegando a um ponto muito lógico... Vejam bem, vamos falar de radiação em si, seja ela possível de ser gerada de diversas formas, isso não importa agora, o que é relevante é que campos magnéticos e radiação, dependendo da intensidade e tipo, podem causar mutação genética. Vamos agora raciocinar quanto a existirem energias possíveis de serem mais positivas, frente a outras mais negativas... Sob esse ponto de vista, a energia atômica, raios gama, são destrutivos ou degenerativos e pronto. Mas vamos supor que haja uma energia que, se corretamente manipulada, pudesse ativar os 97% de “junk DNA” que “supostamente” existe em nossas células. Digamos que, para ativá-los, uma linguagem de luz fosse necessária e, se corretamente empregada, pudesse gerar uma melhoria no corpo físico, o qual aceitando mais luz, ou fótons, fosse melhorado ou modificado através de um propósito maior...”

Da mesma forma que ocorreu com David, Armando teve um sobressalto, lembrando das últimas descobertas e publicações da Física, uma de suas disciplinas prediletas na faculdade e na qual costumava ser o melhor da turma:

“Ana, meu amor, você é uma gênio, e é por isso que te amo!”, disse Armando, fazendo-a enrubescer. “A minha esposa foi genial, e eu acho que tenho dados para continuar com a mesma linha de explanação... Vamos lá... me acompanhem... O que o Tesla fazia?”, pergunta Armando.

“Ele estudava principalmente o transporte de energia, campos magnéticos, a eletricidade transportada sem fios e através de fios... a corrente alternada...”, responde David.

“Sim... e sem dúvida, o seu melhor e incompleto trabalho foi o do

transporte de energia wireless, sem cabo... pelo ar... uma forma de energia de ponto zero... ele trabalhava com geradores de campo magnético, a mesma coisa que o gerador dos vedas, utilizados pelas sacerdotisas do Vril e pela Maya... como aquele gerador, o Dorje, o que perdemos no Peru, no ano passado⁴. No final, as varinhas, cajados, barras manuais ou Bastões de Toth, a Arca da Aliança ou o Gerador Vril, todos eles geravam um campo magnético, que dissipava uma energia por uma interação entre a pessoa que os manipulava e estes objetos...”

Armando é interrompido por David, que queria acrescentar mais informações pertinentes:

“Exato, Armando, e a Arca da Aliança é um grande capacitor que necessitava ou demandava um processo para manipulação segura, trabalho bem descrito na Bíblia e realizado pelos levitas, demonstrado pelas vestimentas especiais ou roupas de proteção, cerimônias ou o que eu diria... treinamento básico para manipulação segura da energia gerada...”, diz David.

“... e os Bastões de Toth e o Gerador Vril seguem o mesmo conceito! Se a pessoa não for especialmente preparada, geneticamente modificada e treinada, ela, no mínimo, se queima, tal e qual o David quando tentou manipular o Gerador Vril...daí que, quando se “queima”, é afetada por essa energia...”

“Perfeito, Armando!”, exclama Ana, “... sim, é isso o que eu estava querendo dizer! Como saber o que acontece com a pessoa no nível nuclear e genético?”, complementa Ana, de forma questionadora. Armando muda rapidamente o ar sério de sua apresentação.

“No caso do David, a gente já sabe... ele ficou completamente maluco e me enfiou na sua maluquice, e é por isso que estou aqui... mas valeu, afinal...conheci a Ana, né?!”, diz ele com jeito bufão. Ana Beija o marido demonstrando o orgulho que dele tinha.

Após algumas gargalhadas, David responde ao amigo de longa data, com gestos de questionamento quanto à afirmação relativa a sua sanidade mental. Mestre Germano retoma o controle do grupo.

“Muito bom... estamos chegando perto de algo mais palpável. Eu diria que temos alguns elementos para manter anotados, e certamente eles irão fazer sentido em breve”, completa Germano.

“... Talvez achemos algo no apartamento de Gabriel. Muito provavelmente, ele encontrou uma chave que ligue os dados perdidos e a manteve para si mesmo... o porquê eu não sei, mas poderemos investigar isso amanhã!”, diz

David, levantando-se do sofá e encerrando a reunião, com um gesto típico, usado pelos integrantes da Thule Brasil.

[1.](#) Armando se refere à aventura vivida em “O Sol Negro – O Retorno das Sociedades Secretas do Vril”, em que Maya manipulava a energia Vril com um Dorje, ou Gerador Vril, perdido em Markahuasi, Peru, em 12 de dezembro de 2012.

7.

NO DIA SEGUINTE, 9H

APARTAMENTO DE GABRIEL.

Um BMW X6 preto aproxima-se de um prédio de apartamentos, localizado em uma rua calma e arborizada. Acompanhado por Maya e Ana, David posiciona o carro de forma a poder entrar na garagem, preparando-se para acionar o controle remoto. O grupo decidiu que Armando e um segurança deveriam ficar protegendo Suri e a babá Elza.

Ao aproximar o carro do sensor eletrônico da porta de entrada da garagem, David olha pelo retrovisor, certificando-se de que um outro carro preto os seguia, com dois seguranças contratados pela Thule. Os guarda-costas estacionam próximo à porta do edifício e, sob ordens prévias de David, ficam aguardando algum sinal pelo Nextel, mantendo-se em vigília constante. O controle remoto pertencente a Gabriel abriu e fechou a pesada porta de ferro, permitindo que entrassem facilmente, sem questionamentos, estacionando na vaga de número 33, o mesmo número do apartamento, localizado no terceiro andar, onde ele havia morado, desde sua chegada a São Paulo. O condomínio era constituído por uma única torre dividida em quatro apartamentos por andar, sendo separados dois a dois pelos elevadores, que serviam aos números pares e ímpares. Eles notam não haver sistema de segurança no condomínio. Definitivamente, qualquer um poderia entrar, sem grandes complicações, já que não encontraram câmeras instaladas nas áreas livres, tampouco em elevadores. O controle de entrada e saída estava a cargo de um porteiro de prontidão na única guarita, que ficava de frente para a entrada social e que permitia uma visão deficiente da porta da garagem.

Os três amigos chegaram ao terceiro andar, adentrando no *hall* do elevador social, encontrando os dois apartamentos com as portas abertas e duas pessoas conversando com a vizinha de andar, a do apartamento de número 31.

Percebendo a chegada de mais alguém, um dos dois que conversava com a vizinha se vira, sendo imediatamente reconhecido:

“Ora, ora, ora, Sr. e Sr^a. Bacon e a Sr^a. Silva, como vão? É uma surpresa

encontrar os três por aqui, levando-se em consideração o fato de terem declarado não conhecerem a vítima direito...”

“Como vai, detetive Ricardo? Apenas para clarear o assunto, nós não dissemos que não conhecíamos a vítima. Nós dissemos que não tínhamos um relacionamento pessoal muito profundo, mas frequentávamos um mesmo local, um clube, por assim dizer...”, completa David com naturalidade, adicionando a seguir uma pergunta:

“Mas já que eu o encontrei, posso saber o que faz por aqui e como entrou no apartamento de Gabriel?”

O detetive Ricardo olha os três de cima abaixo, com um olhar de desdém e desconfiança ao mesmo tempo.

“Na verdade, não vim de forma planejada. Recebemos um chamado desta senhora”, o detetive aponta para uma mulher de aproximadamente 60 anos, com uma aparência muito bem cuidada, aguardando e observando na porta, a conversa.

“Esta é a vizinha do apartamento 31. Ela ligou para o 190 informando que alguém havia invadido o apartamento 33, pertencente ao falecido e estava fazendo barulho, como o de arrastar móveis... Por sorte, eu interceptei a chamada e estava próximo daqui. Chegamos em menos de 15 minutos, mas parece que, assim que estacionamos o carro da polícia, assustamos os invasores. Ao chegarmos ao andar, não encontramos ninguém. O mais interessante é que, segundo a vizinha que esteve vigiando, o tempo todo, pelo olho mágico, ela não conseguiu ver quem arrombou a porta para entrar ou quando saiu. Acreditamos que tenham saído pela porta de serviço, já que também está aberta... Bem, agora é a minha vez de perguntar: o que vocês fazem aqui?”, novamente o mesmo olhar desconfiado do detetive é lançado aos três. Sem dar tempo de receber uma segunda pergunta, Ana tem uma ideia e a coloca em ação.

“Detetive Ricardo, eu conheci o irmão de Gabriel no funeral, e depois passamos uma tarde juntos... Bem, o Sr. Júlio Goldschmidt me informou sobre as pesquisas do irmão, algo que muito me interessou, já que tem a ver com a minha formação... Eu sou bióloga, Ph.D como o Gabriel, também trabalhei em pesquisas... Daí que o Júlio precisa se livrar das coisas do irmão e colocar o apartamento para vender, assim que sair o inventário... Ele me disse que se eu achasse algo interessante, que eu poderia ficar, digo... algum dossiê que eu queira levar para a faculdade de Biologia Molecular e Genética. Assim, o trabalho dele não seria em vão. Parece que ele guardava boa parte

de suas pesquisas por aqui...”

“Um ótimo álibi...”, diz Ricardo, instilando veneno e descrédito.

“Vocês podem acompanhar nossa avaliação desses documentos, se quiserem.” Ana interpretou muito bem, tendo sido extremamente convincente.

“Ok, Sr^a Ana... Silva. Eu vou dizer que até acredito que tenham vindo aqui exatamente por esse motivo, mas parece que alguém entrou e procurou por algo... não sabemos o quê. Apenas percebi que boa parte desses documentos de estudos científicos que mencionou foi derrubada no chão e pisoteada. Aparentemente, não era isso que eles procuravam... deveria ser algo a mais. Algumas estantes foram afastadas das paredes... estavam na caça de algum objeto...é o que eu concluo”, diz o detetive Ricardo, ainda olhando com um ar curioso para o trio.

Procurando apresentar aparência casual e desinteressada, Maya completa os argumentos de Ana:

“Objeto? Será que ele tinha algum objeto de valor, algo da família que sabemos que era rica e que ele guardou como herança? O Gabriel tinha dinheiro mas não o usava, digo, não era gastão... pelo menos foi o que nos disse o irmão dele... podiam ser pessoas que o conheceram e, sabendo disso, estavam à caça desse espólio... o que acha?”, ela se expressa com o mesmo ar angelical que Ana, sendo parcialmente convincente.

“Seja lá o que for, Sr^a. Bacon, temos dois assuntos para investigar ligados ao falecido Gabriel Goldschmidt: sua morte e a invasão de seu apartamento. Muito bem... já que vocês têm as chaves e a licença do irmão da vítima para entrar neste recinto e tocar no que quiserem, fiquem à vontade. Nós já terminamos a avaliação. Estou certo de que nos veremos em breve... é um tipo de... premonição... aliás falando em premonição, algo me diz que os dois fortinhos que estão naquele carro Kia preto lá embaixo têm a ver com vocês, estou certo? Eu vi pela janela quando chegaram juntos...”

Sem dar mais espaço para respostas e tampouco usando frases típicas de despedidas, o detetive Ricardo saiu do apartamento, junto com o outro policial, entrando imediatamente no elevador que ainda aguardava no andar. O grupo espera a vizinha fechar a porta antes de entrar no apartamento revirado.

“Acho que estamos encrencados, mesmo sendo os mocinhos da história... Ele acha que somos culpados de algo... seja lá o que passe pela cabeça dele”, diz David, coçando a cabeça e jogando os cabelos para trás, como

tipicamente fazia quando ficava tenso ou pensativo.

Maya se vira para Ana:

“Estou ficando preocupada com você!”

“Por quê?!", pergunta Ana, sem entender do que se tratava.

“Você está ficando boa em mentiras... a cada dia melhor e mais convincente... como é que eu vou saber se está me enrolando?”, com um ar brincalhão Maya animava o ambiente, diminuindo a tensão do grupo.

“Ah, não foi bem uma mentira. Foi mais uma interpretação de um personagem”, Ana se expressa com uma gesticulação tipicamente italiana. As amigas riem por alguns segundos e logo voltam à cena, sabendo que havia muito trabalho a fazer.

Focando a atenção no ambiente, em poucos segundos notam uma sala com estantes fora do alinhamento das paredes, empurradas em ângulo agudo, na clara intenção de dar uma espiada no que havia por detrás, estando a maioria de seus objetos colocados ou jogados pelo chão. Mais adiante, havia um quarto transformado em escritório, onde foram encontrados dois arquivos grandes, cada qual com quatro gavetas para pastas suspensas, onde muitos trabalhos científicos, revistas da área de Genética e publicações em jornais de grande expressão ou impacto científico estavam arquivados ao lado de teses de mestrado e doutorado. Essas gavetas foram remexidas sem demonstrar grande interesse por aqueles que o fizeram. Aparentemente, estavam mesmo procurando algum objeto. “*Mas o que poderia ser?*”, pensava Maya.

David retorna à presença das duas moças, após uma busca detalhada no quarto de Gabriel, dizendo que lá só havia coisas normais; aliás, poucas coisas pessoais, o que combinava com o estilo espartano do ex-colega da Thule. Absolutamente nada chamara sua atenção. Caso algo exista que possa ser correlacionado com a energia Vril, estaria nesse segundo quarto do apartamento, transformado em escritório, já que na sala, da mesma forma, nada havia sido encontrado. A conclusão imediata era a dos invasores terem seguido o mesmo procedimento e muito provavelmente, quando chegaram ao escritório, avistaram o carro da polícia estacionando na rua, gerando sua evasão imediata, largando as coisas no ponto em que estavam. Ana e Maya retiravam pastas dos arquivos, avaliando o seu conteúdo com atenção e sem pressa, enquanto David procurava por alguma pista que pudesse ser promissora. Algumas pastas estavam jogadas no chão; entretanto, a grande maioria restava nos arquivos. Ana tinha uma em mãos.

“... Interessante... ele tinha mesmo uma fixação pela população de Cândido

Godói, especialmente pelo vilarejo chamado Vila São Pedro. Pelo que aqui consta, é lá que o número de gêmeos univitelinos é ainda maior... Interessante... temos várias pastas sobre esses estudos... acho melhor levarmos todas para estudar com calma em casa. Vamos precisar da Maria, ela é especialista nesse assunto.”

Ana entregava pastas a David, juntando as que queria levar para avaliação mais aprofundada. Ao iniciarem a coleta do material jogado no chão, David nota uma coincidência. Parecendo estar desconfiado de si mesmo por ter encontrado um detalhe tão claro e evidente, prefere pedir a ajuda das duas moças:

“Ana, Maya, vocês que mexeram nas pastas dos arquivos... por acaso, essas pastas também têm este código na capa?” Ele tira uma pasta do chão, erguendo-a à altura dos olhos das moças. No canto superior esquerdo, observa-se uma gravura impressa com cinco letras seguidas por barra, seguidas de mais quatro letras, barra novamente e três números, todos gravados em dourado. O tamanho era discreto, algo de três por um centímetro, entretanto chamava atenção pelo esmero da gravação, feita em relevo.

“Caramba... eu nem havia notado isso! Estava olhando as etiquetas no centro das pastas, lendo do que se tratava o documento arquivado e não me dei conta disso... o que será que significa?”, pergunta Ana, com ar muito curioso.

A reação de Maya foi pouco condizente com a sua personalidade. Ela se manteve com ar de surpresa, um pouco distante, preferindo nada dizer até que a estranha sensação que sentia melhorasse ou se esclarecesse. Ela começava a desconfiar das reais intenções de Gabriel com a falecida amiga Gabriela. A questão girava em torno do fato de ele ser um dos homens de maior confiança de Mestre Germano, e, mesmo assim, este nada saber a respeito das atividades do ex-cavalheiro e, mais ainda, o que poderia ter gerado qualquer ligação com a energia Vril *versus* o interesse e conhecimento dos fatos, pelos irmãos Muller, em suas pesquisas... se é que foram eles que o mataram e invadiram o apartamento. Maya volta a si, saindo do devaneio, assim que David continua a conversa com Ana.

“Não sei, mas o fato de serem apenas consoantes sem vogais, seguidas de números, me dá uma pista”, completa David.

Enquanto Ana e David estavam agachados, conferindo se realmente todas as pastas jogadas no chão tinham o código gravado no alto de sua capa, Maya

já estava de pé, intrigada em identificar o que havia no arquivo, principalmente se alguma pasta com esse código ainda estava lá. Poucos minutos depois, ela dá o veredito:

“Não há mais nenhuma com essas letras aqui... foram todas postas no chão. Intrigante, isso significa que alguém procurava por algo que se relaciona a essas letras MFKZT/SPCG/333; está claro que não procuravam pelos dados dos estudos, já que, aparentemente, estão todos aqui... Bom, pelo menos, em todas as pastas existem documentos, estudos, e, por isso, mesmo eu arriscaria dizer que não levaram papéis... Mas, pensando melhor, poderiam ter levado uma pasta inteira com algum documento... Acredito que o enigma está em compreender o que essas letras querem dizer e o que eles procuravam?”

Maya estava inconformada por não saber exatamente do que se tratava, mas, como David havia reconhecido, algumas letras e os números eram, sem dúvida alguma, uma grande pista. Devido a seus constantes estudos, tanto científicos como místicos, esotéricos, históricos e tudo o que se possa correlacionar, acreditava que, com alguma pesquisa, descobririam a codificação. Ana demonstrava muita inquietude. Com um certo frenesi, mantinha os braços cruzados, esfregando as mãos nos antebraços.

“Gente, não sei por que, mas estou ficando com um frio na espinha e gostaria de cair fora daqui... Vamos pegar as pastas e levar pra casa!”, Ana e Maya começam a juntar as pastas por grupos, com grande agilidade. Um grupo era composto pelas pastas com o misterioso código e o outro sem a gravura.

De repente, David cambaleia, parecendo estar afetado por algo.

“David?! Você está bem?! O que houve?”, exclama Maya aflita.

“Sim, estou bem... acho que sim... vamos embora... confesso que me sinto tonto... tenho um zumbido nos ouvidos, e eu já conheço essa sensação...”. Ele se referia às várias vezes que teve a experiência de estar sendo vigiado por visão remota, gerada pelas sacerdotisas da seita Vril. O que vinha depois desse zumbido costumava ser incendiário ou assustador. Com vigor e pressa, ele pegou umas duas caixas com alças, feitas de plástico transparente e cuja finalidade certamente seria a de Gabriel fazer um leva e traz da universidade até sua casa e vice-versa, ajudando as duas moças a colocar tudo dentro. Elas selecionam todas as pastas que estão ligadas a estudos com gestações múltiplas, principalmente as de homozigotos e outros assuntos correlacionados.

David encontra uma última pasta que restava na primeira gaveta do

arquivo à direita, a qual estava presa no fundo, devido a ter um volume maior que as outras. Dentro dela, encontra algo que chama sua atenção. Trata-se de uma caixinha de madeira, com as proporções aproximadas de vinte por dez centímetros. Não havia nada gravado do lado de fora; entretanto, parecia ser bastante antigo. Ele segura a caixinha em suas mãos, avaliando e especulando o seu conteúdo, receoso em abrir.

“O que é isso? Achou algo interessante?”, pergunta Maya, tentando pegar a caixinha das mãos do marido, infantilmente.

“Deixe-me abrir primeiro... espere...”, diz David demonstrando uma grande curiosidade, porém com cautela, em sua abertura. O feixe era bastante simples, um gancho na forma de arco com uma esfera vazada na ponta que se encaixava em um pino com uma esfera sólida. O material da caixa aparentava ser feito de madeira densa e envelhecida, apresentando-se coberto por uma pátina dourada, extremamente desgastada. As dobradiças e o fecho eram também dourados, podendo ser de ouro ou apenas recobertos com esse metal dourado, mantendo-se bem preservados, sem oxidação. Ao abrir o fecho, com muito cuidado, David deixa escapar uma frase – “Óh, meu Deus! Veja só o que é isso!” – ao encontrar duas barrinhas cilíndricas de metal prateado, relativamente leves e com uma pedra verde finamente engastada e burilada, ao estilo cabochão, em uma das pontas. Buscando uma maior luminosidade para melhor visualizar a peça e, quem sabe, entender do que se tratava, eles vão até a sala, iniciando uma análise cuidadosa em todos os ângulos, sem atrever-se a tocá-las. Após alguns segundos em silêncio, 100% sintonizados, Maya e David têm o mesmo reconhecimento de objeto, falando em uníssono, como em um coral treinado.

“São os Bastões de Toth!!!”, ela olha para o marido com os olhos arregalados.

“Será que são verdadeiros?!”, pergunta Maya com ar pasmo.

“Sim, são os Bastões de Toth! E eles me pertencem!”, um homem apontava uma pistola semiautomática XD calibre 45 preta, mirando especialmente em David. Ele estava parado na conexão da sala com a cozinha, com dificuldade em movimentar-se devido à bagunça de objetos pelo chão e por sua forma desengonçada, proporcionada pelos aparentes 130kg em 1,90m de altura. Nitidamente descontrolado, exalava inexperiência, facilmente perceptível pelo seu estado geral. Tendo uma pele muito branca, seu rosto e pescoço apresentavam uma coloração rosada-avermelhada, cobertos de suor gerado pelo visível nervosismo ou consumo de

drogas. A área branca de seus olhos estava vermelha, como se tivessem tido contato com agentes altamente irritantes. Devido à dilatação das pupilas, quase não se percebia a cor verde de seus olhos, sendo esse efeito visual fortalecido por um complexo quase albino, tamanha era a sua brancura. O homem aparentava ter idade entre 42 e 45 anos. Na sua cabeça, muitos fios brancos geravam um efeito de mechas platinadas sobressaindo sobre o tom louro-cinza médio. Por todo seu rosto, muitas rugas finas eram facilmente notadas, aparentando ser alguém com um grande sofrimento emocional, de longo prazo.

A situação era crítica. Os três amigos analisavam mentalmente as probabilidades de ação, imaginando o que fazer. De fato, eles já estavam ficando especialistas em sair de situações negativas, quando pegos de surpresa. Mediriam os pontos de fraqueza do adversário, cuidadosamente, até saber o que fazer.

“Ok, nós vamos lhe entregar os Bastões, mas eu gostaria de avisar que você precisa saber lidar com eles... Por acaso, tem alguma ideia do quanto isto é perigoso?”, diz David, buscando ganhar tempo enquanto examinava a situação. Maya e Ana ficaram um passo atrás e igualmente queriam encontrar uma forma de neutralizar o inimigo.

“Eu estou atrás disso há anos, desde que foram roubados... e nada mais me importa! Gabriel me enganou... ele mentiu para mim e para todos... ele era um mentiroso que só se importava com seus planos! Ele merecia morrer! Traga-as aqui e se afastem... qualquer gracinha que façam, eu os matarei!”, disse o brutamontes com voz forte, embargada por emoção.

De repente, da mesma forma que acontecia quando em posse do Gerador Vril¹, Maya recebe um comando mental, uma mensagem objetiva, sem palavras, apenas um direto e instrutivo pensamento. A imagem mental era clara: deveria levar a caixa aberta ao intimidador armado. Ela não entendeu por que deveria fazer isso e, ao mesmo tempo, ficou em dúvida se esta mensagem vinha daqueles que as vezes a instruíam, sem que ela soubesse realmente quem eram, ou se poderia ser um comando hipnótico dado pelas sacerdotisas do Vril.

“Eu nunca fui afetada por elas como o David... portanto... eu sei que esse comando vem dos que nos protegem...”, conclui Maya. Tudo ocorreu em não mais que três segundos. Ela se volta para David, torcendo para que ele entendesse o que seus lindos olhos cor de mel queriam dizer:

“David, entregue... ele vai nos matar... entregue, isso não vale a pena...”

O intruso imediatamente acredita no que Maya disse, demonstrando certo alívio, entretanto, mantendo a arma apontada da mesma forma.

“Deixe que eu entregarei a caixa para ele”, diz ela a David, entendendo que ela sabia o que fazia.

Segurando a caixa aberta em suas mãos, ela caminha em direção ao enorme homem. Ao chegar perto dele, deliberadamente tropeça em um objeto no chão, derrubando os Bastões fora da caixa, praticamente na altura do pé esquerdo do ladrão. A reação do homem foi previsível e imediata. Seu desespero em apoderar-se dos bastões era tamanho que, por distração, o revólver saiu do ângulo de mira, enquanto ele agarrava as duas barras metálicas com a mão esquerda. Aproveitando o momento, David se projeta na direção do homem, sendo contido por Maya, que grita alto e segura-o pelo braço:

“Não o toque!”

O comando mostrou-se preciso. O mesmo efeito que haviam presenciado ocorrer a um traidor da Thule, em Oak Island, no Canadá, já se processava neste homem. Na mão que segurava os Bastões, inicia-se um estranho processo de iluminação de veias, como se um caminho de fótons percorresse seu corpo, dos dedos das mãos, subindo pelo braço esquerdo, tomando conta de seu tronco, ao mesmo tempo em que, descendo para os membros inferiores, sobe pelo pescoço, desenhando teias de aranhas feitas de luz, atingindo finalmente seu rosto. Ele não sentia dor, por isso mesmo continuava a segurar fortemente as duas barras juntas na mão esquerda, sendo este o principal motivo que provocara o mal que o assolava. Ele expressava medo pela imagem que via em suas mãos e braços, intensificado ao olhar-se em um espelho que tinha à sua frente, na parede. Ele solta um grito de terror. Na sequência, seus olhos são injetados como em uma explosão fotônica, parecendo serem quasares em plena ação. Os três correm para dentro do quarto do escritório procurando proteção da potente luz que surgiria. Em menos de três segundos, uma intensa luz, parecida com fogos de magnésio, invade o local, associada a um profundo silêncio que zerou até o som que vinha das ruas, pelo tempo que se fez presente. Maya, David e Ana ficam de costas para a porta, que se manteve fechada, procurando proteger-se da incrível intensidade que cegaria qualquer um que ousasse manter os olhos abertos. Suas mãos cobriam o rosto, com determinação. Ao notarem a iluminação voltando ao normal, atreveram-se a retirar as mãos que cobriam os olhos, precisando piscar várias vezes para retornar uma visão clara do

ambiente.

“Tudo bem com vocês?”, pergunta David, preocupado com as duas moças, que se limitam a balançar as cabeças, positivamente. Ao retornarem para a sala, não encontram sinal do intruso, absolutamente nada que pudesse contar a sua história. Aquele que supunham haver sido enviado pela seita Vrill foi desmontado molecularmente, passando desta para outra dimensão e, se a remontagem existisse, não tinham ideia alguma quanto a onde ocorreria. Um profundo pesar toma conta dos três.

David se agacha e, sem tocar, examina de perto a arma ostentada pelo intimidador.

“Ôh, ôh... é falsa... não era uma arma de verdade... é de festim, sem bala...”

“Eu sinto que tenha tido este fim... ele poderia estar dominado e sem culpa alguma... parecia estar sofrendo muito... mas agora, não há mais nada a fazer. Vamos sair daqui”, diz Ana, em profundo pesar.

“Maya, Ana, vejam”, David aponta para o chão, onde a caixa das barras estava ainda aberta; entretanto com ambas corretamente acomodadas no espaço que as prendia.

“Pois é... típico, como eu diria... já ajeitaram elas aí na caixinha para a gente não explodir... eles gostam da gente...isso é bonitinho”, declara Maya, arrependendo-se em seguida: “Desculpe, gente. Fiquei nervosa e me sinto mal com o que aconteceu a esse homem...”

“Contenha os nervos que o seu humor negro não aparecerá”, orientou David, compreensivo.

Após soltar um profundo suspiro, Maya se abaixa e coleta a caixa, sem tocar nas barras, fechando a tampa. Após dar uma olhada geral para checar se algo importante não havia sido deixado para trás, o grupo sai pelos fundos, carregando os Bastões de Toth e as duas caixas de documentos. A porta da cozinha estava aberta, dando acesso ao corredor da área de serviço. Nessa área, havia um único elevador que atendia aos quatro apartamentos da torre, o 31, 33, 30 e 32, cuja porta estava entreaberta. Os três amigos parecem entender, ao mesmo tempo, que o tal homem que surgiu do além, era o morador do apartamento 32. Maya e David resolvem dar uma olhada, cuidadosamente entrando pela cozinha e chegando à sala, onde havia algumas fotos do mesmo homem que os intimidou com várias pessoas, podendo ser familiares ou amigos. Mas em uma das fotos, em especial, havia dois homens rindo, abraçados, em um ambiente de festa. O homem que apontou a arma para eles estava ao lado de um outro, igualzinho a ele e... ajeitando melhor

seus óculos de grau de acetato preto...

Maya tem certeza: *era Gabriel que abraçava o falecido, ou desaparecido na luz*, pensava ela, *pesando uns 30kg a menos*. David nada diz e apenas abana a cabeça em sinal de positivo. Ele usa o celular para fotografar os diversos porta-retratos.

“Tem alguém que conhecemos que vai ter que nos contar o que aconteceu por aqui... certamente ele sabe”, Maya fala baixo, quase sussurrando para si mesma. David concorda, sabendo de quem se tratava.

Uma expressão de não compreensão associada a desconfiança fica visível no rosto de Maya. Rapidamente eles saem, sem tocar na maçaneta, empurrando a porta com o corpo para que fechasse.

¹. Da mesma forma que foi apresentado na trama de “O Sol Negro – O Retorno das Sociedades Secretas do Vril”, objetos pertencentes a antigas civilizações, como o Gerador Vril e as Barras de Toth (na trama atual) geram uma frequência especial, alterando o estado de consciência de Maya, facilitando que ela receba mensagens de seres mais avançados, conectados a essas civilizações, no passado, ou mesmo que ela acesse porções mais altas de sua própria consciência.

8.

27°57'07"S

54°45'07"O

COMUNIDADE LINHA SÃO PEDRO, MUNICÍPIO DE

CÂNDIDO GODÓI, MICRORREGIÃO DE SANTA ROSA,

RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.

9 DE MAIO DE 1962, 9H.

Uma Kombi branca chega à rua principal da pequena comunidade. Ao ser notada, algumas mulheres das casas que estavam mais próximas vêm até o portão saudar o homem que dela salta, enquanto o motorista estaciona o carro logo mais à frente.

Uma mulher loura e magra, aparentando ter, no máximo, 30 anos de idade, dirige-se até a calçada de forma a receber o visitante, abrindo a portinhola encaixada em uma mureta baixa, pintada de branco. Após os cumprimentos matinais, o visitante pergunta como estavam.

“Guten morgen, Arzt!”

“Guten morgen, Madam Grimm. Wie fühlen sie sich heute?”

A familiaridade existente entre o médico e suas pacientes era grande. Ele as visitava várias vezes por ano, desde 1960, quando foi contratado para cuidar do gado. Ao início, apresentava-se como médico veterinário que veio à cidade de Cândido Godói a convite de um fazendeiro de origem alemã, necessitando de vacinas e medicamentos para seus rebanhos. Devido aos excelentes resultados de seus tratamentos, foi inevitável perceber seus incríveis dotes para procriação, aumentando a taxa de nascimento nos rebanhos, gerando inclusive vários nascimentos de bezerros gêmeos, algo pouco comum. Ao chamar atenção da comunidade em geral, acabou revelando que, na verdade, era médico de humanos, tendo servido como oficial da aviação alemã durante a Segunda Guerra Mundial.

O Dr. Rudy Weiss era um homem de cabelos e olhos castanhos escuros, bigode sempre aparado, olhos frios e fala mansa, que carregava uma inseparável valise de couro preta, a típica mala de médico. Ao ser mais conhecido e procurado pela comunidade, ele revelou que praticava a medicina animal por ter trabalhado com uma indústria farmacêutica na

Argentina para este fim. Segundo ele, era essa empresa a origem dos medicamentos, um tanto quanto mágicos, que aplicava nos animais e nas pessoas, na forma de injeções. Sua fama de milagreiro atingiu a todos na cidade, gerando admiração na grande maioria e desconfiança em alguns poucos. Quando avisava que apareceria na cidade, seus pacientes organizavam as consultas, em rodízio, na casa de um deles, marcadas a cada meia hora, ou menos. O Dr. Weiss atendia a todos que o procuravam, demonstrando um nítido interesse em ajudar as mães que queriam engravidar. O principal alvo de sua atenção eram os gêmeos idênticos pré-existentes, nascidos nessa região, sejam adultos ou crianças, e principalmente, nos que vieram a nascer através de seu trabalho. De todos, ele coletava amostras de sangue, chegando a retirar pequenas biópsias de pele. Para as mães, ele ministrava comprimidos que trazia premeditadamente, por vezes, junto a injeções desconhecidas. A Kombi carregava um pequeno estoque, precisamente calculado para seu público, dentro de uma geladeira improvisada.

Entre as consulentes de hoje, a Sr^a. Amélia Angst leva um casal de gêmeos idênticos de três meses para o Dr. Weiss conhecer, já que ela considerava ter engravidado somente após o tratamento com suas miraculosas injeções. A Sr^a. Angst era filha de um ex-oficial do exército alemão, que conseguiu escapar para Bruges em 1945. Sua fuga era digna de cinema. Os seus últimos anos de serviço como oficial em Auschwitz ajudaram a colocar seu nome na lista de Odessa, preparada para ajudar os nazistas a fugirem para América do Sul, entre outras regiões, levando-o a escapar quinze dias antes de as tropas russas invadirem a Alemanha. Trocando de nome, levando documentos falsos e passaporte argentino, gentilmente oferecido por Juan Perón, conseguiu chegar até a Bélgica, sendo ajudado por um segundo grupo que cuidava dos que estavam na lista. Poucos dias depois, alcançou os canais de Bruges, onde, navegando às escondidas, atingiu o porto, pegando um navio de bandeira argentina rumo a Buenos Aires. Junto a ele, encontravam-se muitos outros oficiais, num total 911, de uma só vez. Em seguida, localizando a região combinada, próxima à fronteira argentina, partiu em busca de ex-colegas, familiares e outros oficiais que lá estavam há muito mais tempo, aguardando por novas ordens. A população da cidade era quase que integralmente composta por descendentes de alemães que chegaram na região no início do século, sendo reforçada por oficiais que foram enviados a partir de 1939 com a missão de colonizar a região em nome do Novo Reich. Dr. Weiss trocava

cartas com alguns destes e, em especial, com o que se tornou criador de gado, Sr. Hans Angst. Ele costumava aparecer para fazer uma visita ao velho amigo, aproveitando o seu tempo livre para discutirem os novos passos daquilo que consideravam ser sua eterna missão.

À tarde, após muitos pacientes terem sido recebidos e medicados pelo gentil médico, um chá estava sendo preparado pelas senhoras da vila. Enquanto esperava, Dr. Weiss é levado pelo amigo Hans a uma sala reservada. O duo trava uma conversa que demonstrava o fundamento de sua relação.

“Eles querem que entreguemos para os que partirão para a Terra do Fogo, no final do mês. São ordens claras, não podemos negar”, diz Hans Angst.

“Não podemos fazer isso... você viu que temos resultados. Precisamos disso... com elas... quando eu conseguir controlar totalmente, faremos o que sempre quiseram... era o fundamento de tudo e somente agora consegui descobrir como! Com elas iremos a Neuschwabenland. Eu torturei e matei muitos para obter a informação sobre onde estavam... tenho o direito de ficar com elas... eu darei ao Reich o que prometi: a purificação da raça ariana. Mas ficarei com elas...”, falava lentamente o Dr. Weiss em tom monocórdico, sem emoção alguma, embora discutissem uma situação bastante crítica.

“Eles virão buscar... Se não entregarmos, você sabe o que farão... então, você tem que desaparecer, e eu vou dizer que você sumiu junto com elas... sem destino... direi que talvez tenha morrido... que perdemos contato totalmente... depois do chá, simule que irá retornar em 3 meses e não volte mais aqui... arranjarei para você ir a São Paulo... tenho amigos fazendeiros por lá. Ficará seguro por algum tempo... eu o encontrarei lá...”, completa Hans Angst.

9.

SEDE DA T^HULE BRASIL,
JARDIM EUROPA, SÃO PAULO.
MARÇO DE 2013, ÀS 16H.

“Quer dizer que o tal Werner Angst era amigo de infância do Gabriel Goldschmidt, e ambos tinham irmãos gêmeos idênticos?! Nossa... isso é meio macabro, não é?!”, exclama surpreso Armando.

Sentados à mesa, os quatro inseparáveis amigos avaliavam o que tinham conseguido ao lado de Mestre Germano. Espalhadas sobre a mesa escura de carvalho, encontravam-se todas as pastas e documentos trazidos da casa de Gabriel, já organizadas por assunto e por etapa de avaliação, incluindo uma área para as não relevantes. As duas pessoas mais indicadas para um aprofundamento no estudo eram Maya e Ana, já que se tratava de documentação científica. Fora isso, haviam encontrado o rascunho de um manuscrito do que revelou ser, ao ser lido, um parecer sobre a origem do altíssimo número de gêmeos univitelinos da cidade de Cândido Godói e, em especial, da região de Linha São Pedro.

Enquanto Maya e Ana estudavam esses documentos, discutindo entre elas, Mestre Germano acredita ser importante esclarecer a relação existente entre Gabriel e Werner Angst, de acordo com as informações que tinha.

“Meus amigos, eu não tenho detalhes tão profundos quanto possam esperar, embora Gabriel fosse como um filho para mim... Talvez eu saiba alguma coisa que possa ajudar a entender a relação entre os dois...”

Ao ouvir isso, Ana e Maya abaixam os papéis que liam, dando prioridade ao que se seguiria. David se volta para o Mestre, com certo ar de surpresa, devido à espontânea declaração, largando momentaneamente uma pasta que continha documentos pessoais de Gabriel:

“Na verdade, Germano, nós aguardávamos por isso... realmente esperávamos que não precisássemos perguntar...”, completa David.

Mestre Germano se levanta, iniciando um relato lento e cuidadoso nos detalhes, ao mesmo tempo em que circulava por trás dos que estavam sentados.

“Pois bem... Dado o acontecimento com Werner, noto que temos algo grave e que, de certa forma, eu previa que iria acontecer.”

Proferida esta primeira frase, os dois casais observavam o Mestre, impacientes pelo excesso de pausas entre as palavras usadas por ele. Levado pela impulsividade, Armando gesticula, expressando nitidamente com as mãos que ele se apresse e vá direto ao ponto.

“Vamos, Germano... solta logo!”

“Pois muito bem... as famílias Goldschmidt e Angst são amigas há mais de cem anos, significando que três ou quatro gerações de descendentes acabaram se envolvendo em trocas de DNA, casando-se e gerando novas famílias. De certa forma, Gabriel e Werner eram parentes distantes, pois, no passado, uma família firmou laços com outra. Quando Gabriel veio para São Paulo estudar Medicina, especializando-se em Genética, seu grande amigo de infância o incentivava a tentar aprovação em um curso que gostava e que tinha largado, vários anos antes, em Porto Alegre. Lembrem-se que Werner tinha alguns anos a mais que Gabriel. Assim, ele resolveu vir também e ambos acabaram estudando juntos, primeiramente em um cursinho preparatório por um ano, e, depois, ambos entraram na USP, onde Gabriel cursou Medicina e Biologia ao mesmo tempo, e Werner, Física. Aquela foto que me mostraram, tirada do porta-retrato que viram no apartamento de número 32, onde Werner vivia, era da época da faculdade. Foi nesse tempo que o pai de Werner faleceu... e, no meio da herança, ele recebeu uma caixinha que continha as duas barrinhas que vocês encontraram no fundo do arquivo...”

“Ai, meu Deus... os bastões de Toth eram dele mesmo!? Caramba! Fui eu a ladra da história... Mas então, por que ele os pegou daquela forma, sem cuidado algum? Ele deveria saber que eram perigosos!”, exclamou Maya, sentindo-se culpada pela morte de Werner.

Mestre Germano para de caminhar pensativo de um lado ao outro da sala, encarando Maya profundamente nos olhos.

“Não, ele não sabia... eu também não sabia... acredito que apenas Gabriel soubesse.”

A frase não poderia ter gerado mais mistério e confusão.

David se levanta da cadeira, indo de encontro ao local da sala onde Mestre Germano estava, próximo à janela:

“Como assim? Por que acredita que apenas Gabriel soubesse?”

“A conclusão é simples. Eu vi essas barrinhas em duas ocasiões: quando as tive em minhas mãos, há muitos anos atrás, sem o menor problema... elas não

estavam “ativadas”, logo simplesmente não produziam qualquer campo magnético... até ventilei a hipótese de elas não serem verdadeiras, e sim alguma cópia feita há muitas centenas de anos... pois então, até agora há pouco, era o que eu acreditava”, declarou Mestre Germano com muita calma e segurança.

“Então, algo ou alguém ativou estes Bastões de Toth, e agora são capazes de manipular a energia Vril”, completa David, de forma incisiva.

“Sim, creio que sim, e essa conclusão é evidente, devido ao que aconteceu ao Werner. Aquelas barras, ou bastões manuais, foram guardadas a sete chaves pelo pai dele. Quando ele as encontrou no espólio, pediu que o Gabriel avaliasse o que eram... Gabriel as trouxe a mim, e eu achei – erroneamente, como pudemos verificar – que eram falsas. Muito bem feitas, mas falsas. Como e por que estão funcionando é outro detalhe que vamos precisar descobrir, e talvez a resposta esteja nesses papéis que trouxeram.”

Maya e Ana retornam ao estudo das pastas e a leitura de seus documentos, sem dizer uma única palavra. Após alguns minutos, Maya separa várias páginas importantes, contidas em um dossiê composto por umas quinze páginas amareladas, grampeadas, escritas à mão.

“Olha só, pessoal... que letrinha ruim de entender, típica de médico”, ela se referia à péssima escrita de Gabriel... “Vamos lá, aqui tem algo a respeito da cidade de Cândido Godói... ele relata que os seus fundadores tiveram contato com a energia Vril, de forma impactante... pelo que eu entendo da letra... logo no começo da Primeira Guerra Mundial, quando várias pessoas do chamado Império Alemão, melhor localizado em um dos seus reinos, o Reino da Baviera, ficaram expostas a outro tipo de bomba... a explosão Vril. Neste relato, ele descreve várias bombas sendo usadas na época, o gás mostarda, gases venenosos variados, entre eles o gás clorídrico, extremamente mortal com possíveis efeitos de mutação genética... mas sua atenção se manteve em uma outra explosão... uma que pouco se fala, ou nada, é mencionada, ocorrida na Baviera. Aparentemente mais de cem de pessoas morreram, e outras quinhentas foram afetadas, sendo a população em geral que lá estava, digo adultos homens, mulheres e crianças. Essa explosão ocorreu por tentativa de manipulação da energia Vril feita... ops... pela Sociedade Thule que lá se formava...”

Maya ergue os olhos por cima de seus óculos de acetato preto, à espera de alguma reação por parte de Mestre Germano, antes de continuar a ler:

“É... eu sei e é lamentável...”, declara Germano, “... no começo, eles

ficaram mais entusiasmados com os poderes paranormais e psíquicos de sacerdotisas associadas a Geradores Vril de diversos modelos, como o Dorje, e estes Bastões de Toth, entre outros dispositivos, acabando por se matarem. O grupo envolvido nessa cerimônia de liberação do Vril... bem, morreu. A energia foi liberada por vários quilômetros, mas o que Gabriel escreveu no documento, após esse acontecimento?”

Mestre Germano tentava disfarçar o embaraço, ao mesmo tempo que estava ficando curioso com as possíveis investigações de Gabriel. Maya posiciona os seus óculos no lugar, retornando aos papéis, respirando profundamente, antes de iniciar a leitura.

“Bom, ele diz... interessante... vários dos fundadores de Cândido Godói estavam na região que foi afetada por essa radiação e, de uma forma ou outra, todos acabaram demonstrando problemas de saúde ou efeitos fora do normal... um deles é o início do nascimento de gêmeos idênticos, que se fez notar em poucos meses, ainda na Alemanha... parece que juntaram essas famílias de maneira a estudar ou acompanhar o que estava acontecendo com elas e, quando descobriram as que geravam gêmeos, enviaram-nas para o Brasil... Sendo esse um dado interessante, acompanhado por alguns seguidores da Thule, de lojas de outros locais da Alemanha, conhecedores de parte dessas informações... aqui diz que muitos deles migraram para a recém criada Sociedade Vril, antes da Segunda Guerra Mundial, com o nítido interesse de fortalecer o nazismo através de ideologias e poderes místicos especiais, além do científico...”, informa Maya. David aproveita a pausa e continua com as observações sobre o assunto: “Essas pessoas tornaram-se interessantes para a geração da nova raça ariana, um dos objetivos do nazismo, e seria feito também no Brasil...”

Sem dar trégua, Ana aproveita o momento, continuando a leitura dos documentos que estavam com ela. Segurando uma das pastas da pesquisa, lê algumas partes, já pré-selecionadas.

“Gente, agora faz todo sentido... veja a pesquisa de Gabriel voltada para esse rastreamento: ele descreve que vários levantamentos foram feitos para entender o porquê de tantos gêmeos homozigotos, ou seja, idênticos, encontrados principalmente na região pertencente a Cândido Godói, chamada de Linha São Pedro. Pelo que consta como levantamento oficial, o número de gêmeos idênticos é muito maior lá que em Cândido Godói como um todo... Mas veja, o número de gêmeos da cidade de Cândido Godói está aumentando, comparando-se a última avaliação de 2004 a 2008 x 1999 a

2003, temos 2,6% atual x 1,5% na taxa anterior. Em Linha São Pedro, continua aumentando de forma mais intensa. Vejam este número: entre 2004 e 2008, o número de gêmeos foi parar em 44,4% frente aos nascimentos de 1999 a 2003, com 33%... e lá vai o número sagrado novamente, o 33 para todo lado. Aliás, acabo de lembrar que esse é o número do apartamento do Gabriel... certamente bizarro pela coincidência... E outra pista: Aqui consta que oitenta famílias são consideradas as fundadoras da região, tendo vindo de diversos locais em variadas datas, incluindo outras cidades do Rio Grande do Sul, mas que especialmente... lá vai novamente... 33, foi o número de famílias destinadas para a região de Linha São Pedro... nossa... o famoso 33... será que tem algo a ver?”

Agora era Ana que fazia uma pausa, sem que ninguém perguntasse qualquer coisa.

Maya já estava pronta para continuar com suas observações sobre as anotações manuscritas, contidas nos papéis em suas mãos:

“Eu diria que toda vez que a gente colide com esse número, algo importante deve ser observado e, portanto, para nós é como achar um X grande no mapa do tesouro... Veja o que o Gabriel anotou aqui sobre isso: ele diz que as 33 famílias tinham, no mínimo, um integrante que havia estado na região atingida pela radiação Vril, e que estes selecionados, deveriam vir para a América do Sul, por ordens do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores, o qual já apontava para a criação do Terceiro Reich. Tudo estava sendo manipulado, e faz sentido o fato de, anos mais tarde, Hitler proferir um discurso oficial, disponível em vídeo, dizendo que eles colonizariam o Brasil e o tornariam uma nova Swabia. Sabemos que foi desde o início dos anos 30 até 39, aproximadamente, que um número enorme de soldados e oficiais alemães, puramente arianos, foram mandados para toda América do Sul, em especial para a Amazônia e Sul do Brasil, com o objetivo de criar colônias de descendentes, todos seguidores. Quanto mais fechadas essas colônias, maior a concentração genética...”

“Sim, Maya... estou lembrando que vimos fotos de índios louros, com olhos claros na Amazônia, em regiões distantes e sem quase nenhum acesso...”, disse David. “De fato, conforme registros, Schulz Kampfhenkel, um oficial da SS, foi o líder do projeto Guiana, encabeçado, como sempre, por Heinrich Himmler”, completa David, tendo a total concordância de Maya e do grupo sobre o tema.

“Aqui tem muito mais, pessoal”, informa Maya, apontando e virando o

documento para o grupo. “Vejam: segundo uma dissertação de mestrado, muito bem escrita e trabalhada, diga-se de passagem, realizada pela aluna Alice T. Ribeiro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ela e uma equipe chefiada pelas orientadoras Prof^a. Dr^a. Lavínia S. Faccini e coorientada pela Prof^a. Dr^a. Ursula Matte, procurou esclarecer os possíveis motivos desse número de gêmeos idênticos, fora do normal, existente na região de Cândido Godói. Elas questionam as lendas ditas a respeito de haver sido Josef Mengele o gerador deste fator. Segundo as lendas, Josef Mengele, o chamado Anjo da Morte, ex-oficial, médico SS e comandante de estudos horripilantes com gêmeos judeus nos campos de Auschwitz, teria tido várias passagens por aquela cidade, gerando o tal efeito. O trabalho da dissertação é procurar por motivos genéticos que possam ser os causadores desse número tão aumentado frente à taxa mundial de 1% a 2%, nos locais de maior ocorrência. A pesquisadora levanta a questão quanto a Josef Mengele poder ter gerado alguma alteração, e, se gerou, qual poderia ser.”

A esta altura, Ana estava muito interessada pelo resultado da dissertação e, por isso mesmo, questionou sobre a sua continuidade:

“Mas qual foi a conclusão que chegaram?!”

“Conclusão mesmo não é o caso. Chegaram a hipóteses, e a principal é a do efeito fundador... o que bateria com o manuscrito de Gabriel. Segundo a tese, acredita-se que os fundadores do começo do século já havia nascimentos de gêmeos em altas taxas. Elas rastrearam essas famílias e analisaram muitos parâmetros... um deles, e que eu acho mais interessante, é o gene TP 53 o qual expressa uma proteína chamada de p53, a proteína supressora de tumor. Ela é responsável por um mecanismo de reparo das células. Segundo consta na dissertação, trabalhos de outros pesquisadores citados demonstram que a p53 está ligada à gestação gemelar.” Maya parecia estar procurando por mais detalhes nos resultados, tendo parado de falar por alguns instantes. Ana aproveita o intervalo fazendo uma pergunta:

“Mas e qual foi o resultado? Foi significativo?”

“Sim, Ana, foi e mostra que temos algo a observar. Você se lembra que fizemos estudos em células da derme, os fibroblastos, que foram expostos a radiação solar UVA/B com o extrato de *Bidens pilosa*? Pois então, encontramos a p53 aumentada e o mecanismo de reparo da célula, proteção do DNA potencializado. Isso significa que, sob efeito de radiação... e o Vril é um tipo de radiação, vamos assim dizer... se for menos danoso, menos impactante e permitir as células se regenerarem, a p53 estará aumentada. Se

esse efeito causar uma mutação permanente no gene TP53... bem, isso explicaria sim os gêmeos e palmas para o pessoal da UFRGS..., mas espere... eles precisam da gente para as palmas finais!!!”, exclama Maya.

“Você não se contém e tem que fazer suas piadinhas!”, exclama a amiga Ana, rindo com a melhor amiga.

Armando se levanta, indo em direção à esposa, coçando a cabeça:

“Eu acho que entendi... mas daria para vocês resumirem isso de forma que um cara das ciências exatas possa entender?!”

Ele recebe um beijo da esposa, mostrando-se capaz de fazer a tradução simplificada em forma de síntese:

“Eu te dou umas aulas de Biologia Molecular e Genética em casa depois...”

“Ah tá, tô dentro!”, exclama Armando.

Depois de uma curta discussão entre os dois, David pede a Maya que feche o assunto para o grupo:

“Pessoal, a conclusão é superficial mas promissora. Portanto, aparentemente, com o conhecimento da energia Vril vindo da Thule e sendo Gabriel um integrante deste grupo, por vias de puro destino ou por objetivos pré-determinados... isso eu não sei..., ele obteve os dados suficientes para ligar a sua vivência no campo da Ciência Genética com os gêmeos da região de Cândido Godói, trabalhando incessantemente, pelo que vimos, de forma a descobrir o que havia gerado essa aberração numérica, e aparentemente... quando descobriu... o mataram...”

Novamente Armando está confuso, entretanto acompanhado nas dúvidas pelo resto:

“Mas... achei que o alvo era a Gabriela... então... o alvo era ele?!”

“Esse é o ponto Armando. Ainda não sabemos se foram os Muller que mandaram matar Gabriel e Gabriela, e estou começando a achar que pode ser uma história bem diferente”, completa David.

“Será que o Werner estava envolvido com os Muller? Será que ele realmente queria os Bastões de Toth por pertencerem ao pai dele? Mas se for isso, porque estava mental e emocionalmente alterado... muito alterado, diga-se de passagem?”, pergunta Maya para si mesma.

David se dirige ao Mestre esperando que ele complemente com mais informações:

“Mestre? Você tem algo a acrescentar?”

“Eu muito que gostaria, David, já que temos os mesmos objetivos em comum, mas nada que eu possa ter me recordado, neste momento, parece

fazer qualquer sentido ou apresentar ligação com o ocorrido... nada mesmo... creio que temos que nos isolar e pesquisar melhor”, declara Germano, serenamente.

10.

23H, QUARTO DO CASAL BACON.

Os acontecimentos dos últimos dias trouxeram um misto de tristeza e excitação em busca de pistas que revelassem dados a serem reunidos para desvendar a morte do casal de amigos e companheiros da Thule Brasil. Constantemente inquieta, a mente de Maya não parava de processar dados. Sua ânsia por um maior conhecimento a mantinha em constantes estudos e pesquisas.

Enquanto David terminava o banho, Maya continuava a remexer nas pastas que trouxeram. Ela não quis deixá-las no prédio da Thule, pois desejava ler com calma e dedicação cada documento, procurando por mais informações relevantes.

Sentada com as pernas cruzadas, recostada no respaldo da cama, vestia apenas uma leve camisola rendada em tom *nude-rose*, bastante sensual. Em suas costas, tinha o conforto de um travesseiro e, ao seu lado, no criado-mudo, uma pasta relativamente grossa, onde constavam alguns manuscritos de Gabriel, depositando à sua frente, os que estava avaliando no momento.

Naquele exato instante, ela detinha especialmente a atenção em um documento com 21 páginas. Na capa, havia apenas duas letras: JM. *Josef Mengele*, pensou ela, de forma bastante óbvia.

Ao abrir o dossiê, ela encontrou o relato de moradores antigos da região; entre eles o que falava sobre alguns velhinhos que diziam reconhecer o médico nazista, atestando ser ele, o visitante de 1960 a 1962. O dossiê trazia algumas declarações e suspeitas, entre elas a de uma misteriosa Kombi branca que costumava passar pela região, coletando amostras de sangue das pessoas. Talvez este veículo pudesse ter pertencido a ele e procedesse conforme a suas ordens, mesmo quando o médico não estava presente. Havia relatos de algumas crianças gêmeas desaparecidas, ligadas a mesma Kombi branca que passava na cidade e especialmente, pelo vilarejo de Linha São Pedro. Abaixo desses relatos descritivos, Gabriel escreveu a lápis detalhes que ela entende serem observações e conclusões importantes.

Maya lê em voz alta um deles:

“Ele mandou sequestrar alguns pares de gêmeos escolhidos e, tal qual fazia em Auschwitz, usava-os como cobaias, estudando suas peles e órgãos... mas onde fazia isso? Mengele tinha algum laboratório de apoio por perto ou teria que levá-los até 70km de lá, cruzando a fronteira do Brasil com o Paraguai, onde se presumia que morasse nessa época. O ato de ir e voltar da fronteira seria fácil, ainda mais naquela época, quando as estradas eram ruins e, por isso mesmo, eram pouco movimentadas e quase nada vigiadas... ele poderia ter arranjado algo assim, da mesma forma como fez em Buenos Aires, no início, trabalhando como médico clandestino que fazia abortos. Dessa forma, conseguia facilmente material genético e, depois, montando um protótipo de laboratório veterinário e farmacêutico... A história oficial confirma... o código das pastas... SP, Linha São Pedro... CG, obviamente é Cândido Godói.”

Ela faz uma pausa, perdida em seus pensamentos, completamente compenetrada, não percebendo que David estava sentado ao seu lado, sem roupas e com um ar peculiar. Sem dar chances a perguntas, ele retira os documentos que estavam espalhados à sua frente, colocando-os aleatoriamente no criado-mudo. Retorna com um sorriso maroto, retirando os óculos do rosto dela e depositando-os no mesmo lugar. Romanticamente, ele a toma no colo, levando-a até o centro da cama, onde com amor e delicadeza, beija-a, enquanto passeia pelo seu desejado corpo com as mãos e boca. Ela geme e se entrega totalmente. Ao lado deles, ele havia depositado a caixa aberta dos bastões de Toth, instruindo-a a não tocá-los até que estivesse pronta. Maya arregala os olhos, como despertando de um sonho, notando a caixa bem perto de seu corpo. Havia sido pega de surpresa. De ato bem pensado, David tinha em mente ativar as barras da mesma forma como ativaram o Gerador Vril¹.

“Mas o Dorje não era tão perigoso ao ser manipulado. Pelo menos, eu podia tocá-lo sem riscos, desde o começo...”, pensou ela, ao mesmo tempo em que a sedução e a entrega aumentavam.

David não se dava conta dos pensamentos da amada, ao contrário, parecia estar tomado por um desejo irracional que o fez perder o controle do processo tântrico, acelerando as etapas de conexão entre o casal...ela geme, tomada pelo prazer, domínio e sedução, contraindo-se como uma gata, agarrando-se às costas dele. Com dificuldade de concentração, ela diz o que a preocupava:

“Não... não toque nelas... elas são diferentes... não funcionam como o gerador...”

David não queria ouvir o que ela dizia. Ele sabia de algo que ela desconhecia? Acalmando-se, com suavidade, ele a impede de falar, usando uma das mãos, enquanto desfrutava da união de seus corpos, buscando o prolongamento do tempo de conexão. Maya está certa de que ele sabe algo que ela desconhece, mas deveria confiar no comando de seu amado. Em um movimento ágil, realizado com o cuidado necessário para que seus corpos não se desconectem, David e Maya posicionam-se sentados, frente a frente, com as pernas um cruzadas atrás das costas do outro, e assim permanecem por um bom tempo, sem pressa, sentindo a fusão total entre seus corpos e alma. Com o crescer da energia polarizada entre eles, a fusão era quase total, o êxtase se aproximava, devendo ser contido em busca da subida da serpente de luz pela coluna vertebral, ativando, assim, cada célula, cada órgão do corpo, fundindo-os com as realidades superiores. Ela entra em um total frenesi, sem volta, enlaçando David com suas pernas e apertando-o fortemente contra sua pélvis, chegando a arranhá-lo nas costas e braços, fruto da perda completa de consciência do que fazia. Ele não poderia mais se conter. Sem esperar, pega um bastão de Toth com a mão esquerda e o outro com a direita, apresentando grande dificuldade de controle, raciocínio e ação. David volta a enlaçá-la, mantendo os braços em paralelo, atrás das costas de sua amada, deixando os Bastões emparelhados, segurando fortemente cada um com os punhos fechados. Chegou a hora: tremendo e vibrando, era como se seus corpos estivessem recebendo uma forte descarga elétrica que os mantinha atados, reflexo consequente da subida da serpente de luz elétrica, a *kundalini*, pela coluna vertebral. O clímax é atingido com sua totalidade; o Vril jorra parecendo interminável. Um harmônico de 666Hz, a frequência angélica da conexão, é seguido por um outro de 999Hz em sustenido, a frequência angélica da unidade com a mente universal, tomando conta do quarto, acompanhado por uma intensa luz verde que saía das turmalinas cabochão localizadas nas pontas das barras de Toth. Em frações de segundos, a luz verde e intensa se transforma em feixes de *laser* que atingem o quarto, ricocheteando por todos os ângulos, descrevendo cubos e hipercubos de terceira, quarta, quinta e sexta dimensão.

Cada estrutura assim construída rotacionava sobre um eixo invisível, por um determinado tempo, e essas imagens eram projetadas na mente do casal, que continuava em frenesi, por segundos sem fim. As imagens geométricas estavam inseridas em suas mentes, vistas com os olhos abertos ou fechados, como projeções:

- § um cubo de 3 dimensões, 8 pontos e 3 rotações
- § um hipercubo de 4 dimensões, 16 pontos e 6 rotações
- § um hipercubo de 5 dimensões, 32 pontos e 10 rotações
- § um hipercubo de 6 dimensões, 64 pontos e 15 rotações.

Ao final da projeção, os feixes de *laser* se transformam em partículas que explodem, avançam e retraem, como que entrando em um vórtice ou buraco negro, obrigando o casal a ficar de olhos fechados por três segundos. O silêncio retorna ao quarto, e a luz dos abajures de cabeceira prevalece. O casal mantinha-se abraçado, na mesma posição, tremendo como resultado da forte corrente elétrica disparada do chacra da base para o chacra da coroa e o seu exagerado tempo de sustentação. Respiravam aceleradamente, parte devido ao êxtase prolongado e parte pela surpreendente imagem projetada, a qual era tão real e impressionante que mimetizava o puro arrebatamento. Talvez tudo tenha apenas ocorrido em suas mentes, o que não impedia a realidade experimentada.

Ainda abraçados, David sustentava Maya, a qual diferentemente de outras vezes, estava extremamente extenuada.

“Você está bem? Sinto a sua energia baixa...”, ele pergunta, demonstrando preocupação.

“Preciso deitar... parece que sugaram as minhas forças... estou fraca.”

David a pega em seus braços, demonstrando amor intenso no gesto, deitando-a na cama e cobrindo-a com o lençol.

“Vou buscar um suco de fruta, algo com carboidrato para que reponha a energia. Pode ter sido o Vril gerado e não completamente controlado... eu já volto.”

Ele veste um roupão de algodão leve, azul-marinho, de mangas curtas, com comprimento acima dos joelhos. Mesmo sem energia e parecendo estar tonta, como se estivesse alcoolizada, Maya admira sua forma, não resistindo à inevitável exclamação: “Sexy”, diz ela com um sorriso de Monalisa no rosto, seguido de uma expressão facial de mal-estar.

Assim que ele sai, ela percebe as duas barras ainda na cama, estando a uns 40cm de distância. O impulso de tocá-las era imenso, mais foi imediatamente contido por um novo comando mental. Mantendo o olhar firme sobre elas, recebe um *solfeggio* como resposta: 396Hz, a frequência harmônica de liberação do medo, soando lindamente por 13 segundos.

“Não tenha medo... é isso, não é? Eu tenho que pegar vocês, certo?”, Maya conversava com os Bastões de Toth, sentada na cama, quando David entra

carregando um copo de leite e biscoitos de nata.

“O que foi?”, pergunta ele, “Recebeu alguma intuição ou mensagem?”

Ele coloca o copo de leite na mão direita dela, e já tinha uma bolacha a espera para colocar em sua boca. Assim que Maya come uma bolacha e toma o copo de leite, começa a se sentir melhor. Deixando o copo e o prato sobre a mesinha, ela pede que eles tomem um revigorante banho de chuveiro, auxiliando a liberação da energia estática adquirida durante o processo de ativação da energia Vril.

Voltando da ducha, ela veste a camisola. Sentando-se na cama, sobre os joelhos:

“Me conta... como sabia que tínhamos que fazer isso de novo... dessa forma... e que daria certo? Poderíamos ter morrido, ou sei lá o que... Eu juro que senti um misto de receio misturado ao prazer mórbido do risco e por isso... uau... foi o melhor que já tivemos até hoje... vai conta!”, ela o cutuca o braço dele. David veste o pijama composto por camiseta regata e short curto, azul claro, com detalhes de faixas finas e circulares em azul-marinho na altura da cintura e da gola. Em seguida, senta-se ao lado dela, recostado na cama, com as pernas retas, cruzadas a altura dos pés, parecendo bastante relaxado:

“Na verdade, eu não sabia ao certo... eu arrisquei. A conclusão é que, se todas as civilizações da Terra pertencentes à última raça, a terceira, que foi destruída pelos desastres ambientais, há mais de 12.600 anos, antes da nossa raça, a quarta, utilizavam o mesmo nível de tecnologia, mudando a cara dos aparelhos ou não, no caso, provavelmente os últimos do continente da Atlântida ou Lemúria, que sobreviveram e deram esse conhecimento aos egípcios e a outros povos... Bem o que eu quero dizer é que... esse instrumento deveria poder ser ativado da mesma forma e através da mesma energia magnética que o Gerador Vril dos Vedas... a força magnética do amor, a mais potente de todo o universo, aliado ao fato de sermos feitos para ativar essas ferramentas, o que não resta dúvida. O que fizemos foi apenas ativar a instalação do programa certo. Esses Bastões de Toth, de agora em diante, respondem à nossa assinatura frequencial e a de ninguém mais... colocamos a nossa senha, durante a instalação!”

Maya levanta o olhar para a esquerda, inclinando a cabeça para o seu lado direito, querendo trazer a resposta de dentro de si mesma, como geralmente fazia:

“Mas por que será que eu estou sentindo um certo receio que não me é

comum, e, ao mesmo tempo, esses objetos me mandaram a frequência da eliminação do medo?”

“Princesa, isso eu não sei... o que eu estou seguro em dizer é que, de agora em diante, poderemos usá-las da mesma forma que usávamos o Dorje.”

“Ok... quero dizer... acho que ok... e aquelas imagens que se formaram, as de outras dimensões, através do exemplo da geometria cósmica...você entendeu o que eles queriam dizer com isso? Da última vez que isso aconteceu, foi mais simples...eram figuras menos estruturadas e mais densas...”

Maya estava cheia de dúvidas. A troca de ideias com David, como sempre, levaria às conclusões fundamentais.

“Você se refere a Oak Island e ao hipercubo que se formou sobre o poço, pouco antes dele se transformar na Arca com os cristais?”

“Sim... isso mesmo!”, exclama Maya, feliz por ele ter entendido perfeitamente o que ela tinha em mente.

David avalia melhor as hipóteses formadas em sua cabeça, ao mesmo tempo, abrindo a mente para receber alguma informação de outra dimensão.

“Sim... de fato... havia uma diferença entre elas... uma trazia da quinta dimensão para a quarta de espaço-tempo. O que vimos hoje era algo que levava da quarta para a sexta... o porquê eu não sei e creio que o melhor a fazer, neste momento, é apenas arquivarmos estas informações. Sabemos que elas não foram enviadas ao acaso. Elas farão sentido, em breve.”

A babá eletrônica acende a luz de aviso, e o chorinho manhoso de Suri é ouvido claramente.

“Na hora! Momento certo para voltar a aterrissar na Terra! Mamadeira a ser preparada!”, diz Maya, indo em direção à cozinha.

“Pode deixar que eu pego ela!”

Antes de David ir até o quarto do bebê, ele se recorda de colocar os Bastões de Toth em sua caixa, assim os manteria guardados em lugar seguro. Notando que Suri não mais chorava e apenas resmungava espaçadamente, ele se inclina sobre a cama, movimentando ambos os braços, de forma a pegar os dois Bastões ao mesmo tempo, sabendo que não poderia encostar um no outro. Para sua total surpresa, porém, a menos de 5cm de tocá-los, um campo de força se forma em torno dos aparelhos, impedindo que fossem tocados e deformando a matriz de espaço-tempo em torno da bolha cristalina que se tornou visível ao redor deles, sendo expandido até 30cm de diâmetro. Nitidamente, um ajuste de sua realidade frequencial estava em andamento.

Uma nova assinatura de coordenadas era criada. Dentro da bolha, fótons começam a eclodir, vindo, ao que parecia, da turmalina engastada no cabo metálico, batendo nos limites da bolha e colidindo entre si, gerando mais e mais explosões, como em um acelerador de partículas. David pega a câmera digital Nikon, semiprofissional, D7100, HD-SLR, que estava sobre o balcão, em frente à cama e filma o incrível efeito, notando através do painel digital, nas costas da máquina, que a gravação era possível e bem visível, gerando efeitos parecidos aos obtidos pelos físicos do CERN, as partículas subatômicas. Após algo em torno de um minuto presenciando esses efeitos, sem aparente mudança, um som como o de um sino tibetano em formato de vaso, associado ao de gantas, sinos em formato convencional, soa e ressoa, tal qual seria o proveniente de um único badalo dado por um monge. “O harmônico é incrivelmente lindo”, pensava ele.

O magnífico som mantém-se por mais alguns segundos até que soa o efeito de um novo badalo, mantendo-se por menos tempo e, então, soa novamente, com menor duração e finalmente soa o último badalo por apenas poucos segundos, acompanhado de uma explosão de luz ainda mais intensa, obrigando David a proteger os olhos, virando o rosto para o evento, mas mantendo a câmera, o máximo possível, na posição. A normalidade do ambiente volta em um passo de magia. Demonstrando grande dificuldade em enxergar, como se um *flash* de luz tivesse sido disparado bem no rosto, David precisou piscar várias vezes para voltar a ver, sendo esta visão uma surpresa ainda maior: depositados sobre a cama estavam os dois Bastões de Toth; entretanto, fazendo parte de um novo sistema. Entre eles, integrado como um novo corpo, achava-se um material cristalino e flexível, lembrando um vidro de safira, típico dos que se usam nos relógios, tamanha a sua finura. Nitidamente flexível, o material era delicado, parecendo vivo ao apresentar um circuito elétrico cintilante que, de acordo com o ângulo em que era visto pelo observador, suas cores e reflexos se alteravam, ocorrendo inclusive uma mudança em seu formato, parecendo ondular ou deformar, a maior ou a menor. As duas barras transformaram-se nas bases ou rolos de um pergaminho, sustentando o corpo do que poderia ser um sistema formado a partir de nanocristais de safira, uma placa flexível, cristalina e transparente, que parecia estar funcionando em *stand by*, como em um computador.

1. A ativação do Gerador Vril foi obtida com a subida da serpente de luz, pela coluna vertebral, *kundalini*, ativando o aparelho chamado de Dorje ou Gerador Vril. Esta cena foi narrada em “O Sol Negro – O Retorno das Sociedades Secretas do Vril”.

11.

SUBÚRBIO DE BUENOS AIRES
11 DE MAIO DE 1958, MEIA-NOITE.

Na sala de uma mansão nos arredores de Buenos Aires, dois homens conversam em alemão. O mais magro, de 52 anos, tem cabelos castanho-claros e demonstra uma calvície em desenvolvimento. Sua pele é muito branca e, por isso, destacam-se olhos claros, cuja tonalidade é constituída por uma mistura de azul e verde com um pouco de cinza, reunidos em traços frios e sem emoção. O rosto oval e a estatura mediana para alta, combinava com a magreza que lhe era peculiar.

O segundo tem 47 anos, aparentando a mesma estatura, cabelos e olhos castanhos, ombros mais largos e mais forte. Ele gostava de usar bigode ao estilo de Hitler, o qual se destaca no rosto retangular, sem outra expressão, a não ser a de desprezo e deboche.

Nesse momento, a discussão feita em tom baixo, gira em torno de algo que era temido por ambos, evitando usar a palavra que denominava esse temor: o Mossad, o serviço de inteligência de Israel que caça fervorosamente esses dois nazistas, entre outros, responsáveis por centenas de milhares de mortes de judeus, ciganos e negros. O mais velho é Adolf Eichmann, usando a falsa identidade de Ricardo Klement, enquanto o amigo, sentindo-se com um maior poder desafiador, continua com o seu sobrenome, chamando-se de José Mengele, nome que constava em um passaporte argentino guardado permanentemente em seu bolso, preparado para fugir para o Paraguai a qualquer momento, caso o Mossad, que trabalha encoberto e ilegalmente na Argentina, encontre a sua pista. Até a ocorrência de um recente cerco, mais precisamente realizado pelos agentes do Mossad, eles costumavam passear tranquilamente por Buenos Aires, sabendo que eram protegidos pelo regime, mas ultimamente, o perigo de serem contrabandeados pelos agentes israelenses aumentou; por isso mesmo tinham muita pressa em descobrir os poderes de dois objetos roubados de outros oficiais de alta patente da SS, capturados em 1945 e que, como eles, tentavam a fuga. Nesse momento, encontrava-se, em poder de ambos, uma caixa feita de madeira com dobradiças e fecho dourado. Dentro dela reside a esperança de convencerem

os outros, que aguardam na Terra do Fogo, para serem levados para New Berlin, na base secreta da Antártica. Se esses objetos sagrados para os ocultistas da SS, fossem “ligados” ou “ativados” pela energia Vril, eles poderiam negociar a sua estadia na moderna e gigantesca cidade abaixo das geleiras, cavada dentro das rochas para toda posteridade.

“Herr Eichmann, Herr Mengele, tudo está pronto. Podemos começar”, diz um outro ex-oficial da SS que também mantém as insígnias e a caveira prateada presas provisoriamente sobre o terno preto civil que usava.

Além dos dois, cinco homens que estavam vestidos com suas túnicas brancas, descem uma escada de madeira que leva ao porão. Uma área de aproximadamente 90m² estava preparada para o que se seguiria. Pintado no chão, sem muito esmero, mostrando um misto de decadência e desespero, o símbolo do Sol Negro. Os dois amigos observam a cerimônia ficando um pouco afastados, já que, no fundo, achavam-na parte das idiotices criadas por Himmler e Hess, líderes incentivadores da Sociedade Vril. Algumas poucas lâmpadas incandescentes proviam a fraca iluminação. Os cinco homens se posicionam nas pontas das suásticas interligadas, notando que alguns lugares estavam vagos. “Tem que funcionar, mesmo assim...”, pensava Mengele, com os olhos injetados de raiva e tensão. Ao centro do Sol Negro, uma jovem muito loura e de olhos azuis, magra e aparentando estar drogada, cambaleia para acertar onde deveria esperar, sendo ajudada por outra que estava um pouco melhor. Ambas vestiam uma túnica branca, ao estilo etrusco, com estola, ajustada no ombro e caindo mais solta até os pés descalços. Os cabelos muito compridos, eram amarrados em um rabo de cavalo, o qual chegava até a altura dos quadris. No fundo da sala, sinos tibetanos de diversos tamanhos e modelos, *tingshas*, gantas e vasos sonoros estavam agrupados e preparados para serem tocados por um homem bem mais velho, vestido como um sacerdote, trajando um manto todo branco com um capuz que cobria a cabeça. Os pequenos *tingshas* soam 3 vezes, seguidos por gantas. Para o tantra, *tingshas* iniciam a conexão energética, como em um despertar. Os gantas, um modelo de sino acoplado a um Dorje, motivam e expandem a energia feminina. Após o derramamento dessa energia no ambiente, vasos sonoros são tocados e circulados com bastões de madeira e, em conjunto com gantas, trazem a energia masculina à feminina, fechando o ciclo para o processo de geração da energia vibracional necessária, a transformação através da manipulação do Vril. Uma terceira jovem aparece trazendo uma bandeja de ouro com tacinhas do mesmo metal, contendo uma

pequena quantidade de líquido a ser ingerido. Ao som do badalo dos sinos, eles ingerem o conteúdo por completo e, em poucos minutos, transformam-se em seres cambaleantes que viam imagens projetadas de suas próprias mentes, ou as que eram oriundas do plano astral, sendo estas as mais assustadoras. Uma das três jovens vai ao centro da estrela e entrega uma caixinha para a moça que ocupava o lugar da sacerdotisa principal. Ritmada pelos sinos, ela abre a caixa, mostrando o conteúdo para todos, enquanto girava no mesmo lugar. Os objetos que estavam fixados nos encaixes eram os Bastões de Toth, recebidos de arqueólogos alemães, logo após o seu descobrimento, em um túmulo real no Egito, pela equipe de arqueólogos e soldados a serviço da Ahnenerbe e da SS, em uma de suas muitas expedições pelo mundo, antes e durante a Segunda Grande Guerra. No porão, o grupo trocava constantemente de posição na estrela, seguindo as ordens do sacerdote. Todos sabiam do poder desses lendários objetos, os mesmos que exterminaram as várias das equipes de especialistas e curiosos que tentaram operá-los. Alguns membros da Ahnenerbe que também faziam parte da Sociedade Vrill acreditavam que eles somente seriam controlados através de uma cerimônia específica, envolvendo drogas alucinógenas e sexo mágico. Assim, mesmo achando idiotice, sem outra alternativa melhor, os dois amigos concordaram com o procedimento. No meio da cerimônia, o momento de abrir a caixa e tocar os Bastões se aproximava. Eles estavam prestes a serem retirados da caixa pela sacerdotisa, que tinha nitidamente alcançado um profundo transe, não mais se preocupando com o risco que o ato em si, representava.

Interrompendo o momento de tensão, uma gritaria associada ao som de pessoas correndo pelo andar superior quebra a concentração do grupo. O alçapão do teto é aberto brutalmente, soando alto a batida da pesada madeira no piso superior, chegando a arrancar parte do gesso de acabamento da parede mais próxima.

Um dos seguranças que guardavam a casa entra no porão aos gritos, avisando que teriam que sair pela passagem do túnel que levava a outra casa, na rua de trás.

Os agentes do Mossad estavam cercando a área.

“Erlassen bald! Chutz bieten!”, gritava o ex-oficial da SS para que eles se apressassem. Ele e seus colegas os protegeriam e impediriam que os agentes israelenses entrassem na casa, mesmo que custasse suas próprias vidas.

Josef Mengele e Adolf Eichmann arrancam violentamente a caixa das mãos da sacerdotisa drogada e sem reação, fechando-a. São os primeiros a

entrarem no túnel. Usando lanternas, rastejam até chegarem ao ponto de encontro, sendo que lá, um jovem motorista já os esperava em um carro preto. O Ford Edsel modelo do ano de 1958, parte levando Eichmann e Mengele para o aeroporto, carregando unicamente a caixinha em sua valise de couro preta. Vinte minutos depois, o Edsel preto estaciona na entrada do aeroporto, e Mengele desce, segurando fortemente sua valise, inclinando-se para falar com o amigo que se mantinha no banco de trás, encolhido e com a cabeça coberta pelo chapéu.

“Você precisa fugir... venha comigo para o Paraguai. Eles o encontrarão, cedo ou tarde! Há um pequeno avião aguardando, e ele nos levará imediatamente para Assunción.”

“Eu não posso, minha família... minha família... eu vou fugir com eles, somente com todos eles!”, dizia Eichmann, de maneira emocional e extremamente apavorado.

Josef Mengele dá de ombros, acena e dirige-se a janela do motorista, pedindo que o escondesse essa noite.

“Hans, a segurança de Herr Eichmann depende de você.”

“Tal qual meu pai eu o farei, pois a família Angst sempre servirá ao Reich. Heil Hitler!”

A porta de trás do carro preto se fecha, levando Eichmann de volta para sua família. Em breve, inevitavelmente, será encontrado, sequestrado e levado a Israel para o julgamento que se seguirá.

12.

SALÃO PRINCIPAL DA
THERULE DE SÃO PAULO.
17/03/2013, 10H.

Reunidos por um chamado de emergência, Mestre Germano convocou apenas um dos cavalheiros para fazer parte do grupo, Rafael, tendo chegado de Buenos Aires na noite anterior, hospedando-se no mesmo prédio. David, Maya e Ana estavam sentados, aguardando o momento da discussão. Armando tinha a sua frente o *notebook* ligado a uma TV de LED de 60 polegadas, mostrando-se extremamente excitado em revelar suas conclusões, geradas a partir de análises baseadas nos resultados obtidos pela aplicação de *softwares* especiais, sobre o filme registrado por David na noite anterior.

Enquanto todos se ajeitavam em seus lugares, após terem disfrutado um café da manhã completo, servido sobre o buffet, ao lado da mesa, Mestre Germano convida Armando a liderar a reunião. Ele se posiciona ao lado da tela, comandando a apresentação a partir do *tablet* de 10 polegadas que tinha em mãos.

“Bom, vou explicar desde o começo, pois o Mestre Germano e o Rafael não sabem do que se trata, já que simplesmente telefonamos às oito da manhã dizendo que estávamos a caminho e mais nada...”

Armando estava um pouco tenso e sem saber por onde começar, já que vários dados estavam borbulhando em sua cabeça. Respirando profundamente, realizava vários movimentos com os ombros e pescoço, com a ajuda das mãos, de um lado para o outro, demonstrando que tinha intenção de minimizar o cansaço e a tensão.

“Bom... é... sempre digo esse... “bom”... antes de começar... vamos lá... o David me ligou por volta das duas da manhã para que eu visse um filme que ele tinha gravado depois que ele e a Maya... vocês sabem... daí que eu virei a noite para conseguir o que vou mostrar.... bem, eles fizeram aquelas coisas novamente, e a gente sabe que, quando eles fazem essas coisas, ou a casa implode ou sai raio para todo lado...”

As pessoas presentes riam sem parar da forma espontânea como Armando costumava se comunicar, sem delongas.

“O David resolveu ativar as barras egípcias, ou Bastões de Toth, com a Maya, e no final daquelas coisas... bom, deu certo novamente... mas algo diferente aconteceu... uma série de arquiteturas geométricas se formou, remetendo imagens que vinham da sexta dimensão para a quarta de espaço-tempo. Dessa parte nós não temos filme, infelizmente... seria meio complicado, de fato, pois eles estariam no meio da coisa... e...” David resolve interromper Armando: “Meu irmão, você poderia pular esses comentários e focar somente nas conclusões?! Hein?!”

“Ahm?! Ah, claro! Bom, é que isso faz parte do mecanismo...”

David lança um olhar mais intenso a Armando, enquanto Maya e Ana riam sem parar, tendo que segurar o estômago de tanto gargalharem. Mestre Germano e Rafael tentavam manter a classe e não rir... muito.

“Tá... tá bom, vou direto ao que interessa...”

Ele se vira para David: “mas não sei qual é o problema... todo mundo sabe o que vocês fazem e como fazem...”

David lança mais um severo olhar de reprovação para o amigo, fazendo-o engolir a seco: “Ok, ok... vou falar de uma maneira diferente... quando eles se conectaram no ponto certo...”, Armando se vira para David, cochichando: “...tá bom assim? só palavras técnicas...”

Ele endireita o corpo e volta a falar com o grupo: “... um mesmo padrão já conhecido no passado se instalou, ou seja, os harmônicos e a luz trabalhando em uníssono para a construção da geometria cósmica, tal qual aconteceu com os nossos antepassados, construtores de pirâmides e outras arquiteturas megalíticas ao redor do mundo. No nosso caso, pelo ocorrido ontem, David e Maya não sabem dizer quais eram as frequências dos harmônicos antes da gravação, mas elas foram o suficiente para construir sólidos geométricos que não chegaram à densidade física logo de imediato... o que eles viram foi uma dança de feixes de fótons que apareciam do campo original, da membrana original, da qual toda matéria traz a sua existência, sendo ela mais uma frequência que uma localização em si... e através destes choques de partículas que veremos no filme do David é que podemos entender a origem desses objetos considerados sagrados e, eu diria, interdimensionais e altamente tecnológicos, que vêm do campo do invisível para o visível, ou melhor, para o perceptível, dentro dos nossos órgãos sensoriais... o que então explica que eles sempre estiveram lá, na forma de ondas, de frequências e nós nunca os percebemos por não termos tido a capacidade de nos conectarmos com estas frequências de luz. Eu acredito que o filme falará por si só.”

“O que você está sugerindo está relacionado com a Partícula de Deus ou o chamado Bóson de Higgs?”, pergunta Rafael.

“Sim, e a sua pergunta é autoexplicativa... estamos falando da origem da densidade de matéria na realidade que acreditamos existir e que tudo tem que começar com a partícula fundamental, aquela que atribui massa ao que será matéria e que antes era pura vibração, onda, vindo do campo do invisível às nossas percepções. Segundo o cientista Ray Kurzweil, no final do século XXI teremos uma nova tabela periódica feita com partículas com densidade de energia negativa ou massa negativa, chamadas de matéria exótica, sendo partículas que desafiam as leis da Física por curvarem a matriz de espaço-tempo, podendo expressar propriedades supercondutoras. Alguns são conhecidos como metais monoatômicos... um exemplo disso era o que os egípcios chamavam de Campo de Mfkzt...”

Maya tem um sobressalto, praticamente saindo da cadeira ao ouvir esse termo:

“Mfkzt?! É um dos códigos que Gabriel colocou em suas pastas arquivadas, com os estudos científicos!”

Mestre Germano dá um largo e franco sorriso. Apreciava ver pessoas chegarem a conclusões brilhantes.

“Armando, não sei o que mais vai dizer, mas até agora o que posso manifestar é dar-lhe os meus parabéns pela sua sempre presente inteligência associada ao grande espírito!”, elogia Germano.

Armando agradece com um sinal de positivo em seus dedos, continuando com as conclusões:

“Sim, faz sentido... O mfkzt e a Partícula de Deus...o Campo de Mfkzt, que pode ser entendido como o campo de Higgs, e ainda temos que observar, como consequência, o campo gerado pelos supercondutores, o campo de Meissner mencionado e medido atualmente pelos físicos. Tudo se refere ao mesmo conhecimento... o da origem da energia Vril e suas diversas formas de se manifestar na quarta dimensão.”

O grupo congratula pela apresentação com aplausos efusivos.

“Muito bom, amigo... muito bom mesmo... mas, se você sabia o que essas quatro letras significavam, por que não nos disse antes?!”

“Eu estava esperando por mais dados... isoladamente este conhecimento pouco acrescentaria, mas agora fará todo sentido.”

Mestre Germano se levanta da cadeira e resolve falar:

“David, eu também desconfiava que essas quatro letras fossem o que

Armando acabou de dizer, mas esperei, como ele, por mais dados. Durante uma palestra que fiz aqui mesmo, na Thule, há alguns anos atrás, quando você ainda não pertencia ao grupo, eu abordei esse assunto... o ouro sagrado dos faraós... o maná do livro do Êxodo, da Bíblia. Ao que parece, Gabriel a aproveitou muito bem, de uma forma que entenderemos em breve, pelo que podemos intuir... continue Cavalheiro Armando!”

David ergue as sobrancelhas, um tanto quanto perdido e inconformado. Em seguida, dando de ombros e balançando a cabeça em sinal de desaprovação. Maya aproveita a deixa:

“Tá vendo?! É assim que eu me sinto quando você esconde suas conclusões ou informações. Agora você me entende, né?”

“Pessoas são complexas, cada um a seu modo...”, diz David, de certa forma, mal-humorado.

Aguardando essa conversa paralela terminar, Armando volta à tela de projeção:

“Vejam, parando o filme, quadro a quadro, tivemos conjuntamente com as colisões de partículas, quatro harmônicos fundamentais, conhecidos no meio místico como sendo as frequências dos anjos. Eu usei um software para medir o tempo e as frequências, identificando-as... claro, as que sabemos identificar... pode ser... e eu diria, muito provavelmente, que outras subfrequências estejam juntas com estas... Pena, pois, por ora, ficaremos sem esses dados. Assim, começamos com 666Hz tendo variações da nota lá, oitava acima e abaixo, que se manteve por 64 segundos, considerando as variações, em seguida, de 555Hz, da mesma forma apresentando variações da nota mi, que se manteve por 32 segundos. Daí veio o 444Hz em dó, que se manteve por 16 segundos, e finalmente o 333Hz, com variações em sol, durando 8 segundos e boom! Apareceu a placa flexível de cristal presa aos Bastões de Toth!”, concluiu Armando eloquentemente.

“O cristal safira... a Pedra Safira... Schethiyâ... é o Schamir!”, exclama o Mestre Germano, extremamente empolgado.

“Como sabe? Teríamos que testar para saber se é composta de safira?”, pergunta Rafael, tendo o resto do grupo em total silêncio.

Mestre Germano se levanta:

“Bem, é simples. Analisando a origem dos Bastões, reconhecidas pelas gravuras antigas como os Bastões de Toth, podemos concluir que temos em mãos a chamada Tábua Safira, Pedra Safira, entre outros nomes nas escrituras sagradas, ou ainda Pedra do Raio.”

“Boiei... o Armando começa com Física Quântica, daí vocês pulam para misticismo judaico... eu confesso que fiquei precisando de mais dados... podem fazer um download maior, por favor?!”, Ana se expressa de forma simpática.

“Eu confesso que estou na mesma e preciso de mais”, completa Rafael.

Maya parecia eletrizada, pois esse era um assunto pelo qual tinha paixão e interesse, tendo-o estudado ao longo de sua vida. Ela se levanta da cadeira, indo em direção à tela de projeção, onde a imagem da Tábua Safira estava congelada em uma foto.

“A tábua do testemunho, apresentada no Êxodo, da Bíblia católica, e na Torá, dos judeus, foi trazida por Moisés do alto do monte Horeb, feita de uma safira divina chamada Schethiyâ, a qual ele carregava na palma da mão... bem parecido com um iPad...”, ela não conseguiu se conter e acabou fazendo uma piada.

“Existe a possibilidade dela ser o Schamir, a Pedra Relâmpago usada por Salomão? Bem, basta lembrarmos que a história conta que Moisés tinha duas placas, uma em cada mão, tal qual se vê representado nas gravuras. Assim, uma seria a chamada Schethiyâ, ou Pedra do Testemunho e a outra o Schamir, Pedra do Raio... com um pouco de sorte, quem sabe essa nossa seja um upgrade, estando as duas juntas?!”

“Quer dizer que essa pedra, ou melhor, esse negócio que vocês geraram ontem à noite, é a pedra que Moisés carregava?”, pergunta Rafael mostrando estar desnorteado.

“É a mesma de Toth, a mesma de Salomão, com a qual ele construiu o templo, cortando pedras e fazendo-as levitar... melhor dizendo... é a mesma tecnologia; entretanto, eu não creio que sejam exatamente os mesmos objetos... foram vários os tablets que se venderam na época!”, completa Maya.

David acha a discussão deveras interessante, resolvendo participar melhor, demonstrando conhecimento aprofundado:

“Como bem mencionamos, várias vezes, diversas civilizações ao redor do mundo demonstraram usar as mesmas técnicas de construção, principalmente as que estão ligadas aos sítios megalíticos, como o Armando bem mencionou. Eles precisavam cortar e mover pedras de dezenas de toneladas, por outras vezes, chegando até centenas de toneladas. Está claro que alguma tecnologia em comum foi usada e para tal, temos algumas possibilidades... campo magnético neutralizando a gravidade, zero point energy, ou energia de ponto

zero, laser cortando pedras, eletricidade via wireless... esse conhecimento pertenceu a uma ou mais civilizações que foram destruídas no nosso passado distante, como as de Atlântida e Lemúria, sem falar dos Arianos dos polos, quando estes eram verdes e habitáveis, sendo os que sobraram dessas civilizações os responsáveis por terem passado algo adiante, ora na transferência dessa tecnologia, ora na forma de equipamentos, ou ainda... quem sabe... talvez não seja o caso de ser “isto ou aquilo” e sim “isto e aquilo”... o que eu quero dizer é que, além desses que possam ter sobrado de cataclismos quase totais, haja a interferência de seres extraterrestres, que no intuito de potencializar o nosso desenvolvimento, disponibilizaram artefatos tecnológicos e técnicas, como as dos harmônicos, para gerar eletricidade, campo magnético, levitação, raios de corte, etc.”

“Taí... eu concordo com esse conceito de ser ‘isto e aquilo’ e não o tal do ‘isto ou aquilo’... gostei do conceito...”, declara Armando, contagiando o grupo com a positividade.

“Agora sou eu novamente.” Armando volta a projetar o filme, primeiramente de uma só vez, seguido de paradas nos pontos principais, possibilitando entendimento do processo de formação do sistema composto pelas barras e a placa de safira semifluida.

“Eu gostaria de ver como ficou após a transformação... podem fazer uma demonstração?”, pergunta o Mestre com muita curiosidade.

Maya e David trocam olhares antes de David falar:

“Bom, nós não tentamos fazer funcionar. O que aconteceu foi que, conforme está no filme que viram, alguns minutos após os Bastões terem surgido com a placa transparente no meio, a placa sumiu, deixando apenas os Bastões como eram antes. Daí que eu as peguei e coloquei na caixa, que está aqui, sobre a mesa. Eu acredito que em determinadas condições... não sei quais... elas apresentarão a placa novamente.”

David pega a caixa e a deixa aberta sobre a mesa de carvalho escuro.

Mestre Germano se aproxima do misterioso dispositivo, fitando-o com seu ar calmo e sereno, não demonstrando qualquer intenção de pegar a caixa em suas mãos:

“Estou certo de que se eu ou qualquer outro tocar segurar estas barras, morreremos antes de contarmos até 3. Você pode tocar nelas, como já o provou... e Maya? Ela chegou a pegá-las?”

Para surpresa de David e Maya, a situação ainda não havia sido examinada.

“Parece elementar que, se ela podia manipular o Gerador Vril, o Dorje Vedanta, ela poderá manipular este equipamento, da mesma forma. Maya, pegue os Bastões!”

Como se um raio que a tivesse atingido, a frase a faz ficar sem palavras e sem ação. Mestre Germano tinha dado uma ordem, algo acima de uma sugestão, e, de certa maneira, ela não recebia tão positivamente como geralmente costumava ser.

David envia a Maya um olhar receoso, praticamente pedindo para que ela não fizesse o que havia sido ordenada a fazer. Se por acaso algo saísse errado, ela poderia morrer, ou algo além, sem a possibilidade de adivinhação para qualquer reação antecipada. Entretanto, recordando-se da mensagem do harmônico recebido em seu quarto, na noite anterior, ela entendeu que, quem quer que fosse, queria encorajá-la quanto ao dispositivo, ou o que viesse a partir disso. De certa forma, a mesma coisa aconteceu agora, pois somente ela recebeu a cognição de uma inaudível frase: “Não tema!”

Decidida a enfrentar esse sentimento conflitante, ela se direciona à caixa que continha os Bastões de Toth, levando a eles uma mão de cada vez, pegando-os sem ter sentido qualquer problema. Mantendo os braços estendidos, na horizontal em relação ao chão e em paralelo em relação aos Bastões, ela sente que deveria unir essas barras metálicas, estendendo os braços e unindo os punhos fechados, pelo lado das palmas. Ao fazer isso, um estalo, lembrando o de um gatilho, soa fraco. Reconhecendo este som, com cuidado, Maya separa as palmas, como se puxasse uma folha de um papiro presa aos rolos, parando de puxar, quando a 20cm de distância, um novo estalo é ouvido, travando o movimento. Mesmo que fizesse força, não mais conseguiria separá-los, tampouco permitiria retornar ao estado inicial. A placa de safira estava de volta, cintilando, parecendo viva e pronta para ser tocada.

Inevitavelmente, os presentes expressam um sonoro som de surpresa: “Óh!”

Mantendo-a em suas mãos, Maya a observava com muita naturalidade, parecendo que esse conhecimento já era antigo, pertencente a outros tempos.

“Como vamos chamá-la? Conforme o que está escrito na Bíblia Sagrada dos católicos? Ela pode ser uma mistura da antiga Pedra do Testemunho com a Pedra do Raio... daí que um nome legal para ela é Tábua Safira, já que esta é a sua formação cristalina... pelo que concluímos”, Maya pergunta e responde à própria pergunta.

David se aproxima de Maya, olhando para aquele tablete superavançado, nas mãos de sua esposa.

“Mas como vamos saber o que ele faz, ou ainda, o que nós temos que fazer com isso?”, David passa as mãos pelos cabelos, revirando-os, demonstrando estar perdido e tenso.

Tomada pelo instinto, Maya ergue a Tábua Safira a altura do peito, sustentando-a apenas na mão esquerda, sentindo um incontrolável impulso de tocar naquela estrutura de luz. Usando três dedos da mão direita, excetuando-se o polegar e o dedo mínimo, sem mais temer o desconhecido, ela o faz. Uma brisa suave toca o seu rosto, movimentando gentilmente seus cabelos. Ao mesmo tempo, ouve uma voz angelical sussurrando em seu ouvido:

“Também porás no peitoral do juízo o Urim e o Tumim, para que estejam sobre o coração de Arão, quando entrar diante do Senhor...”¹

¹. Êxodo 28:30.

13.

“A Tábua Safira é um supercondutor e o conduíte através do qual se pode acessar a Mente Universal. Maya, sua assinatura frequencial funcionará como uma chave que ativará um protocolo quântico. Você está prestes a ativá-lo...”

“O quê?! Quem disse isso?! Onde estou?! Estou ouvindo coisas?! Minha Nossa Senhora! Esse é o Labirinto de Chartres!”, completamente atordoada, Maya dava passos para frente e para os lados, buscando localizar-se no ambiente. Há um segundo atrás estava na Thule Brasil com David e seus amigos e agora encontrava-se a meio caminho da Virgem do Pilar e do labirinto, na Catedral de Chartres. Hipnotizada por aquela visão, ela caminha em direção à entrada do milenar e misterioso desenho de quase 13m de diâmetro, montado no chão com pedras de duas cores.

“Se isso é o que eu acho que é... eu vim parar na França! Óh, meu Deus! Que coisa maluca... Ops, isso aconteceu quando toquei a safira...”

Intuitivamente, sua mão direita é levada até a altura do coração, onde encontrou a Tábua Safira atada por um tecido metálico, dourado, com tiras que se prendiam a pequenas argolas douradas fixadas em cada canto da Tábua. Duas faixas desciam frontalmente, contornando as costelas e duas outras faixas subiam de cada lado superior da Tábua, dando a volta por cima dos ombros, passando por um enfeite metálico-dourado fixado sobre o ombro e em formato quadrado, com furos ovalados, possibilitando que as faixas fossem conduzidas para a ligação nas costas, onde eram presas a um disco de metal com 10cm de diâmetro.

Neste exato instante, ela se dá conta de estar vestida, tal e qual, os sacerdotes levitas pintados em ilustrações na Bíblia Sagrada dos católicos e na Torá dos judeus, usando uma túnica branca de puro linho, com mangas compridas, presa na cintura por um cinto azul, feito com o mesmo tecido. Ao olhar para seus pés descalços, move os dedos para certificar-se de que estavam realmente lá. Em seus braços, fechados a altura dos pulsos, largos braceletes dourados gravados com cinco letras, as mesmas às que havia sido recentemente apresentada: mfkzt, desenhadas com um estilo de escrita atual. Ao mover a cabeça, ela sente o peso que, do nada, se fez notar. Erguendo as duas mãos em direção à testa, ela encontra uma tiara grossa, com

aproximadamente 12cm na parte central, que diminuía para 6cm a partir da área anterior das orelhas, mantendo-se nessa medida por toda parte de trás da cabeça.

“Ganhei uma coroa?”, diz Maya em voz alta, procurando despertar-se do sonho, com sua própria voz, dado o momento estranho em que se encontrava.

Necessitando ver melhor o objeto, ela retira a coroa, admirando-a em suas mãos e especialmente observando uma gigantesca, linda e brilhante safira azul escura, maravilhosamente lapidada e engastada em seu centro, lembrando o desenho e tamanho do diamante Hope, o diamante azul de Luís XIV e Luís XVI. Ao redor desta maravilhosa safira de aproximadamente 40 quilates e 2,1cm de diâmetro, o desenho de uma estrela de seis pontas... ou flor de seis pétalas... havia sido delicadamente gravado. Maya tem a intuição de olhar para o centro do labirinto, imediatamente reconhecendo que o mesmo desenho de seis pétalas de sua coroa, era o que se encontrava no centro deste labirinto... “Faltava apenas a pedra preciosa...”

Sozinha, dentro da Catedral de Notre-Dame de Chartres, ela observa o local, notando a fraca iluminação proveniente de centenas de velas dispostas em suportes baixos, tendo, em sua grande maioria, não mais do que 1,2m de altura. Curiosamente, todas as velas, exceto as do labirinto, apresentavam uma altura imutável de 44cm, erguendo a chama a 1,64m. Em toda a volta do caminho do labirinto, ao redor da linha externa da rosácea e em seu centro, pequenos vasos cristalinos e transparentes estavam acomodados no chão, contendo velas com 12cm de altura. O cristal do qual eram feitos esses vasos apresentava uma estranha cintilância dourada. Ao observá-los, Maya decide caminhar, acompanhando o desenho disposto pelos copinhos no chão, admirando o detalhe de não ocorrer o consumo da vela, e o fato de todos serem exatamente iguais, réplicas, incluindo as velas e suas alturas. Normalmente, o que se pode ver em igrejas são muitas velas, mas cada qual consumindo a parafina que as compõe, em tempos diferentes... isso, porém, não se aplicava àquele local, congelado em uma fração do espaço-tempo. Era como se cada objeto, dentro de uma classe distinta, fosse um só, idênticos por espelhamento.

“Como elétrons em ressonância, ou, quem sabe, em emparelhamento”, assim raciocinava ela, enquanto observava, em meio ao estado de encantamento no qual se encontrava.

“Emparelhamento de elétrons... pares de Cooper... supercondutores... certamente eu vim parar aqui, nesse “sei lá onde” porque

este local se correlaciona com a Arca da Aliança... as lendas dizem que a Arca está aqui, no labirinto, mas ninguém a vê... Somente entrando em ressonância com ela, com seu poderoso campo magnético, seria possível lidar com a Arca sem ser fulminado por seus raios.”

Novamente ela coloca as mãos no peito, tendo uma ideia.

“Se é que esta ideia é minha mesmo”, pensava Maya. “Pois bem... se carregou a Tábua de Moisés e Arão, e se ambos usavam a Arca da Aliança em conjunto com a Pedra Safira... bem, parece que é para isso que eu estou aqui... vou entrar no labirinto!”

Contornando o labirinto até chegar a sua única entrada, sendo também a única saída, Maya respira fundo, levantando a saia da túnica, de forma a ver o pé direito pisar na primeira porção daquele piso sagrado. Vindo do nada, uma ventania suave remexe suas vestes e cabelos, mas logo se extingue. Era como se um sopro tivesse sido enviado até ela. A cada passo que dava, vagarosamente e de forma apreciativa, ela observava a transformação da atmosfera à sua volta, notando que os altos vitrais de tom extremamente azuis, começavam a se iluminar, gerando uma certa transparência, que atualmente, pode-se dizer, era o fruto de um efeito velho conhecido seu.

“Lá vem”, diz ela. Minúsculas partículas desprendiam luz desses vitrais, acompanhando cada passo por ela dado e assim intensificando, transformando o ambiente escuro da igreja em algo mais bem iluminado. Essas luzes douradas estavam em constante movimento, gerando uma verdadeira dança de fótons. Tamanho era o encanto, que em determinado momento, já se aproximando da rosácea central, Maya olha à sua volta, abrindo um lindo sorriso despreocupado, demonstrando uma extrema submissão à magia que ali se apresentava.

“Isso nada tem a ver com magia... é pura ciência em ação, um conhecimento há muito perdido... energia de ponto zero!”

Chegando ao centro, ela se mantém na linha final que a encaminhou até ele, parecendo estar sobre a haste de uma flor e lá permaneceria. Não sabendo racionalmente o porquê, apenas sabia que não deveria pisar naquela área central. Alguns segundos depois, um sinal de luz e uma forte vibração sai da Tábua Safira presa a seu peito, indo ao encontro de idênticos sinais de luz e vibração que surgem no alto, a muitos metros de altura, vindo das três grandes rosáceas, uma na fachada oeste e duas nas naves transversais norte e sul, que combinando as formas de uma, baseada em círculos e semicírculos, com as de outra, com formatos quadrados, criam um caleidoscópio de luz que

rotaciona pelo ambiente.

“Nossa isso é demais!”, foi a frase que escapou da boca de Maya, enquanto olhava para cima. Raios mais débeis projetam-se através dos outros vitrais, incrivelmente contornando obstáculos, unindo-se sobre o miolo da flor do labirinto. Do alto desse encontro de raios de luzes saídos dos vitrais sagrados e carregados pelas partículas que dançavam soltas pelo ambiente, um novo raio, puramente azul, desce espiralando e vibrando frequencialmente, tal qual a safira da coroa que Maya tinha em sua cabeça, coincidentemente, na mesma cor predominante destes vitrais. O chão treme suavemente, e a catedral brilha em um misto de luz dourada e azul, jorrando pelos vitrais construídos pelos templários por volta de 1215. Maya dá alguns passos para trás, olhando onde pisava, procurando não sair da mesma linha reta. Sem saber quando e como, ao voltar sua atenção para frente, surpreende-se ao ver, densificada, a Arca da Aliança, tal qual a descrita na Bíblia, tendo os querubins com suas asas abertas, ativando o arco voltaico entre elas, gerando um incrível campo magnético que eletrificava o ambiente. Os vitrais das janelas já não eram mais escuros, e se lá fora fosse noite, dentro da igreja o dia estava presente. Assim, através das janelas, raios de luz passavam como se o sol as banhasse pelo lado externo.

Extasiada, Maya reclamava em voz alta:

“Que azar! Por que não tenho uma filmadora! Isso não vale! Assim ninguém vai acreditar no que estou vendo!”

“Pegue a Tábua! Pegue-a e erga-a como uma oferenda, de frente para a Arca, segurando-a com as duas mãos.” Ela ouve com clareza total. O comando é recebido em sua mente telepaticamente. Poderia jurar que tinha sido audível.

Como sempre, em plena ciência de que esse “aqui e agora” continha tudo o que era necessário saber para o momento, ela executa o ato exatamente como havia sido orientada a fazer. Ao tocar a Tábua Safira, esta se desprende de seu suporte no peito e, sem mais, Maya a ergue sobre sua cabeça. Imediatamente, uma explosão de luz a atinge gerando a impressão de ter sido atirada longe, flutuando por um imenso túnel espiralado.

14.

“E então... alguma coisa? Eu acho que ainda não deu certo, pois nada aconteceu!”, pergunta Ana ao lado de Maya, estando esta de volta à cena anterior, no momento exato em que tocou o corpo da Tábua Safira, antes de ser remetida a Chartres.

Maya estava mais confusa do que da primeira vez, cambaleando ao ver a sala girar, perdendo o senso da gravidade. Se David não a tivesse amparado, teria caído no chão.

“Respire fundo... pode ter sido alguma interferência de energia. Você está bem?!”, pergunta ele preocupado.

“Sim... sim... tudo certo... é que...”

Sem ter tempo para explicar a vivência, eles são brutalmente interrompidos.

“Parados! Se alguém se mover, morre! Quero todos para o lado esquerdo, encostados na parede e com as mãos para cima... menos a mocinha com esse tablet!”, diz um homem vestido de preto, encapuzado, acompanhado por seis homens que carregavam os três seguranças que guardavam o prédio.

“Parecem ninjas”, diz Armando, com as mãos para o alto.

“Acho que estamos em uma situação de alto risco... como pode brincar em uma hora dessas?!”, cochicha Ana, andando vagarosamente para trás, com as mãos para cima, como os seus outros colegas, exceto Maya. David envia um olhar de desespero para esposa, típico de alguém que não sabia o que deveria fazer, demonstrando grande apreensão.

Por outro lado, estranhamente, mesmo sabendo da gravidade da situação, Maya sentia uma extrema calma e confiança.

O líder do grupo ordena que arrastarem para o outro lado da sala os três seguranças da Thule que haviam sido dopados com o auxílio de uma pistola de disparo de entorpecentes. Deixando-os amarrados no chão, ele caminha até Maya, que ainda estava sentada no chão, apontando a arma com determinação, fazendo-se clara a grande facilidade em apertar o gatilho.

“Vamos levar você e seu aparelho. Eu te aconselho a não fazer nada para evitar isso, caso contrário, eles morrem, junto com você”, ameaçou o líder, mantendo o revólver direcionado para a cabeça dela, gesticulando com a

outra mão, que ela se dirigisse até a porta. Intuindo a possibilidade de fazer algo, usando a Tábua Safira, ela prefere esperar pelo lugar e momento certo, longe dos amigos, evitando riscos, pois ainda não tinha ideia alguma de como operá-la. Simplesmente era evidente o fato de haver uma inteligência que coordenava um processo similar ao do trabalho de treinamento de um discípulo por um mestre... este ainda desconhecido, em partes.

O grupo encapuzado sai do prédio da Thule, deixando todos amarrados, incluindo dois empregados de serviços gerais, um mais assustado que o outro. Maya não foi fisicamente incomodada, sequer tocada; conclusivamente, quem quer que estivesse no comando do assalto tinha pleno conhecimento do poder desse equipamento e das consequências se tocassem nele ou em quem o carregava. Com certa dificuldade, devido a tonturas, Maya se levanta e acompanha os invasores armados.

Ao passar pelo pórtico de entrada do prédio, a Pedra Safira começa a se desintegrar, completando o processo ao entrar no carro. Sem aviso ou efeitos especiais, a Tábua cristalina desapareceu, juntamente com cada uma das barras de suporte, sendo que, posterior e separadamente, retornaram do campo do invisível para o visível novamente as mãos de Maya, em um piscar de olhos. O efeito foi tão rápido que foi a única a percebê-lo, mas obviamente precisava fazer algo para evitar que sua falta fosse notada pelos capangas que a sequestraram. Rapidamente, ela posiciona as barras em paralelo, de forma que as turmalinas verdes e o metal prateado chamassem mais atenção do que a falta da placa fina e transparente entre elas. Considerando a escuridão dentro do veículo, gerada pelos filmes escuros aplicados nos vidros, o plano poderia dar certo... por pouco tempo.

No banco de trás de uma SUV, uma ix35 preta, ela é intimidada por um homem armado sentado ao seu lado e outro no banco do carona. Atrás desse carro, segue outro idêntico, levando o resto dos homens. Para sua surpresa, mas nem tanto, o caminho que o carro percorria era o mesmo que deveria fazer para chegar ao seu antigo emprego, o que ocupou até um ano atrás como Diretora Científica da Divisão de Dermocosméticos, na National Pharmaceuticals, cuja presidência e vice-presidência ainda pertencia aos francamente seguidores de um nazismo ainda mais distorcido, os irmãos Muller, líderes da seita Vril no Brasil.

Os dois carros desenvolviam uma velocidade normal para a região, repleta de árvores e belas paisagens. Eles percorreram a rua Suíça até a bifurcação com a rua Sofia, entrando na rua Bucarest, parando no cruzamento com a

rua Groenlândia e, em seguida, continuaram em direção à avenida Nove de Julho. Assim que passaram pelo cruzamento da rua México, dois carros de polícia aparecem em sua perseguição. A equipe que ocupava o carro que escoltava onde Maya estava avisa pelo rádio que daria cobertura, bloqueando a passagem de um dos carros da polícia, pela sua lateral. Um tiroteio é iniciado entre a ix35 de escolta e os policiais, sendo o motorista facilmente baleado, juntamente com um dos sequestradores, o que atirava pela janela direita do banco de trás. Os dois carros de polícia fecham a passagem da ix35, que conseqüentemente acaba batendo em vários carros parados, próximo ao cruzamento com a rua Atenas. Ao ver-se em grande perigo, o outro motorista acelera, tendo mais um carro de polícia em sua perseguição. Devido à velocidade e às manobras para o escape, Maya é jogada de um lado para outro no banco, começando a ser impossível segurar as barras e ela ao mesmo tempo. Avistando um bloqueio feito pela polícia que fechava completamente a rua Groenlândia, a SUV freia bruscamente, quase capotando. Os pneus do carro deixam grandes marcas de frenagem no chão, levantando fumaça e as duas rodas laterais direitas, voltando, em seguida, bruscamente ao piso em posição atravessada. Cinco policiais cercam o carro, mostrando estarem fortemente armados, ordenando que saiam do veículo, sem as armas e com as mãos para cima.

Do outro lado da calçada, há exatamente sete metros do local da prisão dos bandidos, Maya encontra-se de pé, apertando os olhos como se não quisesse ver o que se passava, confusa e segurando fortemente as barras em paralelo, em suas mãos levantadas a altura do plexo solar. Ao abrir os olhos, sem saber ao certo se estava viva ou morta, tinha ao seu lado o inspetor de polícia, Ricardo, demonstrando um belo sorriso no rosto. Ele estende a mão direita oferecendo a ela um objeto que estava em seu poder.

“Você se safou bem dessa! Nem iria precisar da minha ajuda, mas eu vou aparecer mais constantemente do que talvez possa querer... tome, vai precisar disso para guarda-las!”

Maya arregala os lindos olhos cor de mel esverdeados, piscando sem parar por três segundos, como se buscasse enxergar melhor a realidade. Na mão do policial encontrava-se a caixa de madeira onde deveriam ser guardados os Bastões de Toth.

“Você... você... conhece isto?!”, pergunta Maya, enquanto guardava as barras, tendo ao seu lado esquerdo o detetive Ricardo, com um sorriso deveras enigmático. De repente, a matriz de espaço-tempo apresenta-se

deformada dentro de uma bolha. Novamente ela enxerga com uma visão alterada de luz, cores e formatos. À sua frente, a rua parecia silenciosa, embora muitas pessoas estivessem indo e vindo, juntamente com mais carros de polícia aparecendo com suas sirenes e luzes ligadas. Era como se eles pertencessem a uma miragem distante e vivessem dentro de uma outra bolha. Uma operação da polícia estava em andamento, prendendo os homens não feridos, colocando-os no camburão, ao mesmo tempo em que era ouvida a sirene do resgate médico chegando, para atendimento de outros sequestradores feridos. A imagem corria ao seu redor era como se estivesse vendo um filme em *slow motion*, quase sem som e em realidade alterada, perdurando este efeito até que ela voltou os olhos para o detetive.

“Curioso, não é mesmo?!”, pergunta ele, com ironia. “Bem que eu disse ao seu marido que eu tinha certeza de nos encontrarmos em breve... algo me dizia que seria impossível deixar de vê-los, pelo menos tão cedo. Posso levá-la de volta ao prédio da Thule Brasil? Seus amigos já estão soltos. Todos bem. Vou avisar aos policiais que ficaram com eles para informarem que você está comigo.”

Há alguns segundos, Maya sentiu-se contente ao ver o detetive Ricardo, mas sua penúltima frase, mencionando claramente a Thule Brasil fez com que um frio pungente atravessasse sua espinha. Mesmo sem saber ao certo o que estava acontecendo, ela verifica o acomodamento das barras em suas posições, fechando o fecho e, em seguida, erguendo os olhos para o policial, com ar inquisitivo.

“Muito bem, sem mais joguinhos... quem é você e quem te mandou nos seguir? Nitidamente você sabe de muita coisa, como o que eu tenho em minhas mãos...”

Ele dá um passo para trás, sorrindo de forma irônica, induzindo que ela reaja ao silêncio e sarcasmo demonstrado por dele.

“Que sorriso ácido... na verdade, creio que o melhor seria “a la ácido lisérgico”¹. Devemos estar todos tendo visões deturpadas da realidade!”, exclama de forma a demonstrar que também sabia usar de sarcasmo. “Fique calma, Dr^a. Maya...”

Depois dessa, se ela estava calma ao ser chamada da mesma forma que os irmãos Muller costumavam fazer, o calafrio na espinha acabava de voltar a percorrer o mesmo curso, dando sinais de lá querer permanecer.

“Interessante, você me recordou duas pessoas, nada agradáveis, que eu conheci e que me chamavam assim...é amigo deles?!”

“Acalme-se, Dr^a. Maya Angel Bacon, tudo está bem. Eu vou me apresentar devidamente à senhora e ao seu grupo. Na verdade, não sou um total desconhecido. Deixe-me levá-la até eles.”

O detetive Ricardo havia estacionado o carro na praça onde o bloqueio da polícia fora feito. Ele conversa com dois policiais, antes de abrir a porta para Maya entrar. Interessantemente nenhum dos policiais presentes terem notado que ela não estava dentro do carro no momento da captura; ao contrário, eles dialogam sobre como fariam o relatório, dizendo que ela havia sido salva do sequestro e retirada do banco de trás do carro dos raptos assim que o bloqueio policial o interceptou. Aparentemente, para todos os policiais envolvidos tratava-se de um sequestro, após tentativa de assalto à mansão onde ela e seus amigos estavam.

“Foi você que os convenceu disso?!”, pergunta Maya, ganhando apenas uma gargalhada irônica como resposta.

1. **Ácido lisérgico**, também conhecido como **ácido D-lisérgico** ou **ácido (+)-lisérgico**, é um precursor para um grande grupo de alcaloides da [ergolina](#) que são produzidos pelo fungo [esporão do centeio](#) e algumas plantas. As [amidas](#) do ácido lisérgico, [lisérgamidas](#), são largamente usadas como [fármacos](#) e como [drogas psicodélicas](#) ([LSD](#)).

15.

Dentro do carro e em direção ao prédio da Thule...

“Como é que? Como é que eles não viram que eu não estava dentro do carro?”

“Porque você estava dentro do carro quando eles interceptaram a SUV preta...”

“Você me viu lá dentro?”, mesmo ela estava confusa quanto ao que tinha lhe acontecido.

“Não... eu te vi do lado de fora, afinal foi onde te encontrei... você estava na mesma realidade que eu... mas não na dos policiais... para eles, você foi salva do sequestro, enquanto, para mim, os bandidos ficariam sem você, mais cedo ou mais tarde, ou seja, você desapareceria da frente deles assim que o desejasse e aplicasse a frequência certa, usando os teus brinquedinhos... Parece que presenciamos a colisão de duas bolhas de realidades distintas, cuja intersecção, ou ponto em comum, era a fuga dos sequestradores. Você tem um objeto poderoso em suas mãos e eles precisam ser guardados em segurança.”

O carro do detetive Ricardo entra nos jardins do prédio da Thule, parando no estacionamento, ao lado da entrada. No mesmo local, havia uma viatura da polícia fora da qual dois oficiais faziam seus relatórios, apoiando suas pranchetas no teto do carro. Um dos policiais o reconhece:

“Inspetor... como foi lá? Deu tudo certo, pelo que escutei pelo rádio...”

“Sim, a equipe fez um grande trabalho... foram muito eficientes.”

“Bom... Senhor, estamos de saída, se precisar qualquer coisa para o relatório, nos informe. Ah, tenha uma boa tarde e bom almoço... nós vamos parar para almoçar.”

“Bom almoço”, completa Ricardo simpaticamente.

Observando a cena do lado de fora do carro, Maya segurava a caixa, mantendo o braço direito dobrado à altura da lateral do peito. Seu olhar, desconfiado e surpreso ao mesmo tempo, era bastante perceptível.

“Caaalma... tudo vai ficar claro... em minutos... acredite em mim!”, diz Ricardo, estendendo a mão para que ela saltasse uma pedra grande no caminho entre eles, como muitas outras que faziam parte da paisagem do

jardim à sua volta.

Antes de entrarem na casa, David e Armando já os havia avistado pela janela e prontamente foram buscá-los.

David é o primeiro a aparecer, encontrando Maya logo na porta de entrada, abraçando-a ternamente.

“Graças a Deus! Você realmente está bem?!”

“Sim, nada me aconteceu, quero dizer... nada de mal... eu acho...”, de maneira cuidadosa e gentil, ela se desvencilha do abraço de David, para, em seguida, apontar com a mão balançando em punho fechado e indicador estendido, para o policial Ricardo.

“Ele tem umas coisinhas para revelar... precisamos nos juntar agora mesmo!”

David ergue as sobrancelhas, entendendo a mensagem:

“Ok, então, será agora mesmo!”

Os quatro entram na sala principal, encontrando Mestre Germano e Ana conversando de pé. Ao ver a amiga de volta, Ana corre em sua direção, e as duas se abraçam rapidamente.

“Como vai, Ricardo? Que maravilhosa surpresa encontrá-lo! O que faz por aqui? Pensei que tivesse se mudado de vez para Berlim...”, perguntou Mestre Germano ao cumprimentar o inspetor de polícia, revelando, nitidamente, um aperto de mão diferenciado.

David e Maya reconhecem o típico cumprimento realizado entre maçons. Eles trocam olhares surpresos ao início, sendo que, dois segundos depois, dão um sorriso, chacoalhando a cabeça pela ironia do destino.

“Típico, não acha?”, pergunta ela.

“Completamente típico, princesa... parece que o Mestre Germano anda em uma fase astrológica de total mistério e surpresas.”

Ao ouvir a conversa, Mestre Germano decide esclarecer:

“David, não há segredo algum. Eu simplesmente não sabia que o detetive que mencionaram ter encontrado, quando do acidente do Gabriel, era o inspetor Ricardo Brenner... bem, eu o conheço há muitos anos, já estivemos juntos em alguns trabalhos ritualísticos na loja onde ainda frequenta, imagino. Eu já contei a minha história a vocês, portanto não é segredo que fui um maçom e Rosacruz de alto grau e que, posteriormente, me juntei à Thule Brasil, buscando maiores conhecimentos místicos e históricos, acima de um poder pessoal e político, por escolha. Desde então, eu e o Ricardo nos vimos algumas vezes, mas perdi o contato quando ele foi para a Alemanha, há

poucos anos atrás. Creio que é ele quem deve esclarecer isso melhor.”

Mestre Germano se senta, pedindo a todos que fizessem o mesmo.

O grupo estava reunido na sala principal, divididos entre dois sofás de chenile cor de telha, posicionados frente a frente e em poltronas marrons, de tecido de veludo canelê, dispostas nas laterais.

“Caramba...contem logo o que foi que aconteceu...um dos policiais informou por alto, mas claro que isso não representa o que imagino terem para contar.”

Armando se vira para Mestre Germano:

“Mas.... quem é ele, afinal?”

A espontaneidade de Armando fez-se notar novamente, relaxando a tensão que existia no ambiente.

Maya esclarece, detalhando o que lhe acontecera a partir do momento em que foi retirada da casa pelos sequestradores até o encontro com Ricardo, omitindo, deliberadamente, o que vivenciou em Chartres.

“Bem, agora é a minha vez. Vou me apresentar oficialmente e começando do zero. Sou Ricardo Brenner e, como sabem, trabalho na civil como inspetor chefe, portanto um tipo de detetive, como gostam de chamar a posição, popularmente. Meu pai era alemão de origem e, como tantos, veio para o Brasil muito jovem, fugindo da Segunda Guerra junto com a família. Aqui conheceu a minha mãe, uma bela mulata, tipicamente brasileira, e se casaram. Bem, eu tenho familiares na Alemanha e, de vez em quando, vou visitá-los, e fico um tempinho por lá. Contudo, essa estadia foi aumentada por compromissos ligados ao fato de ser um maçom, de uma loja reconhecida pelo Grande Oriente, grau 31, do rito brasileiro, o qual coincidentemente é designado como o Grau do Guardião do Bem Público, sendo essa a minha função nos dois lados da minha vida. No meio desses estudos, resolvi entrar no rito místico alemão, ou rito Schroder. Este é um rito muito simples, lembrando o de York, com apenas três graus. Neste, sou Mestre, como o Mestre Germano também é. Creio ser esta a real origem dele gostar de ser assim chamado.” Mestre Germano balança a cabeça positivamente.

“Ok, então vamos chama-lo de Mestre Ricardo, de agora em diante”, diz Ana, fazendo graça, simpaticamente.

“Obrigado, mas no meu caso, prefiro que me chamem apenas de Ricardo... Continuando... este é um rito muito místico, regado a alquimia, magia e similaridades. Tornou-se o principal motivo pelo qual o seu fundador F.L. Schroder, ganhou o apelido de Cagliostro da Alemanha. Foi através disso que

conheci a Thule Brasil, o Mestre Germano, um ex-seguidor do rito alemão e obtive informações sobre as práticas do Vril. Já que eu sou um investigador, comecei a buscar centros dessa prática no Brasil, desconfiando dos irmãos Muller. A ficha deles chegou às minhas mãos através de um relatório enviado pelo FBI ao Brasil, informando da prisão dos Muller em Moody Gardens, no Texas, no ano passado¹. Foi quando eu resolvi investigar todos vocês, já que os seus nomes constavam nesse documento. Havia uma citação de especial colaboração do Germano com o FBI e uma suposição dos Muller serem, além de líderes, traficantes de drogas envolvidos com a seita Vril e suas ramificações pelo mundo. Logo imaginei que a Sociedade Vril estava por trás de tudo, envolvendo suas seitas da América Latina e especialmente Brasil. Claro que foi uma coincidência ter ficado responsável pelo caso do casal que foi assassinado; entretanto, quando vocês vieram até mim e se apresentaram, eu logo imaginei que não havia sido uma tentativa de assalto seguida de sequestro o que gerou aquele assassinato, e sim uma queima de arquivo ou vingança feita pelos mesmos que os perseguiram, no ano passado, e que, pelo que vejo, continuam a querer apoderar-se de seus objetos exóticos...”

Maya ouvia compenetrada, pensando em como ele poderia ter reconhecido as barras e ter obtido a compreensão sobre as duas bolhas de realidades distintas que colidiram no momento da captura... era uma precisão excessiva. Parecendo saber exatamente o que a esposa pensava, David gesticula para ela, de forma que aguardasse, pois ele tinha algumas perguntas a fazer.

“Ricardo, agradeço toda a fantástica informação que nos deu e devo dizer que o seu curriculum é muito impressionante. Permita-me fazer algumas perguntas...”

“Sinta-se à vontade. Não tenho nada a omitir”, completa Ricardo, demonstrando extrema positividade.

“Porque não nos disse que sabia sobre a Sociedade Vril e a Thule? Você nos deixou imaginando que nos considerava suspeitos. Teria sido mais simples se apenas tivesse se identificado, como fez agora.”

“Para um inspetor, todos podem ser culpados, mesmo que eu soubesse que, no caso de vocês, devido ao histórico, isso fosse menos provável... por outro lado, eu estava me divertindo. É bom poder se divertir enquanto trabalha, não é mesmo?”

Ricardo mostrou-se um tanto quanto diferente daquele que haviam encontrado em duas situações, logo após o assassinato de Gabriel e Gabriela. Nesse momento, ele parecia estar sendo sincero. O sarcasmo havia

desaparecido. Devido aos fatos e a essa mudança de comportamento, ele começava a convencer o grupo da Thule quanto à possibilidade de terem um aliado interessante, dado o momento conturbado no qual se encontravam, sem saber para que lado ir ou o que fazer.

David continuava com a clara intenção de seguir questionando:

“Eu preciso entender isso tudo e tenho mais uma pergunta: como e onde conheceu suficientemente bem os Bastões de Toth, de forma que pudesse saber, com apenas um olhar, a certa distância, que eram os tais Bastões e que alteraram a realidade percebida entre você e Maya e o resto dos policiais? Desculpe, mas esse tipo de informação não é comum, mesmo para um maçom...”

David fez a pergunta de forma respeitosa, buscando não afrontar Ricardo e, dessa forma, impedir qualquer reação de defesa.

“Eu entendo a sua dúvida... mas tenho uma excelente defesa e que poderá ser validada pelo Germano. Esses Bastões, ou similares a eles, faziam parte do nosso treinamento no rito alemão da loja à qual era filiado. Lá usávamos diversos objetos para manipular a energia orgônica, ou Qi, ou Vril, da forma como preferiam. Dentre esses objetos, o Dorje era um deles, e os Bastões, outros. Entretanto, sempre foram os objetos originais que permitiram aos mais hábeis, como no caso do Conde Cagliostro, gerarem efeitos potentes na corte de Luís XVI. É por causa de objetos poderosos como estes que os reis carregam o cetro real... a ideia é a mesma, embora nem todos funcionem. Segundo é dito, um objeto que o Conde Cagliostro carregava era um exemplar original desses bastões, idêntico ao que vocês encontraram, obtido em escavações no Egito... pode ser que os bastões que Cagliostro usava sejam exatamente esses que vocês encontraram no apartamento de Gabriel Goldsmidt.”

“Como sabe que foi lá que o achamos? Nós não contamos quando os conseguimos...” pergunta Maya com extrema rapidez.

“Uma conclusão óbvia... não acha?! Nós da polícia demos uma revirada no apartamento dele, mas nada encontramos que nos chamasse atenção. Entretanto, quando nos despedimos, fiquei um tempo parado na frente do prédio e vi quando uma luz intensa saiu do apartamento, acompanhada por um grande deslocamento de ar... as janelas estavam abertas... interessante é dizer que o vizinho de Gabriel, e até onde pude apurar, o seu melhor amigo, está desaparecido desde sua visita, naquele dia. Eu o vi, ele estava lá, pois o interroguei quanto à invasão do apartamento.”

O lado detetive debochado de Ricardo estava de volta. Maya cruza olhares com David, procurando por uma dica quanto ao que deveria ou não dizer. Mestre Germano prefere quebrar a tensão que se formava:

“Senhores e senhoras, eu conheço o inspetor Ricardo há tempo suficiente para saber que ele está aqui para nos ajudar. Portanto, a melhor coisa a fazer é contar como e onde encontraram as barras de Toth, incluindo o que aconteceu a Werner.”

“Obrigada, Germano. Isso é como lembrar de nossos velhos tempos em cerimônias usando réplicas que não funcionavam. Antes de mais nada, deixe-me esclarecer quais são as minhas intenções para com vocês. Na verdade, não é para com vocês e sim para proteger esse segredo, as barras de Toth, e mantê-las a salvo dos irmãos Muller e da Sociedade Vrill. Com elas, eles fariam um extremo dano e, como policial, não posso permitir que continuem a fazê-lo. Por outro lado, como maçom, devo proteger esse segredo. Esse é o meu compromisso!”

Mesmo proferindo um discurso positivo, Ricardo gerava um certo incômodo nos presentes, emanando uma energia hipnótica, tentando dominar os pensamentos dos presentes, entretanto sem sucesso no que se refere à Maya e a David.

“O que aconteceu a Werner Angst naquele dia?”, pergunta o inspetor Ricardo.

“Ele explodiu... tentou tirar as barras de nós, e, sem instrução alguma de como manipulá-las, ele as segurou em suas mãos, desintegrando-se em seguida!”, Ana responde imediatamente, de surpresa, obediente a seu questionamento.

Ricardo se levanta da poltrona, contornando-a por trás, indo servir-se de uma xícara de café. Enquanto girava a colher para misturar o açúcar, ele comenta o que tinha em mente, como se estivesse pensando alto:

“Ele estava trabalhando para os Muller... ele e Gabriel Goldschmidt!”

Mestre Germano tem um sobressalto, tomado por uma sensação de injustiça.

“Impossível! Eu não sei nada quanto a este amigo de Gabriel. Pode ser que ele fosse um traidor e pertencesse ao Sociedade Vrill, mas... Gabriel?! Nunca!!! Ele era extremamente fiel à nossa causa. Um dos meus sinceros cavalheiros!”, exclama Germano, tentando controlar-se.

“Tão fiel quanto o Cavaleiro Miguel?! Esse é outro que desapareceu no ano passado, não é mesmo? O que aconteceu ao Sr. Miguel que até hoje a

família o dá por desaparecido? O último dado que conseguimos rastrear foi o dele ter ido para os Estados Unidos, para Boston, na mesma data em que vocês, em março de 2012. Ele estava acompanhado de Wolfgang e Gerhardt Muller no aeroporto de São Paulo e em Boston. Temos imagens de vídeo gravado... Depois disso, não temos mais notícias. Interessante, não? Podem me contar o que houve?!”

“Miguel realmente nos traiu”, responde Mestre Germano, desconsolado.

Maya e David não sabiam o que pensar. Estavam em uma situação muito difícil. A conclusão quanto a confiar ou não no inspetor Ricardo, se errônea, poderia ser muito perigosa. O inspetor Ricardo continuava tentando ganhar a confiança e o respeito do grupo.

“Senhores e senhoras, os Muller estão procurando por esses objetos há muito tempo. Nos registros históricos, consta que foram usados por Josef Mengele, que os roubou de nazistas da Ahnenerbe, presos junto com ele em 1945. Esse era um grupo criado por Heinrich Himmler e posteriormente incorporado à SS, composto por arqueólogos e cientistas que andaram revirando várias regiões do mundo, promovendo uma verdadeira caçada a objetos como esses, que poderiam dar crédito à superioridade ariana... Claro que tudo que eles encontravam relacionavam aos arianos, estivesse certo ou errado. No caso de Mengele, por sorte ou por motivos não registrados, ele escapou e levou os objetos com ele. Essas barras de Toth podem ser as mesmas de Mengele e também podem ser as mesmas de Cagliostro.” Estranhamente, pela primeira vez o inspetor Ricardo deixou transparecer emoção aliada a uma expressão que poderia ser interpretada como certa insanidade. Percebendo que tinha falado e demonstrado emoção em demasia, ele se contém.

Percebendo a situação perigosa, Maya resolve encerrar a reunião. Ela se levanta e dirige-se ao inspetor Ricardo:

“Ricardo, eu agradeço seu interesse e conhecimento sobre o que está em pauta no momento. Eu especialmente agradeço o fato de ter me salvado dos capangas do Muller. Eu creio que eles me levariam diretamente ao porão do laboratório e lá não sei o que poderia ter acontecido. Por isso mesmo sou muito grata. Entretanto, precisamos de tempo para absorver o que vem nos acontecendo. Eu gostaria muito que nos desse uma chance para um novo encontro, quem sabe, com melhores condições de diálogo.”

“Ok, como quiserem. Estarei esperando.”

O inspetor Ricardo estende a mão direita, apertando, com entusiasmo, a de

Maya, David e dos outros presentes, saindo do prédio em seguida.

O grupo se mantém em silêncio por alguns minutos, delatando a falta de uma opinião formada quanto à enigmática figura.

¹. Esta passagem consta no livro “O Sol Negro – O Retorno das Sociedades Secretas do Vril”.

16.

A_{PARTAMENTO DE} M_{AYA E} D_{AVID, 21H.}

“... Chartres!”

“Notre-Dame de Chartres!?”, pergunta David, muito surpreso.

“Notre-Dame de Chartres!”, repete Maya, ironizando a expressão perdida do marido.

Ao sentar-se no sofá, sem palavras, David pede que ela faça o mesmo, usando apenas gestos. Ele queria saber, em detalhes, tudo do que o grupo da Thule não tomou conhecimento. Utilizando sua excelente memória e poder de concentração, Maya traz à cena a visão que teve logo ao ser transportada àquela realidade paralela, mantendo David eletrizado durante a narração. O detalhamento dos fatos o fazia enxergar como se estivesse lá. Obviamente, o motivo que a fez manter o segredo, durante a reunião no prédio da Thule, foi a grande desconfiança que o inspetor Ricardo gerava.

“Durante o tempo que eu lá estive, pude ver a geometria cósmica interagindo no número de objetos que se apresentavam, nas formas que se consolidavam... mas o que mais me chamou a atenção, se é que eu consigo escolher algo, era o constante espelhamento... as coisas existiam em pares perfeitos, ou eram réplicas perfeitas e imutáveis. Aquele universo onde eu estava pertencia a uma realidade onde o pareamento de elétrons e o emaranhamento quântico existem como uma situação normal e constante... Tudo era energia e eletricidade, inclusive as chamas das velas, que não eram chamas de fogo, pois não queimavam a parafina... Ardiam, mas não queimavam, como citado no Êxodo 3:3 da Bíblia católica e na Torá dos Judeus. Nossa! Agora que me dei conta... temos, de uma forma ou outra, o número 33. Esse número vem nos perseguindo ultimamente e é sempre uma pista!” Maya discorre sobre as lembranças visualizadas em sua mente.

“Mfkzt”, diz David

“É o que estava gravado nos braceletes...”

“Sim, mas eu me refiro ao conceito do mfkzt, o que o Armando disse... o nome que os egípcios deram ao estado transformado do ouro. Esse era o ouro monoatômico. Veja...”, David mostra anotações em folhas grampeadas,

“Armando me deu as anotações feitas enquanto ele estudava o assunto do vídeo que apresentou na reunião... há uma mistura de dados puramente científicos, aceitos pela Física e dados tirados de um livro do historiador Laurence Gardner... eu já havia visto um livro dele, mas não o li. Chama-se “Os Segredos Perdidos da Arca Sagrada”. Pelo que vejo, Armando andou lendo esse livro...”.

David se acomoda no sofá, intensificando a leitura de algumas partes de folhas manuscritas por Armando:

“Mfkzt representa o ouro monoatômico em estado de supercondução, ou seja, comporta-se como um supercondutor quando encontra um campo magnético que o ativa. Tal campo magnético pode ser simples e fraco... até o corpo humano poderá atuar como um campo fraco, ou, quem sabe, a própria Tábua Safira, que estava na sua mão, o fez no exato momento em que a tocou...”

“Isso faz muito sentido... continue”, diz ela.

“Ok... deixe-me ver isto...”, David avaliava os dados contidos nas folhas... “Esse sistema agora ativado, formado, responde por fluxo de luz, ou fótons, construindo um amplo campo de Meissner, ou efeito Meissner, que ocorre quando os elétrons são espelhados, formando pares e flutuando na onda quântica do supercondutor... Assim, em determinado momento, a matéria perde massa, levita parte dela e a outra desaparece, indo parar em outro lugar, outro local da membrana de espaço-tempo... Outra realidade paralela, ou outra dimensão, talvez!”

David fixa o olhar nos papéis, sem fala, por alguns segundos, deixando espaço para Maya expor seu raciocínio:

“Santo Armando! Acho que ele matou a charada, com perfeição. Quando eu toquei na estrutura cristalina da Tábua Safira, fui transportada através de uma estrutura toroidal... a coisa não durou mais do que dois segundos... e... boom! Lá estava eu vestida com as roupas dos levitas, com a Tábua atada ao meu peito...as luzes...”, Maya permanece pensativa, lembrando da imagem que visualizava.

“O quê? Diga!”

“Nossa, você está mesmo ansioso, hein?! Tem alguma coisa que você sabe a respeito e que, para variar, não está me contando e fica esperando eu montar as peças para depois dizer?!”

Devido à expressão facial do marido, nada positiva, ela prefere mudar a estratégia e voltar ao assunto inicial.

“Ok, ok... vamos lá... eu me referia à luz intensa que começou a impregnar o ambiente. Era como se viesse do lado de fora e atravessasse as janelas, mas, na verdade, após o que você acabou de ler, eu me dei conta de que... ela vinha das janelas e não através delas. Melhor dizendo, brotava do vidro que compõe os vitrais azuis safira... essa cor também está me perseguindo, além do número 33!”, diz ela, conduzindo David à lembrança de um detalhe da construção da Catedral de Chartres.

“Esses vitrais foram construídos pelos templários, segundo consta, usando o ouro divino ou mfkzt, o que sabemos ser agora, por pura explicação científica desmistificante, simplesmente o ouro monoatômico!”, informa David, com grande relevância.

Em meio à análise de dados, ela descobre o porquê de ter sido levada até lá e saltita em frente ao sofá, por pura emoção.

“Eureka!”, disse ela, sendo algo similar ao que Arquimedes deva ter feito.

“Você está muito engraçadinha hoje... poderia levar isso um pouco mais a sério?!”

“Nossa, meu príncipe... acho que você é que está sério demais hoje... relaxa, ok?! Vou continuar com o que eu tinha a dizer... Os fótons, a luz saiu da janela, desses vitrais e por isso eles ficaram mais claros, iluminando a catedral como se fosse dia. Isso é uma característica dos metais monoatômicos quando em estado ativado de supercondução, conforme você já disse... portanto, devido ao que acabamos de observar e concluir, a chave é o ouro monoatômico!”

Mudando do estado exaltado no qual se encontrava, ela cai em um novo estado contemplativo, sentando-se novamente no sofá, cruzando as pernas ao estilo ioga.

“E?”, questiona David, querendo que ela continuasse, pois, para ele, faltava algum pedaço da conclusão.

“E... é evidente que esse ambiente foi todo formatado para que a Arca da Aliança pudesse funcionar, em duas dimensões. Quando os templários a levaram para lá, eles usaram uma tecnologia conhecida nos tempos, antes dos tempos oficiais, pelos antecessores dos egípcios, e eu diria, por outros povos do mundo, de forma a gerar o campo de Higgs, culminando no campo de Meissner, e fazendo a Arca desaparecer... Mesmo estando lá o tempo todo, ninguém a vê, pois ela está em um universo paralelo ao nosso, mas interligado.... Mesma localização, entende? Diferentes frequências...”

“Maya, você quer dizer que as pessoas colocam os pés no labirinto, mas

não criam a energia suficiente para ativar esse sistema... precisam de um objeto programado para tal, com uma assinatura frequencial suficiente para gerar aquele campo... e nós...”

“Nós temos esse objeto que pode gerar esse campo de conexão entre dois mundos, o da origem da matéria e o da manifestação dela”, conclui Maya.

“Mas qual o motivo dessa visão? Eu não acredito que tenhamos que trazer a Arca da Aliança de volta para que ela fique em exposição em um museu, já que tudo o que aconteceria, a partir disso, é que organizações macabras se apoderariam dela, em prol desse poder que ela pode fornecer”, conclui David, mostrando-se incerto.

“É isso que os nazistas queriam! Deixe-me analisar... Estando no labirinto, quando cheguei ao final dele, sem tocar na rosácea central, eu recebi uma mensagem que dizia que eu deveria levantar a placa... para...”

“Para instalar o novo software!”, completou Armando sentado, ao lado da porta, em uma cadeira que estava há alguns metros das costas do sofá, onde Maya e David conversavam. Ele havia entrado, silenciosamente.

“Nossa! Que susto!”, exclama Maya.

“Desculpe, mas a porta estava destrancada... entrei e fiquei quieto, ouvindo, para não atrapalhar a discussão... ela estava bem interessante. Mas, preciso dizer uma coisa para o David: considerando o quanto anda preocupado com a segurança e tendo gastado toda essa grana para montar uma jaula antipânico neste apartamento, fechar a porta é bastante recomendável, meu irmão”, diz Armando em seu famoso estilo.

David dá razão ao amigo e tranca a porta:

“Estávamos tão compenetrados que esquecemos disso”, ele retorna, sentando-se ao lado de Maya, e Armando se acomoda na poltrona mais próxima.

“Olha, eu ouvi uma parte da conversa e concordo com o que estavam dizendo... eu diria que alguém quer que façamos algo com a Tábua Safira... Na minha opinião, ela está pronta para funcionar, pois aquele negócio de você levantar ela de frente para a Arca pode ter sido apenas uma forma de conexão bluetooth para instalação final do software... Vai, pegue as barras nas mãos e veja o que acontece...”, diz Armando, despreocupadamente.

David e Maya trocam olhares.

“Bom, pode ser que agora as coisas sejam mais controláveis... vamos ver no que vai dar...”, completa David.

Maya procura a caixa das barras que estava sobre mesinha, ao lado do sofá

e sem receio algum, levanta-se tirando-as de dentro, mantendo os braços estendidos e em paralelo entre eles.

“Alguma coisa?”, pergunta Armando

“Nada... parece que... não está mais funcionando. David, tente você”, solicita Maya, passando-as para as mãos do marido. Ele repete o mesmo gesto.

“Nada... absolutamente nada.”

Os três amigos ficam sem entender. Armando pensa rapidamente:

“Você mencionou que voltou quando a placa foi colocada de frente para a Arca... é, então, tendo visto o que aconteceu, ou melhor, não aconteceu agora... acho que a Arca de Chartres desinstalou o programa e vamos ter que achar uma forma de instalar o novo...”

Tomada por uma lembrança, Maya fica branca e apreensiva:

“Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!”, exclama ela, uma arca antiga desinstalou o programa...”

“Sim... e... o que... ai meu Deus!”, completa Armando, “a Arca nova... mais moderna! precisaríamos da Arca nova... a Arca de Oak Island¹ que mandamos derreter! Pela ganância, a gente se ferrou! Isso é pecado!”, ele continuava a lamentar: “Derretemos a Arca que claramente pertence a uma época mais avançada, talvez a uma civilização mais avançada e que provavelmente faria esse aparelho funcionar no programa atual.”

Enquanto Armando faz esta última manifestação de desconsolo, David sai da sala, indo até o escritório, sem maiores explicações, retornando em quinze minutos, carregando o *notebook* nos braços e pedindo que Maya e Armando se sentem lado a lado, posicionando o aparelho em uma mesinha de frente. A surpresa se revela ao verem um rosto muito conhecido:

“Olá, Armando e Maya! Estamos com saudades de vocês, eu os convido a virem para Boston, imediatamente. Arrumem suas malas e embarquem amanhã mesmo. Tenho algumas coisas para contar e uma em especial, a revelar... algo que está muito bem guardado e que, pelo que David me contou, poderá ajudar, como eu pensei que fosse, qualquer dia desses.”

Via Skype, Maya e Armando se despedem de Solomon, o irmão mais velho de David, sem que tocassem claramente no assunto, por aspectos de segurança.

Armando ria sem parar.

“Esse cara é da pesada! Ele deu dinheiro para gente se virar até que o David voltasse e, assim, garantiu a nossa vida e a segurança da Arca de Oak

Island! É isso, né David?!”

Enquanto Armando ria e achava a notícia extraordinária, Maya aparentava estar chateada. Constantemente provando ser o melhor amigo de David, Armando percebe a situação e, mudando de estado de espírito, resolve voltar para casa.

“Bom, tá tarde, né?! A Ana ficou lá embaixo me esperando... estou indo e já vou falar pra gente arrumar as malas logo pela manhã. Boa noite e fiquem em paz!”

Ele sai rapidamente, mas antes de fechar a porta, mostrando apenas a cabeça e parte do tronco, lembra para trancarem a porta.

Assim que David tranca a porta e aciona o dispositivo de segurança, nota que Maya já não estava na sala. Ele aproveita para passar pelo quarto da filha e dar uma olhada em Suri, que dormia calmamente. A seguir, indo em direção ao seu dormitório, ele encontra Maya no banheiro da suíte. Pensando ser uma boa ideia, retira a roupa, entra no amplo box da ducha, junto com ela:

“Eu sei que está brava... eu deveria ter te contado que a Arca não foi vendida, muito menos derretida...”

Enquanto Maya mantinha-se debaixo do chuveiro, deixando a água cair pelas costas, David a abraça por trás, beijando seu pescoço e continuando a falar, sensualmente.

“Solomon queria ajudar. Ele sabia que você não aceitaria o dinheiro para sobreviver até que eu voltasse, se é que isso aconteceria... se vocês não tivessem ido me buscar, provavelmente, eu ainda estaria lá. Aqueles milhões eram meus e de Solomon. Eles saíram de mim para você, Suri, Armando e Ana... nossa família. Desculpe por não ter dito isso antes...”

David continuava a falar e a beijar o corpo dela, levando a mão esquerda a massagear sensualmente os seios, enquanto a mão direita descia pela barriga, atingindo áreas de maior sensibilidade, fazendo-a gemer e se contorcer. Ela se entrega em um encaixe perfeito e inevitável, por completa paixão e por saber que não adiantava brigar... O mistério que envolvia seu marido estaria presente em sua vida, por tempo indeterminado... “Quem sabe um dia isso mudaria?”, pensava ela, completamente entregue ao prazer daquele momento.

1. Na aventura vivida em “O Sol Negro – O Retorno das Sociedades Secretas do Vril”, os protagonistas encontraram, na Ilha de Oak Island, na Nova Escócia, Canadá, uma versão diferente da chamada Arca da Aliança.

17.

NO DIA SEGUINTE.

AEROPORTO DE GUARULHOS, SÃO PAULO, 22H.

Caminhando em direção ao portão 12 de embarque, Armando e Ana decidem parar em uma lanchonete, para comprar água e algo para comer. Maya segue vagarosamente e com cuidado, empurrando o carrinho onde Suri dormia. David carregava uma pequena mala com objetos pessoais, dentro da qual estava a caixinha com as barras de Toth. Interessantemente, a facilidade de passar pelo raio X se repetiu, como ocorreu, no ano passado, com o Gerador Vril, o Dorje. Durante a passagem da mala pela esteira para a análise de imagem, nada foi notificado. O grupo acreditava que o material do qual eram feitos esses objetos ancestrais, embora de aparência metálica, poderia ser proveniente de uma composição não metálica, incluindo sílica e carbono.

Aproximando-se do portão 12, uma sensação de tontura toma conta de David, chegando a fazer com que perdesse, ligeiramente, o equilíbrio. Estando Maya entretida com os cuidados com Suri, ela não se deu conta do fato, principalmente por ele haver ficado alguns passos para trás. De repente, havia dois homens com cabelos pretos e lisos, relativamente compridos, vestidos com roupas pretas, corte reto e liso, parecendo uma adaptação moderna de túnicas celtas, destacando uma pele incrivelmente branca. Colocando-se um a cada lado de David, faziam algo para impedir que ele caísse, embora não o tocassem. Suas mãos estavam abertas, em formato de concha, parecendo amparar um campo energético invisível, que de alguma forma, afetava o equilíbrio e capacidade mental de David. Em questão de segundos, ele não mais conseguia se mover, seus membros estavam completamente rígidos. Por final, o pescoço endurece e, devido ao ângulo no qual travou a localização da cabeça, ele tem uma única visão: a uns 25 metros de distância, reconhece a fisionomia dos irmãos Muller, acompanhados de duas moças magras e loiras, com cabelos muito lisos e compridos, amarrados em um rabo de cavalo que caía à altura da cintura. Eles estavam embarcando em outro voo, cujo destino era Washington D.C. Assim que os Muller passassem pelo portão de embarque, descendo pelo túnel que leva ao avião,

como em um passe de mágica, os dois homens que estavam ao seu lado, desapareceriam. David é despertado da cena, ao receber um tapa nas costas, vindo do amigo Armando.

“Olha aí, meu irmão, trouxe um sanduichinho para aguentarmos até a hora do jantar... Quer presunto com queijo ou só blanquet de peru?”

David estava perplexo.

“Você não viu dois caras de preto ao meu lado? Eu fiquei paralisado... eles sumiram! Lembravam fantasmas com olhos marcados por delineador preto.”

“De que caras de preto você está falando? Com delineador nos olhos?!”, pergunta Armando, olhando para todos os lados, de forma a procurar por eles.

“Eu não sei o que houve, só sei que fiquei paralisado quando dois caras vestidos de preto, com cabelos negro azulados e lisos... uma aparência gótica... se colocaram ao meu lado, premeditadamente para me paralisar... estou certo de que usaram o Vril para tal... eu vi... caindo à altura do peito, preso por corrente prateada, carregavam o símbolo do Sol Negro, o Vril vibrava ao redor...”

“Caramba... que doido! Eu sempre perco a melhor parte...”, exclamava Armando, coçando a cabeça e mantendo-se freneticamente olhando para todos os lados.

“Acredito que nos protegeram, pois, ao ser paralisado, pude ver os irmãos Muller embarcando com duas moças que se encaixam na descrição de sacerdotisas... embarcaram para Washington D.C. Eles não me viram... pelo menos, a partir do momento em que fui congelado. Talvez, se eu tivesse me movimentado, com alguns passos a mais, eles teriam me visto...”

“Cara, que loucura!”, exclama Armando, abrindo um sanduíche e mordendo-o para aliviar a tensão que sentia. Ele ofereceu outro a David, mas este gesticulou negativamente. Diferentemente de Armando, para David, definitivamente, não seria uma boa hora para sentir fome.

“Ai caramba, eu já conheço essa estória...”, diz Armando, sincronizado com outra mordida no sanduíche, “eles embarcaram para nos seguirem... Como é que eles conseguem saber isso com tanta precisão? Foi ontem à noite que decidimos viajar! Eu pergunto e eu respondo: Eles devem estar rastreando nossos cartões de crédito, daí que devem ter um cara quente como eu, como hacker, para descobrirem nossos passos... Essa seria uma maneira bem lógica, fora a que você provavelmente diria, que usaram a visão remota das sacerdotisas em estados alterados de consciência”, declara Armando.

“Provavelmente eles usaram as sacerdotisas em estado alterado de

consciência para saber disso”, conclui David.

“Não precisava nem ter repetido... pois é!”, completa Armando, continuando a morder o resto do sanduíche.

A alguns metros de distância, Ana gesticulava; não obtendo resposta, vai buscá-los, indicando um local com mesinhas para apoio, onde poderiam ficar, à espera do horário do embarque, que se acercava.

Durante o voo, tudo transcorreu de maneira tranquila, até o piloto informar que já estavam se aproximando de Boston, e, que dentro 15 minutos, iniciariam os procedimentos de descida para pouso.

Novamente, pego de surpresa, David começa a ser afetado; entretanto, dessa vez não se tratava daquela sensação de paralisia, e sim a que ele reconhecia ser oriunda das sacerdotisas do Vril. Buscando sobrepor sua força sobre a delas, coloca em prática todos os anos de treinamento que recebeu de Mestre Germano, para livrar-se do controle da mente que lhe era imposto. Ele fecha os olhos, sem dizer nada a Maya e aos amigos, para que não ficassem preocupados. Maya entende que ele queria descansar, conectando o cinto de segurança de David, certificando-se estar seguro, caso estivesse dormindo durante o pouso. Assim, ele se concentra na primeira imagem recebida, relaxando a mente, procurando entrar em ondas alfa, entre 8 a 12 ciclos por segundo, de forma a permitir que a mensagem, seja lá qual fosse, pudesse ser recebida. Uma confusa visualização de imagens sobrepostas começa a vir até ele... nada era inteligível... precisava relaxar ainda mais, abaixando a frequência de sua mente para a faixa de quatro a sete ciclos por segundo, entrando em ondas teta. Nesse estado, em que aparentava dormir profundamente, recebe em seguida uma cena de pessoas sendo atacadas, tiros com silenciadores, gritos de mulheres, presenciando nitidamente um homem sendo jogado dentro do interior de uma van, coberto de sangue. Um segundo homem ensanguentado é jogado na sequência, sem qualquer consideração, sobre o primeiro. A porta se fecha e a imagem se desfaz. David abre o olhos com o batimento cardíaco acelerado, disfarçando o fato de estar assustado... “as sacerdotisas me mandaram um pedido de socorro...”, pensa ele, respirando como se estivesse com falta de ar.

“O que houve? Teve um sonho?!”, pergunta Maya, tendo Suri no colo, começando a reclamar de dor nos ouvidos, devido à pressão auricular na descida do avião. Dando prioridade a filha, ele disfarça, preferindo contar o que havia visto, assim que chegassem ao solo.

A descida foi calma, e a passagem pela imigração também. Novamente os

Bastões de Toth passaram pelo equipamento de raio X sem serem notados. Nitidamente a apreensão de David era grande, olhando para todos os lados, demonstrando a todos, que algo estava errado.

“O que está havendo? Você está fora de si!”, pergunta Maya.

“Eu vou explicar assim que chegemos a casa de meu irmão!”, exclama ele, mantendo os olhos atentos a qualquer movimento.

Solomon os esperava na saída do desembarque, e, após dois meses sem terem se visto, abraços calorosos foram dados. Maya gostava de apreciar o encontro desses dois, sempre mencionando que eles se pareciam muito fisicamente, embora David fosse alguns anos mais jovem.

18.

19H, DURANTE O JANTAR.

Como sempre, Armando assumiu a pilotagem do forno e do fogão, atitude apreciada pelo grupo, dado seus fantásticos dotes e esmero culinário e, em parte, pelo fato de a anfitriã, Anne Cooke Bacon, esposa de Solomon, estar grávida de cinco meses e não precisar se cansar por isso, enquanto ele estivesse por lá. Sentados à mesa, as maravilhosas iguarias e pratos de acompanhamento eram servidos por Maya e Ana. Anne e Solomon estavam muito felizes com a nova gravidez, já que os filhos Elizabeth, de sete anos, e Walter, de dez, pediam por um novo irmão. Eles eram crianças muito carinhosas, não davam trabalho e eram muito independentes, uma típica característica dos pertencentes a este clã.

Após o jantar, os convidados reuniram-se no centro do encantador e reservado jardim de inverno, construído com fechamento total de vidros que mantinham o ambiente mais aquecido do que os 15°C da área externa, a essa hora. Apreciando a linda vista e sentindo o aroma das flores do prazeroso local, a curiosidade do grupo pôde ser satisfeita logo que Anne levou os filhos para os quartos, para se prepararem para dormir e ficou de dar uma olhadinha em Suri, que já dormia no mesmo quarto reservado para Maya e David.

Chegou a hora. O silêncio toma conta dos presentes, à espera de que Solomon e David esclareçam o misterioso paradeiro da Arca encontrada no antigo reduto dos templários, Ilha de Oak Island, no ano passado. Maya, Ana e Armando achavam que ela tinha sido derretida, e seu ouro 24K, vendido a banqueiros. O mesmo se aplicava a Mestre Germano, que ficou no Brasil, devido a outros compromissos.

Solomon e David estavam sentados em um conjunto de poltronas, dispostas lado a lado, facilitando a discussão que se seguiria.

“Ok, hora da revelação, mas, pelo que estou acostumada, somente parte dela será revelada hoje; portanto, Ana e Armando, não adianta ficarem excitados em excesso”. Com esta expressão, Maya demonstrava continuar magoada com David, pois ele havia escondido o paradeiro da Arca, além de outros detalhes misteriosos que envolvem sua vida. Ela estava convencida

quanto a merecer ter sido informada do paradeiro da Arca e de sua preservação.

Ciente de sua responsabilidade pelo momento de impasse, demonstrando o poder de uma personalidade respeitada e admirada por aqueles que o conheciam, Solomon toma a palavra:

“Maya, eu peço um milhão de desculpas por ter convencido David a não contar nada quanto ao paradeiro da Arca de Oak Island. Eu sou o único responsável por isso e não ele. Eu concluí que, fazendo-os acreditar que a Arca seria destruída, você aceitaria o dinheiro proveniente dessa venda, sem resistências, como de fato ocorreu. Por outro lado, nós não sabíamos quando e se ela seria necessária. Até aquele momento, para vocês, ela aparentava ser apenas um objeto de ouro, um receptáculo, sem poderes especiais... Poderíamos passar uma vida inteira sem ter a necessidade de lidar com ela... e... para a minha surpresa, praticamente se fez de imediato. Além de ter sido a solução que usei para fazê-la aceitar o dinheiro, fundamental para a manutenção de sua vida e da minha sobrinha... o mesmo fato se estende a Armando e Ana... eu intuía que a Arca poderia ser um equipamento muito avançado, de uma tecnologia extraordinária e que viria a ser útil posteriormente. Essa possibilidade está ligada ao meu silêncio. Vocês têm vivido coisas que, se fôssemos contar, simplesmente, ninguém acreditaria, a não ser...” Solomon faz uma pausa, como para medir melhor as palavras queria dizer, procurando um maior sentido para o discurso.

“A não ser...”, completa Maya, um pouco impaciente pela pausa interminável.

“A não ser por grupos seletos de pessoas que frequentam sociedades restritas a membros que buscam e compreendem esses fatos e sabem que são reais, pois muitos destes... são como vocês”.

“Boiei!”, exclama Armando... Continuando: “como ‘vocês’?!... A que grupo você se refere? E o que é esse ‘vocês’? Isto significa que você não se inclui?”, pergunta Armando, sem haver entendido o que ele queria dizer.

“Eu também fiquei confusa, agora...”, exclama Maya, em solidariedade ao amigo.

David resolve ajudar o irmão, aumentando a carga de informação, nitidamente, controlada:

“Vocês dois sabem ao que ele se refere. Isto tem a ver com as pessoas que foram preparadas biologicamente para fazer parte de um processo de conexões especiais através de uma modificação genética... isso foi feito com

grandes personagens da história, e, devido a esta alteração, eles fizeram muita diferença para a humanidade...”

Armando coloca a mão no queixo, divagando à procura de algum paralelo para creditar tamanha afirmação:

“Buda, Jesus, Nikola Tesla, Maria Orsic, Albert Einstein!!!”, exclama Armando.

“Sim, alguns desses e muitos outros que não mencionou e que se parar para pensar, vai dizer mais alguns nomes corretos”, completa David.

“Entretanto, o mais importante a esclarecer aqui é o seguinte... com respeito a essa alteração genética, não significa que essas pessoas são melhores do que ninguém. Significa que, nesta vida, nesta realidade paralela, elas desenvolvem uma missão acordada em outro momento, em uma outra realidade, com o foco de ajudar a humanidade a ser menos... vamos dizer... prejudicada por forças mais negativas do que positivas...”, informa sabiamente, Solomon, dando a deixa para David praticamente encerrar o assunto.

“Eu os recorde de um detalhe importantíssimo: todas essas realidades são vividas ao mesmo tempo... é pura Física Quântica... ciência!”

“Sim, sim, o tempo é apenas uma forma de explicar o deslocamento de matéria em realidade 3D, portanto uma ilusão. Assim, entendemos que vivemos todas essas vidas ou realidades, ao mesmo tempo, tendo a lembrança de apenas uma por vez, a que nos parece real no agora, mas cada uma influencia a outra... cada decisão altera, em partes maiores ou menores, as outras, e, portanto...”, Maya perde a vez de fechar o raciocínio.

“Muito bem, portanto...”, Solomon intercede na fala de Maya: “... os que estão cientes disso e da sua missão devem proteger certos objetos considerados sagrados, místicos e esotéricos, de pessoas que desconhecem sua real função e os desejam para aumentar o seu poder pessoal. O misticismo está envolvido no conhecimento parcial e o esoterismo na ocultação da verdade. Aplicando-se o correto entendimento científico e histórico, podemos entender que esses objetos foram feitos por civilizações que detinham um grande avanço, sucumbindo por diversos motivos, desde a autodestruição a catástrofes naturais, perdendo-se no tempo. Eu me considero, juntamente com Ana, Armando, sem esquecer de falar de Mestre Germano, entre outros, os seres que temos o dever de ajudar esses outros seres especiais a nos proteger e dar condições para que construamos uma melhor realidade”.

O silêncio pairou por alguns segundos, até que, como sempre, Maya se atreve a fazer uma pergunta:

“Solomon, vamos conhecer essas pessoas, esses que, como eu e David, fomos modificados para ancorar essas novas energias?”

“Maya, existem mais dessas pessoas no mundo do que você possa imaginar. Elas estão nascendo, a cada dia, de forma a gerar a singularidade necessária para uma grande mudança. Alguns, em grupos místicos, chamam-nas de crianças índigo, crianças cristais e até de hiperbóreos. Eu as chamo de os novos preparados...”, responde Solomon.

“Hiperbóreos? Eu já ouvi algo a esse respeito... alguém pode me esclarecer isso melhor?”, pergunta Armando, expressando-se por gestos que traduziam confusão.

Entendendo a dificuldade do tema, David resolve ajudar o amigo.

“Hiperbóreos é uma palavra que define uma raça que habitou a Terra; para alguns, mito, para outros, como H.P. Blavatsky, verdade. Ela os classificou como sendo, a segunda raça humana que habitou a Terra, antes dos lemurianos e atlantes, descendente destes. Segundo consta, era um povo de aparência ariana, de grande estatura, mencionados nos textos de Heródoto e Homero. Teoricamente, viviam em outra realidade, paralela; eram menos densos do que nós e, por isso, precisavam de portas ou pontes, que ligassem essas duas realidades, para aqui estarem”.

Armando continuava com uma expressão de confusão. Notando isso, David sorri e continua:

“Ok, amigo, sei que é confuso. Vou dar mais alguns dados, para que possa depois completar melhor, com algumas pesquisas... Esse povo viveu em um período chamado de Era do Ouro da Terra e pode haver sido o responsável pela alteração de algumas espécies de hominídeos, fazendo-os desaparecer, por partes...”

David faz uma breve pausa, esperando por uma reação de Armando, demonstrando que estava absorvendo a informação adequadamente e, ao mesmo tempo, aguardando opiniões vindas dos outros. Armando não se contém ao ouvir tamanha revelação:

“Cara, se eu sobreviver a este período de convivência com estas histórias malucas, eu vou ser imortal... não morro mais não... mas eu posso ficar louco!”

Maya dispara uma sincera gargalhada, acompanhada por Ana, contaminando o resto, incluindo David, que, com sua paciência e

compreensão extrema, faz um gesto para Solomon, sinalizando que ele desejava seguir com a explanação:

“Existem muitas versões diferentes para esse assunto, e, portanto, vou focar em uma delas. Os hiperbóreos expressavam a fisicalidade de forma menos densa, o termo certo é o quase físico. Como já dissemos, para poderem fazê-lo, alterações genéticas nos hominídeos ocorreram, especificamente sobre o Homem de Neandertal, gerando o Cro-Magnon...”

“Isso explicaria o desaparecimento do Neandertal, sem deixar uma clara conexão evolutiva”, completa Ana.

“Exato”, David concorda e continua com o raciocínio: “Esse novo homem, mais avançado, poderia responder a essa nova ligação e, através dela, podemos explicar o salto evolutivo que ocorreu nos últimos 30 mil anos. Algo que foge dos padrões, já que o homem passa, sob um passe de mágica, de um ser simiesco a um ser avançado, construtor de cidades fantásticas, usando tecnologias que demonstravam o uso da Matemática e da Astronomia, em uma diferença de 10 a 20 mil anos”.

“Caramba... e de onde eram, digo... de onde vieram esses hiperbóreos?”, questiona Armando.

“Isso não sabemos, mas há uma teoria sobre sua origem ser da estrela Alfa da constelação do Touro: Aldebaran. Tão cultuada pelo pessoal da Sociedade Vril e da Sociedade Thule, que se uniu ao sonho da SS de Hitler e dos nazistas. Gerar o homem noeticus, uma raça mais avançada, capaz de lidar com energias mais poderosas, como a própria energia Vril... uma nova espécie”, conclui Maya.

“Sim, princesa, mas o objetivo de Hitler era chegar nesse nível para para ter esse homem noeticus sob seu comando e povoar a Terra com ele. Hitler, Himmler, Hess, e Karl Haushofer, a quem se atribui a ideia da criação da Sociedade Vril, após a quebra da Thule em duas facções, entre outros, obtiveram essas informações através das reuniões realizadas na fase inicial da Sociedade Thule, por volta de 1917, ou um pouco antes. Teosofistas como Steiner, seguidores de H.P. Blavatsky, falavam disso com o mesmo objetivo que o nosso: o bem maior. Entretanto, nesses grupos já começava a ter representantes políticos, disfarçados, os quais se aproveitavam dessas informações para as levarem a seus partidos e usarem da forma como já sabemos. Com a maior infiltração desses políticos e até de magos negros, a Sociedade Thule perdeu o seu foco de origem e se rompeu em duas, sendo a que permaneceu presente na história, a que elevou Hitler a chanceler na

Alemanha, e o resto, conta um pouco da verdade, regada a dados completamente alterados em benefício de terceiros”, explana David.

“Ok, estamos todos de acordo com isso... já sabemos que, sendo modificados ou não, todos aqui temos o mesmo comprometimento... mas onde está a Arca de Oak Island e quando poderemos vê-la?”, interpela Maya, sem muito esperar por mais explicações.

“Ela está junto ao sonho de Walter Raleigh!”, exclama Solomon.

“Walter Raleigh... o irmão mais velho de Francis Bacon, não oficialmente aceito pela história... os filhos bastardos e escondidos da Rainha Elizabeth I?!”, pergunta Maya, sem entender exatamente.

“Sim, Maya... amanhã pela manhã iremos fazer um passeio de barco em direção a uma ilha muito especial... Roanoke... vocês vão gostar do que verão, eu prometo”.

Com esta expressão misteriosa, Solomon convida todos a relaxar e descansarem o máximo possível, já que partiriam logo cedo.

19.

N^O DIA SEGUINTE, 9H, 18°C.

Uma manhã ensolarada demonstrava a elevação da temperatura, um pouco acima da média usual. Em uma marina da área portuária de Boston, ao lado da Constitution road e Constitution plaza, David e Maya sobem a rampa em direção ao Aurora B., o luxuoso e moderno iate de 75 pés, sentindo uma profunda emoção que expressava as lembranças do que viveram há exatamente um ano. Parando na entrada da rampa, antes de subir o degrau para o convés do iate, Maya tentava controlar a emoção. O coração batia descompassado e acelerado, forçando-a a colocar a mão no peito.

“Isso é estranho... eu sempre consigo me controlar tão bem... por que agora não?!”, pensava ela.

Notando que algo estava errado, mas intuindo o que pudesse ser, David a abraça carinhosamente, de forma a confortá-la e dar-lhe forças para continuar.

“Você está bem?!”, pergunta ele carinhosamente, ajudando-a a manter a capa Burberry de meia estação fechada, devido ao um vento forte e úmido, que produzia uma sensação térmica mais baixa do que a temperatura real.

“Sim, creio que sim... é que estamos repetindo tudo de novo... quase a mesma data, saindo de Boston em direção a uma ilha... atrás de uma arca...a mesma Arca... até a mesma capa eu estou usando... só que da vez passada, você sumiu e demorou nove meses para voltar... e eu fiquei grávida. Dessa última situação eu estou no controle e sem chances... mas e da outra?”

Maya temia que novamente, algo pudesse acontecer a David. Ele se entenece pelos receios da esposa:

“Princesa, desta vez é diferente, embora algumas coincidências estejam presentes... Nada vai nos acontecer, e eu não mais vou me separar de vocês!”

David a beija ternamente. Em seguida, incentiva-a a subir a rampa. Maya sentia uma incerteza estranha, como se fosse algum aviso:

“Outra ilha! Por que outra ilha?!”, perguntava-se ela, pensando alto, enquanto via David entrar com as bagagens auxiliado pelo amigo Armando, que se juntou a eles nessa viagem.

Para sua felicidade, o Capitão Blake vem ao seu encontro cumprimentá-la com um forte abraço, revelando os laços formados durante a aventura vivida.

“Nossa! Fiquei muito feliz por saber que estavam a caminho! Onde está o bebê, e onde estão Ana e o Mestre Germano?”, Blake exibia sua simpatia por todos.

“O bebê se chama Suri e é a cara do pai. Ela está sob os cuidados de Ana e Anne, protegidas por dois caras fortes, na casa de Solomon. Achemos mais conveniente que fiquem por lá, pois, no caso de Suri, ela ainda é muito pequena. Só tem 4 meses!”, esclarece Maya.

“Entendo, claro. Gostaria muito de vê-la!”, diz Blake.

“Ah, isso é muito fácil! Assim que voltarmos, vamos até lá e você a conhecerá. Faço questão.”

Tendo acomodado as malas na suíte, David retorna, informando que William, o auxiliar de serviços gerais, também estava a bordo.

“Outra boa notícia”, pensava Maya.

Logo que chegou ao iate, Solomon subiu direto para a cabine de comando, desejando preparar o processo de partida, aguardando pelo Capitão Blake e assim discutirem os últimos detalhes da viagem.

Após 15 minutos de espera, o Aurora Borealis se solta das amarras, rasgando as águas com classe e suavidade. De agora em diante, estariam viajando a uma velocidade média de 55 nós, o que possibilitaria chegarem à Ilha Roanoke com aproximadamente 14 horas de viagem. Enquanto o iate navegava lenta e suavemente, afastando-se da marina, Maya manteve-se do lado externo, fechando a capa para se proteger do vento, olhando adiante, segurando-se no guarda-corpo de aço inox e certificando-se de que seus óculos de sol não sairiam voando. Uma estranha sensação a mantinha tensa:

“O que poderia ser? Que sensação indescritível era essa... era como se alguém tentasse me dizer algo e não fosse possível ouvir”.

Uma enervante sensação de impotência a dominava, sem explicação alguma. Logo em seguida, David se junta a ela, abraçando-a, ambos mantendo-se em silêncio, como se estivessem querendo ouvir aquilo que não poderia ser recebido com seus órgãos sensoriais.

Ao meio-dia, um agradável almoço preparado por William e Armando foi servido, e, ao terminar, Solomon convida Armando, o irmão e a cunhada a sentarem-se à mesa menor, ao lado de uma janela, de forma a facilitar a conversa enquanto tomavam café ou chá, apreciando a vista.

Maya parecia estar recuperada, voltando ao seu estado natural, sempre

positivo e concentrado. Ao notar, David fica radiante, vendo que o equilíbrio e a grande força natural, tão peculiares de sua esposa, estavam de volta.

“Solomon, por favor, esclareça o que e quem vamos encontrar na Ilha Roanoke”, pede Maya, em tom forte e determinado. Ele pensa por alguns segundos, antes de lançar-se a falar:

“Encontraremos um pouco mais da história de Walter Raleigh”, Solomon responde com um certo enigma na frase.

“Um velho conhecido... muito conhecido, diga-se de passagem... principalmente por causa do irmãozinho, gente boa!”

“Seu humor negro voltou! Ela está ótima... e logo vem bomba!”, declara Armando.

“Muito bem, sim, nossos velhos amigos... Bacon, Raleigh e Francis Drake foram a Oak Island esconder a Arca com os cristais de Enoch e alguns dos manuscritos de Shakespeare. Eles fizeram isso em várias etapas. Sabemos que não foi feito apenas uma vez, e sim mais de uma. Eu acredito que, principalmente no que se refere a estes manuscritos, Bacon os tenha levado já em idade mais madura. De alguma forma, eles tinham o comando de abertura do poço, usando algum instrumento como o que Maya usou no ano passado, o Gerador Vril, ou Dorje.”

“Isso me parece bem lógico e não sei por que não nos passou pela cabeça antes... se Maya usou um manipulador da energia Vril, eles deveriam ter algum outro tipo que fizesse a mesma conexão... o que poderia ser?!”, David faz a pergunta, ficando profundamente absorto em seus pensamentos.

“Exato, David, existia. Segundo os irmãos rosacruzes, a Tábua Safira e o Anel de Salomão estiveram em poder de John Dee, ao mesmo tempo que os cristais de Enoch. Podemos concluir que, com eles, a armada invencível de Felipe II foi derrotada, algo quase impossível para a época, ainda mais praticamente sem luta, já que a tempestade que surgiu do nada foi o que derrotou e afundou a maioria dos galeões de Filipe II, dando a vitória à Rainha Elizabeth I”, completa Solomon.

Aagitada, Maya corta a conversa: “Minha Nossa Senhora! Isso é incrível! Se for real, é uma história maluca e fantástica ao mesmo tempo! Como é que ele manteve em segredo a Tábua Safira e o Anel? O que sabemos dos cristais é o que consta como um registro esotérico, mítico ou, quem sabe, real... foram precipitados, através de um estado de transe, enquanto John Dee conversava com o que chamaram de anjos, na linguagem enoquiana e, segundo consta, os anjos entregaram os cristais ao mago.”

Maya faz uma pausa para melhor pensar, retornando a conversa em alguns segundos, tendo os dois bonitos homens a olhá-la, sem entender sua reação tão excitada.

“Pensando bem, eu vivo com coisas como essas ultimamente e nem sei por que fiquei tão agitada.”

“É, eu achei que você tivesse se esquecido de seu último ano... mas já que lembrou... Solomon, continue... o que aconteceu com esse Anel e a Tábua Safira? De onde eles vieram? Quem os entregou a John Dee?”, pergunta David, com um típico ar sério e investigativo.

“Quem os entregou a ele... francamente, nós ainda não sabemos... os registros sugerem os de sempre: templários. O que temos por seguro é que quando John Dee morreu, ele os passou a seu pupilo predileto, Walter Raleigh, quem os manteve em sigilo até que...” Solomon parecia procurar por palavras melhores e, ao mesmo tempo, ninguém se atrevia, sequer a piscar “... até que a Rainha Elizabeth I faleceu, sua fiel protetora, colocando-o em exposição e perigo, já que o novo rei, James I, sabia que Raleigh seria o correto sucessor ao trono, o Tudor mais velho e perigoso. Para James I, Francis Bacon não oferecia perigo, já que sua ambição não estava exatamente na política e sim na escrita, nas artes em si.”

Solomon faz um paralelo com uma espécie de clube de escritores, financiado por Francis Bacon, enquanto ocupava o cargo de Lorde Protetor do Grande Selo, o Knights of the Helmet. Através dele, centenas de livros foram escritos, revistos e impressos naquela época. Eles tinham até uma tipografia. O ponto mais importante foi a reforma na língua inglesa realizada por esse grupo. Até então, a língua inglesa era cheia de dialetos que impediam o bom entendimento, entre regiões. A partir desse trabalho, de forma impressa e representado em teatros, a reforma da língua era apresentada ao público, gerando um sentido de nacionalismo e levando o grande desenvolvimento intelectual, inclusive na ciência.

“Tudo graças a esses irmãos incríveis!”, exclama Maya.

“Sim, tudo isso foi encabeçado por eles, com muita ajuda, logicamente”, complementa Solomon, dando continuidade: “... sem falar das obras de teatro e poemas. Vários desses secretos escritores participaram das muitas obras, destinadas a serem apresentadas como tendo sido criadas por William Shakespeare e Christopher Marlowe... Eles eram meros receptores das obras, intitulado-se seus criadores, para uma aceitação geral. Isso explica a dificuldade de dar a Francis Bacon a autoria de tantas obras ao mesmo tempo

e o fato de apresentarem variados estilos. O clube de Bacon era fundamental para produzir cultura e manter sob segredo a origem real daquelas obras, uma a uma, com a influência de seu mecenas, mas nem todas eram escritas pelo seu próprio punho.”

“O clube de Bacon tinha muita importância, embora visto sem grandes suspeitas...”, diz David, “... foi através dele que a verdadeira atividade de Christopher Marlowe ficou encoberta. Ele era um espião que fazia parte do primeiro serviço secreto de que se tem notícia na história, criado pelo espião máster da Rainha Elizabeth I, Thomas Walsingham, incentivado por John Dee...”, complementa David.

“Nossa! Eu sabia da possibilidade de “Fausto” não ter sido escrito por Marlowe, e sim por Francis Bacon, com seus pupilos do clube, mas não tinha ideia quanto a ele ter sido um espião!”, exclama Maya, demonstrando brilho nos olhos.

“Sim, princesa... a ele foi dado o disfarce necessário, o de escritor, enquanto que, com isso, passeava pela corte da Escócia, sem gerar desconfianças...”, adiciona David à conversa.

“Nossa... isso daria uma trama incrível para um filme: o primeiro serviço secreto do mundo!”, completa Armando, fazendo graça.

“Pelo que eu estou entendendo, enquanto Bacon cuidava do clube da escrita, Raleigh veio mais vezes à América, embora a história oficial diga que Walter Raleigh nunca veio a América”, conclui ela.

“Sim, é muito difícil acreditar nisso. Se ele foi um grande patrocinador da Nova Atlântida (conforme a obra de Francis Bacon), ou seja, da América do Norte... ele não conseguiria ficar afastado... eu acredito que ele veio e várias vezes, conforme nos foi revelado, sendo que, em uma dessas vezes... eu imagino que você, Solomon, vá dizer que, ele deixou o Anel de Salomão por aqui...”, conclui David.

“Sim, David, é o que achamos. Pense comigo, por que montar uma colônia em uma ilha se poderia ser montada no continente? Preocupação com índios? Eles também estavam por lá, pois havia a tribo dos Croatoans... chegamos à conclusão de que ele queria ter um local afastado, sem grandes interferências, com seguidores que protegeriam o Anel, com sua própria vida...”

“Deus do Céu! Isso me recorda da história, ou lenda, quanto a Willian Sinclair ter levado a Arca da Aliança da Grã Bretanha para Oak Island... de um jeito ou de outro, achamos uma arca lá, mas acho que não era a mesma narrada na Bíblia... será?!”, Maya externou um pensamento em voz alta, sem

esperar que os dois irmãos a respondessem. Entretanto, Armando resolve responder por eles:

“Seja lá o que foi e quem foi que colocou o que encontramos em Oak Island, estou certo de que aquele local e o grupo envolvido, está ligado a este novo local... Roanoke... depois do que eles disseram.”

Solomon observava, respondendo positivamente a última frase de Armando:

“Sim, perfeitamente...”, diz Solomon, “... parece que separaram as peças que, na época deles, estavam juntas, ou seja, a Arca, a Tábua Safira ou barras de Toth e o Anel, fazendo parte de um mesmo tesouro, buscando salvá-las, para que não caíssem em mãos erradas... talvez isso se refira às constantes rebeliões da época, o que levou a muitas lutas e uma guerra civil, ocorridas logo após a morte de Elizabeth I, durante o reinado de James I e Carlos I, seu filho.”

“Solomon...”, Maya interrompe parecendo ter chegado a uma hipótese, devido aos detalhes que foram dados, “... você está sugerindo que as pessoas desta colônia de Roanoke, formada entre 1585 e 1587 foram... foram... assassinadas por aqueles que sabiam da existência do Anel e, quem sabe, da Arca... e dos cristais de Enoch?”

“Sim, Maya... pode ser que soubessem apenas de uma dessas coisas, ou de todas elas. Não temos pistas, além de uma gravação feita em duas árvores, com o nome da tribo dos índios Croatoans. Podem ter feito isso, apenas para despistar a real procedência dos assassinos que exterminaram aquelas pessoas, sugerindo terem sido estes índios.”

Solomon tentava chegar a hipóteses, já que qualquer conclusão seria sem bases mais aprofundadas. O mistério do desaparecimento daquela comunidade estava longe de ser revelado.

“Mas... e o Anel? O que se sabe do Anel, depois disso?”, pergunta Armando.

“Absolutamente nada... ao que parece, ele não foi encontrado. Muitas escavações foram feitas e, por isso mesmo, existe a lenda do Poço do Tesouro, nesta ilha, similar à lenda de Oak Island”, Solomon responde a Armando, parecendo estar procurando por mais dados em sua mente.

“Então eu concluo que você e seus colegas trouxeram a Arca para que ela achasse o Anel? Mas como?!”, questiona Maya, chegando a mais uma de suas brilhantes conclusões, e demonstrando muita curiosidade para entender como isso poderia ser feito.

Conhecendo-a muito bem, David dá um sorriso e responde com simpatia, apertando, suavemente, sua bochecha direita, como se ela fosse uma criança.

“Eu também não sei... simplesmente acreditamos que poderemos fazer um achar o outro. Como você mesma se expressou sobre a conexão do Dorje com a Arca? Bluetooth, lembra?!”

“Ok, ok... é possível... se a Arca reconhecer a tecnologia dos Bastões de Toth, poderemos achar o Anel...”, complementa Maya, falando de forma lenta, demonstrando ter outras coisas em sua cabeça.

“Todos malucos! Vocês são todos malucos, e eu estou junto!”, exclama Armando, comendo uma bolacha amanteigada.

20.

BARREIRAS DE NAGS HEAD,

ESTADO DA CAROLINA DO NORTE, 19H.

O início da noite apresentava um lindo cenário à meia-luz. Até esse ponto, a viagem foi relaxante, passando por paisagens paradisíacas e águas relativamente tranquilas. O Aurora B. continuava o seu curso e dentro de mais uma hora, estaria contornando o canal da barreira de Nags com a Ilha de Hatteras, passando por debaixo da gigantesca ponte Oregon Inlet e, então, subindo em direção à Ilha Roanoke. A paisagem era definitivamente maravilhosa, repleta de cores nas águas e, em terra, incluindo a presença de amigos muito conhecidos, os golfinhos, insistentes em seguir o Aurora B.

Após um banho e uma nova troca de roupa, Maya e David vestem-se seguindo um mesmo estilo: *jeans* escuros, camisetas em tom mais claro, botas pretas de cano curto e jaqueta de couro preta para David e tom fendi para Maya. Embora os modelos fossem diferentes, eles apresentavam grande harmonia no vestir. Enquanto ele terminava de se arrumar, ela estava sentada à mesa da cabine, tendo à sua frente o *notebook* e seu inseparável *tablet*. Enquanto David vestia a jaqueta, observava Maya, notando que ela estava completamente absorta pela leitura. Ao terminar, ele contorna a cama, muito curioso, acercando-se, buscando uma melhor visualização, sem que ela fosse incomodada. Maya continuava lendo mentalmente, e, mesmo que parecesse não haver notado a presença do marido, devido à falta de reação, ela solta uma frase, sem se virar, mantendo a atenção na tela: “1Reis 6 até o final do 7.”

“O quê?!”, pego de surpresa, David balança a cabeça, sem nada entender.

“Bíblia Sagrada... on-line... 1Reis 6... a construção do Templo de Salomão... lembra que, quando eu fui transportada para Chartres, tudo no ambiente brilhava? Tudo era espelhado... eu nitidamente, estava dentro de uma atmosfera eletrificada, e, como diria Tesla, eletricidade é o que nos rodeia; portanto, uma condição de supercondutores...”

“Sim, já exploramos essa parte, portanto continue...”, David se senta na beirada da cama, um pouco atrás de Maya; ela vira a cadeira em sua direção,

para melhor poderem se comunicar.

“Então... isso estava na minha cabeça, e algo me dizia que eu vivenciei aquela experiência... de certa maneira... para reproduzi-la...”, Maya inclina a cabeça para o lado, parecendo visualizar uma imagem.

“Continue...”

“Bom, veja essa parte que eu estava lendo, sobre o Templo de Salomão, como ele foi construído após 480 anos da fuga do Egito carregando a Arca da Aliança... é incrível... vou ler para você entender o que eu quero dizer...”, ela ajeita os óculos no rosto e volta a ficar de frente para a tela.

“Vou pulando entre 1Reis 6 e 7... aqui... Na construção do templo só foram usados blocos lavrados nas pedreiras, e não se ouviu, no templo, nenhum barulho de martelo, nem de talhadeira, nem de qualquer outra ferramenta de ferro durante a sua construção...”

“Isso seria impossível, nos moldes da época...até hoje em dia...”, observa David.

“Exatamente! Como é que poderiam quebrar pedras para acertá-las no local, sem ferramentas? Ou ainda, como poderiam encaixá-las perfeitamente? ... Veja isto: Disse YHVH a Salomão: “Quanto a este templo que você está construindo, se você seguir os meus decretos, executar os meus juízos e obedecer a todos os meus mandamentos, cumprirei por meio de você a promessa que fiz ao seu pai, Davi, viverei no meio dos israelitas e não abandonarei Israel, o meu povo”; e mais este: “Salomão cobriu o interior do templo de ouro puro e estendeu correntes de ouro em frente do santuário interno, que também foi revestido de ouro. Assim, revestiu de ouro todo o interior do templo e também o altar que pertencia ao santuário interno. Nesse santuário interno, ele esculpiu dois querubins de madeira de oliveira, cada um com quatro metros e meio de altura. As asas abertas dos querubins mediam dois metros e vinte e cinco centímetros; quatro metros e meio da ponta de uma asa à ponta da outra. Os dois querubins tinham a mesma medida e a mesma forma. A altura de cada querubim era de quatro metros e meio. Ele colocou os querubins, com as asas abertas, no santuário interno do templo. A asa de um querubim encostava numa parede, e a do outro encostava na outra. As suas outras asas, juntavam-se no meio do santuário. Ele revestiu os querubins de ouro. Nas paredes ao redor do templo, tanto na parte interna como na externa, ele esculpiu querubins, tamareiras e flores abertas. Também revestiu de ouro os pisos, tanto na parte interna como na externa do templo. Para a entrada do santuário interno, fez portas de oliveira com batentes de

cinco lados... e nas duas portas de madeira de oliveira, esculpiu querubins, tamareiras e flores abertas, revestindo-os também com ouro...”. Entendeu?”

“Sim... é nítido. Estavam preparando o ambiente para ser capaz de conduzir a eletricidade e o campo magnético que a Arca precisava e gerava, ao mesmo tempo. O fato dos Querubins encostarem as asas nas paredes cobertas de ouro, unindo-se ao centro, é um atestado de ligação e circulação elétrica, tanto quanto as flores em relevo, para diminuir estática... está claro como o dia.”

David permanece alguns segundos pensativo e pede que ela encontre a parte na Bíblia que menciona a construção da Arca. Após alguns segundos, Maya aponta o dedo na tela:

“Sim, aqui está... Êxodo 37:1-2. Tenho o texto da Bíblia, mas é melhor ler o de Laurence Gardner, do livro “Os Segredos da Arca Sagrada”, na página 107... olha só o que ele escreveu sobre a Arca ser um capacitor elétrico. Parece que a descrição de um capacitor é o mesmo da Arca da Aliança, dizendo que Bezalel construiu a Arca com folhas de madeira de acácia e a cobriu de ouro puro, por dentro e por fora. Podemos fazer um paralelo com o Templo de Salomão, o qual tinha pedras cobertas com ouro, por dentro e por fora. Aqui diz que o mesmo Bezalel fez dois querubins de ouro, colocando um em cada extremidade de uma saliência... eu a entendo como eletrodos superiores da tampa que estavam sobre uma cinta de ouro que circulava a Arca e a cruzava. As asas se tocam no centro da Arca, tal qual no templo, fazendo um arco voltaico que eletrificava o ambiente.”

“Como uma bobina de Tesla...”, declara David.

“Exatamente e um pouco a mais. Isso era um meio deles falarem com YHVH, o Jeová. Eles tinham um sistema de alta energia e, ao mesmo tempo, algo que possibilitasse alterar o estado de consciência e falar com Deus... ou esse tal deus dos Judeus, entendido como Deus...”, complementa Maya.

“Nitidamente estamos falando de dispositivos capazes de gerar energia do tipo energia de ponto zero, e, com ela, se bem manipulada, seguindo as regras, podiam construir templos, erguer pedras, cortá-las e montar um sistema incrível de supercondução... notável...”

David jogava os cabelos para trás da cabeça, usando as duas mãos, enquanto falava esta última parte, mostrando estar muito envolvido pelo assunto:

“Não é à toa que todo mundo queria a Arca, mas se não conseguissem o kit completo, seria loucura tentar dominá-la, morreriam... foi o que aconteceu a

muitos, inclusive os descritos na própria Bíblia e na Torá.”

Maya se referia ao conjunto de equipamentos entendidos como o Anel de Salomão, a Arca e as barras de Toth, com a Tábua Safira gerada entre elas, em determinados momentos, e ao conhecimento de manipulação de uma incrível energia dentro de um ambiente preparado para tal. Ela consulta novamente um livro digital, contido no *tablet*, obra de um excelente pesquisador que escreveu sobre a Arca:

“Novamente Laurence Gardner... ele menciona o fato de uma corrente contínua ser necessária para a confecção do mfkzt, o ouro monoatômico dos faraós, o conector com a fonte divina, ou, eu ainda diria, o acelerador atômico de organismos biológicos e ativador da estrutura dormente no DNA humano... era o que fazia os faraós falarem com deuses. Por esse motivo, eles ingeriam o pó de ouro monoatômico preparado como um pão... o pão da vida... submetendo-se à presença da Arca, juntamente com os sacerdotes...”

Maya termina a exposição dessa ideia, percebendo que David demonstrava estar absorto em seus próprios pensamentos. Após poucos segundos, ele expõe o que o manteve calado, em estado meditativo:

“Não sei o porquê, mas isso me recordou o assunto que estávamos tratando no Brasil, o dos gêmeos idênticos de Cândido Godói”, declara David, com ar de mistério.

“Sabe que você disse algo que temos que considerar... os Bastões de Toth ficaram guardados na casa do pai do Gabriel por tanto tempo... será que eles foram ativados em algum momento e estiveram gerando uma modificação do campo magnético das proximidades... suficiente...” Maya não se atreve a terminar o raciocínio, mas David o faz por ela:

“... suficiente para alterar o DNA e gerar o pareamento e espelhamento, ou seja...”

“Os gêmeos idênticos!”, Maya finalmente diz a frase que tinha em mente, declarando estar certa de um possível fator gerador do altíssimo número de gêmeos.

“Sim! Isso que os nazistas da turma do Mengele queriam... interessante David, acho que você acaba de matar a charada. Se a Ana estivesse aqui, ela poderia nos ajudar a concluir melhor isso tudo.”

“Creio que temos elementos mais do que suficientes para compor a conclusão inevitável: a Arca de Oak Island e a da Bíblia funcionam da mesma forma e podem fazer muitas coisas perigosas se caírem em mãos erradas. Portanto, há uma grande chance de Solomon e seus amigos estarem

certos. Se realmente existir um Anel de Salomão, usando os Bastões de Toth e a Arca, poderemos encontrá-lo, fazendo tudo se conectar”, conclui David.

Maya envia ao marido um certo ar desconfiado, mal atrevendo-se a perguntar “Como?!”

“Para que fazer perguntas tão difíceis se, como sempre, saberemos o que fazer... em breve!”

21.

35°88'97"N
75°66'15"W
21H.

O Aurora B. aproxima-se lentamente do local orientado, via rádio, ao Capitão Blake, na marina Pirate's Cove, ao lado da ponte Washington Baun, uma muito bem preparada área para recepção e manutenção de embarcações de pequeno a médio porte. Assim que Blake encosta o iate e desliga os motores, Solomon vem à sala principal, onde estavam Maya, Armando e David. Ele demonstrava animação para apresentá-los a um amigo que os esperava em solo. Ao descerem a rampa, notam que a iluminação do local era muito eficiente, deixando bem visível a variedade de serviços ofertados pelo iate clube, onde encontravam-se desde lojas de conveniência a restaurantes de diversos tipos. Solomon segue à frente, dirigindo-se a um homem elegante e esportivo, aparentando ter por volta de 43 anos, porte físico invejável, alto, cabelos e olhos castanho-claros. Mesmo a distância, logo que avistaram um ao outro, um largo sorriso é estampado em seus rostos. Aproximando-se, cumprimentam-se calorosamente:

“Que bom vê-lo por aqui, irmão! É muito bom saber que vamos trabalhar juntos novamente”, diz o atraente homem enquanto apertava a mão de Solomon, não tirando os olhos de Maya e David.

Visando facilitar a comunicação, Solomon se retira de sua frente, deixando que ele se dirigisse a Maya, demonstrando, sem esconder, uma grande alegria ao vê-la:

“Maya, creio que não se lembra de mim... eu fui à casa de Solomon buscar a Arca, quando pensaram em vendê-la... eu e um dos colegas que reconhecerá imediatamente. Ele está muito entusiasmado com a possibilidade de encontrarmos o Anel de Salomão... óh, desculpe-me, meu nome é Theo RE Westcott.”

Ao pronunciar o nome, contendo uma incomum sigla intermediária, ela se recorda da cena na qual ele chegava à casa de Solomon. A imagem voltou à sua mente, mesmo o tendo visto de longe, sem apresentações adequadas.

“Ah sim, agora me recordo... é que as coisas estavam um pouco

conturbadas naquele momento. É um prazer conhecê-lo”, diz ela.

Em seguida, Theo se dirige a David, que pacientemente esperava a sua vez:

“David, é um prazer revê-lo. Já faz algum tempo desde nosso último encontro, na Thule de Boston... há dois anos atrás, eu diria...” Theo parecia incerto quanto ao tempo transcorrido.

“Sejam dois ou três anos, estamos todos contentes pela oportunidade!”, diz David, simpaticamente.

“Então, se todos estão prontos, vamos! Reservei um quarto para o casal e outros dois, para Solomon e Armando, em minha casa. Lá poderemos trabalhar melhor. Moro a apenas cinco minutos daqui.”

Enquanto conversavam, William e Armando carregaram as malas para o píer, terminando de colocá-las no carro de Theo, uma Mercedes-Benz GL-Class Sport Utility, muito espaçosa e elegante. Armando voltou rapidamente para as devidas introduções. William e Blake ficariam aguardando no Aurora B., até que o retorno fosse determinado.

“Minha casa foi preparada para a Arca. Em dois meses, ergui uma estrutura fortificada, visando proteger nossa joia mais preciosa. Eu mal posso me conter ao imaginar vocês a fazerem funcionar...”

Theo demonstrava grande expectativa enquanto falava, dirigindo sua SUV em boa velocidade pelas ruas que beiravam a praia, finalmente parando ao fim dessa rua, que levava a um apêndice totalmente cercado pelo mar, exceto a entrada. Portões de ferro, pintados de branco, protegiam a entrada de uma propriedade, completamente murada e fortificada, demonstrando estar fora dos padrões dos imóveis da região, geralmente apresentando fachadas livres e sem proteção. Em frente ao portão, um segurança estava em estado de alerta, armado com revólver na cintura, vestido com uniforme cinza chumbo, boné na mesma cor, colete à prova de balas e óculos de sol, carregando um comunicador via rádio à altura da cintura, atado ao cinto, tendo um fio ligado ao microfone de boca e ouvido. Atrás dele, viam-se quatro torres de concreto, uma em cada canto da propriedade, erguendo ao alto uma jaula de concreto com vidros à prova de bala, onde era constante a presença de um segurança em cada. Cautelosamente, o segurança do portão se aproxima do carro, mantendo a mão direita sobre o revólver acomodado no suporte preso ao cinto.

“Boa noite, senhor!”, diz o segurança, inspecionando visualmente Solomon sentado no banco da frente e estendendo o olhar para os três integrantes de trás.

“Está tudo certo, Samuel, obrigada.”

“Ok, senhor. O portão já foi liberado.”

O segurança termina a checagem visual dos integrantes do carro e acompanha a passagem pelo portão. Somente nesse momento é que David se dá conta de terem sido seguidos o tempo todo. O mesmo segurança da porta cumprimenta os dois integrantes do carro que os seguia logo atrás, entendendo que faziam parte da equipe de apoio.

“Tínhamos companhia”, diz David, falando baixo, induzindo Maya, Armando e Solomon a olharem para trás e notarem o carro próximo ao deles.

“Sempre. Aonde eu vou, eles me acompanham”, esclarece Theo.

A Mercedes percorre um caminho construído com pedras azuladas e bem encaixadas, enfeitado por muita vegetação ao redor, típica da região, levando a uma mansão enorme, extremamente luxuosa, logo à frente. A iluminação noturna destacava a imponência da construção, prevalecendo um estilo moderno, com muitas portas e janelas baseadas na mistura de materiais como madeira de lei, aço inox, concreto e grandes vidros, através dos quais certamente prevalecia a possibilidade de ter sempre à disposição uma linda vista marítima de qualquer aposento. Maya arregala os olhos ao encontrar tamanha suntuosidade, gostando do estilo apresentado. Assim que o carro para, um empregado uniformizado vem buscar as malas, colocando-as em um carrinho típico de hotéis.

“Senhora e senhores, por aqui por favor.”

“Legal... chique!”, exclama Armando.

Theo caminha à frente dos três convidados, levando-os a uma sala grande, com pé direito de 5,5m, toda cercada por vidros na parte frontal e lateral esquerda. Sabendo que os convidados já haviam jantado, ele solicitou um serviço de drinques, chás e sucos, com várias delícias doces e salgadas.

O olhar de Maya percorria o local expressando surpresa, com muita sinceridade em seu rosto, acompanhada pela mesma reação vinda de Armando:

“Nossa! Isto é muito bonito mesmo! Tudo perfeito! Parabéns pelo bom gosto!”, diz ela, olhando para Theo, o qual sorri em retribuição:

“Isto é mérito de minha esposa. É uma arquiteta. O projeto da casa é todo dela. Ela não está aqui no momento, infelizmente, mas gostaria que a conhecessem. Rebeca levou meus filhos para visitar a família em Nova York. Mas teremos outras oportunidades para apresentá-los, certamente.”

Theo os encaminha à mesa onde poderiam se servir. Maya escolhe um

pequeno pedaço de bolo de baunilha com creme de chocolate e um copo de suco de laranja. David a acompanha com chá e uma torta doce de queijo. Solomon prefere somente uma xícara de chá, diferentemente de Armando, que já carregava um prato cheio de docinhos. Ele recebe um olhar recriminador de Maya; ela fora encarregada por Ana de vigiar e, se necessário, controlar o ávido apetite do amigo:

“Olha o regime... você prometeu que iria se cuidar! Coma só um docinho e deixe os outros.”

Armando manifesta feições de uma criança repreendida; ele faz um grande esforço para se livrar de dois pedaços extras de bolo, demorando para retirar o último do prato, tendo Maya ao seu lado, até o último instante.

“É para o seu bem. Estou cuidando de você. Precisa perder peso”, diz a amiga.

“Droga... com uma oferta dessas!”, reclama ele, sabendo que Maya tinha razão.

Sentados à mesa, a fase era a ideal para as perguntas e respostas que se seguiriam. Procurando pelo momento mais oportuno, David inicia uma conversa, entretanto, ao pronunciar poucas palavras, é interrompido pelo mordomo anunciando visitas:

“Senhor Theo, conforme esperado, o senhor William e a senhora Florence chegaram. Eles estão entrando.”

Alegremente, Theo se levanta, dirigindo-se à recepção da casa.

“Ah sim, ótimo. Estão um pouco atrasados...”, diz Theo.

Assim que ele sai, Maya olha para os dois irmãos, erguendo uma das sobrelhas e esperando por explicações:

“Quem são esses que chegaram? Solomon? David?”

“É o William, que você viu com o Theo, no dia em que levaram a Arca de minha casa... mas a Florence... não a conheço tão bem quanto os outros... tampouco entendi o porquê de haver sido convidada...” Solomon parecia incerto quanto ao motivo da surpresa.

Em questão de segundos, Theo entra na sala alegremente, apresentando os outros dois amigos:

“Maya, David, Armando e Solomon, estes são dois amigos muito especiais. Eu os chamei para que nos ajudem no nosso objetivo com a Arca.”

“Muito prazer, senhor William...”, cumprimenta Maya, fazendo uma pausa para que o homem de aparentes 40 anos, porte médio, nada atlético, cabelos e olhos castanhos, com uma calvície em amplo desenvolvimento, se

apresentasse. “Mackenzie, William Mackenzie. Muito prazer, Maya... Angel... Bacon... esqueço do último... é um pouco recente!”, diz ela simpaticamente.

“Olá, David, que bom encontrá-lo novamente. Há dois anos que não nos vemos, desde nossos encontros, nos rituais do Templo Rosacruz, em Boston... bons tempos, não eram?!”

“É um prazer reencontrá-lo. Como está a sua esposa? Recordo-me dela sempre junto de você”, pergunta David, educadamente.

“Ah sim, ela está ótima. Não pôde vir por compromissos de escola das crianças... mas ficou muito curiosa com o que poderá acontecer aqui... muito mesmo”, responde William Mackenzie, com um olhar arregalado e rosto avermelhado, parecendo ter ficado sem jeito, devido à pergunta sobre a esposa.

“Bem, nós não sabemos o que pode ocorrer e se algo vai acontecer... acho prudente abaixarem as expectativas”, diz David.

“Eu espero que aconteça, senhor Bacon, será melhor... ah, por sinal, sou Florence Mathiew, amiga de longa data do William, e conheci o seu irmão Solomon há alguns anos, durante certa cerimônia... também conheço o Germano. Por que ele não veio?”, pergunta Florence.

“Ele tinha alguns compromissos importantes e preferiu ficar em São Paulo”, completa David.

Como sempre, Armando esperava a sua hora de apresentação, dando vantagem aos amigos em momentos como estes. Por outro lado, ele aproveitava para observar as pessoas e, neste caso em especial, não conseguia tirar os olhos da visitante surpresa.

Theo encaminha Florence à mesa de degustação, servindo-a de uma xícara de chá, admirando, sem cerimônias, a graça e beleza da amiga. Aos 32 anos de idade, era dotada de rosto belíssimo, um corpo escultural, simplesmente perfeito, magro e com músculos à mostra, mas não alterando sua feminilidade marcante. Os longos cabelos ruivos e lisos caíam pelas costas, até a altura de uma cintura muito fina, destacada pelos seios fartos e quadris largos. Sua pele, incrivelmente branca, era incomodada, em sua perfeição, por algumas sardas, mal notadas, devido aos grandes olhos de tom azul intenso. Impossível seria não ver imediatamente os lábios carnudos, nariz reto e delicado, rosto arredondado e dentes alvíssimos. Seu encanto físico era ornado por um vestido floral azulado, colado ao corpo. Armando não era o único enfeitiçado, chegando a suar, quando ela se movimentava por perto.

Florence era completamente ciente do efeito hipnótico que causava, sentindo-se muito à vontade quanto a isso. Ao sentar-se próxima a Maya, ela retira o casaqueto que cobria o vestido, revelando um pouco mais de seu corpo. Um porta-chaves pendurado em sua bolsa *Fendi off white*, era enfeitado por letras douradas, onde se liam facilmente as iniciais F R C M.

“Novamente... duas letras inseridas de forma incomum, no meio de um nome”, pensa Maya, mantendo-se em silêncio a esse respeito, não transparecendo haver qualquer coisa fora do normal.

Notando um certo constrangimento no ar, Theo convida a todos a se sentarem em um conjunto de sofás e poltronas, que ofereciam uma vista ainda mais bonita do local, embora à noite impedisse uma visão de longa distância, apropriada.

Maya e David observavam a tudo, sentindo-se da mesma forma, ou seja, um tanto quanto deslocados e intuindo que algo de estranho ocorria, algo oculto. David lança um olhar de questionamento a Solomon, o qual responde de volta com um gesto de calma.

“Vocês também vão passar a noite aqui?”, pergunta Maya, visando desconstrair o momento e obter mais informações.

“Ah, sim. Embora não moremos longe... eu e o William moramos no continente, depois de cruzar a ponte, a não mais que uma hora de carro, mas preferimos passar a noite aqui, para prepararmos a cerimônia, logo pela manhã”, responde Florence, fazendo com que Maya e David tivessem um sobressalto.

“Desculpe, mas... eu não entendi... de que cerimônia estão falando?”, pergunta David, sem conseguir se conter.

“Da cerimônia da Arca, Claro! Vamos preparar tudo, não se preocupe... é para ativar a conexão com o místico e criar a energia certa, queridos... na verdade, começaremos hoje à noite, mas vocês dois só participarão efetivamente amanhã pela manhã... estudei muito a esse respeito”, diz Florence com um tom despreocupado e sensual.

Armando continuava suando, chegando a derrubar um pouco de café na poltrona em resposta à cruzada de pernas protagonizada pela ruiva. O mordomo o socorre com uma toalha molhada, para limpeza.

Dada a declaração e a situação, era inevitável que Maya e David trocassem olhares, fazendo com que Solomon e Theo percebessem. Theo resolve tirar uma possível má impressão, na busca de uma integração entre os membros, que julgava ser uma equipe:

“Meus caros hóspedes, eu creio que uma coisa muito importante não foi feita até o momento... trata-se de uma devida apresentação de cada um de nós, seguida de nossos propósitos. Vou começar por mim mesmo. Estão todos de acordo?”

O grupo concorda, e ele segue com a apresentação:

“Meu nome é Theo RE Westcott, faço parte da Thule Brasil por haver conhecido Mestre Germano muito antes dessa ligação, quando éramos integrantes da maçonaria do Rito Schroder; eu, um jovem neófito, e ele, já em grau mais avançado. Após muitos anos juntos, ele me convidou a participar da iniciante Thule Brasil, convite este que aceitei de muito bom grado, permanecendo nessas duas ordens ao mesmo tempo. Esta Ordem Thule me atraiu por ter o mesmo compromisso que existiu, desde o Mago John Dee, antes da investida do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Gostei do fato de recriarem o mesmo espírito ecumênico, onde todas as ordens filosóficas poderiam estar presentes. Qualquer um vindo de organizações que claramente tivessem o propósito de elevar a conexão mística, através de estudos esotéricos, espiritualistas, históricos, misturando esses conhecimentos, sem julgamento e com espírito positivo, seria de meu total interesse. Assim cá estou. Sempre fui fiel aos princípios nobres da maçonaria e de sociedades secretas como esta, e assim o serei.”

Theo convida William a se apresentar devidamente:

“Sim, minha vez. Bom, eu acho que essa apresentação é mais claramente para a Dr^a. Maya e Armando, pois não me conheciam e assim, farei um resumo da origem do meu conhecimento. Meu nome é William Mackenzie, participo da Antiga e Mística Ordem Rosacruz, a AMORC, desde meus vinte anos, portanto, coincidentemente, há exatamente vinte. Detenho um bom conhecimento, por ser um estudante incansável e seguidor dos mais belos princípios. Da mesma forma que todos aqui, foi o Mestre Germano quem me trouxe. Embora Solomon também tenha frequentado a Ordem Rosacruz, nós travamos uma real amizade a partir da integração à Thule, há aproximadamente quatro anos. Tenho um relacionamento menos profundo com o David, devido a ele não ter estado muito presente em Boston nos últimos anos. Eu também sigo os fundamentos mais nobres da Ordem Rosacruz e a Nova Thule, sendo que, para eles, me foco.”

“Ah, sim, agora chegou minha vez, e já sei por que fiquei para trás, mesmo sendo uma dama...” Florence se volta para Maya, cochichando, com intenção de que os outros ouçam o que tem a dizer.

“Eles acham o meu grupo mais complicado de explicar e, de certa forma..., aceitar...”

Em seguida, endireitando o tronco, ajeita-se na poltrona onde estava sentada, cruzando as pernas, empinando os seios, respirando profundamente e fazendo questão de parecer sensual.

“Eu participo da Ordem Mística chamada de Aurora Dourada Original ou Golden Dawn Original e da Rosacruz Aureaue Crucis, uma versão ainda mais voltada a magia que a própria Golden Dawn... você já ouviu falar nela, Maya?”

“Da Golden Dawn, sim, e sempre me chamou atenção, mas não conheço direito a versão mais mágica da Rosacruz que mencionou. Eu também já frequentei a Ordem Rosacruz, mas o meu foco não era a magia. O que eu sei sobre a Golden Dawn deve ser uma mistura de informações controversas, certamente discutíveis.”

Maya não tem a chance de dizer o que intencionava, quando Florence a interrompe imediatamente:

“Exatamente, querida! Por isso mesmo eu me acho na responsabilidade de livrá-la dessa confusão. Vou começar pelo meu nome: me chamo Florence RC Mathiew, tenho 32 anos e estou com a Aurora Dourada desde os 23 anos, quando descobri que tinha um talento especial para a magia.”

“Qual é o ramo, origem, derivação, sei lá como se diz isso, da sua loja? Pois como acontece em todas as sociedades esotéricas, existem a origem e as derivações. Justamente pelo fato de ter inúmeras derivações, algumas delas são seguidoras apenas do nome e de certos princípios tirados da origem, assim gerando as deturpações que estamos acostumados a ver, dando má fama, injustamente, às que seguem os princípios originais ou mais nobres e puros.”

William, Theo e Florence trocam olhares, sem nada falar.

“Muito bem, querida”, diz Florence a Maya, “muito bem mesmo... isso para nós é muito gratificante, pois elimina um monte de coisas a serem ditas e justificadas, principalmente no meu caso. Dessa forma, aqui segue a história da minha Ordem e templo ao qual pertenço: sou praticante dos ensinamentos da Golden Dawn original, a que foi criada pelo Dr. William Westcott, em 1887, a partir de um manuscrito cifrado a que ele chegou, formando uma Ordem bíblico-judaica, com grande influência teutônica, tendo sido difundida, logo em seguida, fora da Inglaterra por S. L. MacGregor Mathers. Trata-se de uma Ordem externa da Ordem Rosacruz, a qual é chamada de

Ordem Interna, ou Originadora. Aprendemos a linguagem de Enoch, a linguagem que fala com os anjos, desde o primeiro grau. Os fundadores da Ordem, Woodman e Westcott, ouviram falar da Sapiens Donabitur Astris ou SDA, uma sociedade secreta alemã composta, sobretudo, de alquimistas. Essa sociedade, graças aos medicamentos de alquimia, salvou a vida de Goethe, o famoso escritor alemão, a quem os médicos haviam desistido de curar, entusiasmando-o a adentrar este mundo, tornando-se um dos mais importantes magos de seu tempo. O fato é reconhecido pela Universidade de Oxford, a qual publicou o livro “Goethe, o Alquimista”, querendo dizer, Goethe, o mago. A SDA estava ligada aos círculos cósmicos organizados por Stephan George, que combateram Hitler. O Conde von Stauffenberg, o principal mentor do atentado contra Hitler, em 20 de julho de 1944, fazia parte dessas sociedades cósmicas. Como sabe, a prática da magia é um dos grandes focos, dentro dos rituais dos seguidores... incluindo o sexo mágico à procura da kundalini... maravilhoso... ouvi dizer que você é especialista no assunto, querida...”

Ao ser pega de surpresa, Maya cora e engole em seco. Após alguns segundos, respira fundo e responde, controlando-se:

“... de certa forma... mas no meu entender, a ativação da kundalini só funciona quando há amor profundo e verdadeiro e nunca será a mesma coisa, fazendo-se... sexo... se é que me entende...”

Desejando manter distância, Maya responde com uma certa acidez, o que não lhe era peculiar, demonstrando claramente, a sua falta de simpatia pela Ordem e estilo representados por Florence.

A bela e sensual ruiva nota uma certa indisposição no ambiente. Mostrando sua indiferença, sem procurar disfarçar, ela troca a posição das pernas, cruza-as em nova posição, jogando os longos cabelos para trás, dramatizando posturas corporais um tanto quanto teatrais. Armando acompanhava suas manobras, boquiaberto, comendo mais bolinhos doces, sem que a amiga notasse. Sentindo o sangue ferver, em parte devido à nítida falta de sintonia entre as convidadas e também como reflexo aos gestos sensuais e provocantes de Florence, Theo se levanta, procurando rapidamente uma forma de interromper a energia sexual formada no ambiente.

“Posso oferecer alguma bebida a vocês? Uísque...? Meu mordomo os servirá”, pergunta Theo, preocupado em não deixar que atritos entre os convidados ocorressem.

“Obrigada, Theo, eu não bebo nada alcoólico, agradeço”, diz Maya.

Ah, sim... sim... Uísque vai ser bom..., responde Armando.

“Eu aceito, com duas pedras de gelo, por favor. Duplo!, solicita Florence, ... e, voltando ao assunto, querida, o que disse quanto a sexo... grupal, pertence mais ao folclore que a realidade. O meu grupo também crê que o sexo por amor é mais poderoso... embora fique a critério de cada membro o que quiser fazer... afinal, nosso lema é faça tudo o que desejar...”, declara Florence.

“Pensei que esse fosse o lema da Thelema... a versão Golden Dawn de Aleister Crowley”, diz Maya, rebatendo o dito por Florence, sem obter resposta.

Os únicos a não aceitaram bebidas alcoólicas foram Maya e David, sentindo-se estranhamente deslocados e confusos.

Assim que todos foram servidos, David faz uma pergunta:

“Florence... o seu templo... eles seguem Aleister Crowley?”

“Não! Somos um ramo que segue a origem anterior a ele. Não o julgamos, mas Crowley deturpou muitos dos nossos princípios introduzindo filosofia hindu, por exemplo. Acreditamos que muito do que nos foi atribuído, digo negativamente, tenha vindo através do conhecimento das coisas que ele fazia e acreditava. Ele criou a Thelema, uma Ordem que pratica a magia, de acordo com padrões diferentes dos nossos... em termos, mais dentro do seu mundo, eu diria... diferente... bem, acabo de julgá-lo. Sexo por puro prazer e grupal era um deles. Mas o que eu posso garantir é que as correntes de energia telêmica e as da Golden Dawn Original são muito diferentes. Falando da energia em si, na Thule chamamos de Vril, e é a mesma coisa. Os nazistas da Sociedade Vril extraíam essa energia dos corpos que eram abusados ou sacrificados em cerimônias. Nós acreditamos que, como a Nova Thule mesmo ensina, essa energia está por todo universo... certo? Portanto, não precisamos extrair isso de organismos vivos, muito menos via outras pessoas... em momentos menos positivos, entende?!”

Florence solta uma gargalhada, contendo-se com a mão direita sobre a boca, pouco acompanhada pelos outros presentes que medianamente sorriam:

“Bem, muito melhor assim”, completa David, “confesso que o estilo de Crowley não me agrada.”

Observando o diálogo entre David e Florence, Maya manteve-se introspectiva, apenas procurando intuir o motivo de essas pessoas haverem sido chamadas para aquela reunião.

Theo se levanta da poltrona onde, um pouco tenso, assistia ao diálogo,

impedindo momentaneamente que o evidente conflito, continuasse. Em voz solene e orgulhosa, convida a todos a irem, imediatamente, até a sala da Arca.

22.

Caminhando lentamente por um longo e amplo corredor, iluminado por arandelas que imitavam tochas nas paredes, o grupo era acompanhado por um segurança que seguia um passo à frente, solicitando ao que parecia ser, uma central, a abertura de uma pesada porta automática de correr, no final do corredor. A cada lado da ampla e alta porta, um pilar dourado com uma escultura que parecia representar um romã semiaberta, em sua extremidade superior, chamava atenção.

“Boaz e Jachin”, sussurra Solomon.

“Eu os chamaria de diodos semicondutores de corrente elétrica, e aquela romã parece mais uma glândula pineal, no meu ponto de vista... mas no templo original, deveria servir para dissipar os raios, eliminando a estática... simples assim...”, pensava Maya, sem nada dizer, por não querer quebrar a fantasia que pairava na cabeça de alguns dos presentes.

David lança a ela um olhar, levantando a sobrancelha e torcendo suavemente os lábios, certamente compartilhando da mesma opinião, sem precisar abrir a boca para isso.

À proporção que a porta vai sendo aberta, o interior do recinto é lentamente revelado. Incrivelmente, todos entram em um completo estado de choque, sem ação... era inevitável. Até mesmo Theo manifestava estado de êxtase. À sua frente, uma sala que imitava, com esmero, mas, de certa forma, modernizado, o Santo dos Santos descrito em 1Reis 6, na Bíblia Sagrada católica. Ao adentrar, calculam mentalmente as dimensões, observando ser um cubo dourado, sem janelas, dentro das dimensões de nove metros de altura, pelo mesmo de comprimento e largura. No fundo da sala estava a Arca, parcialmente protegida de uma completa revelação, devido a um véu branco e translúcido, localizado a 1/3 do fundo, cair a partir de metade da altura da sala, amparado por correntes douradas, presas de uma parede a outra. A imagem mais surpreendente ficava por conta das esculturas de dois querubins estilizados, com 4,5m de altura e 2,25m de largura, sem cabeças e corpos definidos. As esculturas apresentavam algo que representava ser o dorso, apoiado em joelhos estilizados no chão, em sentido de reverência, inclinados, frente a frente, tendo as asas curvadas de tal forma que uma delas

tocava a parede ao lado, e a ponta da outra estava alinhada em direção ao centro da sala. A ponta de uma das asas de um querubim aproximava-se da asa do outro, igualmente alinhado, formatado e posicionado.

Florence é a primeira a entrar no local, parando sob as asas dos querubins, mostrando grande excitação.

“Você deveria ter me deixado ver isso antes! É maravilhoso! Tal e qual descrito na Bíblia!”

“Nem tanto, Florence... existem muitos detalhes que estão nas escrituras, relativos a esculturas e gravações que eu não segui, por achar que não combinavam com esta Arca... queira ou não, ela também não tem as mesmas formas e gravuras descritas nas escrituras sagradas. Preferi manter um estilo mais... digamos assim... moderno!”, informa Theo, com um amplo sorriso no rosto, revelando olhos extremamente brilhantes. Ele se aproxima do amigo Solomon, dando-lhe um tapa nas costas:

“Que tal, irmão? Gostou? Eu lhe disse que tinha caprichado!”

“Eu... estou sem palavras... isso tudo é ouro... de verdade?”

“Sim... foi tudo recoberto com folhas laminadas...de ouro 24K. Eu gastei uma verdadeira fortuna aqui!”

Maya e David compreendiam o fervor do colega maçom; entretanto, para eles, nada disso era necessário. A Arca seria, em sua opinião, um dispositivo altamente tecnológico, pertencente a alguma avançada civilização do passado, de tempos antes do dilúvio, criada por ela ou recebida de presente, se assim fosse possível, de extraterrestres. Qualquer que fosse a sua origem, tinha uma explicação científica e nada havia para ser reverenciado, além de sua importância histórica. De qualquer forma, mesmo não compartilhando o sentimento de veneração, pairava o respeito pelos colegas. Nenhum dos dois pretendia externar o seu ponto de vista, pelo menos, por ora, caso não fosse plenamente necessário.

“Eu e William já viemos muitas vezes aqui... é um ambiente de comunhão. Já fizemos algumas cerimônias típicas, e, de fato, nada aconteceu. A Arca parece estar “desligada”. Qualquer um a pode tocar, sem ter problemas.”

Ao ouvir isso, Florence caminha em direção à Arca, abrindo delicadamente o véu, na abertura central, ficando extasiada ao vê-la:

“Posso tocar? Não vou morrer se a tocar?”, pergunta ela.

“Pode, não tem problema. Pelo menos conosco, desde o ano passado, nunca deu sinal de vida”, responde William Mackenzie, sem externar qualquer preocupação... Entretanto, assim que Maya dá dois passos a mais e

ultrapassa a cortina, um conhecido som de estalo é facilmente ouvido, concomitante a um véu de luz azulada que se forma ao redor da tampa da Arca, como se fosse criada uma nova atmosfera ao seu redor.

“Não toque a Arca!”, grita David que, com grande agilidade, joga-se sobre Florence, fazendo-a cair sobre ele, na lateral da Arca.

Rapidamente, Solomon corre em direção aos dois, ajudando Florence e David a se levantarem.

“Tudo bem? Vocês estão bem?”, pergunta Solomon, já tendo Armando, William e Theo ao seu lado.

“Sim, tudo bem... nossa, obrigada, você me salvou, David! Fui eu que fiz aquilo? Digo, aquele efeito? Eu ativei a Arca?”

Florence acreditou, por alguns minutos, que, ao aproximar-se da Arca, gerara uma resposta à sua presença. Entretanto, os outros notaram que, na verdade, era Maya, logo atrás dela, a que tinha alterado o seu estado, parecendo ativar um novo estádio, como o de um aparelho ligado, mas em hibernação. Assim que os dois se levantam do chão, encontram Maya de frente para a Arca, a não mais de um metro de distância, serena e calmamente abrindo a jaqueta e retirando cada um dos Bastões de Toth de um distinto bolso interno.

Com tranquilidade, ela coloca um bastão em cada mão, mantendo os braços para baixo, retos, aproximando-se ainda mais, chegando a meio metro de distância... entretanto, nada acontece.

Maya dá alguns passos para trás, retorna os Bastões aos bolsos da jaqueta e se volta para os outros seis, que a observavam com apreensão.

“Vocês vão gostar do que eu tenho a dizer, pelo menos, três de vocês vão.”

“Diga, diga logo!”, exclama Theo.

“A Arca falou comigo, e ela disse: você não vai querer que eu funcione assim, sem nenhuma graça, vai? Eu quero uma cerimônia de comunhão! Tragam-me a magia de Salomão.”

“Maya, você recebeu alguma mensagem, ou isso é uma brincadeira?”, pergunta Solomon.

“Acreditem em mim. Eu não brincaria com a fé de vocês... na verdade, eu acho que a Arca é que está brincando comigo, mas foi o que ela... ou alguém através dela, disse. Sendo assim, prossigam com o seu plano. É o que ela deseja... pelo visto.”

23.

MEIA-NOITE, NO QUARTO.

David e Maya preparavam-se para dormir, ainda sentados na cama, conversando sobre o dia.

“Quem pode ter enviado aquela mensagem para você?”, pergunta David.

“Eu não sei, mas tem sempre alguém falando comigo... desde que fizemos a subida da energia da kundalini pelos nossos chacras e ativamos o Gerador Vril na nossa primeira noite... daquele nosso jeitinho especial.”

O casal ri; em seguida, beijam-se carinhosamente. David a acaricia, olhando-a nos olhos, demonstrando seu intenso amor:

“Sempre que precisamos, alguém manda uma mensagem... mas, sinceramente, eu não sei se é alguém ou uma porção mais alta da minha própria consciência falando comigo. Depois daquela ativação toda, as coisas aqui dentro saíram do estado de dormência, pelo menos uma parte saiu. É como se fosse eu, falando comigo mesma. Como se alguém, que seja eu mesma, estivesse observando tudo, do alto da montanha, e falando com a outra eu, aqui embaixo...”

“Do alto do monte Olimpo”, diz David.

“Isso, você usou boa figura de linguagem... um deus hiperbóreo, alguém que simplesmente tem um estado de mais elevada consciência, pertencente a uma dimensão mais alta do que a que vivemos e, por um evento quântico, enxerga todas as potencialidades das realidades alternadas... essa realidade se choca com a minha, a única para a qual, aqui embaixo, estou consciente, assim juntando duas consciências, a da quarta dimensão, e a outra, vou dizer, da quinta... mas, eu acho que ela, a consciência... é minha mesma...”

“Maya-Ísis”, diz David, fazendo Maya perder o real sentido do que ele queria dizer.

“Você lembra que quando eu comecei a te dar mais dados sobre mim, o que tinha vivido, te contei sobre a revelação que me foi dada, no Egito, sobre encontrar Maya-Ísis?”

Maya balança a cabeça positivamente.

“Pois então, eu entendo agora que eles queriam me dizer que eu

encontraria alguém com a memória de quem é, nesta dimensão... Maya... e a consciência, mesmo que, apenas por vezes ela apareça mais evidentemente, de quem você também pode ser... uma deusa... a minha deusa... Nesta mais alta frequência de luz... você é Ísis... nome de uma imagem figurada, representante de uma inteligência superior”, completa ele, observando a reação da esposa, que estava em total estado de concentração, absorvendo as palavras e significado do que ele queria dizer.

“Entendo. Esse é um estado que todos seres humanos podem alcançar, através de ondas alfa, delta e similares estados alterados de maior consciência, saindo das ondas beta, da matriz coletiva... da coordenação do software da Matrix, como diz o famoso filme...”

“Sim, mas você o faz sem precisar entrar em estados alterados, vamos chamar de ... estado mediúnico. É como se sua mediunidade fosse presente em estado consciente, ou sobreposto ao estado consciente, na matriz de três dimensões de espaço e uma de tempo...”

“David, isso faz sentido... eu ficava achando que era alguém... mas é alguém, só que vem de outra porção minha, que está em outra frequência de vibração... é como mudar de canal na TV, ou colocar dois canais ao mesmo tempo, repartindo a tela ao meio. Eu a acesso sem precisar grandes concentrações, cânticos, voltinhas em torno da fogueira...” Maya começava a fazer graça e David ri apaixonado, olhando-a com toda ternura do mundo.

“Calma, calma, não me olhe assim que eu já sei o que vem depois... temos muitas coisas para discutir hoje, antes de dormir.”

Sorrindo, David se senta de frente para ela, aguardando que ela dissesse algo.

“Então... é sério. Vamos ao que eu acho que me mostra algo de errado. Vou pegar o meu iPad para solucionar o enigma e fazer algumas contas.”

Maya leva uns 15 minutos, munida de papel, caneta e uma tabela que consultava no tablet para fazer cálculos. Ao chegar aos resultados, se volta para o marido.

“Vamos lá, aqui estão os cálculos, e tente tirar da minha cabeça, caso consiga... quanto ao fato de ser muita coincidência. Veja o primeiro nome:

THEO RE WESTCOTT, um maçom, Rito Schroder, um rito mais mágico, assim como da Golden Dawn... e note: Westcott era o sobrenome de um dos importantes fundadores da Golden Dawn. O nome completo do Theo dá exatamente o número 7... o número de Apollo, a carruagem de Apollo, venerado tanto quanto Atenas por esses grupos, e o número da

transmutação... entre outras coisas, um número que representa os magos.”

“É, mas o seu nome também dá sete na numerologia Pitagórica...”, David a faz recordar.

“Sim, dava. Agora que virei a senhora Bacon, sou seis, o número da família, o número de Jesus... raio rubi dourado...”, ela dá um sorriso, fazendo uma breve pausa... “mas veja, quando um número aparece sozinho, pode não ser nada, entretanto quando a coincidência aumenta deveras, tem algo de estranho...”

“Então, Princesa, continue, vamos ver aonde quer chegar.”

“Ok, vamos ao próximo: WILLIAM MACKENZIE, Rosacruz e número 4... o número da base. De uma forma ou outra, os rosacruzistas sempre estiveram na base de sociedades secretas diversas, foram o místico filosófico por trás... mas note, Kenneth Mackenzie foi um outro importante nome da Golden Dawn, em sua fundação... coincidência, novamente?”

David não parecia estar convencido, pois estes eram sobrenomes comuns, como o dele mesmo, Bacon. Seu sobrenome era original, e sua vida atual, de uma forma ou outra, estava ligada à trajetória de Francis Bacon. Notando a expressão no olhar do marido, ela continua:

“Ok, mas a próxima é mais efetiva: FLORENCE RC MATHIEW, número 5... o pentagrama, o número mágico, os magos usam muito isso, e muitos discutem ser a real estrela de Salomão”

“É...tudo junto chama atenção. As letras do meio podem haver sido adicionadas aos nomes apenas para bater com os números...isso é mais ou menos normal, para esses esoteristas”, conclui David.

“É verdade... mas veja os nomes deles... parece uma mistura dos nomes de grandes personalidades e fundadores dessas organizações... o sobrenome dela, Mathiew, leva a lembrar do S.L. MacGregor Mathers”, completa ela, “e tem mais... ela disse que iniciou na Ordem quando tinha 23 anos e insistiu em dizer que agora tem 32... nota o espelhamento e a constância da repetição do número cinco?”

“Sim, eu estou entendendo... você acha que os nomes são criados, tal qual os nomes dos cavaleiros da Nova Thule, a partir de nomes de arcanjos. Pensando melhor, lembrando de todo aquele dinheiro gasto para montar uma sala que imitasse a sala do Santo dos Santos do Templo de Salomão... o que foi um exagero... eu estou preocupado com o objetivo deles para com os Bastões e o Anel...”, externa David, com ar um tanto quanto pesado.

“Como assim? Esclareça melhor...”, pergunta Maya, sem saber onde o

marido queria chegar.

“Esses Bastões parecem criar uma realidade paralela, quando estão ativados, como aconteceu com você no sequestro em São Paulo, quando o pessoal da seita Vril tentou te levar... e no que aconteceu em Chartres. Isso é poderoso, e você ainda não sabe como controlar esse padrão.”

David utiliza alguns segundos para pensar melhor.

“E quanto ao Anel, se existir um Anel e o trouxermos, será ainda mais perigoso. Esses Bastões parecem alterar o nível de consciência da pessoa que os segura, podendo ativar novas conexões do DNA humano... talvez, você já os tenha ativado e, por isso, pode segurá-los, sem problemas... mas o Anel...”, David dá uma nova pausa e Maya introduz seus pensamentos.

“O Anel de Salomão era uma arma poderosa. Ele cortava pedras, cancelava a gravidade... seria a arma de desejo dos maiores inimigos da humanidade e de qualquer um que se deixasse corromper por isso. De certa forma, eu acho que aquela ideia de derreter a Arca não era tão ruim assim... não haveria Anel, Arca e nada para aqueles malucos da Sociedade Vril correrem atrás”, diz ela.

“Pois é... creio que eles estão apenas esperando que consigamos pegar o Anel para que eles apareçam... sumiram, e isso não é nada bom”, David respira fundo, um tanto quanto apreensivo.

“Mas e se eles já estiverem aqui?”, pergunta Maya.

“Você se refere a Florence? Você a acha fora do padrão? Ou são ciúmes... tá com ciúmes?”, diz David, provocando-a.

“Não posso negar que não gostei nada dela caindo por cima de você, demorando pra sair... demais... e do fato de se insinuar para todos, inclusive você.” Maya enrubesce, percebendo que um lado negativo seu, vindo do ego, havia se manifestado, mesmo que com pequena intensidade.

“Eu notei”, afirma David.

“O quê?”

“Que ela estava jogando charme para cima de todos os homens e provocando você quanto a isso. Aliás, todos notamos...”, diz David, dando um sorrisinho malicioso, procurando provocá-la um pouco mais.

“Pode ser... eu não gostei e confesso. Mas tem outra coisa aí. Por que todos vieram sem esposas? Parece que algo vai acontecer e vai ser esta noite”, diz Maya.

“Sexo mágico?”

“Pode ser”, diz ela, com um olhar sério.

“Sim, pode ser... mas não com o Solomon. Eu sei quem é o meu irmão, e isso eu posso garantir: ele não faria parte de uma coisa assim, mesmo que possa parecer atraente... tremendamente atraente.”

Deliberadamente estratégico, ele a provoca. De certo modo, sentindo os ciúmes aumentarem. Brincando, Maya belisca o marido enquanto dava, ao mesmo tempo, tapinhas provocativos.

“Bandido!”

“Ai... é assim é?!”, ele a joga na cama, segurando com força.

“Eu vou te mostrar quem faz o melhor sexo mágico que existe, nada pode ser melhor do que isto...”, afirma David, soltando-a. Ele retira o pijama e, em seguida, se volta para beijá-la, deitando-se sobre ela, retirando sua roupa de baixo, tocando-a de forma a enlouquecê-la e fazê-la implorar que dela se apoderasse.

24.

“O Senhor apareceu perante Enoch e foi gentil com ele, abriu-lhe os olhos para que possa ver e julgar a Terra que era desconhecida de seus Pais, devido à queda. O Senhor disse: Deixe-me mostrar a Enoch o uso da Terra, e subitamente Enoch era sábio e cheio do espírito da sabedoria”, recitou uma voz feminina, não identificada.

“Caramba, estou novamente fora do meu lugar... estou escutando falarem do Enoch... isso tá virando moda... mas justo naquela hora boa! Onde estou?”, pergunta-se Maya, devido a encontrar-se andando por um corredor escuro, com poucas luminárias nas paredes. Após alguns metros, depara com duas imponentes colunas, percebendo somente agora, que estava andando descalça, vestida apenas com uma capa preta, com mangas em formato de sino discreto, capuz na cabeça e mais nada por baixo. A porta se abre, magicamente. Era a sala da Arca. Embora estivesse pouco iluminada, não teve problemas para identificar a cortina e a Arca ao fundo. Interessantemente, somente agora nota que, à sua frente, próximo ao centro da sala, algumas pessoas estavam de pé, usando a mesma capa preta, organizadas ao redor de uma cama triangular erguida a 1,5m do solo, por três suportes circulares de metal dourado, permitindo vê-la sobreposta ao pentagrama do selo do Tetragrammaton, iluminado por pequenas velas dispostas ao seu redor, acompanhando a circunferência do círculo. Esse era o Tetragrammaton, desenhado no centro de um círculo, que estava contido dentro de um triângulo equilátero, cujos vértices distanciavam-se do centro das paredes por volta de 3,5m. Em cada canto iluminado das paredes, os nomes de arcanjos eram facilmente vistos: Rafael, Uriel, Gabriel e Zadkiel. O arcanjo Miguel foi representado na forma de Mi-cha-el, sendo cada uma das três sílabas escritas dentro dos vértices do triângulo do símbolo mágico debaixo da cama, isoladas pelo encontro com o limite do círculo e novamente presente nos bordados em fios de seda dourados, feitos em cada canto da manta preta e aveludada, que forrava o leito. Externamente, próximo a cada um dos vértices da cama, um alto castiçal sustentava uma vela acesa.



“Ensina-me ó Criador de todas as coisas, a ter o correto conhecimento e entendimento de sua sabedoria. É tudo o que eu desejo. Fale suas palavras em meus ouvidos, ó Criador de todas as coisas! E deixe o seu conhecimento em meu coração!”, invocava uma voz feminina.

Mantendo-se discreta e tímida, a uns dois ou três passos da entrada, ela ouve o grupo repetir várias frases coordenadas e, vez ou outra, algo não plenamente inteligível. Mesclavam palavras conhecidas com as que ela não tinha noção alguma quanto ao seu significado.

Seus rostos estavam cobertos por máscaras e pareciam não notar sua presença, mesmo ao contornar o ambiente, procurando avaliar melhor o que estava a sua frente. Ela se aproxima um pouco mais do grupo, ainda na dúvida quanto a poderem vê-la, ou não.

“Eu comando pelo poder do Tetragrammaton... eu comando os seres elementais do fogo que ascende, da terra que se move, dos oceanos que se erguem e todas as coisas terrestres, celestes e as do inferno, às quais nós a juntamos agora! Venham! Apareçam em um triângulo, na frente do círculo, em uma forma bem humana! Venham agora para trazer a informação que queremos e entregar-nos o objeto que protegeremos com nossas vidas, em amor e dedicação completa. Illi own!”

Duas pessoas saem do círculo. Pelo porte físico, o primeiro era um homem. Ele se deita na cama triangular, ainda com a capa fechada. Uma mulher o segue, subindo na cama e deitando-se sobre ele, abrindo a capa de ambos, mantendo a dela aberta, cobrindo-os, impedindo a plena visualização dos

corpos. Envolvidos em cantos, invocações e gemidos, o casal seguia o seu ritmo, enquanto os outros continuavam no aumento da frequência das invocações, que acompanhavam a intensidade dos gemidos.

“Nossa! E eu que falei mal de sexo mágico! Porque estou vendo isso?”, pergunta-se ela.

Maya atreve-se a dar mais alguns passos, percebendo, neste momento, que sua capa estava aberta e que em seu peito tinha atada, com fios de seda dourados, a Tábua Safira, bem sobre os seios. Um *flash* de luz dispara, ligando-a, tornando-se transparente e criando as linhas de luz que a percorriam como em um circuito elétrico. A quantidade dos circuitos e a intensidade da luz demonstravam estar conectadas aos movimentos e vozes do casal e do grupo. Os quatro acompanhantes mascarados passam a mover-se balançando, no mesmo local, de um pé para o outro, criando uma onda frequencial no ambiente, enquanto recitam palavras em uma língua que Maya não conseguia entender, mas intuía:

“Linguagem enoquiana, provavelmente.”

Em resposta, a conexão entre o casal aumenta e ela nota uma esfera de luz azul que os envolvia, impedindo que seus corpos fossem vistos. Maya se aproxima, segurando a Tábua Safira com a mão direita e tentando fechar as vestes com a esquerda, o que parecia ser impossível. Nesse momento, o fogo da kundalini já percorria a coluna vertebral do casal, invadindo-a simultaneamente e com tamanha intensidade que a faz curvar em uníssimo. Ela estava conectada. Era como se estivesse lá, atuando com seu próprio corpo. A esfera azul aumenta de intensidade, praticamente cegando a todos na sala. O casal atinge o estado perfeito, quando o fogo da serpente de luz percorre a coluna vertebral até o chacra da coroa, sob a contemplação do grupo, que saudava o momento mais esperado. Assim que eles se acalmam, a luz azul desaparece. Mantendo-se abraçados, retiram as máscaras e o capuz, revelando seus rostos. A mulher se levanta e fechando a capa, aproxima-se da Arca, carregando a Tábua Safira à altura do peito. Uma forte explosão de luz invade o ambiente, vindo diretamente da Arca, empurrando-a de volta.

25.

“Maya!”

Agarrada a David, Maya o abraçava com força, tendo o coração a bater extremamente acelerado, devido a ter vivido duas realidades paralelas em uma bolha de conexão. Mantendo a mesma posição, amparada, ele tentava acalmá-la.

“Nossa, o que aconteceu? Geralmente você é bem, digamos, ativa; mas dessa vez, parecia enlouquecida, fora de si... me mordeu nos ombros, com força e arranhou minhas costas!”

Ao soltar-se do abraço apertado, ela nota que tinha os Bastões de Toth em suas mãos. Assustada, larga-os sobre a cama, enquanto retomam a respiração, surpresos pelo que viam. Sem a menor lembrança de como aquilo tinha acontecido, ela pergunta se ele a tinha visto pegar os Bastões.

“Não... digo... não tenho a menor ideia de quando você pegou isso... mas na verdade, eu estou com problema para lembrar direito o que aconteceu aqui. Apenas me recordo destes últimos segundos”, diz ele confuso.

“Nós estivemos na sala da Arca.”

“Quando?”

Ele pensa melhor e entende o que ela quis dizer.

“Você diz, agora, simultaneamente?”

“Sim, David, nós fizemos amor na frente de quatro pessoas, vestindo túnicas pretas, com capuz e máscara. Você foi até lá comigo, e eu me recordo por ter estado dentro e fora da cena, ao mesmo tempo, em um evento quântico. Fizemos tudo na frente deles... Já que eram quatro, tá na cara que são os mesmos que estão nessa casa. A sala da Arca foi preparada para uma cerimônia, com direito a evocações, invocações, pentagrama do Tetragrammaton e uma bela geometria mágica no chão. Demos um show de sexo mágico, na cara deles. A sorte é que tínhamos uma capa grande que nos cobria, e uma luz azul, em forma de esfera, atrapalhando a vista... pelo menos... As barras se transformaram na Tábua Safira e, pelo que eu intuo, receberam a programação quântica necessária, para completar o serviço. Temos apenas que ir até a sala e fazer a conexão com a Arca agora”, diz ela.

Em resposta positiva, David se levanta, indo em direção ao banheiro:

“Princesa, então, vamos tomar um banho, vestir uma roupa e ir até lá, em poucos minutos... se é assim, eles estão nos esperando... agora mesmo!”

“Sim, algo me diz que sim... ai que vergonha... e eu que falei para a Florence que não era a favor desse sexo de demonstração... mas, afinal, quem criou esse efeito, foi ela ou eu?”

“Certamente você. A pessoa que tem o domínio dos Bastões de Toth precisa aprender a controlar os seus pensamentos e sentimentos, pois tudo o que pensa e sente é projetado em uma nova realidade, e foi o que você fez... isso significa que aquela conversa deixou a todos excitados, inclusive você... você queria aquilo, pois as barras cumpriram com os seus desejos mais profundos... ainda bem que você quis isso comigo.”

David dá uma piscadela, ainda próximo à cama, endireitando-se em direção ao banheiro. Notando que Maya estava constrangida, ele resolve dizer mais uma coisa, antes de entrar na ducha:

“Tem mais uma coisa: para Florence, você disse que não gostava de sexo sem amor, na frente dos outros... o que aconteceu, se é que aconteceu, foi... sexo... na frente dos outros, mas com amor! Vamos!”

“Isso não melhorou nada! Ai que vergonha!”, exclama Maya, com as mãos no rosto.

“Mas, por outro lado, não sabemos se eles estavam presentes conscientemente. Pode ser que essa consciência tenha sido apenas sua, pois eu mesmo, infelizmente, não me recordo de nada. Vamos!”

Vinte minutos depois, eles descem as escadas vestidos com *jeans* e camisetas. Maya carregava as barras na caixinha dourada.

26.

Ao chegar à sala da Arca, a porta estava aberta, embora ninguém tenha sido encontrado no local. A primeira coisa que Maya faz é olhar para o centro, procurando por alguma evidência do Tetragrammaton gravado no chão e pela cama... entretanto, tudo parecia idêntico a quando entraram pela primeira vez, há poucas horas atrás. O chão da sala estava limpo, sem gravações, sendo liso e dourado, como tudo à sua volta. Nem mesmo os castiçais deram alguma pista quanto ao paradeiro. Ao lado dela, David fazia o mesmo tipo de questionamento:

“Eu acho que tudo aconteceu somente naquela realidade paralela... aqui não tem nada... ou tiraram tudo, rapidinho...”, diz ele, enquanto coçava a cabeça.

“Ai, que vergonha! Tomara que não apareça ninguém até que eu me recupere disso”, confessa Maya, sentindo-se completamente acanhada pelo sonho erótico e desejando que não tenha sido real... para os outros.

“Olá, lindo casal! Que surpresa boa vê-los por aqui! Está um pouco tarde para essas... vamos dizer... escapadas noturnas, não é mesmo?”

Theo caminhava calmamente, acompanhado por William e Florence. Maya podia ver, estampado em seus rostos, um sorriso sarcástico. Ela não sabia como reagir àquela situação, enquanto que David não parecia ter qualquer problema emocional quanto a essa possibilidade.

Parecendo apressado, Solomon chega em seguida, dirigindo-se diretamente ao irmão, dando-lhe uma tapa nas costas.

“É, David, eu sempre soube que você era bom em tudo o que fazia. Nunca tive dúvidas!”

“A que você se refere?”

Embora tivesse questionado, procurando disfarçar, David tinha uma boa ideia quanto do motivo daquela frase, levando Maya a ficar ainda mais corada e agitada. Ela se abana, sentindo um intenso calor provocado pelo aumento da adrenalina. Nesse instante, Florence dá alguns passos à frente, revelando estar vestida com estilo bem diferente de quando a encontraram, trajando calça *jeans*, camisa branca, sapatilhas pretas e lisas, cabelos presos em um rabo de cavalo e nenhuma maquiagem. O *glamour* e a sensualidade

excessiva haviam desaparecido. A mulher que aqui se apresentava em nada se assemelhava àquela que havia estado há poucas horas na sala de estar.

“Maya, não fique constrangida. Nós todos vimos. Era necessário. Sabendo do poder dos Bastões de Toth, fizemos um jogo com você, e, por isso, eu, Theo e o William pedimos desculpas. Solomon foi envolvido em cima da hora, ele realmente não fazia ideia do plano... Nós sabíamos que você deveria ser a sacerdotisa que abriria a conexão entre a Arca e os Bastões. Existem muitas técnicas para esse fim, mas utilizar o Segredo do Grande Arcano é um dos mais poderosos. Conectar-se à fonte do Vril através desse Arcano, fisicamente representado, é a tua especialidade.”

“Eu não entendi direito... Segredo do Grande Arcano?! Pode explicar isso melhor?”, pergunta Maya, sentindo um misto de vergonha e confusão.

“Sim, querida, eu explico. Historicamente, a supressão do verdadeiro poder que existe na união entre um homem e uma mulher nos tirou o conhecimento de uma poderosa forma de unir as polaridades criadoras da realidade onde vivemos, devido à liberação de um enorme e poderoso potencial energético. A união de corpos por amor, da forma como você e David a vivem, liberta um incrível potencial de energia, ativando a egrégora cristalina da estrela de seis pontas, representada na geometria cósmica por dois triângulos, opostos e unidos... o masculino e o feminino. Essa estrela é o que ativa a Arca...”

Enquanto Florence falava, Maya mantinha-se imóvel, quase sem respirar.

“No antigo Egito, os Bastões de Toth eram usados para conectar o mundo dos homens com o mundo dos deuses... é um facilitador de conexão”, completa Florence, “... A Arca atua em conjunto com eles, e era assim que David e Salomão se comunicavam com o seu Senhor. Os Bastões criam uma realidade que pode ser habitada por estes dois lados, o Vesica Piscis, um encontro de mundos de diferentes dimensões ou realidades paralelas.”

No momento em que Florence fez uma pausa, Theo assumiu a continuação da explicação, desejoso de não prejudicar a amizade com o maravilhoso casal.

“Precisávamos achar uma forma de criar a realidade certa para ativar a estrela de seis pontas... a chave para a Arca... e... quem tiver a capacidade de entrar na mesma frequência, pode pegar carona... foi o que fizemos. Nós nos conectamos à frequência da tua mente, após incitá-la com coisas que pareciam te incomodar, mas que na verdade, eram excitantes no teu íntimo...”, diz Theo receoso em continuar, dando novamente a palavra a Florence.

“Eu me portei da forma certa para gerar esse efeito e, como pôde perceber, deu muito certo. Confesso que nós estivemos em concentração, meditando em um círculo, desde que foram para o quarto”, completa Florence, observando a expressão facial de Maya, não exatamente positiva.

“Ainda não engoli essa estória...continue”, solicita Maya, ao mesmo tempo em que se vira para David.

“E o seu irmão não era a favor dessas coisas, né?!”, exclama Maya.

Frente à controversa situação, David apenas dá de ombros, em sinal de não saber de nada, eximindo-se de condenações posteriores. Florence sorria, ao ver a interação entre o casal e intercede:

“Bem, como eu lhe deixei claro, desde o primeiro momento, nós sabemos como é incrível a conexão física que você e David têm, que foram forjados geneticamente um para o outro e, portanto, através desse Grande Arcano... Bem, é como falar com Deus, acessar a Akasha, a fonte de toda informação divina. Assim sendo, eu te provoquei Maya. Eu sabia que, se gerasse em você uma especial sensação de posse e ciúmes associada cognitivamente ao saber desse poder que lhes cabe, você iria reagir de maneira ainda mais... forte... no momento da ligação, e os Bastões nos dariam o que queríamos, a conexão energética, o portal necessário para que o processo de ativação da Arca fosse completado, em outra dimensão. Foi o que aconteceu, com precisão... com a nossa ajuda, claro...”

Enquanto discutiam, Theo esteve avaliando as condições da Arca, no fundo da sala. Ele se aproxima, informando uma novidade:

“A Arca está aberta; existe uma fenda horizontal, que desenhou uma tampa, a qual não estava lá... antes...”

Maya balança a cabeça, demonstrando que não havia mais nada a fazer, a não ser encarar a realidade e seguir em frente. David a abraça, dando forças:

“Para você é tudo mais fácil! É homem!”, diz ela.

Theo, William e Solomon olhavam para os lados, tentando disfarçar, dado o estado em que Maya se encontrava, de total constrangimento, enquanto Florence transbordava naturalidade frente ao assunto:

“Veja bem Maya, não há motivo algum para constrangimentos. Na verdade, nós não estávamos aqui em carne e osso, tanto quanto você. Foi a nossa consciência que foi arrastada para cá, ou para uma bolha que, energeticamente, tem a mesma assinatura quântica desta sala e ... participamos, com vocês dois. Parabéns, foram perfeitos!”, completa Florence.

Maya suspira profundamente, dando uma volta nos calcanhares, inspirando fundo, tentando acalmar os ânimos. David continuava preocupado com a reação da esposa, mas, em seguida, ela contemporiza:

“Ok, se é assim, então não há nada que eu possa fazer. Vamos ver a Arca.”

Assim que ela sai, inevitavelmente, os homens trocam olhares sarcásticos:

“Ainda bem que o Armando não viu o que aconteceu, caso contrário, ele ficaria falando disso por um mês sem parar”, declara David, especialmente comunicando-se com o irmão.

“David... acho que todo mundo vai falar disso um mês sem parar!”, diz Solomon, ironicamente.

“Psiu... fala baixo! Estamos encrencados!”, diz o irmão, enfaticamente, apoiado por uma gesticulação discreta.

Trazidos de volta à realidade, os dois irmãos dirigem sua atenção ao fundo da sala, observando que as moças já estavam em ação. Florence recolhia as cortinas, enquanto Maya tinha os Bastões de Toth em suas mãos. Posicionando-se bem ereta e respirando profundamente, em busca do apropriado relaxamento, movimenta os ombros, rosto e pescoço. De repente, expressando grande seriedade associada ao encantamento gerado pela situação, de seus olhos saía um incrível brilho. Com os braços estendidos e em paralelo, Maya aproxima os Bastões, quase permitindo que se tocassem, mas evitando que isso acontecesse. Em um movimento rápido, ela os afasta até que seus braços travem, a menos de 20cm de distância. Como em um passe de mágica, a placa de cristal safira aparece entre eles. Sem mais pensar, Maya aproxima a placa safira da Arca até o ponto em que, a menos de um metro de distância, o Tetragrammaton aparece no centro da placa de cristal, formado por fios de luz furta-cor, tendo em volta a palavra te-tra-gram-ma-ton gravada claramente. David se aproxima e vê o que estava acontecendo:

“Acho que o software acaba de ser licenciado pelo fabricante”, diz ele.

“Certamente”, completa ela, virando-se para o marido.

“Sabe de uma coisa? Salomão era um homem... eu acho que é você quem deve fazer isso. Tanto quanto eu, você pode segurar os Bastões, logo deve poder segurar esta Tábua.”

Quando Maya faz o gesto de passar a Tábua Safira para David, Solomon interfere:

“Não! Nós não temos certeza se ele pode realmente tocar a placa! Ela já faz parte de uma outra configuração... Pode ser que ocorra alguma interferência... ele pode se ferir!”

Entendendo a preocupação de Solomon, David e Maya se olham:

“Sigamos a lógica: você foi bem até este ponto, continue e veremos o que fazer mais adiante.”

Demonstrando a tranquilidade de sempre, David dá alguns passos para trás, deixando uma mensagem mental quanto a ela dar continuidade à tentativa de abrir a tampa da Arca, tal e qual fez em Oak Island, local onde foi encontrada, no ano passado.

Resignada e entregue ao fato, Maya corrige a respiração, novamente relaxando o corpo e colocando atenção no processo. Em seguida, observa a placa safira com o Tetragrammaton inserido no centro, resolvendo tocá-lo. Ao fazê-lo, obtêm uma assustadora resposta instantânea; o símbolo se insere na palma de sua mão, vindo de baixo para cima e impregnando ambos os lados, como se fosse uma imagem 3D holográfica, com perfeição. Um som similar ao da entrada de ar em ambiente fechado a vácuo é plenamente audível e, como consequência, a tampa da Arca se solta.

Cegos pelo entusiasmo, os quatro correm para tentar abrir a tampa; entretanto, antes de chegarem até ela, David se coloca à sua frente, impedindo a passagem, abrindo os braços em sinal de obstrução.

“Não façam isso... da última vez que vivemos esse mesmo estádio, Miguel não se controlou e morreu. Esperem que a tampa será removida pelo dispositivo... Maya...”

David pretendia chamar atenção da esposa, mas ela permanecia surpresa e contemplativa quanto ao símbolo do pentagrama representando o Tetragrammaton, o nome de Deus, em sua mão. Sem sair do estado contemplativo, Maya estava estática, olhando e girando a mão, da palma para o dorso, várias vezes:

“É tão vívido... será que vai ficar aí e não vai sumir?”

“Algo me diz que saberemos em breve... Continue, destampe a Arca”, solicita David, um pouco mais firme.

O resto do grupo mantinha-se cinco passos atrás, tentando não interferir no processo.

Maya ergue o olhar em direção à Arca Dourada.

“E mais tarde o Senhor disse: E porás na Arca o testemunho que te darei.”

“O quê?”, pergunta David, um tanto quanto surpreso quanto à frase.

“Foi o que supostamente YHVH disse a Moisés... é o que vou fazer”, diz Maya, ironicamente. David e o resto do grupo permaneceram perplexos.

Erguendo a Tábua Safira sobre sua cabeça, ela recebe como imediata

resposta a desconexão da tampa do corpo da Arca, sendo esta erguida a alguns centímetros no ar e assim, pairando, permanece, aguardando por um novo comando. Em seguida, ela alinha a tampa com a Tábua, acompanhando o movimento até que a deposita no chão.

“Isso parece mesmo um controle remoto... veio com a mesma instrução de uso do Dorje... tecnologias em comum, um da Índia e o outro do Egito, mas idênticos em softwares... legal!”, Maya esbanjava entusiasmo ao comprovar a interação do que considerava “instrumentos de alta tecnologia”.

O resto do grupo, incluindo David, esperava uma coordenação quanto ao momento de olharem o conteúdo da Arca. A expectativa era enorme, já passando dos níveis controláveis.

Notando o clima emocional criado, ela se direciona até o corpo da Arca, erguendo-se nas pontas dos pés, sem tocá-la, olhando o que poderia estar lá dentro:

“Não tem nada aqui dentro... tá vaziozinho. Nada de Anel ou qualquer outra coisa... mas calma, vou fazer o que me veio à mente, afinal YHVH disse a Moisés para depositar o testemunho dentro da Arca, e eu acho que uma coisa assim está aqui em minhas mãos... afastem-se, não sabemos o que poderá acontecer.”

Todos, menos David se afastam vários passos para trás. Determinada e não temendo o desconhecido, ela deposita a Tábua Safira no fundo da Arca e, em seguida, desloca-se com David para a lateral do objeto, onde a tampa estava. Sem o prenúncio de qualquer efeito especial, novamente a gravidade é cancelada e automaticamente a tampa se levanta do chão, encaixando-se sobre o corpo da Arca e fechando-a, retirando o ar de dentro.

“Ela se desligou!”, diz David, parecendo desiludido.

Desanimada por não ter encontrado algum objeto que pudesse ser ligado à lenda do Anel, Maya se vira em direção aos outros do grupo que permaneciam calados, já que, após tudo o que aconteceu, acreditavam na possibilidade de encontrar o Anel de Salomão.

“O Anel não está aí dentro... aí não tem nada... mas eu acho que...”, diz Maya, na intenção de continuar; entretanto, suas palavras são brutalmente interrompidas por um enorme e violento estrondo vindo da parede lateral direita à da entrada da sala, acompanhado por uma segunda explosão, cujo impacto lançou-os em direção oposta. Várias bombas foram acionadas com intervalo de dois segundos entre as detonações, demolindo por completo uma das paredes e causando o desmoronamento de parte do teto e das estátuas de

querubins, despedaçando-as, perigosamente lançando partes das asas em várias direções. O teto foi abaixo em duas etapas, não havendo para onde correr. Parte do pesado concreto atingiu rapidamente Theo, Florence, Solomon e William, sem deixá-los escapar. Maya e David foram jogados para o lado oposto, logo na segunda explosão, desfalecendo, mas salvando-se do desmoronamento que tomou especialmente a área central da sala.

Demonstrando precisão e treinamento, treze homens vestidos com roupas brancas, largas faixas vermelhas amarradas na cintura e máscaras da mesma cor, cobertas e gorros de microfibra branco, invadem o local, suspendendo rapidamente a pesada Arca com a ajuda de hastes e suportes de madeira, carregando-a para fora do ambiente em poucos minutos. Eles não demonstraram nenhum interesse nos que haviam se ferido, saindo do local, às pressas, entrando em dois helicópteros Agusta Westland AW-139, decolando antes que a polícia e o resgate chegassem, sem deixar pistas.

27.

OUTER BANKS HOSPITAL,
BARREIRA DE NAGS HEAD, 9H.

Extremamente agitados, um homem e duas mulheres passam pela porta central do hospital, procurando por informações.

“Sou Francis Augustus Germano, aqui estão nossas identificações. Precisamos saber sobre vários pacientes: Maya Angel Bacon, David e Solomon Bacon, por favor... havia outras pessoas com eles também, se puder nos informar...”

No balcão da recepção, um rapaz consulta os dados em um computador, levando poucos segundos para localizá-los:

“Ah sim, os dois primeiros ainda estão na enfermaria... vou chamar o médico do atendimento para explicar melhor o estado dos que sobreviveram.”

“Sobreviveram? Quem morreu?”, pergunta Ana, em sinal de pânico.

Eles chegaram todos juntos... aqui consta que, há exatamente uma hora a Sr^a. Florence RE Mathiew faleceu devido aos ferimentos, e o Sr. William Mackenzie não chegou vivo ao hospital, tendo falecido na ambulância.

“Óh, meu Deus! E quanto aos outros?”, pergunta Anne Bacon.

O atendente avista o médico que prestaria os esclarecimentos. Ele se aproxima, consultando fichas em uma pasta.

“Quem é da família ou amigos do Sr. Westcott?”, pergunta ele.

“Somos todos amigos dele, e a esposa está a caminho...”, responde Mestre Germano.

“Muito bem, ele está muito ferido, com contusões sérias na cabeça e tórax, além de escoriações gerais pelo corpo todo. Estamos acompanhando, mantendo-o na UTI. Se não encontrarmos nenhuma hemorragia além das que contivemos, ele poderá ficar bem. Os seguintes são David e Maya Bacon. Esses tiveram sorte. Sofreram uma pancada na cabeça e escoriações gerais, mas nada de grave. Se não apresentarem nenhuma complicação, serão liberados mais tarde.”

“Solomon Bacon, por favor”, pergunta Anne, tremendo e com os olhos cheios de água.

“Ah, sim... ele está em cirurgia, neste exato momento. Na sala de espera do centro cirúrgico, poderá encontrar um amigo dele, o Sr. Armando Silva. Ele disse que ficaria lá, para qualquer emergência.”

“Qual é a gravidade dessa cirurgia?”, pergunta a esposa de Solomon, ainda mais nervosa.

“Bem, consta aqui que o teto do recinto onde estava desmoronou em cima da perna esquerda, teve uma fratura exposta na tíbia e estão colocando pinos. Ele deverá ficar algum tempo aqui, até que esteja em condições de ser removido. É necessário evitar risco de infecção... Acredito que dentro de uma hora ele estará sendo removido para a UTI, onde poderemos monitorar melhor as condições gerais. Se tudo estiver estável, será levado para o quarto, dentro de 24 horas. Vejo que a senhora está grávida... acalme-se, ele não apresenta risco de vida, pelo que está anotado em seu prontuário médico.”

Com essa afirmação vinda do médico, Anne respira fundo, várias vezes, tentando controlar suas emoções, sendo amparada por Ana, que a abraçava.

“Podemos visitar Maya e David?”, pergunta Ana.

“Sim, claro, eles estão bem. Mas peço que sejam breves. Eu vou levá-los até lá. E, quanto à senhora... é a esposa de Solomon Bacon, certo?!”

“Sim, sou”, responde Anne.

“Novamente... acalme-se. As condições gerais são boas. Ele ficará bem. Vão levá-la até a sala de espera da área de cirurgia, onde deverá encontrar o Sr. Armando. As enfermeiras poderão informá-la melhor e, se der sorte, poderá ver seu marido em seguida.”

“Pode ir, Anne, logo estaremos com você. Avise o Armando que iremos visitar Maya e David. O celular dele não está funcionando, provavelmente está fora de serviço”, diz Ana, carinhosamente.

Em paralelo, Mestre Germano atendia a uma ligação de celular. Assim que desliga, informa do que se trata:

“A esposa de Theo está a caminho. Deverá chegar dentro de uma hora. Os outros familiares também... perdemos valorosos membros da Thule. Pessoas insubstituíveis. Esse foi o mais drástico golpe que se abateu sobre nós feito pela maldita Sociedade Vrill!”

A dor da perda de amigos queridos, desencadeou uma extrema raiva, emoção nunca antes presente no Mestre Germano, sempre compreensivo e paciente. Essa forte reação foi uma surpresa para todos, já que constantemente ele pregava o autocontrole em qualquer situação.

Cabisbaixa, Anne acompanha o médico, deixando Mestre Germano e Ana

a caminho da enfermaria.

Ao chegarem onde estavam Maya e David, eles os avistam com facilidade, pois encontravam-se na primeira baia de atendimento, em camas dispostas lado a lado.

“São da família?”, pergunta a enfermeira de plantão.

“Sim, somos... quero dizer, praticamente. Como eles estão?”, pergunta Ana.

“Eles estão bem. Demos um sedativo leve há algumas horas. Já estão despertando. Podem ir até eles.”

Mestre Germano se dirige a David, enquanto Ana tentava acordar Maya:

“David, meu filho... é Germano... fale comigo...”

Depois de uma certa dormência, ele desperta com boa condição mental, mas assustado, ao recordar-se do ocorrido. Ao fazer esforço para levantar, sente muita dor de cabeça, levando as mãos à altura da região frontal, que foi golpeada.

“Nossa! O que aconteceu? Eu me lembro... uma explosão... Maya!”

“Ela está bem... está aqui ao seu lado. Houve uma explosão... isso mesmo. Fomos até à casa do Theo, onde vimos a sala da Arca completamente destruída. Puseram várias bombas lá. Foi um trabalho de profissionais! Quando vi a casa, achei que todos tivessem morrido!”, declara Mestre Germano, com grande pesar.

“Maya... você está bem?”, pergunta David, virando-se para ver a esposa, que havia sido despertada pela amiga Ana.

“Sim... sim... mas com uma baita dor de cabeça... e você?!”, exclama ela em um primeiro momento, parecendo despertar totalmente no momento seguinte.

“Ana... Germano... onde está Suri?”, pergunta Maya, fazendo a amiga rir.

“Uma típica pergunta de uma mãe que já está bem da cabeça. Para podermos vir até aqui, deixamos todas as crianças na casa da irmã de Anne. Ela é uma fofa e ficarão muito bem, inclusive a Suri. Você vai sair daqui, ainda nesta manhã e voltaremos para cuidar das crianças... Anne terá que ficar com o Solomon. Ele quebrou a perna.”

“Meu Deus... eu me recordo do que aconteceu. Quando eu fui jogada contra a parede, eu não desmaiei na hora... eu vi vários homens entrando e levando a Arca. Foi nesse momento que eu apaguei e acordei na ambulância”, relata Maya, recobrando a lucidez.

Ana avaliava os machucados da amiga.

“Olha, tanto você como o David tiveram sorte. Só estou vendo arranhões e alguns hematomas. Isso não é nada... além do galo na cabeça, lógico. Vai doer por vários dias.”

Ana procurava aliviar a situação, antes que os amigos fizessem perguntas inevitáveis. Nesse instante, Armando chega à enfermaria.

“Que bom que acordaram... caramba, que desgraça!”, diz Armando.

Ana e Armando se abraçam, com intensidade.

“Como está o Solomon e os outros?”, pergunta David, ainda bastante confuso.

O grupo faz silêncio, demonstrando dificuldade nesse detalhamento. Mestre Germano toma a frente:

“David, Maya, vocês dois tiveram muita sorte. Acredito que posso dizer o mesmo quanto a Solomon, certo Armando?”

“Sim, sim... ele acabou de sair da cirurgia, e Anne está com ele. Quebrou a perna, mas ficará bem... Theo está pior... corre risco de perder a vida...”, informa Armando, demonstrando pesar e uma energia triste, a qual não fazia parte de sua personalidade corriqueira, em geral, vivaz.

Armando e Mestre Germano fazem uma pausa, devido à dificuldade em abordar a fatalidade. Nesse meio tempo, Maya se ergue, sentando-se na cama, virando-se para frente, onde estavam todos. Ana se movimenta, demonstrando que queria amparar a amiga, entretanto esta gesticula que não precisava e que estava bem.

“Continue, Germano. Estamos preparados e já imagino... William e Florence...”, diz Maya com pesar.

“Sim... infelizmente... eles morreram... não resistiram aos ferimentos. Eles estavam no local onde o maior desabamento ocorreu. Perdemos pessoas extraordinárias e membros insubstituíveis para a Thule. Foi um golpe muito duro.”

Mestre Germano tinha lágrimas nos olhos e tentava se recompor, demonstrando força, para os outros.

“Eu já avisei as famílias... eles estão a caminho...”, comente Germano.

“Os Muller vão pagar por isso!”, exclama David, em um raro momento de raiva.

Armando troca um olhar de suspense com Mestre Germano.

“David...”, Armando tentava acalmá-lo e dizer algo.

“Eu não aguento mais esses caras! Eles sempre aparecem quando estamos com as coisas em mãos! Eles estão matando o nosso grupo, pouco a pouco!”

David continuava expressando sua inconformação e revolta.

“David...”, continuava Armando, não foram eles.

“O quê?!”, David ficou ainda mais desnorteado: “Quem foi então?”

Armando dá um passo para trás, deixando Mestre Germano esclarecer melhor a situação.

Devido aos medicamentos tomados, David estava confuso e com perda de consciência. Em resposta ao trauma emocional e às drogas, ele passa a mão direita sobre o machucado, na parte frontal da cabeça, reclamando da dor em seguida:

“Ai! Esqueci que isso estava aqui! ... Então... exatamente...o que você está fazendo aqui nos Estados Unidos?”, pergunta ele.

“Como vocês estão um tanto quanto confusos, não se deram conta de que eu estava no Brasil e, portanto, não teria tido tempo hábil de chegar até aqui, a menos que já estivesse nos Estados Unidos...”, diz Mestre Germano.

“No dia seguinte à partida de vocês, eu fui chamado pelo FBI. Precisei vir às pressas. Aparentemente, os irmãos Muller tinham ido para Washington D.C., no mesmo dia que vocês foram para Boston; entretanto, ao que tudo indica, assim que saíram do aeroporto, foram vítimas de uma emboscada. Alguém os eliminou. Seus corpos foram encontrados dentro de um furgão abandonado, no próprio aeroporto. É por isso que o Armando afirmou não ter sido eles... nem poderiam... estavam mortos. Eu tive que identificá-los no necrotério. O detetive Ricardo também foi chamado, pois, como eu, está envolvido no processo dos irmãos Muller. Ele ficou por lá, acompanhando as investigações e o levantamento de alguma pista ou evidências deixadas no local onde as vítimas foram encontradas.”

Mestre Germano sentia-se cansado, dando claros sinais de falta de ar ao falar. Para melhor esclarecer o que pôde averiguar junto ao FBI, puxou uma cadeira, sentando-se. Ao ouvir todo o relato, Maya se levanta, sem grandes dificuldades, sentando-se junto a David. Ela procura revelar o que lhe veio a memória:

“Então... quem entrou e pegou a Arca, no que eu poderia chamar de uma operação ao bom estilo de Hollywood? Eu estava tonta, mas pude visualizar mais de dez homens encapuzados, armados e com um treinamento de alto nível. Sabiam o que faziam.”

Maya para de falar, como se tivesse tido uma lembrança.

“Interessante”, diz ela, “um deles chegou a perguntar se deveria atirar em mim... e, um outro, encapuzado, parecendo ser o líder, com um sotaque que

eu não identifiquei... olhos muito claros e bonitos... me olhou fixamente... e ele não era americano... disse para me deixarem... eu deveria estar mostrando sinais de desmaio, pois foi aí que eu apaguei... não lembro de mais nada.”

Armando ergue dedo indicador direito, em sinal de querer acrescentar algo:

“Maya, foi nessa parte que eu entrei... descalço, de pijamas e apavorado. Quando o mundo desabou com as bombas, eu fui jogado para fora da cama... tamanho o impacto! Desci como um louco e vi os caras saindo com a Arca. Eles não pareceram se importar de me ver ali... acho que não ligaram para as minhas cuecas! A primeira coisa que fiz foi ligar para a polícia, solicitando socorro médico... fiquei apavorado, pois todos pareciam mortos! Em seguida, liguei para o Germano, que, para minha surpresa, estava em Washington, e ele me contou sobre os Muller.”

Armando falava alto e muito rápido, exibindo o impacto emocional a que havia sido submetido.

“Calma, Armando... desacelere...”, diz Mestre Germano, pacientemente, “como te disse, temos que dar todos estes detalhes para o detetive Ricardo. Isso é muito importante. Pode ser que alguém assumiu a seita Vril no Brasil. Por outro lado, isso parece mais uma queima de arquivo. Os Muller eram patéticos e estavam fora do padrão que esses mafiosos gostam de ter em seu time... isso faria muito sentido...”, completa Mestre Germano, parecendo pensar profundamente na hipótese da queima de arquivos.

“Analisando os fatos, eu acho que se trata de queima de arquivo... exatamente isso... é uma possibilidade real...”, completa David.

“Ai que legal... que ótimo...”, diz Armando ironicamente, “... a gente estava sempre se ferrando, agora então, se os que assumiram são caras ainda mais da pesada... a palavra adequada para isso é...”, Ana imediatamente tampa a boca do marido, imaginando o que ele iria dizer.

“Acho melhor não dizer... estamos em um hospital e, de qualquer forma, pode dar má sorte”, diz Ana na intenção de evitar expressões negativas, deselegantes. Mesmo frente a esta cena cômica, ninguém sequer sorriu, devido à dor que tomava conta do grupo.

“Eu filmei eles levando a Arca.”

“O quê?”, pergunta David.

“É... Quando descí, esqueci de calçar o sapato, mas peguei o celular e coloquei no modo de filmagem... daí que quando entrei na sala, eles ainda estavam lá, já saindo com a Arca. Corri atrás deles... com dificuldade e um pouco lerdo... estava descalço, né?! O pé doía... e filmei o helicóptero que

saiu... peguei a licença...”

“Por que não me disse isso antes?”, pergunta Mestre Germano, um pouco irritado.

“As coisas estavam meio confusas, e só durante a cirurgia do Solomon foi que eu verifiquei o filme... acho que vai dar para ler a licença sim...”, completa Armando.

“Você acha que pode passar o filme para o detetive Ricardo, via celular?”, pergunta Germano.

“Se for muito pesado, eu dou um jeito. Enviarei por algum computador daqui... ele está no Dropbox. É fácil.”

“Então, faça isso imediatamente”, comanda Mestre Germano.

“Ok.”

Armando sai à procura de algum terminal de computador disponível para visitas. David ampara Maya, e ambos se levantam. Ao segurar as mãos da esposa, nota que o símbolo do Tetragrammaton não mais estava gravado em sua mão direita.

“Não se preocupe, algo me diz que ele vai aparecer novamente... na hora certa”, afirma Maya, sabendo com antecedência, o que ele expressou com o olhar.

David ergue o rosto, vendo os amigos, com um ar sério e calmo:

“Devemos ter completado um ciclo importante. Se a Arca agora pode ser manipulada e funcionar tal e qual aquela Arca da Bíblia... eles levaram um aparelho perigoso... o que foi que nós fizemos?”

David abaixa a cabeça em sinal de resposta à torturante mistura entre dor física e emocional.

28.

UMA SEMANA DEPOIS,

NA CASA DA FAMÍLIA BACON, EM BOSTON.

Para a felicidade de Anne Bacon e dos filhos, Solomon já estava em casa, embora tivesse que permanecer sob cuidados especiais, até que pudesse tirar o gesso e voltasse à condição normal. Enquanto Anne esteve acompanhando Solomon no Hospital de Nags Head, Maya e Ana cuidaram das crianças, Suri, Elizabeth e Walter.

Felizmente, Theo Westcott conseguiu sair do estado crítico, após quatro dias de UTI, reagindo bem ao tratamento e recebendo alta ontem.

A sala da Arca permanecia destruída, à espera de que Theo tivesse forças para determinar o seu destino. Além de Florence e William, naquela noite, três seguranças foram mortos e mais cinco ficaram gravemente feridos.

Dentro do possível, as coisas estavam voltando ao normal, pelo menos por ora, embora sentissem um grande pesar pelos mortos.

O suspense era inevitável, pois o grupo da Sociedade Thule do Brasil e dos Estados Unidos mantinha-se de prontidão, ao mesmo tempo que procurava por pistas do paradeiro da Arca. Após o jantar, Ana, Armando, Maya, David e Solomon, sentado em uma cadeira de rodas com um apoio para a perna ficar adequadamente esticada, conversavam.

“Como vamos voltar amanhã para o Brasil, já convocamos o pessoal da Thule para uma reunião. Vamos juntar as forças e pensar juntos, quanto ao que fazer”, diz David.

“Eu aconselho que vocês não se reúnam. São 12 pessoas que podem ser pegas todas de uma só vez. Isso pode ser um tanto quanto tentador para nossos inimigos.” Com essa frase, Solomon expõe o trauma adquirido, pois não era comum ele demonstrar insegurança.

“Meu irmão, se fôssemos alvos, teriam nos liquidado lá mesmo e não nos teriam deixado viver... eles querem as coisas que costumamos achar. Ainda precisam de nós. Por isso nos deixam vivos... somos muito convenientes para eles. O que achamos eles tentam roubar e, neste caso, tiveram bastante sucesso.”

David declara sua excelente conclusão, enquanto Armando prestava atenção na conversa, erguendo os olhos e tirando-os da tela do *notebook*, que consultava.

“Pessoal...”, diz Armando, “eu acho que temos algumas pistas que, até agora, não levamos em consideração. Lembram dos documentos que o Gabriel tinha no apartamento dele? Pois é... como eram muitos, eu fiz uma cópia digital de tudo o que a Ana foi me apontando como importante. Devido à velocidade dos acontecimentos, deixamos isso de lado, mas, nesses últimos dias, eu e a Ana estivemos dando uma olhada em tudo, novamente e com maior profundidade... tem vários pontos que chamaram nossa atenção, e a gente quer mostrar”, observa Armando, tendo Ana ao seu lado, balançando a cabeça em sinal de concordância com o que dizia.

Intuindo a importância do que se seguiria, em ação conjunta e espontânea, sem que ninguém coordenasse, David e Maya sentam-se ao lado de Armando à procura de uma melhor visualização dos documentos escaneados. Maya ajeita os óculos, para uma boa visualização. Ana preocupa-se em posicionar a cadeira de Solomon, buscando um bom ângulo de leitura para o amigo machucado:

“Consegue ver bem daqui?”

“Sim, Ana, muito obrigada.”

“Bom, a primeira coisa está aqui: mfkzt/SPCG/333”, diz ele.

“Sim, o código das pastas... esquecemos dele...”, solicita David.

“Pois é... bom, como já havíamos falado, o mfkzt é o ouro dos faraós, o pão da vida e, segundo consta, um pote disso sempre ficava guardado dentro da Arca, a mando de YHVH...”

Armando ergue os olhos, com uma expressão sorridente, esperando que alguém conclua o inevitável, bem conhecendo os amigos:

“Então, a Arca não vai funcionar se não tiver o mfkzt, ou seja, o ouro em estado monoatômico, na forma de supercondutor! Ela está sem o principal combustível gerador do raio da morte, ou seja lá o que ela faz...”

Como sempre, Maya ficava entusiasmada quando chegava a uma nova conclusão, entretanto sentia que algo não se encaixava.

“Caramba, eu sabia que só precisava soltar um começo, que ela iria arrematar em seguida!”, afirma Armando, com grande simpatia.

“Armando! Você é um gênio! Então a Arca não vai funcionar somente com os Bastões.”

“Exatamente, Maya. Ela precisa entrar em estado de supercondução, e o

responsável por isso pode ser o pó de ouro monoatômico, o maná, o pó branco que caía dos céus para os eleitos de Moisés e YHVH... é o mesmo mfkzt dos egípcios, o acelerador atômico de células e órgãos, após ingerido. Por isso que somente o faraó, a família real e os sacerdotes, tinham acesso a ele. Através desse estado supercondutor, a Arca possibilitava falar com Deus ou um deus, como queira qualificar isso,” conclui brilhantemente Armando.

“... E SP/CG é a Linha São Pedro e o município de Cândido Godói, onde o pai de Gabriel vivia, guardando os Bastões de Toth por tanto tempo... mas o que é o 333?”, pergunta David.

Maya ergue o dedo indicador no ar, pedindo a vez de falar:

“Creio que não seja exatamente 333, e sim, 333.000”, afirma ela, mantendo todos presos à frase, sem sequer piscar. Em seguida, ela completa.

“333.000Hz ou ciclos por segundo é a frequência necessária para acessar outra dimensão, ou melhor, uma dimensão acima da nossa. Teoricamente, onde poderia viver o tal YHVH e assim, ao ativar a Arca, com essas coisas dentro dela, como os Bastões e o mfkzt, ela abre um portal para essa frequência, através da geração de um arco voltaico formado entre as asas dos querubins... é tão poderoso que pode gerar uma descarga, na forma de raio, em condição de desequilíbrio de potência... tal e qual descrito na Torá e na Bíblia, matando quem estiver por perto.”

Após tamanha conclusão, ficaram todos mudos até que Armando resolveu dar uma nova direção a tudo isso, comunicando-se com seu jeito tão peculiar:

“Algo me diz que essa tal Arca não é feita exatamente de ouro... se a gente tivesse tentado derreter, ela iria... boom!”, exclama Armando comicamente.

Surpresa pela declaração do amigo, Maya para para avaliar melhor suas ideias.

“Sabe que você pode estar certo...”, diz Maya, “... deve haver algo muito mais avançado do que ouro naquela estrutura... você estava na pista quando mencionou o mfkz, e talvez isso seja similar a nanotubos de grafeno e ouro, o que a daria uma estrutura cristalina, extremamente resistente, supercondutora e ao mesmo tempo, contendo uma assinatura frequencial.”

“Como é? Eu não entendi nada...”, interpela Ana.

“Ah... sim, eu quis dizer que essa estrutura de nanotubos de ouro é feita com folhas de grafeno, carbono disposto em estrutura polimérica, parecendo uma colmeia extremamente simétrica, sendo o carbono, a nossa assinatura frequencial, a dos organismos biológicos... os seis átomos são ligados em formato de estrela de David... tudo a ver com a Arca, afinal, esse tipo de

equipamento pertenceu a Salomão, cujo símbolo era a estrela de seis pontas... carbono... acredito que encontramos o Anel de Salomão... ele está inserido, como sempre esteve, na estrutura dessa Arca.”

“Caramba!”, exclama Armando.

“Incrivelmente perfeito... Maya, você pode estar certa!”, diz David, orgulhoso de ela ser sua esposa.

“Obrigada, mas a glória pertence ao Armando. Ele é que achou as chaves dos códigos que nos levou a essas conclusões”, diz Maya, com humildade.

“Isso pode ajudar na conexão com o tal de YHVH?”, pergunta Ana, diretamente à Maya.

“Pode ser amiga... pode ser...”

“Vamos fazer as malas. Amanhã mesmo retornaremos para o Brasil. Depois, iremos de São Paulo para o Rio Grande do Sul. Pelo que podemos concluir, a Arca foi levada para lá!”

Como era de costume, David arrematava as discussões, gerando um novo direcionamento na solução dos enigmas. Solomon, que apenas ouvia, fala com grande contentamento:

“Pessoal, se tínhamos uma parte de um quebra-cabeças a resolver, essa etapa foi muito bem concluída. Certamente, as pistas apontam para Cândido Godói.”

Maya dá continuidade à discussão, intuindo que muitas coisas ainda teriam que ser melhor avaliadas, após a descoberta de novos dados:

“Mas... será que o desproporcional número de gêmeos idênticos da região é um fenômeno fruto das frequências geradas pelas barras de Toth, por terem estado escondidas no porão da casa do pai de Gabriel, após tanto tempo ou... algum acidente ocorreu com a energia Vril na região?”

“Eu também acho...”, diz Ana.

“Talvez...”, diz Solomon, “... acho que teremos que descobrir, mas aparentemente era algo que Gabriel já sabia e, por isso, foi morto, antes que revelasse esse segredo para Gabriela e posteriormente para nós...”

“... ou foi morto por ter revelado esse segredo à Gabriela, naquela noite... ela deixou palavras-chaves que ainda não encontramos sentido completo...”, adiciona David, incentivando Maya a continuar com a discussão.

“Deve ser algo que as famílias Angst e Goldschmidt sabem e guardam a sete chaves.”

“Sim, Maya, você pode estar certa. É por isso que temos que ir até Cândido Godói e ver por nós mesmos”, concordando com a última frase da esposa,

David parecia estar absorto em seus pensamentos.

Armando continuava a repassar os documentos digitalizados. Ele aponta um em especial, induzindo David a lê-lo cuidadosamente.

“Ah sim, eu lembrava disso... mas quando vimos, não pareceu fazer sentido, diferentemente de agora”, diz David, gerando uma certa agitação no ambiente.

“Vamos... diga logo, o que é?”, pergunta Solomon, pois sendo o mais distante da tela do computador, não teve como ler com muita facilidade o que Maya e David fizeram.

“Solomon, aqui tem um monte de dados sobre os motores geradores de energia Vril, desenvolvidos pelo Viktor Schauburger e equipe!”, exclama David.

“Mas... se o Gabriel era biólogo, porque ele tinha uma pasta inteira sobre esse tipo de tecnologia?”, questiona Solomon, parecendo fazer bastante sentido.

“Eu não tenho a menor ideia, mas algo me diz que não é um dado para ser jogado fora... olha aqui...”, David continuava entretido, ao lado de Maya, lendo mais documentos na tela do *notebook*, sem ter uma boa resposta para a pergunta de Solomon.

Estudando a documentação por alguns minutos, ainda mantendo os olhos na tela do *notebook* e apontando com o dedo indicador, David lê para o grupo:

“Schauburger... ele criou o motor à implosão, chegando a usar mercúrio em um recipiente que tinha a forma de um disquinho que gerava um vórtice eletromagnético potente e, conseqüentemente, a energia Vril... aparentemente, essa tecnologia foi muito melhorada com a ajuda de um austríaco chamado Karl Schappeller. Este cientista desenvolveu um dispositivo que gerava a energia Vril, na forma de energia livre, sem o uso do mercúrio, melhorando o desempenho do equipamento anterior, do colega, criando a possibilidade não apenas de levitar equipamentos muito pesados, como a de gerar a propulsão para naves espaciais.”

“Como é que isso funcionava?”, pergunta novamente Solomon, sendo que, para respondê-lo adequadamente, David volta a procurar uma descrição disso na página que via.

“Veja, aqui diz algo muito genérico: um dos sistemas que Schappeller montou era representado por uma esfera de aço, com dez polegadas de diâmetro, em cujo interior havia um pequeno coiler de cobre. Esse sistema

era preenchido com um líquido polarizável, atuando como um capacitor dielétrico e diodo. A transferência dos elétrons e do campo magnético, aqui chamado de plasma, gerava rotação em um motor acoplado ou energia elétrica, se conectado a um gerador...”

“Haunebu!”, exclama Solomon.

“Sim, você pode estar certo. Haunebu e a versão mais avançada... o Haunebu-Vril... o que parecia ser apenas um mito pode ser muito mais do que isso...”, afirma David, meditando a esse respeito, mantendo um olhar distante.

“Vejam tudo o que foi parar nas mãos das tropas aliadas quando da invasão de Berlim, e a gente nunca foi informado sobre inventos! ... Embora estejam na mídia não oficial”, completa Armando, deixando bem claro que já havia pesquisado sobre as naves espaciais, chamadas de Haunebu.

“Sim, Armando... você foi fantástico ao trazer esses dados... precisamos agir!”, exclama David.

Maya e David trocam olhares tensos.

29.

SEDE DA THULE BRASIL, EM SÃO PAULO,
DOIS DIAS DEPOIS.

Mestre Germano convocou apenas seis pessoas do grupo, evitando reunir todos em um mesmo local, por precaução. Junto a eles, estava Rafael, um bom especialista sobre a conexão nazista com a Argentina e a América do Sul.

“Baseando-se nos projetos canalizados pelas médiuns da Sociedade Vril, Maria Orsic, Sigrum, Gudrum e Traute, aparentemente foi Sigrum que ficou responsável por acompanhar todo o desenvolvimento e aplicação desse conhecimento avançado, obtido com uma civilização de Aldebaran.”

“Sim, entendo Rafael, mas como eles foram capazes de desenvolver essas naves voadoras tão rapidamente?”, pergunta Mestre Germano, sentado na cabeceira de uma mesa grande, de madeira escura, onde todos estavam.

Rafael toma fôlego para as explicações que se seguiriam:

“Bom...vamos começar pelos motores que foram usados nos modelos dos discos voadores Haunebu e os que seguiram, mais avançados, chamados de Haunebu-Vril ou apenas modelo Vril.”

Rafael transfere a imagem que estava em seu *notebook* para a tela da TV de LED de 60 polegadas, ao seu lado.

“A tecnologia que envolveu o desenvolvimento do motor eletromagnético gravitacional foi obtida acoplando a máquina de energia livre de Hans Coler a um conversor de energia, usando um gerador de banda de Van Graaff e um dínamo de vórtice de Marconi... que certamente, durante o tempo em que se ofereceu para trabalhar com Nikola Tesla, extraiu o coração tecnológico desse projeto, do próprio Tesla, tanto quanto o fundamento para a criação do rádio, invenção que lhe é atribuída, embora, parcialmente injusta...”

“Espertinho esse Marconi, não é mesmo? Se passava por um solícito auxiliar do Tesla para poder pegar todo o conhecimento que fosse possível e, sendo bem pago pelo J.P Morgan, fez com que esse conhecimento se transformasse em algo que poderia gerar dinheiro para o famoso banqueiro...”, Armando destaca esta parte não bem conhecida do público em geral, com certo grau de indignação.

Concordando com o ponto de vista, Maya segue a conversa com o amigo:

“É verdade, mas... veja bem, aparentemente, nem o próprio Tesla ligava para isso, pois tanto ele como a sacerdotisa do Vril, a Maria Orsic, tinham uma fixação tão grande pelos seus objetivos que davam o que saía desse campo a quem lhes pedisse. Embora Tesla tenha depositado muitas patentes daquilo que julgou ser importante.”

“Ele foi um herói da ciência e fizeram tudo para transformá-lo em uma aberração!”, exclama Armando, aparentando estar indignado.

“É, ele tinha a linda utopia de construir um sistema de geração de energia livre de ponto zero e livrar o mundo do uso do combustível fóssil e da eletricidade de alto custo, enquanto que a Maria Orsic era obcecada pelas viagens espaciais. Aparentemente, eles focavam no que consideravam principal, esquecendo-se do resto. Foi assim que o Marconi tirou partido disso, e certamente muitos outros”, conclui Maya.

“Exato, e a mesma coisa sucedeu aos cientistas alemães que criaram invenções altamente avançadas, através dos incentivos das Sociedades Thule e Vril... essas inovações sumiram... mas poucos anos mais tarde, cientistas americanos surgiram com algumas das mesmas, curiosamente aclamando sua própria autoria”, adiciona Mestre Germano.

“É verdade, sendo também um ótimo tema para ser discutido em outro momento... mas continue Rafael, por favor. Não iremos interrompê-lo novamente”, diz David, pedindo, com o olhar, para que Maya e Armando deixassem Rafael apresentar seu raciocínio.

Ana esforçava-se para conter a risada, disfarçadamente, sabendo do quanto isso seria difícil de acontecer. Mestre Germano, simpaticamente assente com a cabeça, concordando com Ana ao enviar-lhe um piscar de olhos.

Rafael retoma a apresentação:

“... pois bem, o primeiro sistema de propulsão testado em uma nave foi em 1939, nos campos de uma região chamada de Hauneburg, daí a origem do nome Haunebu. Esse sistema utilizava mercúrio e o levava ao estado de supercondução, diminuindo massa e portanto, cancelando a gravidade do aparelho ao qual estava acoplado. Os relatos mostram que uma intensa luz se formava a partir de um vórtice fenomenal. É possível que, segundo os dados que nos foram entregues, uma fábrica de montagem das naves Haunebus... e ao que tudo aponta, especialmente o Haunebu-2... tenha sido montada em uma região próxima a Buenos Aires, em 1942. Talvez o principal objetivo dessa fábrica fosse produzir o sistema de propulsão, acoplando-o às peças

transportadas pelos submarinos do tipo U-Boats, da Alemanha para a Argentina. Esse fato se correlaciona com relatos oficiais quanto a um destes submarinos haver sido afundado a caminho da América do Sul, carregando algumas toneladas de mercúrio, em plena Segunda Guerra Mundial, tal qual eu já os informei no passado.”

“Mas o que você quer nos dizer com esta apresentação? Digo, exatamente...”, pergunta Ana, sem entender aonde Rafael queria chegar.

“Existem relatos sobre alguns desses sistemas geradores de energia Vril, chamados oficialmente de Thule Trie Bwerk, terem sido desviados, e, se isso é verdade, após o fim da guerra e com a presença de muitos nazistas fugitivos na Argentina... bem, esses mesmos podem ter dado sumiço em equipamentos poderosos como eles. Talvez não tenham conseguido utilizá-los... mas podem tê-los deixado escondidos em algum lugar.”

Rafael faz uma pausa em sua apresentação, bem na hora em que David parecia querer fazer perguntas:

“Rafael, o que você está nos informando é excelente e certamente está ligado ao mistério da busca pelo controle da energia Vril... mas, se alguém roubou um desses motores... levando em consideração esta hipótese... como ele poderia funcionar?”

“Ah, sim, boa pergunta. Pela teoria da supercondução, uma vez ativado o supercondutor, ele não para mais de funcionar... se alguém ativou algum deles, não tinha como desligar, embora possa ser controlado.”

“Então, como pode ser controlado? Digo, para que não exploda ou algo assim?”, questiona novamente David diretamente a Rafael.

“Essa é uma boa pergunta, e eu não sei a resposta. Aparentemente, os cientistas da Ordem do Sol Negro da SS sabiam como fazê-lo... mas se caísse em mãos de não especialistas... seria uma bomba em potencial, poderia explodir tal e qual é descrito no Mahabharata dos Vedas, da Índia antiga.” Rafael tenta responder da melhor forma, de acordo com o nível de embasamento científico que lhe era possível, já que não tinha formação nessa área.

David revelava uma linha de raciocínio notada pelo grupo, que optou por não interromper. Ele continuava com as perguntas que lhe vinham à cabeça:

“Digamos que um leigo roubou este dispositivo, que, pelo que vi na sua projeção, é algo em torno de um metro de diâmetro, mais acoplamentos... podendo chegar a uns quatro metros de comprimento por uns dois de largura, no total...”

“Exato...”, incentiva Rafael.

“Ok... voltemos a hipótese de um leigo ter roubado esse sistema sem uso... sem ativação, de um desses locais de montagem que existiu na Argentina e, em determinado momento, o queira fazer funcionar... o que ele teria que fazer?”

“Aparentemente, pela tecnologia usada na época, seria necessário usar uma enorme descarga elétrica para gerar o processo inicial, através de algo do tipo... um grande eletroímã. Esse eletroímã deveria ser ligado para proporcionar a diferença de potencial... creio eu... De fato, após a invasão da Alemanha, no final da guerra, foram encontradas muitas fiações abandonadas pelos campos de testes, destinadas a potentes descargas elétricas. Esta foi a suposição feita por especialistas e não por mim. Aparentemente, seria necessária a descarga de altíssima voltagem... mas não sou um especialista no assunto. É o que consta nos arquivos secretos da Thule e de outras sociedades secretas irmãs.”

“Pessoal... isso tá me deixando ansioso... podemos dar uma paradinha para comer um docinho? Eu vi um último pedaço dando sopa lá na mesa de café...”

“Armando... você está de regime!”, Ana repreende o marido.

“Ah vai... só um pedacinho!”

“Ok, vamos parar por 15 minutos, já estamos assim há quase duas horas.” Mestre Germano convida os presentes a servirem-se de café e acompanhamentos.

Armando é o primeiro a se dirigir a sala ao lado, onde o café estava disposto. Ao chegar, surpreende-se por encontrar o inspetor Ricardo, apreciando o último pedaço do *cheesecake* de goiaba, o tal doce que ele desejava. Ao vê-lo, o inspetor Ricardo o cumprimenta, com um gesto de cabeça, elevando o garfo em sentido de saudações, e saboreando uma garfada do maravilhoso doce.

O resto dos participantes chega logo atrás e, ao perceberem o olhar infantil de Armando, extremamente desiludido, não conseguem conter as risadas.

“Ora, ora, ora, nada melhor que encontrar todos assim, se divertindo!”, exclama Ricardo, engolindo, em seguida, a última garfada.

Armando mantinha a expressão de decepção.

“Por acaso... foi isso que o fez sair em disparada, na frente dos outros?”, pergunta Ricardo, raspando o prato com o garfo, retirando o que restou e saboreando-o a seguir, teatralizando uma dupla expressão de prazer.

“Não, não... de forma alguma... eu estou de regime... não posso comer doces”, responde Armando, gaguejando.

“Não me diga! Mas que pena! Fui buscar outro cheesecake na geladeira por sua causa... mas eu creio que, mesmo que você não queira, os outros irão se interessar por ele, não é mesmo?!”

Mestre Germano carregava uma bandeja com um belo e avantajado, cheesecake.

“Ai, gente! Quanta maldade! Vem cá, meu amor, eu vou te servir um peda... cinho...”, diz Ana, dirigindo-se ao marido, que imediatamente se sentiu mais feliz, revelando um sorriso.

“É incrível o que um pedaço de torta pode fazer por alguém!”, diz o Inspetor Ricardo, servindo-se de mais um pedaço de *cheesecake*, recém-colocado na mesa.

“O que faz por aqui, Ricardo? Alguma notícia quanto ao assassinato dos Muller?”, pergunta David, aproximando-se dele.

“Não conseguimos saber de nada, até agora. Tampouco o FBI. Vocês têm alguma dica que possam nos dar?”, questiona Ricardo.

O momento de pausa, sem resposta à pergunta, é facilmente notado pelo inspetor.

“O que foi, pessoal? Vocês ainda não confiam em mim?”, pergunta ele, enquanto terminava o segundo pedaço de torta.

Mestre Germano intercede:

“Cavalheiros e damas presentes, eu estou certo de mudar a energia que paira no ambiente ao proferir esta frase: eu gostaria de apresentar o mais novo integrante da Thule Brasil. Eu aceitei o pedido do inspetor Ricardo Brenner por conhecê-lo de longa data e saber que trilhamos o mesmo caminho. Solicito a todos que aceitem o seu novo irmão na Ordem!”

Uma nova pausa se faz notar.

Desejando ser o primeiro a terminar com a sensação de embaraço, Rafael estende a mão direita, apertando firme a mão do novo membro e, sem mais nada a ser feito, foi seguido por David, fazendo o mesmo, de forma comedida, demonstrando frieza. Mestre Germano continua a se esforçar em quebrar o gelo e consolidar os laços entre o novo integrante e o grupo:

“Eu pedi que o Ricardo passasse por aqui hoje, no horário que fosse possível, para conversarmos sobre sua integração e, na verdade, foi ótimo ter vindo agora. Assim poderá participar do final da reunião e estreitar os laços com vocês.”

Novamente o silêncio.

“Bem... acho que já acabamos a reunião. Nós já falamos um monte de coisas e agora é melhor pensarmos, em casa, quais serão os próximos passos...”

Maya sentia-se extremamente confusa quanto às reais intenções de Ricardo. Ela sabia que já errara no passado, pois, logo no início, quando conheceu David, teve a mesma reação de desconfiança, sendo ainda mais intensa, em relação a Mestre Germano. Mesmo entendendo que ela poderia estar novamente errada, criando mais fantasmas que os reais existentes, preferia seguir o seu instinto e esperar por fatos que revelassem a verdade, por ora, oculta.

Os dois casais se despedem dos presentes, deixando Mestre Germano com Ricardo e Rafael.

30.

No apartamento de David e Maya, Armando preparava um risoto de açafrão e tomate seco, acompanhado de coração de filé mignon ao vinho branco e pimenta do reino, auxiliado por Ana, que também adorava cozinhar. Enquanto isso, David estava sentado na mesa da cozinha, pesquisando em um *notebook* a melhor forma de ir até Cândido Godói.

“Onde está, Suri?”, pergunta Ana, ao ver Maya entrar na cozinha.

“Ah, está na sala com Elza. Ela já comeu toda a papinha e está brincando.”

Sentando-se ao lado de David, a atenção dela se volta para a tela do computador; entretanto, algo a incomodava fortemente, fazendo-a virar-se para o marido, em questão de segundos.

“Está acertando as passagens?”, pergunta ela.

“Passagens, sim... e quanto a hotel, como fomos convidados pelo Júlio Goldschmidt para passar alguns dias na fazenda dele, eu avisei que iríamos para lá, e ele fez questão de nos hospedar”, completa David.

“Isso pode ser interessante. Ele deve saber muita coisa do passado da família Angst e Goldschmidt... pode nos ajudar...”, diz ela.

“É essa a ideia!”

Enquanto David enviava, via wifi, o comprovante das passagens para serem impressas, Maya não disfarçava o incômodo.

“Sabe? ... eu não consigo entender... por que Mestre Germano não nos informou sobre o ingresso do inspetor Ricardo na Ordem? Não faz o menor sentido. Como membros, deveríamos ter sido comunicados a esse respeito e nos ter sido dado o direito à votação.”

Aparentando calmo, com uma pitada de incômodo, David olha em direção a uma janela, bastante reflexivo, em seguida endireita o corpo, afastando-se do computador e virando-se para Maya. Sabendo que precisavam conversar, ele resolve fazê-lo ao estilo “olhos nos olhos”.

“Eu estava esperando por isso. Até que demorou...por que levou tanto tempo para fazer essa pergunta?”

Embora Armando e Ana estivessem entretidos com o que faziam, conforme lhes era característico, sempre prestavam atenção a assuntos como o abordado pela amiga, fazendo com que imediatamente largassem os

preparativos, à espera da resposta de David. Ambos compartilhavam da mesma opinião de Maya, entretanto, esperariam pela hora certa de questionar. Tomada por sua constante inquietude, Maya não conseguiu aguardar esse momento.

“O que está havendo David?”, questiona ela, novamente, com um ar excessivamente sério para o seu perfil emocional.

Acompanhando o momento de tensão, mantendo a vista fixa em Maya e David, Armando agarra, automaticamente e sem pensar, uma das minicenouras da salada preparada por Ana, mordendo-a pela metade, fazendo com que o som da mordida e da mastigação despertasse o casal.

“Foi mal! Desculpem!”, exclama Armando.

“Eu não sei o que aconteceu...”, diz David, ignorando o amigo, parecendo absorto em seus pensamentos e ligeiramente desanimado. “Eu também sinto da mesma forma que vocês. Há algo de errado com o detetive Ricardo. Embora Germano o considere de sua mais alta confiança... ele parece debochar de nós, ao mesmo tempo que acompanha os nossos passos, de uma forma um tanto quanto...”

“Anormal e suspeita!”, completa Armando, comendo mais uma cenoura, novamente com sonoridade.

“Sim... ele parece estar nos seguindo. Agora, na Thule, terá acesso a todas as informações, e Germano as entregará de bandeja... a menos que...”, David parecia estar avaliando o pensamento que lhe ocorreu.

“A menos que o Mestre Germano tenha feito de propósito, para que Ricardo pense que nós agora somos todos amigos e, assim, desviar a atenção?”, pergunta Ana.

“Eu acho que não, Ana... ou o Germano caiu na cantilena do Ricardo, ou o Ricardo é apenas excessivamente debochado e por isso não vamos com a cara dele... ou...”, Maya percebe a complicação da frase que iria lançar ao ar.

“Diga... eu imagino aonde quer chegar... e você já sabe o que eu acho a esse respeito...”, diz David, com ar chateado.

“Ele... Germano... está nos enganando... e algo me diz que... isso pode ter a ver com o Ricardo. Eu demorei para confiar no Germano, mas depois de tudo o que aconteceu no ano passado, eu acabei mudando de ideia. Entretanto... a mesma sensação retornou e ainda mais forte...”, diz Maya, um tanto preocupada com o fato de David estar olhando para baixo, evitando olhá-la nos olhos, sem se pronunciar.

“Ele continua me escondendo coisas...”, pensava Maya, quieta

observadora.

Percebendo que precisa fazer algo para mudar a energia no ambiente, Armando desliga o forno e instiga Ana a levar, junto com ele, os deliciosos pratos preparados para a mesa da sala.

“Vamos almoçar! Estamos todos com fome e isso aumenta a chance de depressão!”, diz ele.

Ana lança um olhar ao marido, querendo dizer que ele não havia sido feliz com essa frase.

“Foi o melhor que me ocorreu”, sussurra Armando, próximo a Ana, já carregando uma das bandejas em direção à sala.

31.

No Dia Seguinte, 11:50H.

AerOPORTO InternACIONAL

SalGADO Filho – Porto Alegre.

Enquanto Maya e Armando esperavam pelas malas, David atravessa as portas de vidro que separavam a área de desembarque do saguão do aeroporto, em busca do guichê da locadora de carros, para acelerar o processo da documentação para o aluguel. Ainda teriam umas cinco horas de viagem pela frente, até chegar a fazenda da família Goldschmidt.

Por sorte, o balcão da locadora localizava-se quase em frente a porta de vidro, estando, convenientemente, sem fila de clientes a serem atendidos.

David se aproxima, mostrando um impresso com a reserva feita via internet.

“Bom dia! Ontem eu agendei o aluguel de uma Pajero, em nome de David Bacon.”

“Ah sim... um minuto... está aqui. Por favor, assine neste campo. Eu vou precisar do seu cartão de crédito. Já vou pedindo que tragam o carro. Ele estará aqui em alguns minutos.”

“Ok, agradeço.”

Enquanto a atendente solicitava, pelo Nextel, que o carro fosse encaminhado àquele terminal, David se vira em direção à porta de vidro da área de desembarque nacional, por onde já conseguia visualizar a silhueta de Maya, andando próxima a Armando, que empurrava um carrinho, com as três malas. Assim que os dois cruzam a porta de vidro, David entra em estado de alerta ao perceber dois vultos escuros que se moviam rapidamente, em torno de Maya. Conversando com Armando, Maya caminhava normalmente, sem parecer notar qualquer alteração na cena. Entretanto, a realidade espacial por onde aqueles dois vultos com silhueta humanoide se moviam pertencia a um filme acelerado em quatro vezes.

Surpreso e preocupado, ele faz menção de correr em direção a eles; entretanto, uma mão o toca na manga da camisa branca que trajava, trazendo-o de volta a cena onde estava, há alguns segundos atrás.

“... Senhor, o carro já está a caminho. Pode ficar aqui mesmo que o motorista virá buscá-lo e o ajudará com as malas”, diz a atendente da locadora.

Obrigado a virar-se para o balcão, David recebe de volta o cartão de crédito e agradece, demonstrando estar um pouco atrapalhado. Instantaneamente gira o corpo à procura de Armando e Maya que, para sua surpresa, ajeitavam as malas no carrinho, ao lado da esteira. O tempo parecia haver retornado em alguns minutos. Armando e Maya conversavam calmamente, dentro da sala de coleta de bagagens, preparando-se para sair, após terem checado as etiquetas das malas.

David chacoalha a cabeça, procurando por algum entendimento do que poderia haver ocorrido.

“Nós estamos aqui...”, diz um homem alto e magro, vestido com calça e bata pretas. A vestimenta lembrava um traje cerimonial; a diferença ficava por conta do corte reto e da falta de adornos. O que mais chamava atenção era o extremo contraste do tom alvo da pele e os cabelos, sendo extremamente pretos, chegando a azular, e tendo os olhos no mesmo tom.

Somente ao reconhecer o primeiro homem é que David percebe a companhia de um segundo. Tal e qual no aeroporto de São Paulo, há várias semanas atrás, quando foram para Boston. A dupla estranhamente se mantinha, um a cada lado de David, simétricos, mesmo que este se movesse, lembrando um fenômeno de paralaxe.

“Quem são vocês? O que querem?”, pergunta David, demonstrando estar preparado para reagir.

“Isso não é necessário. Nós estamos aqui para protegê-los, embora não tenhamos licença de interceder em todos os momentos... mas algo nos permitem fazer. Protegemos o Anel da Aliança.”

“Anel?”, pergunta David, lembrando de sua tentativa frustrada de encontrá-lo.

David parecia confuso. A sensação piorou ao notar que enquanto estava na presença desses dois, o relógio digital do aeroporto e as pessoas que por ele passavam estavam desacelerando, como se a relação entre o espaço e o tempo, houvesse sido alterada, iniciando uma inversão.

“Notou? É o efeito do encontro de nossos mundos. Não podemos ficar muito tempo. Afetamos as coisas e as vezes é irreversível. É divertido”, diz o que se situava à direita de David.

“Mas... o que vocês querem comigo?”

“Na verdade, não é só com você... é principalmente com ela”, diz o homem à direita, apontando o dedo na direção onde Maya estava.

“Como assim? Esclareça...”, solicita David, demonstrando seu autocontrole proveniente de um sempre presente equilíbrio emocional.

“Temos que proteger a aliança... vocês estão com o Anel da Aliança e, se o utilizarem, abrirão o portal de Amenti.”

O nome do portal é instantaneamente reconhecido por David, levando-o a instintivamente chacoalhar a cabeça, procurando despertar, caso isso fosse um transe.

Demonstrando um olhar profundo e sem emoção, o ser de aparência 100% humanoide situado ao seu lado direito ironiza:

“Ainda estamos aqui. Se quiser, pararemos o tempo por completo, permitindo que se acostume com o Vesica Piscis que criamos...”

“Somente você pode nos ver”, diz o humanoide situado ao lado esquerdo.

“Ok, vamos em frente. O que querem?”

“Estaremos com você e ela, o tempo todo. Vocês estão designados a encontrar o que... muito provavelmente irão encontrar, pois estão na pista certa. Nós vamos protegê-los. Por enquanto, seremos seus amigos.”

De repente, o tempo volta ao normal. A moça da locadora estava tocando na manga da camisa de David para chamar sua atenção e novamente dizer, embora, na verdade fosse a primeira vez que dizia, pois o tempo havia voltado.

“Senhor, o carro já está a caminho. Pode ficar aqui mesmo que o motorista virá busca-lo e o ajudará com as malas.”

“Ah... sim... obrigado”, responde David, dirigindo-se para o local onde estavam Maya e Armando.

Imediatamente, assim que Maya e Armando o veem chegar, eles notam que algo havia acontecido. David caminhou ao encontro deles, suando e com um rosto extremamente sério... fora do normal.

“Nossa... que cara! Já sei, não tem reserva alguma! Estamos sem carro! Essas locadoras vivem fazendo isso com a gente! Que sacanagem!”, diz Armando, sob grande gesticulação.

Observando a expressão facial do marido, que ainda parecia estar procurando pelos dois homens de preto, Maya segura Armando pelo braço, pedindo, com um firme apertão, que parasse de falar.

“David, conte o que aconteceu...”, diz ela.

“Lembra daqueles dois caras, aqueles gêmeos idênticos que apareceram no

Aeroporto de Congonhas, um pouco antes de embarcarmos?”, pergunta David, ainda demonstrando certa agitação.

“Tá brincando?! Os caras de novo? Mas o que eles queriam afinal?!”, questiona Armando.

“Bom, pelo menos dessa vez disseram algo. São muito estranhos...”

Assim que David inicia a explanação sobre o que lhe foi dito, a moça do balcão gesticula intermitentemente, com o intento de chamar sua atenção, tendo ao lado o motorista que faria a entrega do carro.

“Vamos pegar o carro e sair daqui. Eu contarei tudo a seguir”, completa David, empurrando o carrinho que Armando havia deixado parado.

Extremamente curiosa e sentindo grande excitação pelo ocorrido, Maya acompanha o marido, contando os segundos para receber mais informações sobre aqueles misteriosos seres.

Sem se mover do mesmo local, Armando permanece pensativo, parado por alguns segundos, segurando o queixo com a mão direita, tendo a esquerda na cintura. O seu estado meditativo é interrompido pelo toque e vibração do celular, no bolso de trás da calça. Era Ana procurando por notícias.

32.

No MESMO DIA, 18H.

Em UMA MICRORREGIÃO

DO Município DE Santa Rosa / RS,

A 22 Km DA Fazenda Goldschmidt,

EM Cândido Godói.

O sol enveredava rumo ao horizonte, tingindo-o de laranja. A temperatura diminuía lentamente, chegando naquele exato momento, a 19°C. A estrada que levava a fazenda era relativamente bem pavimentada, permitindo que desenvolvessem uma boa velocidade, aproveitando enquanto ainda houvesse claridade.

Por onde passavam, avistavam pastos com muito gado e plantações. A região era abundante em áreas naturais, preservadas ao máximo, conseguindo manter predominantemente uma tonalidade verde forte e encantadora, pincelada por uma aquarela de cores provenientes de árvores frutíferas e florais. Uma bela visão.

Inúmeras foram as vezes em que foram forçados a desacelerar quando animais, silvestres em sua maioria, cruzaram a estrada, saindo de regiões próximas aos riachos e pequenos lagos.

Em dois momentos, David foi obrigado a frear bruscamente o carro, assustando seus ocupantes, mas, sem sombra de dúvida, não desejavam machucar os animais. Em um destes eventos, o carro derrapou ao frear, jogando os passageiros de um lado para o outro, saindo pelo acostamento, e em seguida retornando à pista. Um zorrilho (*Conepatus chinga*) branco e preto, parente do cangambá, cruzou a estrada correndo, intempestivamente. Em outro momento, um graxaim-do-campo (*Lycalopex gymnocercus*), o típico e belo cachorro do mato, pesando por volta de quatro quilos, atravessou a estrada sem pressa, em estado de grande apatia e falta de reação à buzina. É muito provável que esses animais estivessem perigosamente acostumado com esse tipo de som e, infelizmente, por isso, encontraram uma ou outra carcaça desses animais mortos pelo caminho, já cercadas de abutres.

Uma grande diversidade de pássaros passeava feliz pelos céus. Por vários

quilômetros, alguns tantos insistiram em segui-los. Azulões-bicudos (*Cyanocompsa brissonii*), sanhaços brancos e marrons (*Thraupis sp.*) eram os mais presentes e insistentes. Esse estranho episódio da companhia dos pássaros se manteve por um longo período.

Maya se movia de um lado ao outro do banco, para melhor observar a dança desses pássaros, questionando-se em silêncio, qual o fenômeno gerador de tal comportamento anormal.

“Estão apenas curiosos quanto a saber quem chegava àquela tão afastada região... ou seria algo a mais?”, pensava ela, enquanto mirava sua mão direita, “... será que o símbolo inserido em minha mão gera uma certa frequência inaudível para os humanos, mas perceptível para os pássaros... este é um símbolo hermético que representa Deus...será que é isso!? ... Pode ser... e se for, deve ser uma frequência harmoniosa, algo que se conecta à natureza, pois eles parecem estar encantados...”

Desejando entender os pensamentos e questionamentos da amada, usando sua mão direita, David segura com determinação a mão que Maya apreciava, soltando-a a seguir, com um sorriso amoroso em seu rosto. Maya retribui. Muitas vezes, entre eles, palavras eram totalmente dispensáveis; eles conseguiam saber o que o outro pensava, devido à tamanha empatia e amor que os unia.

Em determinado ponto da estrada, Armando coloca a cabeça para fora do teto solar, na tentativa de filmar as revoadas coordenadas que os pássaros faziam sobre o carro.

“Tem mais de trinta! ... Olha... se não estou vendo coisas que não existem, esses pássaros estão fazendo movimentos coordenados, como os golfinhos no sul da Flórida nos mostraram, no ano passado... está bem parecido... vou jogar essas imagens no software de avaliação de padrões...”, diz ele aos amigos, assim que retorna com a câmera para dentro do carro.

O longo caminho percorrido de Porto Alegre até esse ponto transcorreu sem grandes novidades, exceto essa interessante interação com animais da região, próxima a Cândido Godói.

Os pássaros os seguiram até a entrada da fazenda, quando, como se um sinal tivesse sido dado, eles partiram, rumo ao sul.

“Isso foi deveras bizarro!”, exclama Maya, acompanhando a debandada dos pássaros, ao olhar pelo teto solar do carro.

“Como sempre, saberemos o porquê desse comportamento em breve”, completa David.

Assim que estacionam no acostamento, de frente para o pórtico da fazenda, uma SUV com dois homens de confiança de Júlio, aguardava, visando recepcionar e encaminhar os amigos de São Paulo.

A Pajero Full estaciona na frente de um belo portão de madeira, pintado de cor ocre, sendo imediatamente aberto. Um dos dois homens vem até a SUV:

“Boa noite! Sou David Bacon”, diz ao baixar o vidro do carro.

“Boa noite Sr. Bacon! Estávamos esperando por vocês. O patrão os receberá. Por favor, sigam o nosso carro”, diz um homem muito alto, louro, extremamente branco e com pele rosada. Ao caminhar na frente da SUV, notam a vestimenta ao estilo rancheiro. Ele entra em uma Ford Ranger, azul-marinho, cabine dupla, último modelo, ligando o carro e conduzindo-o, com calma, pela pavimentação de pedra batida que levava até a casa da fazenda.

Logo a frente, visualizam uma casa grande de dois andares e formato quadrado, bem ao estilo antigo e muito bem cuidada. A maioria das paredes externas eram cobertas por placas de madeira envernizada e tijolos à vista. Em vários pontos das paredes, principalmente nos vértices, trepadeiras cobriam a área, até a altura das janelas superiores, gerando uma bela visão estética e natural. No andar de baixo, a casa era parcialmente circundada por uma ampla varanda, com vários conjuntos de sofás e mesas, nessa área externa. Ao detalharem a vista frontal, notam haver mais de dez janelas no andar superior, concluindo ter bastantes espaço para hóspedes, tal e qual Júlio tinha dito.

Assim que estacionam o carro, Júlio e a esposa Mariana vêm procurá-los, exibindo belos sorrisos em seus rostos:

“Que bom que vieram! Isso me faz recordar o meu irmão... saudades dele...”, diz Júlio com grande pesar, “... mas vamos entrar! Quero que se refresquem, descansem um pouco, até que o jantar seja servido. Por aqui, por favor!”

Júlio Godschmidt rapidamente recobra a alegria ao encontrar amigos de seu falecido irmão gêmeo.

Maya e Mariana dedicam-se em separar as malas e indicar aos dois ajudantes que as levassem para os quartos.

“Que maravilhoso lugar para se viver! Este ambiente deve prover muita saúde a vocês e seus filhos”, diz Maya, enquanto apontava qual Mala iria para o seu quarto. Mariana sorri e não responde verbalmente. Júlio se aproxima, convidando-os a entrar.

A decoração da sala principal era bastante escura, basicamente de madeira

de lei com alta resistência, especialmente jacarandá e pau ferro estavam misturados a paredes feitas com tijolos à vista e painéis dessas mesmas madeiras. A penumbra do local era justificada pela presença de janelas pequenas,

embora em grande número.

“Um local de certa forma aconchegante... mas também depressivo”, pensava Maya.

“Antes de subirem para seus quartos, gostariam de beber algo? Uísque por exemplo?”, pergunta gentilmente Júlio.

“Não, obrigada. Eu e Maya não bebemos... mas o Armando pode querer...” David procura por Armando, encontrando-o a vistoriar uma parede repleta de garrafas de vinho, dentro de um ambiente climatizado, fechado por porta de vidro.

“Nossa... você tem coisas muito boas e caras por aqui! Caramba... gastou uma fortuna em algumas delas!” Armando segurando uma das garrafas: “Château Cheval Blanc, safra de 90... eu adoro esse! Eu e o David tínhamos vários restaurantes, então eu selecionava os vinhos e as bebidas... este é o meu predileto.”

Armando dá mais um passo e encontra outra garrafa interessante, largando a primeira que tinha em mãos, para sacar da colmeia a segunda:

“Romanée – Conti DRC também da safra de 90... caramba... esse é um dos mais caros... e você tem várias garrafas dele... 2... 4... 8!”

Achando graça da sinceridade juvenil de Armando, Júlio se junta a ele, demonstrando prazer em detalhar a coleção de vinhos, sendo este um de seus *hobbies*, segundo confessa.

Enquanto isso acontecia, Maya e David exploravam a sala, já que a anfitriã havia se dirigido aos quartos, buscando verificar se as acomodações estavam em ordem.

No outro lado da sala, Maya puxa, repetidamente, a manga da camisa de David, chamando a sua atenção para uma belíssima escultura com aproximadamente 1,5m de altura, feita em madeira vermelha com detalhes em dourado. Trata-se da mesma águia bicéfala que haviam encontrado na entrada do pórtico. Ao lado dela, uma série de porta-retratos, mostrava a família atual e a juventude de Júlio e Gabriel. Algumas imagens são especialmente instigantes, levando Maya a fotografá-las com o celular e imediatamente enviá-las para Armando, com a seguinte mensagem: “Compare estas imagens com as que fotografamos no apartamento de

Werner.”

Assim que ela envia a mensagem, Maya e David trocam olhares, muito significativos, evitando comentar o que pensavam, naquele momento. Mariana retorna à sala.

“Está tudo em ordem. Venham comigo... que pena não terem trazido a bebezinha! Eu adoro bebês. Os nossos filhos já estão grandes, e sinto saudades dessa fase!”

“É verdade! Dá muita saudade mesmo... mas eu preferi deixá-la com a Ana e uma babá. É mais tranquilo para ela.”

“Bem, quanto a isso eu concordo... não é bom para um bebê viajar tantas horas de carro. Me acompanhem, vou mostrar o seu quarto. O Júlio deverá levar o Armando a seguir, já que vejo estarem bem entretidos.”

33.

21H30.

Depois do jantar, os convidados deslocaram-se para uma sala aconchegante, onde poderiam se aquecer com a lareira acesa. A temperatura local estava em queda. O ambiente era relativamente escuro, iluminado por abajures que projetavam uma iluminação amarelada e difusa, posicionados sobre mesinhas de canto. Várias poltronas com apoio para os pés estavam dispostas ao redor da lareira, sobre um belo tapete persa Isfahan. O grupo se acomoda, carregando suas xícaras de chá e café.

“Que bela decoração ao estilo europeu! Lembra muito as casas de campo alemãs!”, comenta Maya, diretamente com Mariana.

“Sem dúvida! Nossas raízes nos influenciaram bastante. Às vezes queremos modernizar algum ambiente, mas acabamos caindo no mesmo padrão.”

Sendo Mariana uma típica dona de casa, seus assuntos prediletos giravam em torno de temas ligados a decoração e filhos. Por esse motivo, Maya a deixava à vontade, trazendo estas particularidades as suas conversas.

“Eu adorei a águia de duas cabeças pendurada sobre a entrada do seu portal... você tem outra igual àquela, na sala de estar... uma maravilhosa escultura. O que ela representa para vocês?”, pergunta Maya, estrategicamente procurando obter alguma informação interessante. De fato, como ela havia imaginado, a resposta veio imediatamente via Júlio.

“Ah, sim... a águia bicéfala ou águia de Lagash...”, responde Júlio pensativo.

“Essa mesma... pelo que sei, historicamente ela tem um monte de significados...”, completa Maya, jogando verde para conseguir obter alguma resposta interessante vinda de Júlio, caso a conversa se transformasse na revelação de informações que pudessem ajudar.

“Sim, sem dúvida. Ela pertenceu ao meu pai. Ele a cultuava como sendo um símbolo nórdico, muito comum a várias culturas antigas, e como um símbolo encontrado em bandeiras de países modernos, esses que têm um elo cultural em comum; como exemplo, posso citar a Sérvia, Albânia,

Montenegro, Armênia... entre outros. No passado, essa mesma águia era encontrada em bandeiras e estandartes de impérios e reinos, como o da Rússia, o romano e o bizantino. Ela tem duas cabeças representando o fato do sol nunca se pôr nas áreas onde a águia pode alcançar a visão. Ela tem uma cabeça virada para o oriente e outra para o ocidente”, esclarece Júlio.

“É uma bela história”, declara Armando, empolgado.

“Certamente... é uma bela história. A sua origem remonta ao governo de Lagash, através do governador Gudea, onde as primeiras tábuas de terracota escritas contendo esse símbolo foram encontradas há 3 mil atrás... é uma bela simbologia”, esclarece Júlio, parecendo ser bastante sincero na explicação, sem dar chances a uma segunda interpretação.

“Você vê alguma relação entre a águia bicéfala e Aldebaran?”, A pergunta foi feita por Maya, com extrema rapidez, não dando a Júlio, o tempo de disfarçar uma reação de surpresa... ou susto.

“Por que me perguntou isso?”, questiona ele.

“Bom, existem muitas teorias, e eu não posso afirmar quanto à veracidade”, exclama Maya, parecendo estar na defensiva.

“Diga a teoria com a qual melhor se sintoniza...”, solicita Júlio.

“Ok... o fato de haver uma relação entre as civilizações da antiga Mesopotâmia, principalmente os sumérios de aproximadamente 6.000 até 3.000 a.C e os descendentes dos filhos diretos dos Anunnakis, com humanos, que foram deixados em um ou dois planetas habitáveis da órbita da estrela Alfa de Aldebaran, muitas centenas de mil anos antes, é instigante e pode estar relacionado a águia que vemos...”, Maya faz uma pausa e lança um olhar a David, como que pedindo ajuda no tema. Ele entende a deixa, continuando o assunto desenvolvido por ela:

“Sim... esta civilização, hipoteticamente, teve ligações com os povos das nações que você mencionou. Eles podem ser a explicação para boa parte da representação de seus deuses míticos... Mais recentemente, as médiuns da Sociedade Vril reestabeleceram a conexão com Aldebaran para a Alemanha nazista”, completa David.

“Isso... Assim, a águia bicéfala pode ter vindo configurar essa conexão entre esses dois mundos, unindo-nos a seres aos quais geneticamente estamos conectados”, diz Maya.

“Isso me parece uma teoria interessante... mas, ao mesmo tempo, um pouco fantasiosa...”, completa Júlio, parecendo incomodado.

“Tudo é possível, inclusive, o excesso da fantasia... mas essa mesma

fantasia foi seguida por nazistas fervorosos, como o seu pai. Para eles, os laços com Aldebaran eram uma realidade...”, diz Maya

“Mas essa teoria me faz ficar confuso, pois, pelo que eu sei, os nazistas consideravam o povo de Aldebaran puramente hiperbóreos.” Júlio não parecia ter certeza do que dizia.

“É uma especulação possível, tanto quanto a que eu estou adotando agora. Para melhorar essa análise, precisaremos trabalhar com uma linha de tempo. Pense comigo... para H.P. Blavatsky, fundadora da Teosofia, os hiperbóreos foram a segunda raça na Terra. Ela usava o termo, raça-raiz. Essa segunda raça era quase física, ou seja, eles não tinham a densidade corporal que nós temos... nós somos a quinta raça, a raça ariana. Após essa segunda raça-raiz, menos densa no que tange à fisicalidade, surgiu a terceira, uma mais densa, os lemurianos, e, após estes, surgiu a quarta raça-raiz... a atlante. Com o afundamento da Atlântida, os sobreviventes se transformaram na quinta raça...a nossa...”, esclarece Maya.

“Onde entram os Anunnakis nesta história toda?”, pergunta Júlio.

“Existem muitas teorias e qualquer coisa que eu diga... é uma teoria, pois não pode ser provado... entretanto, acredito que vou dizer o mais lógico. Entre 600.000 anos a.C e 150.000 a.C, os Anunnakis habitaram a Terra. Eram de grande complexidade física, gigantes de tamanhos variados, que habitavam um planeta chamado Niburu. Esse planeta perfaz uma órbita elíptica ao redor do Sol a cada 3.600 anos...”

“Exato, eu concordo com você!”, exclama David, referindo-se à explicação que Maya tinha acabado de dar... “isso é o que está escrito no Gênesis da Bíblia... naqueles tempos, gigantes habitavam a Terra... e é a teoria de Zecharia Sitchin...”

“Exato... teoria antiga... mas tem uma parte nova dessa teoria, e ela está no que vou dizer agora. Paralelo aos Anunnakis, que geneticamente nos fizeram, ou seja, criaram o Homo sapiens, portanto, na mesma fisicalidade densa da deles, existiam os hiperbóreos, que não eram plenamente visíveis, já que habitavam uma... vamos chamar assim... uma banda menos densa, embora também na quarta dimensão de espaço-tempo. Nas lendas nórdicas, os hiperbóreos viviam separados dos gigantes e com eles colidiam, guerreando, quando utilizavam a ponte que ligava os dois mundos. Geneticamente, temos as sementes destes dois seres.” Maya desenvolvia, pouco a pouco, sua teoria.

“Então qual é a herança genética do povo alemão? Meu pai dizia que éramos hiperbóreos!”, exclama Júlio, mais inflamado.

“Sim... e não... sim, porque existem os hiperbóreos dentro da genética dos arianos. E isso aconteceu, há algumas centenas de mil anos atrás. Mas há também os genes dos Anunnakis... e outros mais de fora da Terra... então, quando algum povo clama por sua pureza de raça... eu morro de rir... nós todos somos uma incrível sopa genética! Que raça pura é essa?! Somos uma quinta raça-raiz, que é uma verdadeira mistura!”

Júlio sorria, achando graça da interlocução de sua hóspede.

“Maya, tem sentido o que você diz... mas é também um tanto quanto confuso. Se eu bem entendi, o que você quer dizer, entre outras coisas, é que a Águia de Lagash é um símbolo ligado aos hiperbóreos e Anunnakis, ao mesmo tempo, certo?”, pergunta Júlio.

“Possivelmente... acredito que seja uma parte importante que gerou os loiros e os ruivos, cabelos cor de fogo com pele branca, de grande estatura, mais de dois metros, cujas múmias estão espalhadas pelo mundo. São esses os mesmos que aparecem nas lendas nórdicas europeias, asiáticas e nos mitos de índios da América do Norte e Sul... embora não somente...”, enfatiza ela.

“Interessante... em lendas de índios americanos, seja da América do Norte ou Sul e regiões da Ásia, constam os deuses e nobres de olhos e cabelos claros, ou cor de fogo, com grande estatura.” Júlio concorda, em partes, com o tema discutido.

“Isso se encaixa com a alusão à águia de cor vermelha e à fênix de fogo...”, complementa Júlio, de maneira profundamente pensativa.

“De qualquer forma e pelo motivo que exista, explícito ou oculto, atualmente, essa estranha e bela águia é usada como um dos símbolos sagrados da maçonaria; eles a chamam de Águia de Lagash, um dos nomes que você mencionou... você é maçom?”, pergunta Maya, prontamente, deixando-o atônito.

“Eu? Ah... sim, sou maçom, rito alemão.”

“Schroder?”, pergunta David.

“Exato”, Júlio parece querer desconversar, oferecendo mais chá. Entretanto, Maya insiste no tema.

“Interessante... eu nunca havia encontrado maçons desse rito e, de repente, achei várias pessoas que pertencem a ele, e quase ao mesmo tempo! Sincronicidade ou teria algo a ver?”, pergunta ela, esforçando-se para parecer simpática.

“Quem sabe? ... Bom, amanhã tomaremos café as oito, se estiver bem para vocês. Tem algo que quero que conheçam. Pelo que vejo, terão grande

interesse em ver. Iremos direto para lá, logo após o café.”

“Aproveitando... podemos ir até a antiga casa do seu pai? Ela ainda está conservada, da forma como era quando vocês eram pequenos?”, pergunta David.

“Fizemos apenas obras de manutenção. Eu quis mantê-la tal e qual era, em homenagem a ele. É uma casa pequena e faz parte da história da cidade. Fica perto do centro.”

“Júlio, a casa que pertenceu a família Angst... ela ainda existe?”, questiona David.

“Não, a área foi vendida há anos atrás e ela foi derrubada. Werner era o único descendente dessa família. A mãe dele era bem mais nova que o pai... o mesmo caso da minha mãe... morreu há uns seis, sete anos... não sobrou ninguém além dele... que infelizmente... desapareceu sem deixar pistas... um fato estranho, pois não combina com o perfil dele.”

Diante da afirmação de Júlio, o desaparecimento de Werner era oficial, e somente eles sabiam de seu real destino... dado pela desintegração gerada pela energia Vril, descarregada pelos Bastões de Toth que ele agarrou desavisadamente dentro do apartamento de Gabriel.

Maya, David e Armando trocam olhares.

“Ele tinha uma irmã gêmea.” Saindo da situação difícil, David lança uma nova frase, procurando por uma resposta de Júlio, que continuava a dar informações com total naturalidade, demonstrando esforçar-se ao pensar.

“Sim, teve... morreu quando ainda era criança... alguma doença degenerativa... a mesma que acometeu um casal de gêmeos, nascidos antes dele. Pelo que eu me recordo, estes nem chegaram a dois anos de idade... mas, peço perdão, pois não estou certo dos detalhes”, diz Júlio com muita tranquilidade.

“Você sabe, pelo menos, onde era a casa dos Angst? Digo, o local, se quisermos ir até lá?”, pergunta Maya.

“Sim, claro. Eu brinquei muito naquela rua. Podemos passar em frente. Mas agora tem outra casa construída, estilo moderno... pertence a uma família que não tem conexão com os Goldschmidt e Angst... uma família de histórico mais recente na cidade”, esclarece Júlio.

Sentado ao lado de David, Armando começava a suar. O processo era proveniente de uma grande tensão que surgira de imediato, em resposta a uma descoberta. Tentando fazer o seu melhor para disfarçar, ele cutuca o braço do amigo, buscando chamar sua atenção. Quando David se vira,

Armando faz um gesto visual, induzindo-o a notar a mão direita de Maya disposta sobre sua coxa esquerda. Enquanto Maya conversava com Mariana, o símbolo do Tetragrammaton começou a tornar-se visível, novamente. Lentamente, uma pigmentação aumentava, deixando razoavelmente à vista o desenho. Demonstrando uma rápida reação, David pega uma blusinha de lã que ela havia deixado sobre a poltrona, cobrindo a mão da esposa:

“Acho que você deve estar ficando com frio.” David aperta a mão de Maya, na esperança de que ela entendesse esse claro sinal de emergência. Graças à perfeita conexão entre os dois, ela reage da forma como ele esperava, mantendo a blusa sobre a mão direita, segurando-a com a esquerda:

“Ah, obrigada... mas na verdade, eu estou bem... deixe a blusa aqui mesmo... quem sabe eu a vestirei daqui a pouco”, diz ela, tentando fazer o seu melhor para dissimular o problema, caso ainda fosse possível. Eles não estavam certos quanto a terem evitado que o símbolo tivesse sido visto.

Mantendo-se com a mão coberta por mais algum tempo, em meio a outras conversas, Maya declara estar muito cansada, desejando ir para o quarto. Os convidados se despedem, agradecendo o maravilhoso jantar e gentil recepção, indo para suas acomodações. Armando, Maya e David, sobem as escadas, deixando os anfitriões na sala da lareira. Ao chegar a porta do quarto de Maya e David, os três conversam rapidamente:

“E agora? Como vamos disfarçar esse baita símbolo na mão dela? Será que ele viu? Será que podemos contar as coisas para o Júlio? Ele é confiável?”, pergunta Armando, suando ainda mais.

“Eu não sei... tem algo de errado... às vezes ele parece legal, mas em outros momentos... parece estar nos medindo, da mesma forma que nós a ele...”, completa Maya.

“Eu acho que não podemos confiar... vamos entrar nos quartos. Falaremos pelo celular, se algo vier a nossa mente”, comanda David.

“Ok... estou indo... boa noite... qualquer coisa, vocês me chamam...”, diz Armando, abrindo a porta de seu quarto e fechando com chave em seguida. David e Maya fazem o mesmo.

“Caramba... esse negócio na minha mão está ficando mais e mais evidente... está até dando para ler as letras ao redor do pentagrama... vou ter que manter a minha mão dentro do bolso. Eu não trouxe luva e, de qualquer forma, usar uma daria na cara... maquiagem não vai cobrir totalmente... melhor enfiar no bolso... a gravação está dos dois lados.” Maya olhava para a mão direita, tentando encontrar uma forma de disfarçar aquele símbolo que

parecia estar brotando de dentro da mão para o lado externo.

“A questão é... por que isso está visível agora?”, questiona ela.

“Só pode haver uma resposta...”, exclama David.

David ergue o olhar ao encontro do de Maya.

“Estamos próximos à Arca... e ela está aqui, nessa fazenda”, completa ela, com bastante segurança.

“Sim, isso mostra que sim”, diz David, apontando para a mão dela, “e se ela está aqui, só há um motivo para isso. Não podemos confiar no Júlio; além de corrermos grande perigo, ele deve estar metido com o grupo que fez o ataque à casa do Theo em Roanoke Island.”

Mal haviam dito isso, Armando bate, sem fazer muito ruído, na porta do quarto, segurando o *notebook*. Ao entrar, parecia agitado. Ele deposita o *notebook* sobre uma cômoda, permitindo que avaliassem, mesmo de pé, algumas fotos em comparação.

“Olha só... esta é a foto que o David bateu do porta-retratos que estava no apartamento do Werner... quando ele... se explodiu. Aqui podemos ver uma turma de escola do ensino médio. E esta é a foto que a Maya bateu hoje, supostamente, de uma mesma fase... onde aparecem amigos de escola. Como não tínhamos tempo, pedi para um amigo ‘fera’ na área... amigo dos velhos tempos em que eu era um hacker... sabe... fase de revolta, quando a gente é juvenzinho...”, Armando falava tudo atrapalhado, querendo ao mesmo tempo justificar o seu mau comportamento no passado.

“Armando... vai logo! Desembucha! Diz o que o cara achou?”, exclama Maya, com bastante energia.

“Tá... já vai... com a aplicação de um software de reconhecimento facial, mesmo que em datas diferentes, nas duas fotos, está confirmado, com intervalo de confiança de 95%, que o Werner estava na foto da casa dele, com o Júlio e o Gabriel...”

“Até aí, nada demais... eles cresceram juntos!”, exclama David.

“Ah... depois eu é que levo fama de afobadinho, né?!”, diz Armando, com grande gesticulação.

David mantinha o constante olhar sério, intimando Armando a continuar. Nesses momentos tensos, Maya costumava prender a respiração.

“Pois é... nas duas fotos, tem mais um cara que a gente conhece, no meio de vários que não sabemos quem é... eu mandei uma foto dele, agora, como adulto, que tirei sem ele perceber.”

“Quem é, Armando? Quem está na foto, além dos irmãos Goldschmidt e

Werner?”, pergunta David.

Maya volta a respirar, expressando um grande pesar em seu rosto.

“É o inspetor Ricardo, certo? É ele mesmo... estou correta?!”

“Na mosca! 95% de certeza também”, completa Armando, fechando o *notebook*.

Maya e Armando olham para David, cabisbaixo. Ele dá alguns passos para trás, parecendo extremamente preocupado e desiludido. David acabava de ter a prova que deixava Mestre Germano e sua insistência em confiar em Ricardo em descrédito e grande suspeita. Armando percebe que essa era sua deixa para ir embora:

“Ih... eu vou sair... Maya, agora é com você... casou com ele... casal é para essas coisas... sei que você vai precisar segurar essa barra pesada... fui!” Armando sai do quarto.

Antes que ela dissesse algo, David ergue a cabeça, soltando o que tinha em mente: “Talvez você estivesse certa, desde o começo. Talvez o Germano tenha algo escondido que eu nunca soube, ou não quis acreditar ser possível... eu sempre o considerei um pai...”

“Eu sei e entendo”, diz ela, acariciando-o de maneira amorosa.

“Mas... essa confiança que ele depositou no inspetor Ricardo... Germano devia saber que eles eram amigos de infância... deviam ser todos maçons da mesma loja... definitivamente, ele sabia. Por que não nos contou?”, diz ele, com uma voz extremamente desprovida de energia, mas indignada.

34.

NO DIA SEGUINTE, 9H.

Uma Land Rover Discovery 4 em tom bege metalizado deixa a casa da fazenda, levando Maya, David e Armando no banco de trás. Na direção do automóvel estava um dos capatazes de Júlio, que, sentado no banco do carona, parecia bastante animado com o passeio.

“Antes de irmos até a casa onde passei minha infância, gostaria de mostrar uma coisa. Fica bem perto daqui. Talvez nem precisemos ir até a cidade. Por enquanto é segredo e estou certo de que, ficarão surpresos ao ver, considerando o conhecimento que vocês têm sobre esse assunto e a capacidade especial”, diz Júlio, empregando um tom de voz, um tanto quanto diferente do usual.

“Capacidade especial? Que capacidade?”, pergunta Maya.

“Oras... meu irmão me contava tudo o que vocês fizeram e como fizeram. Para um integrante de uma Sociedade Secreta como a Thule, Gabriel falava além da conta. Até com um irmão temos que ter segredos.” Júlio expressava-se de maneira estranha, misteriosa.

Inevitavelmente, no banco de trás do carro, os três amigos trocam olhares, vigiados por Júlio, que usava o espelho da parte interna do quebra-sol.

Nos nove minutos que se seguiram, até a chegada a um enorme galpão, o silêncio prevaleceu. Uma ou outra vez, Armando perguntou algo, tentando disfarçar a tensão, mas de nada adiantou.

A Land Rover envereda por uma estradinha de terra batida, chegando a um portão de madeira, onde dois homens armados com pistolas pretas automáticas Sig Sauer P226, 9mm, de origem alemã e facas de lâmina curta, da mesma marca, estavam presas com um cinto preto, à altura da cintura. Via rádio, Júlio ordena que uma enorme porta de madeira seja aberta.

O carro chega até a entrada do Galpão, uma construção com 51m de frente por 60m de fundo e mais de 15m de altura. A forte vigilância, a falta de janelas e a grande proporção do imóvel atestava que algo sigiloso e importante estava sendo guardado no local. A iluminação interna do galpão, durante o dia, ficava por conta do teto, feito com estrutura de aço e placas de

policarbonato incolor e fosco.

“Desçam do carro. Quero que vejam duas coisas fabulosas que tenho para mostrar”, diz Júlio, deixando escapar, a partir desse momento, uma leve alteração emocional. Seus olhos estavam vermelhos e úmidos, revelando algo que veio à tona.

Gesticulando discretamente, Armando procurava uma maneira disfarçada de dizer que enviaria uma mensagem de pânico para Ana. Maya intercede.

“Mas o que você acha que ela poderá fazer? Chamar a polícia? Não podemos contar com mais ninguém da Thule... fomos traídos...”, diz ela, com uma fala mansa e dissimulada.

Armando engole seco, escolhendo ficar onde estava, estático.

Conseguindo manter-se sob controle e sereno, David estava focado no ambiente à sua volta, observando as posições e número de seguranças armados. O mesmo era feito por Maya. Se precisassem reagir, teriam que fazê-lo usando um bom plano, bem calculado. O casal trocava olhares constantemente, cada qual sabendo inconscientemente o que o outro pensava.

Enquanto isso, afastado por alguns metros de distância, Júlio verificava a abertura da imensa porta de aço que fechava a entrada frontal do galpão. Assim que esta abre, ele se vira para seus convidados:

“Senhores e senhoras, entrem... este será um grande momento. Eu estou certo de poder surpreendê-los.”

Ao entrarem, encontram uma antecâmara, selada por uma outra porta de aço, disposta a 6m de profundidade.

“Podem trazer”, comanda Júlio pelo rádio que tinha em suas mãos. Em menos de um minuto, por uma abertura lateral do grande portão de aço, disposto ao fundo, quatro homens carregam a Arca suspensa por barras de madeira, presas a uma estrutura na base.

“Isso não nos surpreendeu... eu diria que é bastante típico!”, exclama Maya.

“O cara é o canalha que explodiu tudo em Roanoke!”, diz Armando ao lado de Maya e David.

“Sim... agora eu sei de quem eram os olhos azuis que me olharam quando eu estava para desmaiar! Bem que eu os havia reconhecido!”

David continuava calado, observando os seguranças, mensurando uma forma de ação ou defesa, quando fosse necessário ou possível.

A Arca foi disposta no meio da antessala, e sua aproximação fez com que o símbolo do Tetragrammaton se intensificasse e gerasse uma dolorosa

sensação de ardência na mão de Maya. Ela se contorce, segurando a mão dolorida.

“Ai... isso dói! Está queimando!”, exclama ela, aflita com o que se passava em sua mão. Em determinado momento, a dor atinge o patamar máximo, fazendo-a curvar-se, necessitando ser amparada por David.

Júlio dá um passo à frente, mantendo a Arca atrás dele.

“Maya... agora é a sua vez...”

“O que você acha que vai acontecer? Eu coloco a mão nela e depois... acontece o quê? Ela pode explodir e matar a todos... você é maluco!”

“Bela tentativa, Dr^a. Maya... era assim que os irmãos Muller a chamavam, não era?”

“Foi você quem os matou? Qual a sua vantagem em tê-los matado?”, perguntava Maya, em meio a dor em sua mão e um ar de desafio.

“Seria o mais óbvio a ser feito, não é mesmo? Mas não fui eu que os matou... eu sabia que eles teriam que morrer. A Sociedade Vrill os queria fora do jogo... eles eram patéticos! Sempre atrapalhando mais do que resolvendo.”

“Quem os matou?”, pergunta David, amparando Maya e ajudando-a a se endireitar.

Como em um passe de mágica, a dor desapareceu:

“Parou a dor, Maya? Faz parte do processo... ajuste de frequências... parece que a Arca e o Anel da Aliança... sim, o símbolo em sua mão... vocês conseguiram, mesmo que não soubessem que o Anel de Salomão está inserido em sua carne e faz parte de sua frequência quântica. Está tudo sintonizado agora... bom, muito bom!”

“Como você sabia do Anel?”, pergunta David.

“Ele estava bem visível quando roubamos a Arca... muito visível na mão dela. Prefiro deixá-la lá mesmo, pois sabia que viria até a mim, sem esforços...”

“Quem matou os Muller? Quem matou Gabriel?”, pergunta David.

Até o momento em que David perguntou sobre Gabriel, Júlio demonstrava uma certa frieza. Nesse momento, um sentimento de pesar se abateu sobre ele:

“Essas são duas distintas situações, David... eu não mataria o meu irmão. Além de amá-lo, ele fazia parte desse plano, tanto quanto eu. Tínhamos um pacto, algo que não pode ser quebrado.”

“O que aconteceu, então? Ele foi eliminado, isso é óbvio!”, exclama Armando.

“Eu já disse... eu não matei Gabriel. Ele trazia informações sobre os efeitos da energia Vril, através das pesquisas que fazia com os gêmeos na cidade... vocês vão entender daqui a pouco. Eu faço questão de explicar como tudo isso aconteceu por aqui, sendo um processo sem volta... mas... falemos na ordem de fatos”, diz Júlio, demonstrando maior autocontrole.

Enquanto ele falava, Maya percebe que Júlio não parecia estar realmente mal intencionado e, embora houvesse homens armados, ela não sentia uma intenção quanto a serem feridos ou algo pior. Alguma coisa estava por trás de tudo, algo que o forçou a roubar a Arca. O motivo gerador deste episódio não devia ser um fato isolado, e sim coisas que, nesse momento, estavam além de sua compreensão. Ela novamente troca olhares com David, quem compartilhava a mesma visão e opinião.

Em determinado momento, David se incomoda com um dos seguranças que se aproxima dele e de Maya, apontando a arma, virando-se para ele:

“Eu não faria isso, meu caro David Bacon... não provoque algo que eu não gostaria que acontecesse. Quero que entendam isso muito bem. Eu não sou uma cara mal. Tenho apenas uma incumbência e por ela farei qualquer coisa. Eu prefiro que se juntem a mim, de boa vontade, assim que eu lhes diga o que tenho que fazer.”

David volta a posição inicial, ao lado de Maya.

“Você está bem? E a dor?”, questiona ele, preocupado.

“Passou... como se nada tivesse acontecido”, responde ela, olhando para o intenso e perfeito símbolo do Tetragrammaton impresso dos dois lados da mão direita.

Júlio observava a conversa, dirigindo-se a eles, dando um passo à frente, aproximando-se com cautela.

“Melhor assim... voltemos ao assunto do meu irmão...sinto muito a falta dele.” Júlio demonstrava sinceridade em seu pesar.

“Quem o matou?”, pergunta insistentemente David.

“Os patéticos irmãos Muller. Eles queriam se vingar de Gabriela... infelizmente, sem eu saber, Gabriel se apaixonou por ela e começou a contar coisas que não deveria... mesmo assim, eu nunca o teria matado... eles o fizeram...”, confessa Júlio.

“Ok, digamos que faz sentido, pois foi a primeira hipótese que nos ocorreu”, responde David.

“Eu também acredito nisso... de certa forma... mas ainda tem o assassinato dos Muller. Quem os matou?”, questiona Armando.

Sem um mínimo intervalo para resposta, surpreendentemente, uma outra voz é ouvida ao fundo. Um homem entra no galpão:

“Fui eu... eu os matei.”

“Inspetor Ricardo! Caramba, será que ainda tem gente boa nesse mundo?! Tá todo mundo passando para o lado escuro!”, exclama Armando, com grande ênfase.

“Bom, pelo menos essa não foi surpresa!”, exclama Maya.

“Por que você fez isso? O que pensa que isso pode lhe dar Ricardo?”, pergunta David.

“Poder e fortuna, simples assim... Será?! ... Eu precisava provar que eu fazia parte do sistema. Foi como uma cerimônia de iniciação na sangrenta Sociedade Vrill do Muller... eles adoram... adoravam coisas macabras...”, completa Ricardo, ironicamente.

“Não a Sociedade Vrill original... ela representava um grupo focado na ciência e no esoterismo positivo e não no que foi a posterior transformado! Você poderia ter escolhido o lado certo, o original, não deturpado!”, defende Maya.

“Sim... é verdade. Mas gostei mais da segunda etapa da história. Para isso, eles me pediram que eu eliminasse um incômodo que tínhamos no Brasil... e foi o que eu fiz. A última vez que os Muller fizeram algo, foi quando tentaram sequestrar Maya, na investida dentro do prédio da Thule, exatamente quando nos conhecemos... oficialmente eu diria.”

“E agora, qual de vocês é o chefe da organização no Brasil?”, pergunta David.

“Nenhum dos dois aqui presentes...vamos poupá-los de maiores sofrimentos, David. Eu me preocupo com o seu coração... por trás dessa aparência de aço, tem um cara sensível e emocional... dá para perceber.”

Ricardo provoca David, utilizando seu típico sarcasmo ao extremo. David deixa a raiva escapar em seu olhar; mesmo assim, faz um enorme esforço para acalmar sua mente, contendo-se:

“Assim é melhor... parece mais humano... você se controla demais... deixe que as coisas venham à tona. Quem sabe seremos grandes amigos? Eu posso lhe garantir que vocês não têm ideia do nosso projeto... vão gostar de saber... mas eu só conto quando fizerem essa Arca se transformar na Tesseract.”

“Tesseract?!”, exclama Maya.

35.

“Tesseract... achei que você já tivesse matado essa charada, afinal, você é a Maria Sabidinha, ou melhor, Maya sabidinha.” Ricardo continuava a instilar o seu sarcasmo venenoso.

“Tesseract!”, exclama Maya, novamente, parecendo extremamente perplexa.

“A gente se meteu no meio dos vingadores da Marvel? Ele é o Loki... chama o Thor, a gente vai precisar dele!”, exclama Armando, ao apontar para Ricardo.

“Essa é a terceira vez que essa palavra é repetida... quantas ainda vão ser necessárias para tua ficha cair, linda Dr^a. Maya?!”

Ricardo mantinha-se de frente para Maya e David, desafiando-os com sua expressão facial e postura física. Ele se volta para Júlio:

“Por que você não explica o que temos que fazer aqui hoje? A gente vai ficar com dor nas pernas se continuarmos assim tensos e de pé.”

Ricardo se referia ao fato de Júlio ter dados que deveriam ser expostos, buscando alguma compreensão por parte dos três visitantes. Enquanto o comparsa falava, Júlio parecia estar distraído e etéreo, como se estivesse com outras coisas na cabeça, ou ouvindo vozes.

“Júlio, Júlio!”

Assim que finalmente ouve seu nome ser chamado, ele desperta do estado absorto em outra realidade, demonstrando um sobressalto, virando-se para Ricardo, com a intenção de dizer o que esteve pensando.

“Eu não quero mais mortes sob a minha responsabilidade... eu não queria que ninguém tivesse morrido...”, diz Júlio, em seguida, voltando-se para os três que o observavam:

“Eu não queria que ninguém tivesse morrido ao invadirmos a casa de Theo Westcott. Fizemos aquela operação após acharmos o melhor plano. Deveria ter sido uma operação relâmpago, de madrugada, exatamente para que ninguém se ferisse... dopamos todos os guardas antes de entrar na sala da Arca com explosivos.”

“Olha, eu até acredito que você não queria que ninguém tivesse morrido. Oficialmente, deveríamos estar dormindo naquele momento e não reunidos

na sala da Arca... mas estávamos... e duas pessoas valorosas morreram. Portanto, não há como melhorar a tua culpa quanto a isso...”, diz David, demonstrando irritação.

Percebendo que David estava um pouco destemperado, algo fora do normal para o seu constante perfeito autocontrole, Maya aperta seu braço direito, tentando trazê-lo à realidade quanto a desvantagem na qual estavam.

“Estou cansando”, diz Ricardo, com uma voz ameaçadora e satírica ao mesmo tempo.

Sabendo que deveria fazer algo e intuindo o que e como, Maya dá um passo à frente, olhando firmemente para Ricardo e Júlio.

“Ok... então será a Tesseract... mas o que vão fazer quando ela se transformar em uma potencial bomba pronta para explodir?”, diz ela

“Você ainda não engoliu essa, certo?!”, questiona Ricardo. “Você já deu uma bola fora quando tocou nos Bastões de Toth... lembra? Você não entendeu como eles funcionavam, até que eu te disse, no dia no sequestro... está precisando estudar mais a respeito dessas coisas, lindinha... eu posso te ensinar, em troca de alguns favores.”

Ricardo acaricia os ombros de Maya, fazendo com que a raiva de David aumentasse. Entretanto, sabiamente, ele entendia o quanto este ser, que aparentava ser bastante perigoso, encenava provocações, gerando armadilhas constantes. David consegue controlar o ego, mantendo-se sereno novamente.

“Poderoso o seu marido... ele tem autocontrole. Eu geralmente consigo abalar as pessoas com essa técnica de provocação... ela fez parte do meu treinamento.”

“Eu poderia deixá-lo aleijado em um único golpe baixo, neste exato instante... mas em consequência disso, todos morreríamos, quase ao mesmo tempo, não sobrando ninguém para poder resolver as coisas... portanto, acho melhor você tirar as patinhas de mim.”

Maya se referia a dar um golpe de Kung Fu na altura da pélvis do provocador, já que ela estudou essa arte marcial por mais de sete anos, chegando a ser faixa marrom. A frase parece ter surtido algum efeito. Ricardo resolve se afastar, mantendo o sorriso, parecendo estar se divertindo muito. Júlio estava no limite da inquietude, pois ele não tinha intenção de gerar animosidades com essas pessoas. Apenas queria que ajudassem com o seu objetivo.

“Ricardo, você está passando dos limites!”

“Calma, Júlio. Tal e qual nos velhos tempos de escola, eu sempre resolvia

os problemas nos quais você e o Gabriel se metiam... ok?! Agora é a sua vez, assuma, diga o que queremos fazer com esta Arca... Tes-se-ract...” Novamente ele pronuncia o termo pelo qual chamava a Arca, olhando para Maya, de maneira provocativa.

“Já enjoei disso!”, reclama Armando.

“Maya... não...”, diz David, não querendo que ela se dirigisse à Arca.

“Não se preocupe... você vê... eu escuto, lembra?!”, ela dá uma dica de que recebera alguma instrução sobre o que deveria fazer e assim agiria.

Caminhando na direção da Arca, ela se volta para o local onde estavam Júlio e Ricardo:

“Ok, estou aqui. Eu e o meu belo símbolo gravado na mão... o Anel da Aliança!”, exclama com ironia em retorno a Ricardo.

“O que querem que eu faça e qual é a vantagem disso?”, pergunta ela, de maneira segura e forte.

“Uma bela mulher... pena que é casada... mas pode ficar viúva...”, diz Ricardo ao admirá-la.

“Fique quieto... isso é uma coisa séria, e eu já disse... não quero ninguém morto... deixe-me explicar o que está acontecendo. Eles vão entender e ajudar”, enfatiza Júlio.

“Quanta fé!”, exclama Ricardo.

“Abra o portão!”, ordena Júlio a um dos seguranças posicionado ao lado de um painel eletrônico com três botões. O segurança pressiona e mantém por alguns segundos o primeiro botão, de cor azul. O enorme portão inicia a sua abertura do centro para as laterais, gerando um som alto, estridente e desagradável, levando à conclusão de que não é aberto há muito tempo. Correndo por trilhos presos no chão e por largas barras de aço, ligadas a uma complexa estrutura que compunha o teto, assim que a abertura atinge quase a metade, ouve-se o travar das correntes. O motor que as puxava é desligado.

Maya, David e Armando são surpreendidos por algo que antes parecia ser mais ficção do que realidade:

“É... É simplesmente maravilhoso!”, exclama Maya, caminhando em direção à impressionante visão.

David precisou de dois a três segundos até despertar para a realidade da imagem que tinha à sua frente. Em seguida, ele acompanha Maya, lado a lado, aproximando-se do disco em tom cinza chumbo, com 26m de diâmetro e 11m de altura. Sua estrutura metálica, em forma de prato invertido, é exatamente a mesma que era exibida em filmes de ficção científica dos anos

50-60, esclarecendo imediatamente o porquê do registro de tantas aparições de OVNI's nos Estados Unidos, logo após o término da Segunda Guerra Mundial. Suásticas estavam gravadas em sua fuselagem, na área das abas do disco, superior e inferior. Na região de baixo, havia três estruturas convexas, em formato de meia bolha, as quais circulavam uma central, de maior proporção. Em relação a armamentos de guerra visíveis, apenas um canhão havia sido montado nessa área inferior.

“Haunebu-2”, diz David, encantado.

“Os avistamentos registrados nos anos 50 descrevem exatamente essa mesma estrutura de fuselagem... os americanos devem ter levado boa parte desses discos com eles ao saírem de Berlim, e os Russos, o resto...”, diz Maya, extasiada pela visão.

“Levaram dois ou três... a maioria conseguiu sair da Europa antes da invasão. Além do que, a fábrica que os fazia não era na Alemanha”, informa Júlio.

“Onde eles fabricavam isso? Na Argentina?”, pergunta Armando.

“Exato. A maioria das peças mais tecnológicas eram enviadas para lá, outras eram fabricadas localmente. A metalurgia argentina evoluiu muito com isso. Inclusive, precisaram desenvolver a capacidade de fabricar a cerâmica especial com a qual o disco é revestido, o victalen, isolante de altas temperaturas e da eletricidade que circulava pela carapaça. Tal e qual Nikola Tesla havia discutido o assunto com Maria Orsic muitos anos antes”, informa Júlio.

“Pelo que vemos, aquela correspondência entre Maria Orsic e Tesla não era tão ingênua quanto parecia. Ambos eram ligados ao mito da civilização de Aldebaran”, diz David

“Mito?! Meu irmão, olha essa geringonça na nossa frente! Esta é a comprovação de uma fantástica tecnologia, até para nossos dias... imagina o que foi isso naqueles anos 40! Essa é a prova de que houve sim uma comunicação entre os nazistas e uma civilização mais avançada! Olha, se eles não tivessem má fama, eu diria que sou fã... é incrível o que eles desenvolveram e uma pena que os aliados tenham sumido com tudo sem nos dar a chance de usufruir desse avanço.” Armando estava plenamente encantado com o que via:

“Como é que aqueles caras conseguiam pilotar isso sem computadores e GPS?!”, exclama ele.

Com uma visível sinceridade, Júlio apreciava a surpresa e o êxtase de seus

convidados, causados por aquela incrível descoberta. Ele sente a positividade necessária para contar a história de como aquela nave estava parada dentro daquele galpão.

“Vejam as placas que compõem a cobertura... são de cerâmica... a mesma que a NASA aplicou em seus foguetes para a Lua e nos ônibus espaciais”, observa Júlio.

“Isso aí embaixo é um canhão?”, pergunta Armando.

“É o raio da morte de Tesla”, responde David.

“Acertou, David. É o modelo do raio da morte. Mais um detalhe que Tesla discutiu com Maria Orsic, embora ele mesmo tenha patenteado essa invenção, anos antes. O que aconteceu é que, com o avanço dos motores eletromagnético-gravíticos, a base de mercúrio, criar o raio da morte de Tesla, tornou-se plenamente possível, principalmente para sua instalação na nave...”, responde Júlio.

“Então... enquanto ela funcionava, gerava energia Vril suficiente para descarregar alguns raios...”, complementa David.

“Exato. E de qualquer forma, não conseguiram instalar outro tipo de arma, já que o campo magnético que envolve a nave em movimento impossibilita isso. Precisavam usar o mesmo material disponível, uma descarga eletromagnética”, complementa Júlio, parecendo bastante motivado com o aparelho.

“Como é que ela veio parar aqui? É isso que precisa nos esclarecer para que entendamos o que você pretende fazer com ela”, pergunta David.

“E conosco...”, diz Armando, engolindo em seco.

“Como eu já tinha dito, eu vou ter que lhes contar uma história!”, exclama Júlio.

36.

28°36'0''S

57°49'1,2''W

IBERÁ WETLANDS – PANTANAL ARGENTINO,

PROVÍNCIA DE CORRIENTES.

6 DE JUNHO DE 1943, 9H.

“Herr Ziemann, temos um problema. Estamos perdendo energia. Não sabemos a origem dessa perda.”

“Herr Schaefer, este é apenas o segundo voo desta nave. Mal foi testada... não podemos falhar. Nossas ordens são para chegar a Corrientes e entregar as coordenadas aos oficiais da SS que nos esperam. Façam tudo o que puderem de forma a chegarmos até o destino.”

“Sim, sabemos Senhor, mas nossa equipe está reportando que perderemos energia em breve. O Xerum 525 não está reagindo mais... não sabemos o motivo. Começaremos a perder altitude, ganharemos peso. Teremos que escolher um local para pousar até que consigamos consertar...”

“Estamos sobrevoando o enorme pantanal de Iberá, não teremos tempo para sair e pousar. Cruze imediatamente para o lado do Brasil. São terras desoladas e sólidas, ideal para nos escondermos... existem muitos dos nossos por lá. Eles nos ajudarão. Faça isso imediatamente!”

O Haunebu-2 perdia, a cada minuto, 10% da potência em seu vórtice eletromagnético. O tornado formado por esse vórtice diminuía visivelmente, simultaneamente emitindo uma menor intensidade de luz a partir da esfera maior, situada abaixo da fuselagem. O perigo era iminente. Estavam perdendo a capacidade de gerar supercondutividade, ganhando massa, submetendo-se àquela que, anteriormente, havia sido dominada: a lei da gravidade.

“Procure vegetação densa! Caia sobre árvores! Elas irão amenizar o choque e segurar o disco. Nossa fuselagem aguentará o choque. Desça o máximo que puder, em segurança!”, ordena o Capitão Ziemann.

Alguns minutos após essa ordem, o pequeno vilarejo de Linha São Pedro, ao lado de Cândido Godói, recebeu um forte impacto, acompanhado por vários estrondos luminosos, parecidos com os de muitos raios, seguidos por

trovões, que tingiram o céu de um tom violeta fluorescente. Esse efeito foi imediatamente acompanhado por uma estranha onda energética de choque, a qual distribuía chuvas de partículas coloridas que atingiram as duas cidades, com uma maior dissipação sobre Linha São Pedro. Nenhum imóvel foi danificado, embora as pessoas tenham tido a impressão de sentirem chacoalhados, como quando ocorre um terremoto de pouca magnitude, medida pela Escala Richter.

O acontecimento mais bizarro foi o grande número de pessoas que reportaram a sensação causada por um estranho vento, com aparência de vidro líquido, que as atravessou, gerando grande estática em seus corpos, sumindo em poucos segundos.

Nas áreas mais fortemente impactadas, a vegetação secou, ficando com aparência de caatinga. Interessantemente, nada aparentava estar queimado, e sim desidratado. Arbustos, árvores, grama estavam quase totalmente sem água. A mesma sensação, mas bastante amenizada, atingiu as pessoas do local, que em desespero buscavam por imediata hidratação.

Percebendo esse efeito, os fazendeiros e donos de animais facilitaram que estes alcançassem fontes de água abundante. Aqueles animais que não conseguiram atingir uma fonte de água próxima morreram em questão de poucas horas.

Um grupo de homens da cidade saiu à procura do que pudesse ter acontecido, dirigindo por 13 minutos. Ao entrarem por determinada estrada de terra, no meio de uma fazenda, encontraram uma área na floresta, completamente devastada, como se a queda de um avião a tivesse atingido, abrindo um vale com mais de 30m de largura e indo longe, a perder de vista. A vegetação à sua volta apresentava uma aparência desidratada, um tanto quanto intensificada pela maior exposição àquela energia. Antes que entrassem na enorme trilha aberta no mato, um caminhão carregando 12 jovens, vestidos com roupas pretas e sem identificação, armados com os novíssimos fuzis de assalto Sturmgewe HR 44 ou simplesmente, st G44, apontavam suas armas, ordenando em alemão que todos voltassem às suas casas.

“Mas o que aconteceu? O que caiu aqui?”, pergunta um jovem louro, nitidamente de família alemã, dada a sua grande facilidade com a língua.

Um dos homens armados, parecendo ser o oficial que comandava o grupo, informa tratar-se da queda de um avião de carga com um carregamento de produtos químicos perigosos e, por isso mesmo, receberam ordens de isolar o

local. Ninguém poderia chegar até lá, além dos próprios oficiais. Os cinco homens do vilarejo acreditam tratar-se de assunto confidencial, pertencente à Alemanha, país de origem de todas as suas famílias, inclusive de alguns presentes. Desejando obedecer, concordam com as ordens dadas, indo embora, sem mais questionamentos.

Em poucas horas, mais de 30 homens chegaram, carregando madeira para confecção de uma cerca com mais de 2,5m de altura, isolando a área do acesso e a visão de interessados vindos de regiões vizinhas. Homens armados montavam guarda, dia e noite. Aquele pedaço de terra, pertencente à família Goldschmidt, ficou isolado por anos, com a total concordância do patriarca, de procedência alemã, a serviço do Terceiro Reich.

37.

“Essa fazenda foi comprada em 1936, com o intuito de seguir com os planos de Hitler para a povoação da América do Sul. Meu pai e tantos outros seguiram essas ordens fielmente. Com o final da guerra e a queda do regime, ele e estes outros tiveram que continuar com suas vidas, normalmente, sempre lamentando o destino e guardando os segredos e as relíquias que lhes couberam, além de encobrirem e protegerem oficiais de altas patentes da SS que vieram escondidos para essa região. O Capitão Ziemann sabia da adequação das coordenadas escolhidas para o pouso naquele local quando acabou em acidente... meu pai e outros oficiais estavam em solo, já avisados para proteger o Haunebu... Hitler mandou milhares de alemães, alguns deles oficiais com soldados do exército, para o Sul do Brasil. Essa região estava dentro do projeto de colonização ariana.”

“Júlio, o que aconteceu com os militares da nave?”, pergunta Maya.

“Eles morreram; não por conta da queda, pois foi até que amenizada, mas por conta do grande impacto da energia liberada... estavam expostos em excesso.”

“Foi o impacto da queda que libertou o plasma energético do Vríl?”, pergunta Maya.

“Liberou o Vríl em diversas formas, incluso raio X e gama. A queda somente potencializou a exposição. O reator apresentou um vazamento importante e foi o motivo gerador do acidente. No impacto, a energia restante foi liberada, de uma só vez”, responde Júlio.

“Agora me explique... por que a Arca está aqui? ... Embora eu já imagine... o que você quer fazer com o Haunebu?”, pergunta David.

“Com o Haunebu... Eu? ... Nada.”

“Não entendi”, diz David.

“Não sou eu quem quer o Haunebu... é a Sociedade Vríl... Eles querem que ele volte a funcionar... o que irão fazer com ele não é meu problema... quero trocar por uma coisa que sabem onde está e que me interessa muito mais.”

“Ai, meu Deus! Que confusão! Você disse “eles”... e você não está com eles?!”, pergunta Armando, gesticulando com o dedo indicador que aponta de Júlio para Ricardo.

“Eu não sou membro da Sociedade Vril. Ricardo é. Tudo o que eu quero é uma troca.”

“Que troca? Explique isso melhor”, diz David.

“Só vou dizer quando for plenamente necessário. Esta não é a hora. Neste momento, é necessário que a Arca faça o Haunebu voltar a funcionar. Substituímos as peças, refizemos tudo por engenharia reversa, copiando o que achamos... usando peças que foram encontradas na antiga fábrica dos discos... mesmo depois de anos de trabalho e muito dinheiro gasto, a nave não funciona. Certamente existe algo que os cientistas da Sociedade Vril faziam que esses cientistas que me foram enviados não sabem ao certo, já que não estava nos manuais deste aparelho.”

David, Maya e Armando trocam olhares, tentando entender o que se passava na cabeça desses dois e quais eram as partes omitidas dessa história. Maya buscava desenvolver o raciocínio, fazendo uma nova pergunta, entretanto, em sua cabeça, as coisas estavam começando a ficar claras e óbvias.

“Ok, você acha que, de alguma forma, essa Arca...”

“Tesseract”, interrompe Ricardo, ironizando.

“Ai, caramba! Você está me irritando! Pode parar com isso?! Eu já sei... entendi... ela é uma fonte de energia condensada... o que eu não sei é como fazer isso funcionar e por que você acha que colaboraríamos com você.”

Ricardo vinha adotando uma atitude displicente e desrespeitosa, olhando para os lados, sem prestar atenção em quem falava, até que Maya disse a última frase. Nesse momento, ele dá uma ordem a um dos seguranças presentes, a seguir, volta-se para Maya, David e Armando, que estavam juntos:

“Cada pessoa tem uma joia, um tesouro, algo que possa ser mais caro e amado que tudo na vida, pela qual fariam qualquer coisa.”

O segurança volta trazendo um *tablet* de 10 polegadas. Ricardo o pega, virando-o para Maya, David e Armando:

“Armando! Maya, David! Nós estamos... presas... mas bem... estão nos tratando bem... muito bem...”, dizia Ana, segurando Suri no colo, ao lado de um homem mascarado apontando uma arma.

“Chega, pode levar o tablet... os três estão conscientes da gravidade do assunto? Seus maiores tesouros estão sob os meus cuidados. Por enquanto, estou sendo legal. Tudo o que elas precisam está sendo fornecido”, diz Ricardo, em tom de chantagem.

“Seu maldito! Se acontecer qualquer coisa a elas eu juro que te pego!”, exclama Armando, querendo partir para cima de Ricardo, mas parando quando David o agarra pelo tronco, contendo sua arremetida. Ricardo limitava-se a rir, enquanto Júlio demonstrava nervosismo e certo grau de desaprovação pelas atitudes do comparsa.

“Filho da mãe! Diz logo o que você quer!”, gritava Armando, novamente, sendo contido por David.

“Calma, amigo... vamos resolver isso... como sempre fizemos... confie em mim... temos companhia... vão nos ajudar”, David cochicha visando que apenas Armando e Maya ouvissem. Eles entendem que, muito provavelmente, os dois humanoides do aeroporto estavam por perto e poderiam ajudar, embora apenas David pudesse vê-los.

Buscando consolar Maya, sabendo que ela se desestabilizaria emocionalmente ao ver a filha e a melhor amiga em cativeiro, David segura a mão dela, apertando-a com energia, olhando profundamente em seus olhos, fazendo-a sentir-se emocionalmente mais forte.

“O que você quer Ricardo? Talvez fosse desnecessário o que fez... talvez pudéssemos ter colaborado sem que você tivesse esse trabalho todo!”, exclama David, demonstrando força em sua voz.

“Bem, então, veremos... façam o Haunebu funcionar! Eu preciso levá-lo comigo. Ele está sendo esperado... e já estou começando a atrasar. O meu pessoal não aceita atrasos... são um tanto quanto agressivos...”

Maya estava muito tensa, sentindo a pressão do momento. Ela tinha os pensamentos confusos, devido a um grande esforço em controlar a sua mente e o medo que tentava se apossar dela. Ela sabia que se cedesse ao medo, perderia a capacidade de saber o que precisava fazer, e, conseqüentemente, a energia Vril poderia matá-la. Sua mente tentava entender como eles puderam ter entrado no apartamento, guardado por seguranças 24 horas por dia. Fazendo um grande esforço para focar a mente no momento presente e acalmar-se, ela sabia que, na verdade, a saída daquele impasse dependeria de ela ter sucesso no processo que se seguiria.

David passava pelo mesmo momento de desafio, procurando manter-se completamente consciente do que acontecia naquele galpão e assumir o domínio de si mesmo e da situação.

“Você sabe o que fazer?”, pergunta David a Maya.

“Eu acho que sim... eu já fiz isso uma vez, quando eu tinha o Gerador Vril para me ajudar... vou ter que fazer isso sem ele, dessa vez...”

“Depressa! Eu estou atrasado com esta entrega!”, grita Ricardo de forma despótica.

Maya e David trocam olhares.

“Vai... você saberá o que fazer... concentre-se e confie... deixe que a energia circule através de você. Não a bloqueie!”

“Ok”, responde Maya, respirando profundamente e soltando o ar de maneira sonora.

Assim que ela se direciona à Arca, Armando diz que está muito nervoso, comendo as unhas. Fazendo o seu melhor de forma a manter-se controlado, David fecha os olhos, respirando profundamente, relaxando o corpo através de movimentos e respiração adequada. Em seguida, com os olhos abertos, ele foca a imagem da esposa envolta por um campo energético, tal e qual um campo de força, formado pela mesma energia que ela teria que manipular nesse instante, sem ajuda de um aparelho, como o Gerador ou Dorje, desaparecido no ano passado.

“Afastem-se!”, diz Maya, dirigindo-se aos seguranças de Júlio e Ricardo.

“Fiquem todos bem longe mim. Seus corpos podem atrair fluídos elétricos. Se isso acontecer, vocês irão morrer instantaneamente... Armando, vá mais para trás... está muito próximo.” Ela aguarda até que o amigo se afaste, dentro de um nível de segurança.

Todos se alojam na entrada do galpão, exceto Ricardo e David. Eles permanecem a poucos metros dela, mas, interessadamente, tal e qual David, Ricardo adota o mesmo exercício de relaxamento e visualização. Curiosa, ela observa Ricardo, parecendo saber o que fazia, cruzando o olhar com o de David.

Maya se aproxima, chegando a uma distância de meio metro da Arca Dourada. Sua presença faz com que um halo de luz branca paire em volta do objeto. No mesmo instante, ela nota a intensidade da marca em sua mão, recebendo a imagem de Chartres, diretamente na mente, clara como o dia. Sem duvidar quanto ao que havia visualizado, ela se vira para Ricardo:

“Essa Arca é sempre exigente, meio cheia de chilikues... Eu preciso que o Labirinto de Chartres seja desenhado no chão e, sobre ele, a Arca deverá ser depositada, bem no centro.”

Estranhamente, sem retrucar ou fazer pouco caso do pedido, Ricardo pega o *notebook* e o entrega a Armando:

“Você é o gênio da computação. Trace o desenho dentro das proporções que se adequam a este local para que Arca fique bem no centro dele.”

Sabendo bem da urgência do tema, Armando solicita uma cadeira e uma mesinha:

“Tem wifi aqui?”

“O computador está conectado... anda logo!”

Em menos de 15 minutos, Armando tinha o desenho nas corretas proporções.

“O contorno do labirinto precisa ser feito com material metálico... fios de cobre...”, diz David, ao olhar o desenho e lembrar ter visto uma grande bobina de fios de cobre, enrolada, na entrada no galpão.

“Eu imaginava que precisariam disso...”, diz Ricardo, ordenando que trouxessem a enorme bobina. Maya continuava a observá-lo com maior curiosidade. Armando e David preparavam o contorno do labirinto no chão, montando o desenho, ao desenrolar o fio da bobina, prendendo-o com grampos-adesivos. A Arca foi posicionada antes no centro do projeto, sobre um suporte de pedra, com 60cm de altura. Ao terminar, eles conferem as medidas, com sucesso.

“Um bom trabalho de equipe. Sua vez no show, Dr^a. Maya. Assuma...”, comanda Ricardo.

Determinada, ela se posiciona na entrada do labirinto, estando prestes a dar o primeiro passo, quando Ricardo chama a sua atenção:

“Os sapatos... objetos metálicos... tire tudo”, diz ele.

Maya se volta para Ricardo:

“Eu sei... mas eu queria testar se você me diria isso...”, diz ela de forma enigmática, trocando um novo olhar com David, que estava ciente do motivo do jogo que ela tinha acabado de fazer. David balança a cabeça, positivamente.

Ricardo tem um sobressalto, pois havia sido pego de surpresa com aquela frase e troca de olhares.

Na verdade, ninguém entendeu o motivo que havia por trás daquela frase, exceto David. Surpreendentemente, Ricardo sorri para Maya, de uma maneira... diferente.

“Eu sempre admirei sua inteligência... vista-se e siga em frente!” Ele muda o tom anterior, voltando a apresentar uma energia densa e perigosa.

Dentro de uma caixa de papelão, havia uma bata cerimonial, totalmente branca, confeccionada com puro algodão. Ele a passa para Maya. Sem delongas, ela retira a jaqueta que usava, jogando a bata por cima da camiseta de alças de algodão que vestia. Ao dar o laço na cintura, retira a calça e a

roupa de baixo, passando-as a David, que a auxiliava. Quando David se afasta, eles notam que Ricardo estava admirando a cena.

“Isso é sexy? Não é à toa que ele é louco por você”, diz Ricardo, sem parecer agressivo ou negativo.

“Muito bem, agora sou a sacerdotisa que irá carregar em suas mãos o poder de mil sóis... se eu der conta dessa coisa...”

“Se sentir que não consegue ou que o risco é muito grande, largue o processo!”, exclama David, demonstrando a preocupação que tentava ocultar.

“Vai dar certo... estou ficando experiente nesses assuntos...”, diz ela, ao piscar o olho direito, tentando parecer simpática e segura, em meio à tensão.

Soltando a mão de David, ela para na entrada do labirinto, respirando repetidamente de maneira ritmada, fazendo alguns movimentos de relaxamento com o corpo e, a seguir, trabalhava na circulação psíquica, de forma a criar um fluxo eletromagnético natural em torno de si, técnica que lhe havia sido ensinada por Mestre Germano. David faz o mesmo, a distância, agora mantendo os olhos fechados e visualizando o campo de força ao redor dela. Ao olhar para o lado, interessadamente, ela percebe que Ricardo fazia exatamente o mesmo que David, fazendo-a sorrir.

“Ele sabe”, pensava ela em relação a Ricardo.

Gesticulando, ao falar sozinho, Armando nada entendia, pois parecia que somente ele estava com vontade de pular no pescoço de Ricardo e esfolá-lo vivo. Ao lado de Armando, Júlio estava tão tenso que chegava ao nível do apavoramento, demonstrado através de expressões faciais que se alternavam entre medo e tensão pura. Suas mãos tremiam, visivelmente.

A hora havia chegado. Maya entra no labirinto, caminhando e entoando mantras que auxiliariam a circular a energia através dela, ativando os seus chakras para a conexão com a realidade frequencial do provável construtor da Arca.

“Lay-oo-esh!”, respira fundo, concentra-se novamente e segue caminhando. “Ehyeh Asher Ehyeh!”, continuava andando, com os olhos semicerrados.

Nesse exato instante, os filamentos de cobre pareciam estar se desmanchando, perdendo cor e ganhando brilho.

“*Jeovah Elohim.*” Ao pronunciar esse mantra, um tom violáceo desprende de Maya e da Arca, simultaneamente, cada parte encontrando-se a meio caminho entre as duas, envolvendo-as, parecendo fazer a conexão entre dois mundos.

A Arca iniciava um lento processo que a levaria a se transformar em um sistema de alto spin, emissor de fótons condensados, acompanhada por uma tênue névoa, no mesmo tom, entre violáceo e azul índigo. No chão, os fios de cobre desaparecem, modelando um labirinto constituído por filamentos de uma chama de 1,6cm de altura, ardendo mas não queimando.

De frente para a Arca, ela pisa próximo ao núcleo do labirinto, onde a flor de seis pétalas era iluminada pelas pequenas chamas. A mão que continha a chave da comunhão entre o povo da Terra e o desta Arca igualmente se ilumina, induzindo, claramente, para o passo seguinte. Mesmo que não tenham encontrado o Anel de Salomão, esse símbolo gravado na carne era a exata representação dessa mesma aliança...

“Talvez este fosse o Anel mencionado historicamente... um pacto entre o céu e a Terra... uma chave que abre um portal...”, pensava Maya.

Sem mais deixar a mente divagar, focando no que deveria fazer, ela toca a Arca com a palma da mão, observando aquilo que parecia ser uma superfície sólida, deformar, ondulando primariamente para dentro da Arca e, em seguida para fora, até que volta a visão original, enrijecendo-se.

Uma deformação na matriz de espaço-tempo ocorreu. Instintivamente, ela dá dois passos para trás, olhando para as asas dos querubins estilizados, representados unicamente com o dorso do corpo e as asas, sem cabeças, braços ou pernas. Entre elas, uma intensa esfera de luz dourada e violácea pairava.

“Esta esfera de luz é exatamente igual à que retirei da própria Arca, com o auxílio do Gerador Vril, na costa da Flórida, quando estávamos sendo atacados pelo helicóptero”, pensa Maya.

Embora tivesse apenas o tamanho de uma bola de beisebol, ela hesita em pegar a esfera sem algo que pudesse usar para manipular tal energia. Poderia ser desintegrada em uma fração de segundos. Mesmo assim, ela abre os braços, colocando as mãos em forma de concha, aproximando-as da esfera. Entretanto, um campo de força impedia que ela avançasse.

“Eu não consigo mover as mãos!”

“Saia daí agora mesmo!”, grita David, quase entrando no labirinto.

“Eu não posso! Estou travada no lugar... não consigo me mover! Fiquei presa!”, grita ela de volta, sem poder sequer mover a cabeça.

A esfera começava apresentar mais e mais intensidade, plasmando energia e condensando-a. Um estranho som, como o de uma fundição de metais, aumentava a força, rapidamente. David e Ricardo trocam olhares nervosos:

“Vamos ter que ajudá-la! Vamos ter que dividir o fluxo!”, grita David

“Sim, concordo.” Ricardo corre até a mesma caixa de papelão, pegando duas capas de algodão, jogando uma para David, que entende imediatamente. Em segundos, eles se despem, vestem a capa e entram no labirinto. Maya estava sem fala, ela estava ficando completamente paralisada, perdendo até a capacidade de respirar.

“Maya, precisamos fazer o campo de energia se expandir. Você não conseguirá lidar com o impacto de uma só vez. Deverá compartilhar conosco”, diz Ricardo.

“Princesa, visualize o compartilhamento... abra os canais mentalmente! Agora!”, grita David, parecendo nervoso, temendo o pior.

David e Ricardo se posicionam a aproximadamente dois metros de distância de Maya, em sentido oposto, desenhando um triângulo, a partir da posição dela e da Arca, mantendo-se sobre o labirinto.

“Maya, quando estiver pronta, avise para que possamos absorver o impacto...”, comanda Ricardo, olhando para trás, chamando a atenção de David com um movimento de cabeça, que, curioso, olha para o correspondente local, a partir Ricardo.

Atrás de cada um deles, estavam os dois seres que já eram conhecidos de David e, aparentemente, também de Ricardo. Os dois humanoides estavam parados do lado de fora do labirinto, a alguns passos de distância, mantendo um triângulo em relação a Maya e uma linha reta em relação a Ricardo e David. Estes dois trocam olhares, sabendo que somente eles estavam vendo aqueles seres especiais e entendendo que lá estavam para ajudar.

“Mas por que que eles estão olhando para trás?”, pergunta-se Armando, em voz alta, sem entender ou ver a presença de alguém mais.

“Esquisito!”, pensavam Júlio e Armando, que nada entendiam sobre o que se passava.

Adquirindo uma nova vibração, o Orb sai da posição que ocupava, bem no espaço central, entre as asas dos querubins, permitindo que Maya recuperasse os movimentos. Sem que precisasse tocar na esfera de luz intensa, este se desloca em direção às mãos de Maya, mantendo-se a poucos centímetros do contato físico, devido a uma simultânea energia de repulsão gerada. Ela caminha para trás, consciente de que a esfera de luz a seguiria. Assim que o desalinhamento da posição inicial ocorre, um grande impacto de plasma energético atinge os três, e, em seguida, dos dois seres atrás, mantendo-se nitidamente perfazendo uma circulação eletromagnética entre eles, jorrando

em dois fluxos simultâneos, um em sentido horário e o outro, anti-horário.

O fluxo do plasma que jorra e circula pelos cinco presentes, no sentido horário, desenha um pentagrama, o símbolo místico, de proteção e comunhão, seguindo a seguinte ordem: Maya, Humanoide 1, David, Ricardo, Humanoide 2, Maya.

Como reflexo do campo de Meissner formado, os cinco são igualmente suspensos do chão, em 12cm. O Orb continuava a jorrar o plasma violáceo-índigo, fazendo com que essa cor intensa e fluorescente impregnasse o ambiente. Um dos seguranças presentes larga a arma no chão e tem a intenção de sair correndo, sendo capturado pelo líder, que o esbofeteia, ordenando, em alemão, que volte a posição.

Maya, David e Ricardo, estavam dominados por aquele campo energético potente. Nada podiam fazer a não ser aguardar que se extinguísse. Um segundo momento se torna ainda mais perigoso, pois componentes metálicos começam a ser atraídos para o campo magnético formado. Armando e Júlio seguravam objetivos que decolavam do chão, ou de suportes, ao mesmo tempo, no intento de impedir que eles atingissem um dos três. O líder dos seguranças fazia o mesmo, sem aproximar-se da área central.

“Por sorte, não tem muita coisa jogada por aqui”, agradecia Júlio, devido à dificuldade de agarrar as coisas que levitavam, no tempo certo.

“Bem que poderia acertar o Ricardo”, pensava Armando, enquanto segurava objetos, um atrás do outro.

As armas dos seguranças, e tudo que possuísse componentes metálicos era atraído... até que, do nada, a atração do campo cessa e o silêncio é restaurado.

Maya e David caem no chão, semiconscientes, enquanto Ricardo manteve-se em melhores condições físicas, ainda de pé, estando apenas um pouco flexionado para frente, apoiando as mãos próximo aos joelhos, tonto e fraco, procurando respirar profundamente. Ele grita para que um dos seguranças lhe entregue uma caixinha de suco de laranja que havia deixado preparada e, em seguida, após tomá-la, ainda cambaleante, leva uma para Maya, sentando-se ao lado dela, erguendo-a gentilmente, fazendo-a tomar até o fim. Armando socorre o amigo David, levando o suco e, em seguida, ajudando-o a levantar-se. Assim que David volta a si, direciona-se a Maya, ainda no chão, apoiada no peito de Ricardo:

“Maya... como você está?”

“Estou zozza... fraca... mas acho que vou ficar bem. Me dá uma ajuda aqui”, diz ela, buscando uma posição melhor para que David e Ricardo

pudessem erguê-la, mantendo-a amparada, juntos. Armando não entendia o espírito de comunhão que ali se apresentava entre Ricardo, David e Maya:

“Esse povo pirou de vez!”, repetia ele. “Cadê o Orb? O que aconteceu com ele?”, pergunta Armando.

Ricardo aponta para o chão, onde um montinho de um pó branco estava acumulado sobre uma base transparente, parecendo uma pequena montanha triangular, com 9x9cm, podendo ser contida na palma da mão.

Ele ordena a um engenheiro ao seu lado que recolha cada grama do precioso pó que se formou no processo de transmutação de elementos, através do fenômeno de aceleração atômica observado. Um supercondutor tipo 1 havia sido fabricado, e, nitidamente, parte dele deveria ser misturada ao mercúrio di-iodado, um semicondutor usado para a propulsão da nave e cancelamento da gravidade.

“Mfkzt!”, exclama Armando... “Eu estava certo!”

“Sim... deve ser isso mesmo... e por causa dele é que os Annunakis vinham à Terra em busca de ouro. Eles o transformavam neste supercondutor, para a propulsão de suas naves... aparentemente, os nazistas chegaram a essa conclusão”, completa David, já recuperado.

“O pó mágico que cancela a gravidade e faz tudo voar... Peter Pan, as fadinhas... o pó de pir-lim-pim-pim, as naves representadas em tantas gravuras de civilizações antigas de diversos povos do mundo... e os Haunebus!”, exclama entusiasmadamente, Armando.

“Sim, exatamente tirado das fábulas para a realidade... Os alemães apenas acreditaram que essas lendas eram algo a mais do que... meramente lendas. Aliás, todos os que acreditaram, tanto cientistas como arqueólogos, acabaram descobrindo que... nada é uma lenda e sim faz parte de uma história real, ocorrida em um passado muito distante e geralmente adulterada”, declara Ricardo.

Armando encara Ricardo, olhando em seus olhos:

“Afimal... você é vilão ou mocinho... você também tem DNA extraterrestre?!”

“Vai ter que descobrir por si só... às vezes, todas essas coisas caminham juntas...”, responde ele.

Alguns segundos depois, o engenheiro deixa o interior do Haunebu, solicitando que ligassem os cabos elétricos à nave. Uma enorme descarga elétrica deveria despertar o propulsor. Ao final de duas tentativas, como em um passe de mágica, o Haunebu-2 se eleva de dois a três metros no ar,

irradiando uma luminosidade azul violácea, saída da parte de baixo da estrutura.

Júlio estava extremamente eufórico, deixando o seu lado infantil se revelar:

“Vocês conseguiram! Vocês conseguiram! Tal e qual prometi ao meu pai!”
Virando-se para a equipe, grita: “Abram o teto!”

Ao seguirem essa ordem, a estrutura metálica superior do galpão começa a deslocar-se, abrindo gradualmente, deixando boa parte do teto descoberto e revelando espaço suficiente para o Haunebu-2 de 26m de diâmetro sair. Estando na rampa de entrada da nave, Ricardo ordena que levem a Arca para dentro do aparelho, mas assim que os homens da Sociedade Vrill se aproximam dela, cinco novos homens armados aparecem de surpresa, dominando os que intencionavam carregar a Arca, juntando-se aos que trabalhavam para Júlio e lá estavam, desde o começo. Sendo maioria e muito bem armados, Júlio ordena que deixem a Arca onde estava.

“Eu disse que entregaria o Haunebu, mas não a Arca. Ela não fazia parte do nosso trato”, exclama Júlio.

Os quatro alemães olham para Ricardo, aguardando saber o que deveriam fazer, já que até poucos minutos atrás, Ricardo e Júlio pareciam estar unidos, inclusive os seus homens.

“Deixem a Arca onde está. Tudo o que precisávamos tirar dela já conseguimos. Temos mais do que a quantidade necessária.”

“Mas, senhor...”, retruca em alemão o líder dos seguranças... “As ordens diziam para levar o Haunebu e a Arca...”

“Estou mudando as ordens... vamos levar apenas o Haunebu... a menos que queira morrer, Herr Reimann. Eu ficaria deleitado por vê-lo morrer pela causa...”, falava Ricardo em perfeito alemão, mantendo o sorriso sarcástico e o tom ácido de suas palavras.

Os quatro alemães soltam a Arca sobre o labirinto:

“Entrem no aparelho, caso não desejem ficar por aqui”, diz Ricardo, transparecendo mau humor e acompanhando a entrada de seus homens no aparelho. Em seguida, ele se vira para o local onde permaneciam Júlio e os outros.

“Vejam bem, tivemos uma excelente confraternização hoje, algumas grandes revelações... até descobriram nossos laços genéticos em comum, certo?!”

“Muito engraçado!”, debocha Armando.

“Mas, além disso, eu sou um homem que às vezes cumpre suas promessas.

Já mandei liberar suas preciosidades, e aqui está o que eu lhe prometi.” Ele entrega a Júlio um pedaço de papel:

“Querido amigo de longa data, pode mandar seus colegas baixarem essas pistolas... Até mais! Mas como a saudade vai apertar, algo me diz que vamos nos encontrar em breve.”

“Você está de brincadeira! Vai entrar nessa coisa?!”, exclama Armando.

“E perder essa aventura?! Claro que não! ... Ah, eu aconselho que saiam daqui, o quanto antes. Isto emite muita radiação pela parte debaixo... até mais!”, exclama Ricardo, entrando no aparelho.

Júlio, Maya, David e Armando saem correndo de dentro do galpão, ordenando que os homens de Júlio fizessem o mesmo. O Haunebu-2 aumenta o vórtice eletromagnético, inundando a área com uma intensa luz multicolorida, a qual variava a tonalidade em função da potência e da temperatura externa. Lentamente ele se ergue no ar, parecendo um balão de hélio. O suave som emitido, assemelhava-se ao de milhões de abelhas, associado, vez ou outra, aos barulhos de catracas que eram engatadas. Em poucos segundos, o Haunebu-2 desaparece no céu.

38.

NA CASA DA FAZENDA
DE JÚLIO GODSCHMIDT.

Armando, Maya e David estavam reunidos no quarto. Via Skype, Ana falava com eles:

“... E foi o que eu te disse... foi uma nítida simulação... não era para valer...”, diz Ana.

“Como ele entrou no apartamento?”, pergunta Armando.

“Bom, nós o conhecemos muito bem, era pessoa de confiança, e ele apareceu na portaria quando eu estava lá, pegando correspondências... eu o deixei entrar. Confiávamos nele... daí que eu disse para o segurança que estava tudo bem, mas na hora que eu fechei a porta, ele mostrou o revólver.”

“Conta isso melhor... se tinha revólver, como foi que você percebeu que não era pra valer?”, pergunta Maya.

“Ele não estava me forçando a nada e até demonstrava preocupação quanto à alimentação da Suri e tudo mais. Foi tudo muito rápido. Ele mal tinha entrado, e, menos de uma hora depois, eu estava em vídeo com vocês... foi uma montagem. Apenas uma encenação para assustar vocês e forçá-los a fazer o que o Ricardo queria”, diz Ana.

“É, eu entendi de cara, quando você insistiu em dizer que estava tudo bem... muito bem... entendi que não era para me preocupar... estranho...”, completa Maya.

“O que é estranho? Ou melhor, o que não é estranho, dentro desta situação?”, questiona Ana.

“Estranho mesmo... o Ricardo não queria nos fazer mal. Mas o que o Rafael está fazendo junto com ele? E o Mestre Germano...”, diz Maya, pensando.

“Não sobrou ninguém em quem possamos confiar, além do Solomon, que está todo quebrado e não pode nos ajudar pessoalmente... puxa... vou ter que desligar. A babá está indo embora, e eu vou cuidar da Suri... por favor, me contem as coisas para que eu não fique mais ansiosa do que eu já estou. Beijos!” Ana desliga.

Sentados em cadeiras, de frente para a mesinha onde o computador foi apoiado, os três tentavam chegar a um consenso quanto ao entendimento do que tinha se passado pela manhã, no galpão.

“David, fala você primeiro, e vamos por partes. O que acha do Júlio? Por que ele se meteu com os caras da pesada? Ele é perigoso?”, pergunta Armando.

“É perigoso por estar lidando com coisas que são tremendamente poderosas, lidando com gente de alto risco, mas não acredito que seja uma pessoa potencialmente má... precisamos saber o que há naquele papel que o Ricardo entregou para ele.”

“E o Ricardo?”, questiona Armando, fazendo perguntas para facilitar o raciocínio confuso que imperava.

“Essa eu acho melhor responder!”, exclama espontaneamente Maya. “Acho que deu para perceber que ele é um de nós...”

“Como: um de nós? Ele está contra nós!”, exclama Armando enfaticamente.

“Não, não... eu me referia ao David e eu... lembram quando Mestre Germano disse que havia mais como nós... muitos como nós... que foram, por assim dizer, geneticamente modificados para que pudessem fazer coisas especiais?”

Quando Maya faz uma pausa, David assume a conversa:

“Sim, Maya, é isso mesmo. Ele é um de nós. Ele lidou com aquela energia toda muito melhor do que eu.”

“E eu... pois praticamente desmaiei...”, enfatiza Maya.

“Eu não diria que ele é melhor do que você. Se assim fosse, Ricardo teria lidado com essa energia por conta própria...”

“E... David... ele sabia o que era para ser feito. É nítido que ele tinha os passos, senão todos, boa parte na cabeça...” Maya divagava entre pensamentos, falando com certa lentidão.

“Ok, mas ele é do mal, certo? É um cara ruim... se passou para o lado negro da força!”, exclama Armando, fazendo uma comparação com o personagem Anakin do filme “Guerra nas Estrelas”.

“Eu não sei... existe tamanha dubiedade no que ele mostra... que eu não arriscaria um sim, tampouco um não”, completa David.

“Está aí... Anakin!”, exclama Armando.

“É uma comparação interessante... mostra o risco que temos ao lidar com ele... não podemos saber qual personalidade ele irá assumir nem, no final,

qual é o seu propósito?” David fazia um grande esforço para juntar as peças, mesmo que parecessem impossíveis para o fato. Inclinado para frente, apoiava as mãos na parte posterior dos joelhos, mantendo os olhos baixos. Maya nota sua postura, ciente de que ele sabia mais do que revelava e se questionava o motivo de tantos segredos para uma esposa como ela, totalmente envolvida nos mesmos assuntos.

“Que segredos são esses que ele não pode compartilhar comigo?”, pensava ela, enquanto olhava pela janela, no momento em que vê a SUV de Júlio voltar a casa da fazenda, duas horas após a chegada deles.

“Vamos falar com o Júlio. Ele chegou”, diz ela.

O capataz havia trazido os três de volta para a casa, onde tinham se alimentado e preparado as malas para voltar a São Paulo. Assim que ele entra na sala, é recebido pela esposa, transparecendo estar um pouco nervosa. Logo mais à frente, Maya, David e Armando aguardam por uma manifestação de Júlio quanto a um maior esclarecimento em relação ao vivido pela manhã. Eles sabiam que o irmão do falecido Gabriel, não era realmente perigoso, e sim demonstrava estar carregando uma incumbência sufocante, representando ser um peso além de sua capacidade e vontade pessoal.

Ao notá-los no fundo da sala, ele demonstra uma expressão de pesar e arrependimento. Júlio tinha uma expressão de cansaço, carregando olheiras amplas, bem visíveis. Já esperando por cobranças e questionamentos em busca de explicações para os acontecimentos da manhã, ele se senta em uma poltrona, ao lado do sofá principal, onde os outros se acomodaram. Mariana ajeita a poltrona para que ele fique mais confortável, ao mesmo tempo em que conversa com o marido.

“Eu vou trazer algo para você comer... está péssimo... largue essa obsessão! Isso vai te matar!”, exclama Mariana, demonstrando estar muito preocupada com ele. Suspirando e balançando a cabeça de forma reprobatória, ela caminha em direção à cozinha:

“Então... somos todos ouvidos... por que fez o que fez? Por que entregou o Haunebu? Você faz ideia de que, se tivesse chamado uma equipe de televisão, com alguns cientistas e engenheiros para validar a descoberta, isso mudaria a história oficialmente contada da Segunda Guerra Mundial, e as pessoas do mundo exigiriam a verdade quanto ao que aconteceu?”, questiona Maya.

“Por que entregou a nave para a Sociedade Vrill?”, pergunta David.

Maya e David faziam perguntas diretas e objetivas, como lhes era peculiar.

Júlio estava tímido e omissos, mesmo assim resolve contar seus segredos, ou parte deles.

“Era a única coisa que eu tinha que interessaria a eles.”

“E o que eles têm que interessa a você?”, questiona David.

“Não é a mim que interessa...”

“Sempre cheio de respostas evasivas... Você é o homem por trás de tudo e sempre diz que não é para você ou por causa de você... o que você está ocultando? Diga logo!” David não apreciava a maneira com a qual Júlio sempre se esquivava das responsabilidades, embora fosse o agente central que manipulava a tudo e a todos.

“Foi o meu pai.”

Esperando que ele continuasse a falar e revelar os fatos que oculta, David esperava que ele continuasse, mas, ao perceber que Júlio estava receoso em falar, novamente questiona:

“E... o que aconteceu com o seu pai? O que houve depois que ele ocultou o Haunebu?”

“Meu pai trabalhou na base de Gandau, na cidade polonesa atualmente chamada de Wroclaw, onde um sigiloso projeto estava sendo desenvolvido.”

“Que projeto era esse?”, questiona David.

“Eram vários... um deles era o de purificar urânio-232 e 233. Eles descobriram, por acidente, em meio a uma fase do processo de purificação, a abertura de um portal, através do qual a humanidade poderia entrar em contato com um passado mais glorioso, um passado que gerou a raça ariana e que nos fez pertencer a uma civilização mais avançada...”

As últimas frases conseguiram capturar a atenção dos três amigos, por completo.

“Continue... somos todos ouvidos...”, diz David, olhando para o celular de Armando, que o cutucava, de forma a fazê-lo ver o que mostrava em sua tela. Em seguida, ele o passa a Maya.

Enquanto Júlio falava, Armando pesquisou as palavras-chaves: Gandau e Projeto Nazi, em inglês, encontrando a resposta.

“Die Glocke?”, pergunta David em perfeito alemão.

“Ele mesmo”, responde Júlio.

“Na história oficialmente contada, não há muito sobre esse projeto. Não se sabe se ele foi real...”, diz David, disfarçando um grande interesse.

“Pelo que vejo... é real... conte o que sabe...”, incentiva Maya.

Júlio solta um suspiro, procurando melhor apoio na poltrona onde estava e,

em seguida, olha de frente seus interlocutores.

“Existem coisas que aconteceram durante a Segunda Guerra Mundial, que é difícil para as pessoas entenderem, aceitarem... e por aí vamos. Como tudo foi apagado dos documentos oficiais, ou os documentos que contam essas coisas sumiram... foram escondidos... destruídos... alguns podem ter sido guardados em cofres, mas acredito que, nunca os veremos...”, diz Júlio, parecendo divagar em pensamentos distantes.

“Bom, existe uma parte que já foi liberada e dizem que vão liberar uma outra...”, interfere Armando, de imediato.

“Sim, mas esteja certo de que esse tipo de fato histórico nunca chegará aos teus ouvidos, por essas vias... quem controla os documentos que serão liberados, já separou estes, para nunca serem encontrados...”, informa Júlio, demonstrando mais energia.

“O que era o Die Gloke?”, pergunta David.

Júlio se introverte por alguns segundos, procurando dados em sua mente.

“O Projeto O Sino, Die Gloke ou Nazi Bell, como é chamado em inglês, se tornou o mais importante e ultrassecreto projeto nazista. Centenas de cientistas foram recrutados para trabalhar em Gandau. Eles desenvolveram, através dos projetos que as médiuns da Sociedade Vril criaram, uma variante de acelerador atômico de partículas e, eu diria, o primeiro acelerador de partículas da história. Ele podia purificar minério radioativo até se transformar em concentrado, suficientemente puro para fabricar bombas atômicas...”, diz Júlio.

“Ok, mas isso não pode ser tão importante assim para a Alemanha nazista, já que esse mesmo processo estava sendo feito por eles, em usinas de pequeno porte, inclusive pelos americanos, ajudados por Albert Einstein, que saiu da Alemanha levando o projeto de bomba atômica para eles... o que isso tem a ver com os portais que mencionou?”, questiona Armando.

“O sino era usado para muitos projetos, todos independentes.” Júlio faz uma pausa, como se estivesse medindo os três interlocutores.

“Por favor, evolua no raciocínio...”, solicita David.

“Através do conhecimento dessa tecnologia, vários projetos em paralelo foram desenvolvidos, e, se a Alemanha tivesse tido mais tempo, teria vencido a guerra em função deles.”

“Continue... estamos ouvindo...”, pede Maya, olhando-o bem nos olhos.

“Eram vários sinos, idênticos em tecnologia, mas focados em experimentos diferentes. O de Gandau era focado na abertura de portais para realidades

paralelas. Essa descoberta foi feita por acidente e, nesse caso, acabou se transformando no alvo da pesquisa. Havia outro glocke, ou sino, na mina de Wenceslas, próximo a Walbrzych, na região da Silésia. Este era usado como acelerador de partículas e purificador de minérios radioativos. Entretanto, todos os dispositivos eram idênticos... mudavam apenas o foco da pesquisa.”

“E qual era o terceiro?”, pergunta Maya, extremamente envolvida com o que ouvia.

“O terceiro e último dispositivo foi instalado em Buenos Aires, próximo ao final da guerra, sendo usado para o estudo da teoria antigravitacional, a mesma que era aplicada nos Haunebus. Dessa forma, essa pesquisa foi centralizada com a mesma equipe que trabalhava com as naves. O motor dos Haunebus foi alterado para o uso do mesmo sistema...”

“Então... Tanto o sino como as naves chamadas de Haunebu-Vril, usavam o tal Xerum 525, a mistura de mercúrio di-iodo, tório-232 e berilo...”, adiciona Maya, continuando a desenvolver suas conclusões, “...e se era isso que cancelava a gravidade e fazia o Haunebu voar... foi também o que alterou geneticamente o povo de Linha São Pedro e Cândido Godói, quando do acidente... daí vieram os gêmeos...”, diz Maya, parecendo apenas falar em voz alta a inevitável conclusão.

“Exato. Era essa a tese de meu irmão Gabriel”, completa Júlio.

“Fascinante... quero dizer... que coisa!”, exclama Armando.

Observando a expressão facial que cada qual tinha em seu rosto, aparentando surpresa pela incrível história, de certa forma Júlio se sentia no controle da situação e assim, resolveu seguir adiante com as revelações:

“Pois bem, já disse que o meu pai, que era um oficial cientista, trabalhou em Gandau. No início de 1945, ele foi transferido para a equipe de engenheiros, matemáticos e físicos responsáveis pelo projeto que foi situado dentro da mina de Wenceslas, chegando a separar, com perfeição, o urânio-232, 233 e 238, a partir de tório-232. O mesmo foi feito com o plutônio-239, pelo que eu me recordo de seus relatos. Ele trabalhou nessas bases por dois anos... até que...”, Júlio demora para continuar, olhando para cima, para o lado esquerdo, buscando memórias.

“Até que...”, Maya se expressa de maneira impaciente, motivando-o a continuar.

“... que com a iminente possibilidade da tomada de Berlim pelas tropas aliadas, Hans Kammler, o chefe dos projetos, dá a ordem de matar todos os cientistas envolvidos nas pesquisas, exceto o meu pai e alguns poucos, que

deveriam embarcar com ele, para a América do Sul.”

“Por isso eles sumiram... Kammler e Maria Orsic vieram para América do Sul...”, exclama Maya.

“Junto com Adolf Eichmamm...”, completa Júlio.

“Caramba... isso é um thriller de suspense... continua, não pare!”, exclama Armando, muito agitado e envolvido pela história.

“Kammler tinha um plano. Ele não permitiria que esse projeto caísse em mãos aliadas, pois sabia que seria muito perigoso. Sendo assim, ele levou os dois sinos que estavam na Alemanha para a América do Sul.”

“... não me diga que... eles ainda existem!”, exclama Maya.

39.

PEENEMUNDE,
17 DE ABRIL DE 1945, 7H.

Sob o ataque das tropas russas, a Alemanha está sendo tomada. A queda do sonhado Reich de Mil Anos, era iminente. Berlim resistia com suas últimas forças. Dentro de algumas semanas, nada restaria.

Há mais de dois meses, a base de Peenemunde vem sendo bombardeada, defendendo-se como pode, com seus recursos escassos. Procurando salvar as vidas restantes, a evacuação era a única saída.

Desde o final do ano passado, a operação Regentröpfchen, liderada por Martin Bormann, sob o codinome de Viking, tratava de organizar a perfeita retirada dos principais cientistas do país, exilando-os em terras seguras, maiormente na América do Sul. No subsolo de Peenemunde, foi montada uma central para abrigar 400 homens e protegê-los, mantendo ainda viva, uma operação de ataque e defesa aérea. Entre eles estava Hans Kammler, o principal chefe engenheiro de projetos especiais, como o das bombas V-1 e 2 e o Die Glocke ou Projeto Sino.

Sem mais o que fazer, após ter ordenado o massacre da maioria dos cientistas que trabalhavam entre as instalações subterrâneas de Gandau e Wenceslass, impedindo que estes fossem levados pelos russos ou americanos, Kammler precisava fugir e manter vivo este último e mais brilhante projeto, custasse o que custasse. Formatando um plano para pôr isto em prática, uma pessoa chave deveria ser encontrada.

Em meio a uma trégua nos ataques, um oficial vem buscá-lo. O jovem oficial entra em uma sala blindada, com porta de aço e paredes de concreto, sem janelas e repleta de soldados recebendo e transmitindo mensagens, via códigos especiais. Sobre uma mesa, o mapa da Alemanha e a clara demonstração do avanço das tropas aliadas sobre o terreno.

“Vamos, senhor, temos pouco tempo. Fomos informados que um novo ataque ocorrerá dentro de uma hora no máximo. Teremos o tempo exato para partir em direção a Praga”, revela o oficial piloto que estava envolvido nesta arriscada missão.

“E Maria? Ela já foi notificada?”

“Sim, senhor. Ela está segura com o nosso pessoal. Assim que chegarmos, ela estará na base. Teremos apenas o tempo de pegá-la, recarregar o avião e sair...”

“Então, siga em frente!”

Kammler agarra sua mala e mochila, preparadas cuidadosamente com pertences pessoais e documentos essenciais. Eles caminham juntos, com extrema rapidez, pelos corredores que levavam a saída. Os dois homens aceleram, ouvindo vez ou outra, alguma recomendação ou desejo de boa sorte, sem parar para responder ou agradecer. Ao atingirem o hangar, avistam aviões aguardando suas ordens para decolar. Dois Junker JU-290 A-5 estavam carregados, cada qual com um dos sinos e quatro cientistas escolhidos para cuidar e reativar o projeto, onde e quando fosse necessário. Hans Kammler entra no primeiro Junker posicionado na pista, saúda a equipe que o esperava, “Heil Hitler!”, em seguida coloca o cinto de segurança, erguendo a cabeça, mantendo-se com um ar pensativo e frio. O segundo avião, parte diretamente em direção à Espanha, rumo ao ponto de encontro, onde as duas equipes deveriam se juntar, em Barcelona.

Uma hora após a decolagem, quando passavam próximo a Berlim, uma pesada carga antiaérea é disparada pela artilharia russa. As bombas passavam por perto, entretanto, devido à altura, o Junker se manteve fora do alcance do impacto direto, recebendo, vez ou outra, as perigosas ondas secundárias provenientes das explosões ocorridas, várias dezenas de metros abaixo.

Por nove intermináveis minutos, o avião esteve sob a mira da artilharia, sendo chacoalhado sem parar. O sino continuava seguro, já que a equipe científica o havia encarcerado em caixotes, estando parcialmente desmontado. Poucas horas depois, chegam aos arredores de Praga. Ao sobrevoar áreas cheias de vegetação, sem sinais de civilização por perto, avistam a pista, recém-preparada, pousando sobre a terra batida.

Quando os pilotos desligam os motores, visualizam estar, à sua espera, um caminhão-tanque que faria o reabastecimento. Enquanto transferem o combustível, uma mensagem de rádio é recebida na cabine:

“Senhor...”, diz com certo receio o piloto do Junker, onde estava Hans Kammler.

“O que foi?”

“O outro avião foi abatido. Explodiu no ar... pouco deve haver sobrado da explosão. Ela foi potencializada pelo material que carregavam... sinto muito, senhor...”

Kammler demonstra desconsolo, balbuciando algo que não foi entendido pelo piloto. De certa forma, ele já esperava por alguma perda; a missão era do mais alto nível de risco, consciência esta que propicia a sua quase imediata recuperação. Ele respira fundo, demonstrando estar pronto para seguir adiante.

“Onde está Maria?”

“Lá! Ela já está chegando...”, o piloto olha através de sua janela e vê um pequeno carro preto saindo do meio de uma estradinha vicinal.

Maria Orsic desce, carregando apenas uma discreta mala. Seus cabelos louros e longos estavam presos em um rabo-de-cavalo que caía até os quadris. Aparentemente, ela havia cortado uma boa parte dele, já que, em seus tempos de tenra juventude, eles chegavam até o chão. Com um ar abatido, ela sorri para Kammler, revelando uma amizade antiga, embora em nenhum momento tenham se tocado. Ele a admirava como a uma deusa, portanto intangível.

Em menos de 30 minutos, o Junker JU-290 A-5 estava novamente no ar, rumo ao litoral de Barcelona. Neste local, fariam uma nova parada, até que, cruzando a segura e aliada Espanha, chegassem ao Atlântico, onde um U-Boot Série XXI, o novíssimo Elektroboote os levaria até a Argentina.

40.

“De lá foram diretamente para Buenos Aires, e, depois, Maria foi para a Patagônia. Kammler estava no Junker de Praga, mas ele nunca mais foi visto ou sequer souberam o que aconteceu com ele.”

“Espera um pouco, Júlio... Vamos por partes: então Kammler foi para onde?!”, pergunta Armando.

“Ele pretendia instalar o sino em uma base alemã, onde 2 mil soldados, dentre os quais alguns cientistas, o esperavam. Havia uma base subterrânea, cavada em plena selva, próxima a cidade de Cruzeiro do Sul, no território do Acre, Brasil.”

“Caramba... surreal!”, exclama Armando, com ar inocente.

“E a Maria Orsic? Eu não acho que eles tivessem combinado de viver o resto de suas vidas juntos... você mencionou a Patagônia... a um pulo da Antártica... ela poderia ter ido para lá?! Havia realmente uma cidade feita pelos alemães dentro daqueles rochedos gelados?”, pergunta Maya, pensativa, ao mesmo tempo.

“Maria Orsic e Kammler se separaram em Buenos Aires. Posso garantir isso, porque o meu pai estava neste avião. Ele tinha ordens de ir para a região de Cândido Godói, onde já havia comprado estas terras, em seu próprio nome... exatamente esta fazenda. Capatazes alemães cuidavam de tudo, antes de sua chegada e também depois. Quando ele chegou, já o esperavam, pois eles tinham uma missão...”

“Caramba de novo! Isso está ficando a cada vez mais intrigante! Ele não tinha medo do Mossad? Me refiro quanto a ser caçado e levado para julgamento?”, enfatiza e questiona Armando.

“O nome de meu pai não constava na lista de cientistas importantes. Vários como ele chegaram até a ficar na própria Alemanha.”

“Ok, vamos ampliar a visão sobre o que você está nos revelando... volte para Maria Orsic... o que aconteceu com ela?”, questiona David.

“Conforme já deduziram, ela foi para o destino desejado, New Swabia”, responde Júlio.

“Antártica?!”, pergunta Maya, com uma certa careta de surpresa.

“Sim, Maya.”

“Mas Júlio, o que havia... ou há... digo, realmente... pois existem informações de bases subterrâneas nazistas, cavadas em plenas rochas... ou túneis pré-existentes, que eles apenas descobriram em 1933, ou quem sabe 1936...” Maya perguntava e divagava ao mesmo tempo, devido às coisas que lhe vinham a cabeça, fruto de leituras passadas.

“O que eu sei é o que havia até o final da guerra. Depois disso, nem mais o meu pai recebeu informações.”

“Então...”, completa Maya, provando a sua constante impaciência.

“Então... como bem usou a expressão... no norte, nas Terras da Rainha Maud, os nazistas construíram ou adaptaram bases em túneis e bolsões internos, que perfaziam uma verdadeira cidade subterrânea...”, informa Júlio.

“Então, é mesmo uma realidade!? A Antártica já foi povoada pelos nazistas...”

“Sim, David. Entre 25.000 a aproximadamente 4.000 a.C, a Antártica já apresentava temperatura fria, mas não tão dramática, chegando a ser amena no verão. No núcleo do continente, a vegetação era verde e bela. Sim, existiu uma civilização avançada que povoaou aquelas terras, quando ainda eram verdes”, revela Júlio.

“Então, quando o frio mais dramático chegou, e a neve tomou conta do local, eles foram para o interior das montanhas... sendo as terras da região norte uma dessas áreas adequadas à criação de um intrincado e enorme sistema de túneis”, conclui Maya.

“Isso lembra as lendas de Agarthá, pelas quais Himmler, Hess e Haushoffer eram obcecados, considerando-as verdadeiras”, completa David, praticamente falando para si mesmo.

“Sim, é isso... e o interessante é que, nos tempos atuais, a Alemanha mantém ativa a estação Neumayer, supostamente fazendo pesquisas no mesmo local”, adiciona Maya.

Júlio pega uma foto antiga de seu pai, exibida em um porta-retratos que estava sobre um piano de parede, enquadrada em uma área de muita neve, sem civilização. Segurando-a de frente, contra o peito, torna-a visível para o resto do grupo.

“Vejam! Esta foto é de 1936.” Júlio não menciona onde a foto foi tirada, mas, para o grupo presente, nem se fez necessário. Obviamente, dado o cenário, Wagner Goldschmidt tinha conexões com o projeto executado, secretamente, no norte da Antártica.

“O que o meu pai me contou também informou ao Gabriel... ele sabia tanto

quanto eu. Acho interessante ele nunca ter revelado nada a vocês na Thule de São Paulo...” Júlio parecia estar divagando, impedindo o claro entendimento do sentido que quisesse dar.

“Talvez ele tenha contado, não exatamente ao grupo da Thule, e sim ao Mestre Germano... as coisas estão começando a fazer sentido...”, diz David.

Júlio volta a depositar o porta-retratos no mesmo local, sobre o piano, demonstrando uma certa veneração mítica pela imagem na foto.

“Que povo era esse que morava por lá?”, questiona Armando.

“Eu sei que é difícil de aceitar, mas, sendo vocês quem são, verão que faz sentido.” Como lhe era peculiar, Júlio faz uma pausa, procurando por algo em sua mente, antes de continuar:

“Uma mistura de sub-raças predominantemente arianas, junto com alguns de seus genitores... isso inclui sobreviventes de cataclismos mundiais, como os da Atlântida. As últimas porções de terras atlantes afundaram entre 25.000 e 12.000 anos. Eles poderiam ter ido para aquela região e construído uma cidade subterrânea, de forma a proteger-se de mais cataclismos vindouros, como a mudança do clima na região, com a intensificação do frio... o que acabou ocorrendo em aproximadamente 4000 a.C.”

“Mas os nazistas sonhavam com os hiperbóreos e não com os atlantes!”, exclama Armando.

“Correto, mas os Atlantes são uma raça que derivou da raça hiperbórea... com algumas misturinhas e ajudas do povo das estrelas, lá de cima, é claro”, Maya responde a Armando, dando uma parada para pensar, continuando em seguida. “Naquela época, a Atlântida era um continente que tinha visitas de seres das estrelas constantemente. Estou supondo que, os seres de Aldebaran, tão alardeados por Maria Orsic e as médiuns do Vril, também tivessem esta conexão... e quem sabe, lá fosse física, em encontros reais...”, diz Maya, sendo interrompida por David.

“Isso tudo faz sentido... as médiuns do Vril diziam que essa civilização de Aldebaran é a mesma que fez os sumérios, da Mesopotâmia, serem desenvolvidos. Se lembrarmos de suas gravuras em pedra e tábuas de terracota, teremos imagens de naves voadoras, seres míticos... alguns gigantes, mas todos com feições arianas.”

“Exceto aqueles que eram híbridos de animais com gente. Aquelas coisas feias... socorro!” Armando estava profundamente envolvido na conversa, mas sempre colocava algo engraçado para dar leveza a esses assuntos mais complexos.

“Certamente. Tem toda lógica”, diz Júlio.

“Interessante, a existência dessa ou dessas civilizações na região, provavelmente amigas dos nazistas, esclarece a questão da bomba atômica que foi jogada em um suposto exercício em conjunto, entre americanos e russos, em 1947, após a derrota da frota americana na Antártica... eles queriam destruir o que houvesse debaixo da terra... tinham pleno conhecimento das cidades ou estruturas.” Maya acabava de levantar um ponto importante da história, ainda sem nenhuma explicação.

“Nossa... só pode ser isso... Júlio, o que você acha?”

“Veja bem, Armando, eu não tenho tanta profundidade de informações quanto gostaria... não vou tão longe”, diz Júlio. Maya continuava a expressar as divagações de sua mente.

“Ok, mas pense comigo. Em 1946, o Almirante Byrd levou para a Antártica uma frota composta por 13 barcos e 1 submarino, além de aviões, com 4.700 homens... eles voltaram quebrados e derrotados, em poucos meses... está na cara que os americanos enviaram uma frota para tentar acabar com o que estivesse por lá.”

“Ou as baleias do polo sul merecem mesmo serem chamadas de assassinas... baleias nazistas!”, diz Armando. Eles caem na risada, gerando um pouco de descontração, frente a um assunto tão enigmático.

“Certamente não foram as baleias e os pinguins que derrotaram essa enorme e poderosa frota americana... Portanto, se Maria Orsic queria ir para lá, deveria haver um relativo conforto na cidade subterrânea e condições para que ela e suas meninas continuassem com as pesquisas.” Maya acabava de se convencer quanto à realidade daquele complexo debaixo da terra.

“Isso eu não sei... o que eu sei é o que me contaram... sobrou apenas um sino, o que foi pessoalmente entregue por Kammler...”

“Entregue? A quem?!”, questiona David, aguardando a resposta de Júlio, este que, de repente, tinha ficado mudo.

“Júlio... tudo isso que você fez foi para achar um sino que está na Amazônia, supostamente, ainda em boas condições de funcionamento?”

“Sim, David. Ele ainda pode funcionar. Foi muito bem guardado por especialistas. E o local está nesta coordenada que o Ricardo me entregou.”

Ele retira do bolso um pequenos papel, onde se podia ler apenas números, típicas coordenadas de latitude e longitude.

41.

“Eu sinto informar, mas esta não é uma região no território do Acre... as coordenadas devem estar erradas!”, exclama Armando, após consultar em seu *notebook* as anotações que constavam no papel entregue a Júlio, por Ricardo.

Ao ouvir essa conclusão, Júlio sai da mesa onde estava almoçando, ao lado da esposa, deslocando-se até a poltrona ocupada por Armando.

“Ele me enganou? Ricardo me enganou?! Meu pai me orientou a dirigir-me para uma região da Amazônia, dentro do território do Acre, embora ele não soubesse o local exato...”

Em resposta à interrogação e inconformidade de Júlio, Armando se levanta, apoiando o *notebook* sobre a mesa de jantar, para que todos pudessem ver a tela.

“Vejam... as coordenadas são claras. Elas vão parar exatamente em cima de uma área na Serra do Roncador, no estado do Mato Grosso...”

Júlio se desespera. Andava de um lado para o outro da sala, falando e gesticulando:

“Eu fui enganado! Entreguei o Haunebu por nada! Aquela nave valia mais de 50 milhões de dólares!”, exclamava Júlio em total estado de desolação

“Olha, não é por nada não, mas... considerando o valor histórico e da tecnologia acoplada... eu colocaria um zero a mais e diria uns 500 milhões de dólares...”

Abusando do seu famoso humor negro, Maya sentiu um certo prazer vingativo ao mencionar tamanha quantia, já que, ao que tudo indicava, Júlio fora enganado pelo grupo que se apresentava com o nome de Sociedade Vril. Ela tinha ciência quanto a este grupo, presente no Brasil, em nada ter a ver com o que constituiu o grupo central dessa Ordem, durante a era nazista. Se um passado ligado à magia negra, cerimônias macabras e distorções realmente ocorreu durante a Segunda Grande Guerra, não pertenceu ao grupo central, liderado por Maria Orsic e os maiores cientistas alemães, cujo único foco e obsessão era a inovação tecnológica, energia de ponto zero e naves espaciais.

“Veja bem, sendo justa, o Haunebu pertence à Sociedade Vril e foram eles que desvendaram a sua tecnologia, mas esses que aqui estão no Brasil,

plagiando o seu nome, em nada tem a ver com a origem”, declara Maya.

“Júlio, antes que o seu desespero aumente, vamos avaliar o que temos em mãos... talvez o sino tenha sido levado para um novo local, e estas coordenadas estejam corretas. Precisamos analisar melhor os dados”, diz David, parecendo acreditar no que dizia, ao estudar mapas via Google, junto a Armando.

Levando em consideração o comportamento dúbio que Ricardo demonstrou, deixando a todos confusos quanto às suas reais intenções, havia uma chance de ele ter sido honesto no que tange às coordenadas entregues e, apostando nessa possibilidade, Maya junta-se a Armando e David, analisando a região que constava no Google Earth, traçando hipóteses.

“Esse local deve estar correto... eu até consideraria a hipótese de erro, mas tratando-se deste...” Maya olhava para David, esperando pela sua opinião.

“Você está pensando na expedição da qual Himmler enviou seus arqueólogos da Ahnenerbe para o Mato Grosso, entre 1933 e 36?!”, pergunta ele.

“Na Ahnenerbe e no que originou o interesse pelo estudo no local, feito anos antes, pelas expedições do Coronel Percy H. Fawcett... ele é a chave!”, responde ela, recebendo como resposta o rosto de David imediatamente iluminado, devido a ter entendido exatamente, o que a esposa deduziu.

“Sabia que eu te amo, e essa inteligência me deixa ainda mais apaixonado?”, David segurava a mão de Maya, atravessando o braço na frente de Armando, que comicamente fazia caretas para impedir que o computador caísse.

“Gente, gente, gente... parem com isso... vocês não vão dar showzinho aqui na frente da gente, né?! ... Segura a onda!”, exclama Armando.

Júlio permanecia extremamente sério, devido à enorme preocupação quanto à possibilidade de não ter acesso ao sino, fato este que inibia sua capacidade de notar o que acontecia a sua volta.

“Então... o que vocês sabem que eu não sei?!”, exclama Júlio.

A partir desse momento, a situação se inverte, já que, até alguns minutos atrás, Maya e David não haviam obtido peças suficientes que lhes permitissem compreender a complexidade do problema, estando restritos à coleta de dados para desvendar o que havia por detrás de tudo. De agora em diante, baseando-se nessas coordenadas de localização, a principal chave para os mistérios, foi revelada.

David se levanta da cadeira, encarando Júlio.

“Olha... acredite que, de agora em diante, se você quiser mesmo achar o sino, vai precisar de nós três, mais do que nunca... portanto, é fundamental que nos diga o que você quer fazer com esse equipamento e por que a Sociedade Vríl faria essa troca.”

“E onde está a nossa Arca?!”, completa Armando. Ao lado dele, Maya concorda com a frase, dando uma piscadela para o amigo.

“No que tange à Arca é simples... está aqui na fazenda, a salvo. Ela fazia parte da negociação pelo Haunebu. Ela voltará para vocês, assim que desejarem... mas...”

De repente, uma nova lembrança veio à mente de Júlio, fazendo com que sofresse uma rápida e incrível alteração emocional. Suas mãos tremiam, gotas de suor começavam a aparecer em sua face, seu rosto se transfigurava:

“Eu... eu... não posso falar... prometi que não diria nada... até que tudo estivesse resolvido.”

David percebe que necessitava aplicar mais pressão sobre Júlio Goldschmidt.

“Veja bem... pelo que eu notei, tem alguém importante envolvido nessa promessa... quem é esse alguém? Você terá que dizer, caso contrário, não ajudaremos”, ameaça David.

Em resposta à chantagem feita, Júlio se ergue, física e emocionalmente, frente a David:

“Vocês não fazem ideia... se não ajudarem, não haverá mais nada a ser salvo... dentro de dois dias o eixo da Terra poderá ser deslocado em direção à sua posição original... e uma grande catástrofe mundial acontecerá, eliminando toda a vida da face da Terra, da mesma forma como já ocorreu, em um passado da história da humanidade.”

“Senti a profundidade do problema... é bem fundo mesmo!”, exclama Armando, engolindo em seco.

Maya e David trocam olhares tensos e, em um segundo momento, os três amigos, consideram a possibilidade de ele não estar blefando, pois esse não era o seu perfil. O que antes aparentava ser apenas um problema pessoal acabava de transformar-se em algo de grandes proporções, colocando a vida na Terra em alto risco:

“O eixo da Terra não desloca assim tão fácil. Seria necessário um impacto contra a Terra proveniente de um grande corpo celeste ou megaterremotos seriais, algo assim!”, exclama Armando, gesticulando e coçando a cabeça, demonstrando dúvidas quanto ao que dizia.

Maya e David pareciam acreditar na possibilidade de outras hipóteses viáveis:

“Ok, isso muda tudo de figura. Estamos querendo ouvir”, diz David, induzindo Maya a sentar-se no sofá ao lado dele e de Armando, apontando para que Júlio fizesse o mesmo, sentando-se na poltrona em frente ao sofá.

Os três olhavam firmemente para Júlio. Ele não tinha saída a não ser contar tudo o que sabia:

“Foi em Gandau, durante o processo de aceleração de partículas para o refinamento de tório radioativo... o processo se alterou, meu pai e a equipe que trabalhava no refinamento tentaram controlar, mas logo perceberam que não haveria forma de manter estável o pequeno buraco negro que se formou no local.”

Tal e qual era particular a Júlio, ele soltava alguns dados, durante a conversa e, em seguida, voltava a calar-se, esbanjando introversão.

“Vamos, Júlio... não enrole e siga adiante...”, diz David, ligeiramente irritado, perdendo a paciência que lhe era tão habitual.

Júlio passa as duas mãos pelo suor na testa, espalhando-o pelos cabelos louros e lisos, demonstrando grande nervosismo:

“Mas... eu não sei se eles irão permitir que eu conte...”

Ao ouvir essa frase, David nota dois vultos se formarem, provenientes de uma dobra no espaço, o qual estava curvo, logo atrás de Júlio. As imagens levam apenas três segundos para se condensar, apresentando uma quase total fisicalidade; entretanto, com um olhar mais apurado, percebe-se um efeito translúcido, através deles.

“É esse o motivo...Ricardo me alertou para nunca falar deles”, diz Júlio, apresentando lentidão e uma paralisia crescente, estendendo-se a todos os presentes.

Estando Armando e Maya também de frente para Júlio, da mesma forma que ele enxergava os humanoides que pareciam gêmeos idênticos, David esperava que os outros dois o fizessem, mas... “nenhuma reação...”, pensava David, “somente eu posso vê-los... eles estão ligados ao problema.”

Ao virar-se para Maya e Armando, ele nota que eles estavam também congelados... o fluir do tempo não mais ocorria... os ponteiros do relógio da sala estavam parados, inclusive Júlio:

“Olá, amigo. Parece que nós temos alguma coisa em comum... algo que nos conecta fortemente. Mas foi você que nos trouxe aqui agora. Você já sabe que nós esperamos que resolvam o problema que interliga nossas realidades...

por isso, viemos novamente avisá-lo... nossos mundos irão colidir em 48 horas. Nossas realidades se fundirão em uma só... entretanto, há como isso ser evitado...”, diz o humanoide da direita, ultrapassando Júlio e acercando-se de David.

“Eu me recordo haverem dito que nos protegeriam, até que achássemos algo...”, retruca David.

“Já ajudamos”, diz o humanoide que estava do lado esquerdo.

“Nós salvamos a vida dela e de vocês, mesmo que sejam especiais... não teriam conseguido aguentar a energia da Tesseract. Ela foi corajosa, mas não teria sobrevivido sem o Gerador Vril”, diz o humanoide da direita.

“Foi o que quisemos dizer... precisam achar o sino. Devem ir imediatamente para as coordenadas recebidas.”

“E se isso não for feito?”

“Como disse este caro amigo”, ele aponta para Júlio, “o eixo da Terra será deslocado e voltará para algo próximo a zero grau...”

“Mas por quê?”

“Por que quando fomos trazidos para esta realidade, um portal foi aberto, dos dois lados de cada universo e depois fechado, somente do lado do nosso mundo... Ele necessita ser novamente aberto, simultaneamente, dos dois lados, para que possamos retornar e fechar as duas conexões”, revela o humanoide da direita.

“Quer queiram ou não, o portal será aberto no nosso mundo, dentro de dois dias, precisamente 48 horas do seu tempo, expresso nesta fisicalidade. Se os dois lados não estiverem abertos, a energia que se abaterá sobre a Terra imitará a mesma que foi gerada quando da extinção dos dinossauros e das avançadas civilizações que habitaram a Terra, muito tempo depois deles terem sucumbido”, diz o humanoide da esquerda.

“E os dois mundos se fundirão em um só... tudo será sugado para um mesmo ponto em comum”, revela o da direita.

“Já houve civilizações avançadas há 200 milhões de anos atrás? O homem conviveu com os dinossauros?”, pergunta David.

“Eu não chamaria de homens, como vocês são hoje, mas sim, havia civilizações que aqui estavam e se desenvolviam naquela época e muito depois. Seu planeta é muito mais antigo do que seus cientistas acreditam... mas parece que já começaram a entender isso, com fortes resistências”, diz o humanoide da direita.

“Esclareça melhor o motivo do eixo da Terra se deslocar, caso não

abrirmos os portais em conjunto”, questiona David.

“Uma questão de massa... tal e qual a influência do Sol, da Lua e dos planetas é o que causa o deslocamento dele mesmo, o aparecimento da massa do meu mundo, sem uma passagem fluida, trará a desgraça para o seu mundo material, muito maior que para o nosso, pois vivemos em uma realidade menos densa que a sua. Além do deslocamento de massa, haverá um grande pacto energético. A energia no meu mundo é muito maior”, diz o humanoide da esquerda.

“O sino está sendo guardado... ele espera por vocês. Da mesma forma que fizeram a nave funcionar, deverão fazer o sino entrar em estado de supercondução... usem o material que criaram hoje.”

“Mas Ricardo levou esse material com ele...”, retruca David, começando a sentir-se paralisado e tendo dificuldade para falar.

“É verdade, mas isso não será um problema... precisamos ir. Causamos transtornos se permanecemos em seu mundo por mais do que alguns minutos, quando a energia é totalmente densa, como a deste local”, diz o segundo humanoide.

“Mas para onde vai, se não pode retornar para a sua dimensão até que ativemos o portal?”

“Para uma realidade intermediária, um Vesica Piscis”, diz o segundo humanoide, desaparecendo, seguido do primeiro.

O ambiente volta a se mover, o som do relógio da sala é resgatado em conjunto com cães latindo do lado de fora. David respira em desespero, esforçando-se para recuperar o oxigênio que gradualmente apresentou dificuldade para entrar no pulmão, em relação ao tempo de exposição à presença desses humanoides.

“Eles paralisam tudo, podem matar pessoas e animais, caso desejem prolongar sua estada neste universo... precisam retornar para o seu mundo”, pensava ele, enquanto permanecia flexionado, para frente, procurando recuperar-se.

“Nossa! O que houve? David, você está bem?!”, questiona Maya, com enorme preocupação e ajudando-o a erguer-se, assim que se estabiliza.

42.

Um helicóptero AW 109 S Grand New desce no heliponto da fazenda Goldschmidt. Assim que o motor é desligado, Júlio, David, Maya e Armando, sobem a bordo, após acomodarem suas bagagens.

“A Ana vai nos encontrar no Aeroporto de Brasília. Ela já acertou o nosso voo em um pequeno avião fretado para Aragarças, em Goiás”, informa Armando, ainda segurando o celular próximo ao ouvido, repetindo o que falava com a esposa.

“Deixa eu falar com ela!”, solicita Maya. Armando passa o celular.

“E o material? Você conseguiu arrumar uma forma de pôr na bagagem e não levantar suspeita?”, pergunta Maya

“Eu acho que vai passar sem problemas, afinal o volume é pequeno. Ajeitei dentro de algumas embalagens para amostras grátis. O pessoal da Unicamp foi legal demais; prepararam tudo o que eu pedi.”

“Você é genial! Isso vai dar certo! ... E o Solomon... ele está se movimentando pelo apartamento, sem problemas?!”

“Sim, ele está bem. Só precisa de muletas por mais uns 30 dias”, responde Ana.

“Que sorte eles terem vindo para o Brasil... como sempre, irão nos ajudar...”

“Sim, foi providencial... A Anne está cuidando da Suri, e elas se dão muito bem. Eu vou sair daqui a uma hora, indo direto para o aeroporto. Vamos chegar em Brasília quando já for noite. Teremos que esperar pela manhã. Reservei dois quartos em um hotel, ao lado do aeroporto.”

“Perfeito, mana, eu tenho a sensação de que isso poderá nos ajudar bastante. Beijos e até breve!”

O helicóptero iniciava o procedimento de partida. Notando o motor ser acionado, David termina a conversa com o irmão Solomon, guardando o celular em uma bolsa tipo carteiro, em seguida, aperta o seu cinto de segurança, voltando-se para verificar se Maya havia feito o mesmo.

“Eu pedi a Solomon que consiga algumas informações sobre a Serra do Roncador e a expedição do Coronel Fawcett. Não encontramos nada de realmente relevante através da mídia oficial. Solomon tem conexões que

poderão nos fornecer esses dados.”

“Que sorte ele e a Anne terem vindo para São Paulo. Isso liberou a Ana... ela vai nos ajudar”, declara Maya, enquanto apertava o seu cinto.

“E eu estou morrendo de saudades!”, exclama Armando, em referência à esposa.

Ouvindo as conversas sem se pronunciar, Júlio permanecia calado, mas com expressão facial de preocupado.

“Maya, você tem certeza de que devemos deixar a Arca na fazenda?”, pergunta Armando.

“Ela será inútil sem o Gerador Vril... eu não vou arriscar nossas vidas novamente, depois do que disseram os tais seres para David... poderíamos ter morrido, se eles não tivessem intercedido.”

“Eu concordo. O melhor é ela ser mantida em local seguro. Acharemos uma outra forma de fazer o portal se abrir”, diz David, na verdade, sem muita certeza.

“Mas qual?”, pergunta Armando. Maya e David trocam olhares de questionamento.

“Pois é, nós ainda não sabemos... mas como sempre, saberemos, na hora certa”, diz Maya, pretendendo ser mais segura do que realmente estava nesse momento.

Ao ouvir a frase da amiga e em resposta ao que ele considerava ser “pura falta de lógica”, Armando manifesta uma engraçada expressão facial, representativa de seu momentâneo pensamento: “encrenca à vista.”

O helicóptero pousa serenamente no Aeroporto de Porto Alegre. À espera do grupo, estava um atendente que os levaria até o local do *check-in*, na companhia aérea, para Brasília. Eles entram, carregando suas bagagens em uma van de cor prata.

“Bem a tempo. Se o avião sair no horário, chegaremos praticamente juntos com o avião da Ana”, diz Armando, deixando transparecer, mais uma vez, a ansiedade em ver a esposa. Maya e David sorriem, entendendo os sentimentos de seu melhor amigo.

O transporte deixa os passageiros em trânsito em uma porta de acesso, onde são informados quanto ao local do *check-in* interno. Enquanto carregavam as malas, Maya tem a intuição de olhar para uma lateral.

“Mestre Germano!”, exclama ela, ao ver um homem a uns 20 metros de distância. Dada a exclamação de Maya, David se agita, tentando localizar quem ela havia declarado ver.

“Eu não o encontro... onde ele está?”, pergunta ele, procurando.

“Eu... ele... estava bem ali, ao lado da coluna... ele me viu e se escondeu atrás dela... sumiu... era ele, eu tenho certeza!”

“Eu não duvido... você não se confundiria com isso... fiquem aqui, cuidem das malas!”

Sem dar chance a alguém dizer algo, David saiu correndo na direção que Maya havia visto Mestre Germano. Andando rápido e por vezes correndo, dando vários giros nos calcanhares, David tentava escanear a área, procurando por aquele que fora seu maior mestre.

“Eu confiei nele... ele me deve explicações...”, pensava David, enquanto procurava pelas salas de embarque.

Após alguns minutos, ele chega a uma das salas de embarque, onde o procedimento já estava encerrado. Através das portas de vidro fechadas, David visualiza um carro preto, cercado por cinco homens vestidos com ternos pretos, sendo que três deles também entram no carro. Sentado na janela, estava Mestre Germano. Os dois trocam olhares, e o carro parte. Inconformado, David exclama bem alto: “Droga!”, atraindo muita atenção devido a frase repentina. Ele retorna para o saguão onde Maya e Armando o esperavam.

“E então?!”, pergunta Maya, notando o estado de desgosto do marido.

“Ele nos viu e fugiu! Estava cercado por capangas”, reclama David.

“Olha, eu não sei o que deu nele, mas temos que estar em alerta. Ele pode ser perigoso e sabe demais sobre nós... será que está nos seguindo?”, pergunta Armando.

“Eu acho que não está nos seguindo... aposto que ele está indo para o mesmo local que nós, e isso é bem diferente!”, conclui Maya.

Os três trocam olhares preocupados.

43.

No DIA SEGUINTE, 7H,

AEROPORTO INTERNACIONAL

PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHKEK, BRASÍLIA.

Os motores do jatinho executivo da Learjet 60 estavam aquecidos. A nave era muito espaçosa e agradável, podendo acomodar oito pessoas com tranquilidade. O piloto recebe a licença para taxiar e posicionar-se para a partida. Trinta minutos após a decolagem, o jatinho atinge 10.000m de altitude, mantendo-se estável.

Uma simpática e bela aeromoça informa a duração do voo e o início do serviço de bordo, um básico café da manhã que poderia ser aproveitado durante os quase 50 minutos.

“Quando chegarmos ao aeroporto da cidade de Aragarças, no estado de Goiás, pegaremos um carro que já está reservado, cruzando o Rio Araguaia por uma ponte, passando diretamente ao estado de Mato Grosso, na cidade de Barra do Garças. De lá, seguiremos por rodovias via GPS, por aproximadamente duas horas, até onde as coordenadas localizam uma lagoa, na região de Campinápolis”, diz Ana, olhando o mapa que salvou em seu iPad.

“Nossa, perfeito. Você cuidou de tudo!”, diz Maya.

“Bom, além de trocar fraldas eu queria fazer algo útil”, completa Ana em tom simpático.

“Olha, vocês deveriam experimentar o seu café da manhã... para ser de bordo, está bem gostoso... tem até ovos mexidos e tortinha de queijo... pequena... dá para comer com uma única dentada, mas está gostosa...” Armando se deliciava com o que tinha em sua bandeja. O grupo dá boas risadas ao ver expressa a eterna ânsia por comida que assolava Armando.

“Pode comer, querido, você deve estar ansioso, eu entendo!”, diz Ana, protegendo o marido.

Nesse momento, a atenção de Maya se volta para Júlio. Ele estava sentado na última poltrona do fundo, sem tocar nos alimentos. Levantando-se, sob o olhar do marido, ela vai até o fundo do avião. Ao sentar-se na poltrona de

frente a Júlio, na janela oposta, tenta uma conversa:

“Oi... você está muito quieto... preocupado?!”

Como sempre, ele tentava evitar esse tipo de pergunta, demorando para responder:

“Eu não sei... me sinto inseguro com essa localidade que vocês acreditam que esteja certa... deveríamos ter ido para o Amazonas e não para cá...”

“É, eu entendo, mas veja bem... essa região norte do estado de Mato Grosso é considerada parte da Amazônia Legal, portanto, se olhar por esse lado, estamos indo para o lugar certo.”

“O que aqueles humanoides disseram é verdade... o portal... temos que abrir o portal...”, diz Júlio, parecendo repetir hipnoticamente, sempre a mesma frase.

“Sim, estamos todos conscientes disso... eu sei que às vezes parecemos descontraídos demais, e isso pode ser confundido com falta de foco no problema, mas, na verdade, estamos todos tensos, cada qual a seu modo... eu posso dizer que estou certa quanto a acharmos uma saída...”, diz Maya, tentando consolá-lo.

Após ter ficado um bom tempo com o *notebook* aberto, David se levanta, vai até onde Maya e Júlio estavam, iniciando a leitura de algumas informações recebidas, há poucos minutos.

“Vejam, Solomon acaba de me enviar esta mensagem... Aqui ele diz: Segundo tradições dos indígenas da cultura aymara, o portal dos deuses Aramu Muru, localizado na Cidade dos Espíritos, região ao redor do Lago Titicaca, ao sul do Peru e a 35km de Puno, está para ser reaberto. Os povos da região farão cerimônias místicas a partir de hoje... Existe uma conexão de lá com o portal da Serra do Roncador. Isso significa que, quando um abrir, o outro responderá, e de lá sairão deuses que permaneceram no centro da Terra, desde os primórdios dos tempos...”

“Nossa, espera um pouco aí! Pelo que eu estou entendendo, o que você quer dizer é que... outro portal deve ser aberto e é o do Peru, junto com o da Serra do Roncador? Uma conexão em triângulo com um mundo de outra dimensão?!”

“Sim, Maya, está correto... pelo que o Solomon me informou, essa conexão feita com esses dois portais da América do Sul gerou um intrincado sistema de túneis invisíveis, localizados dentro da Terra. Esses túneis estão situados em outra frequência, invisível para nós, mas irão surgir novamente... em determinadas coordenadas de tempo e espaço. Aparentemente, existe um

alinhamento entre essas duas regiões, e ele está para acontecer a qualquer momento.”

“Ué, para que o sino então? Se o alinhamento e a data certa já podem fazer o serviço.”

“Boa pergunta, Armando... pode ter a ver com o terceiro sítio que entrou nesse alinhamento, a partir do acidente com o sino... a região dos homens de preto foi arrastada e alinhou em um triângulo, com o mesmo portal”, discorre Maya.

“Então a resposta só pode estar no fato de que, justamente por causa disso, seja necessária alguma ajudinha extra”, diz Armando.

“Pode ser... as lendas de muitos povos sempre mostram o uso de algum som, instrumento, equipamento... o sino deve servir para esse propósito ao dobrar a matriz de espaço-tempo e permitir os túneis serem plasmados nessa realidade, ligando as duas localidades... ou agora, essas três coordenadas de espaço-tempo”, conclui Maya.

“Sim... sim... faz sentido. Onde Solomon conseguiu esta informação?”, pergunta Júlio

“Meu irmão tem muitos amigos estudiosos dos mistérios da humanidade. Certamente, deve ter conseguido através de alguns deles. Ele menciona no e-mail o nome de um chefe aymara... e também o nome de um chefe xavante...”

“Os xavantes ficam nas terras que iremos visitar... lá tem várias aldeias...”, informa Ana.

“Isso prova que estamos indo para o local certo. Existe a lenda da conexão desses dois lugares, ou melhor, de cavernas situadas na Serra do Roncador com as regiões de Puma Punku e Tiwanaku, que ficam próximas a Aramu Muru... essas regiões pertenceram aos ancestrais dos aymaras e quechua...”, diz Maya, em estado de total compenetração, parecendo estar recebendo os dados em sua mente.

“Quechua! Quando fomos a Markahuasi, no Peru, no ano passado, procurar pelo David... era o povo que dizia ter tido contato com os reais criadores daquelas imagens geomórficas fabulosas, na região do platô... diziam ser descendentes deles, embora esses deuses tenham características arianas”, recorda Armando.

“É isso mesmo, Armando... e os quechua são uma etnia dos aymaras, portanto, estamos com tudo conectado... por outro lado, se olharmos para os símbolos gravados em alguns sítios das ruínas megalíticas que mencionamos, iremos encontrar a suástica, uma prova da presença ariana nos tempos antes

dos tempos oficialmente aceitos pela história contada nos livros.” Maya estava animada com as conclusões. Ao lado dela, Ana ainda procurava por mais dados em sua mente e no computador do marido.

“Você se refere à teoria do Coronel Fawcett, aquele que acreditava que os arianos tivessem estado por aquelas terras, antes dos próprios povos pré-incas?”

“Sim, Ana, as expedições dos nazistas da Ahnenerbe levam a essa conclusão... eles buscavam provas para sustentar a teoria da superioridade ariana e, para tal, baseados em símbolos nórdicos e filosofia hiperbórea, acreditavam que tinham uma conexão de sangue com os aymara e quechua... por isso vieram para cá...”, completa Maya.

“Esse paralelo, localizado entre 14° a 15° é tão significativo para a América do Sul e sua história quanto o paralelo 29° a 36°, salientando o 33°, para o hemisfério Norte. Podemos dizer que com esses dados, a teoria dos nazistas faz muito sentido... Os sumérios, ou o povo que os deu poder tecnológico e científico pode ter vindo para essa região do sul, como provam vários achados”, completa David, ainda lendo o *e-mail* do irmão, à procura de mais dados e dicas.

Com uma rápida mudança no estado emocional, Júlio se ergue da poltrona. Seu rosto estava iluminado.

“Então... então as coordenadas fazem sentido... pode ser que fosse necessário abrir o portal do lado do Roncador... os aymara devem saber o que fazer... os xavantes apenas receberam as informações mas não devem ser irmãos de sangue daquele povo, portanto não sabem como abrir a conexão entre estes dois mundos... por isso o sino foi levado para lá.” Júlio estava em transe, ao chegar a essa conclusão.

“Bingo! É isso mesmo! Pegou na veia!”, exclama Maya de maneira engraçada.

“Tá... mas e agora?!”, pergunta Armando

“E agora o quê?”, Ana questiona o marido.

“O que tem que ser feito então? Se os xavantes não sabem, quem sabe?! ”

“Vamos encontrar o sino e colocar essa coisa para funcionar!” Maya recebe o apoio de David.

44.

[15°54'4.00"S](#)

52°14'41.95" W

8H. AEROPORTO DE ARAGARÇAS, ESTADO DE GOIÁS.

“E isso é um aeroporto?! Eu achei que aquele jatinho não conseguiria parar na pista!”, exclama Armando, ao pegar as chaves da Mitsubishi L200 Cabine Dupla, cor branca, da mão do rapaz que alugava carros.

“Pista curta, aeroporto pequeno, sem estrutura... Com tantos impostos que a gente paga mensalmente, era para ter algo melhor... mas estamos salvos!”, exclama Ana.

“Vamos embora! As malas estão na carroceria, cobertas... ativem o GPS”, diz David.

“Campinápolis, Lagoa Encantada... tudo ok, vamos lá!”, diz Ana, com o GPS em mãos.

A L200 inicia o trajeto de aproximadamente duas horas até a Lagoa Encantada.

O aeroporto ficava à beira do Rio Araguaia, no estado de Goiás, fronteira com o Mato Grosso, no coração do Brasil.

Pela rota traçada, cruzam a ponte sobre o rio de águas barrentas, adentrando o estado do Mato Grosso, rico em seus mistérios e histórias encantadas. Pela BR-158 percorrem 42km no meio do nada, absorvendo a energia proveniente da beleza e encanto daquela região, compreendendo o motivo de tantos avistamentos de naves espaciais, relatados no local. Por onde passavam, nessa região do cerrado, reinava uma paisagem de tirar o fôlego, tingida por variantes de tonalidades marrom a ocre, presentes em partes mais áridas, mescladas com nuances de verde, encontradas em áreas cobertas de vegetação, próximas a riachos ou sobre as montanhas com pouca altitude, típicas na Serra do Roncador.

Uma hora e meia depois, chegam ao coração da cidade de Nova Xavantina, cruzando a ponte sobre o Rio das Mortes, um perigoso rio de águas extremamente barrentas e com forte correnteza, sendo provavelmente este o motivo de algumas tragédias que levaram o rio a fazer jus ao nome. Dividida

ao meio pelo rio, a cidade de 20 mil habitantes cresceu a partir de 1944, com a expedição Xingu-Roncador, integrando uma parte dos índios xavantes, nativos do local, à civilização.

O grupo decide fazer uma rápida parada em um posto de gasolina, onde encontraram serviços com uma pequena e simples loja de conveniência. Enquanto Armando e David queriam comprar água e algo para comer no caminho, Ana e Maya foram até a toalete. Ao retornarem, notam que Júlio não mais estava no banco de trás.

“Que estranho... será que ele foi atrás do Armando e David?”, pergunta Ana.

“Não entendi. Ele insistiu para ficar no carro!”, exclama Maya, olhando ao redor e não encontrando Júlio, mas avistando Armando e David pagando por garrafas de água e algumas frutas. Maya gesticula, chamando atenção dos dois.

“O que aconteceu?”, pergunta David, já se aproximando.

“Cadê o Júlio?”, pergunta Maya. “Será que ele foi ao banheiro?”

“Vou verificar... já volto”, diz Armando, rapidamente se direcionando ao banheiro masculino e retornando em alguns segundos.

“Não... ele não está lá.”

“Não é possível, estávamos a poucos passos do carro e não notamos ninguém sair, tampouco se aproximar!”, exclama David perplexo.

“É como se ele tivesse sumido de dentro... evaporando...”, declara Armando.

Nesse instante, Maya sente uma estranha sensação... era como um chamado. Permitindo-se ser guiada, mas chamando David com a mão, ela caminha em direção à parte de trás do posto e da loja de conveniências, chegando à outra rua. Conhecendo muito bem esses momentos de semiausência da esposa, David apenas a segue, ficando há alguns passos, sem incomodar ou dizer nada. O motivo do chamado é esclarecido em seguida. Ao fundo, debaixo de uma cobertura de laje sem fechamento de paredes, protegida do sol, ela avista a figura de um bizarro homem, em posição de cócoras, semelhante ao homem-morcego das lendas contadas sobre misteriosos habitantes das cavernas da região. Sem hesitar, Maya se aproxima, verificando que ele era muito magro, de baixa estatura, pele escura com intenso tom cinza amarronzado, sendo tão estranha que parecia estar nessa tonalidade pela aplicação de uma específica fina camada de pintura, em todo corpo. Fora os olhos rasgados, seu rosto não era asiático. Pelo contrário,

lembrava traços arianos, com queixo e testa fortes e pronunciados, nariz bem feito e reto. Seus cabelos eram longos, lisos, muito finos e pretos. O homem-morcego não apresentava pelos pelo corpo, sequer uma leve insinuação de barba.

“Um perfeito híbrido”, pensava Maya ao observá-lo. David mantinha-se sob tensão, sem interferir, entretanto preocupado com a cena.

Ao saber da aproximação da pessoa que havia chamado por telepatia, o estranho se ergue o rosto, encarando-a, revelando os olhos rasgados com íris em tom castanho-avermelhado. Cobrindo parcialmente seu quadril, ele usava apenas um tecido escuro e de textura não identificada. Em sua mão direita, carregava uma lança rudimentar, com a qual se apoiava, equilibrando-se na postura de cócoras, no chão. Sem sentir medo e sim atraída, Maya se aproxima do homem que agora, olhava para baixo, evitando os raios do sol, protegendo-se ao ficar debaixo da cobertura, no ponto menos iluminado.

Ele ergue o rosto novamente, mantendo-se na mesma posição, expressando-se através de uma língua impossível de entender. David, que estava ao lado de Maya, esforçava-se para compreender o que o homem-morcego dizia, sem sucesso. No transcorrer dessa cena e em não mais de um minuto, aparece um índio xavante, já civilizado, vestido com roupa ocidental, atraído para o que se passava, decidindo aproximar-se. O índio cumprimenta respeitosamente o homem-morcego.

“Não temam. Ele é conhecido aqui. Só há um homem-morcego que deixa as cavernas e fala conosco... é o que está na frente de vocês. Ele é um porta-voz... aparece muito raramente e dizem que, quando vem, é para falar de uma profecia. Eu vou fazer a tradução.”

O índio xavante agacha-se na mesma posição do homem-morcego, iniciando uma conversa entre eles. No meio dessa conversa, algumas palavras eram ouvidas e parcialmente retidas na mente de Maya e David.

“Ma tô âma... hâiwa... Rob’ uiwe... ma tô aihutu... hâiwi hã ma tô aime... ma tô aiwamana... isõu...”

O xavante interrompe a conversa com o homem-morcego, pretendendo traduzir algo do que havia entendido.

“Há muito tempo atrás, raios e trovões nos céus foram vistos, junto com um tipo de avião, que não era igual aos aviões... ele desceu na Lagoa Encantada... mas algo deu errado, e o mal também desceu naquela região.”

O homem-morcego decidiu seguir falando:

“Aibâ amanawi... hi rãititõ... te madâ... ma tô pibu...”

O homem-morcego soltava palavras que, por vezes, pareciam sem ligação, tendo o simpático e atencioso representante da tribo xavante que questionar e discutir, até que o índio sente-se seguro para explicar o que entendeu.

“Ele conta uma história de um chefe que veio do céu supervisionar aquilo que faz existir o raio e o trovão. Disse que está na hora de fazer o raio e o trovão aparecer novamente e eles, os homens-morcego, só serão libertos e descerão de volta para as cavernas das profundezas da Terra quando vocês fizerem o trovão e o raio fortes novamente... o grande buraco tem que se abrir... o povo cor de ouro vai aparecer para os libertar...”

Olhando para o colega com ar gentil e sereno, o índio esperava pela próxima fala. David tinha perguntas, mas é interrompido pelo gesto do homem-morcego, ao erguer uma de suas mãos no ar, pedindo silêncio, levantando-se. Mesmo com sua pouca estatura, menos de 1,40m, aquele ser demonstrava uma incrível força magnética, parecendo escanear os olhos do casal, analisando-os; com a maior incidência de luz, o tom avermelhado de sua íris se intensifica, impressionando-os com essa visão. Interessantemente, seus traços faciais exóticos, revelavam a incrível beleza de um rosto que poderia ser bem jovem.

“Wa za ãma mo... amanawi we aimori su’u za... orobore... ãwa... a’amo’a... daro mono bâ...”

“Ele disse algo como... ele ter que voltar lá nas cavernas... e que é para vocês também irem cumprir, com grande obediência, o seu destino... o povo morcego vai sair da escuridão para ajudar... o que for acontecer, será sentido em todo o mundo”, diz o índio xavante, demonstrando respeito e surpresa quanto a mensagem.

“Dazawi’wa.” O homem-morcego abaixa a lança em sentido de cumprimento e caminha em direção a uma mata próxima, desaparecendo.

“Ele disse que vocês são pessoas que amam e se importam com os outros e, por isso, os respeita também.”

“Puxa, nem sei como lhe agradecer, obrigada Sr. ...”, diz Maya, querendo saber o nome do índio.

“Luís, pode me chamar pelo nome que eu adotei, para ficar mais fácil.”

“Qual a sua opinião quanto ao que escutou aqui?”, pergunta Maya, querendo saber o que pensam os índios xavantes quanto à profecia do buraco que tem que ser reaberto.

“Nós não questionamos... apenas respeitamos. Essas coisas estão acima de todos nós. Desejo sorte a vocês!” O sereno índio se retira, seguindo pelo

caminho de onde havia vindo.

Maya e David retornam ao carro, encontrando Ana e Armando do lado de fora:

“Então, algum sinal do Júlio?”, questiona David diretamente a Armando.

“Nada... já perguntamos para todo mundo aqui; ninguém viu o Júlio sair do carro e andar por aqui... parece que ele simplesmente desapareceu de dentro do carro!”, exclama Armando inconformado.

“Vamos deixar os números de nossos telefones com o pessoal do posto, caso ele apareça...”

“E se informássemos a polícia local sobre o desaparecimento dele?”, pergunta Ana.

“Calma... algo me diz que ele vai aparecer logo, logo. Vamos ter que seguir em frente. Precisamos chegar à Lagoa Encantada até o meio-dia”, enfatiza Maya.

45.

14°44'67,15" S

53°00'21,26" W

CAMPINÁPOLIS – LAGOA ENCANTADA. 12H.

Seguindo por trilhas abertas em ritmo acelerado por 11 minutos, os dois casais chegam ao topo da colina, de onde era possível avistar, logo abaixo, a belíssima Lagoa Verde, a famosa Lagoa Encantada, apontada como um local de constantes avistamentos de objetos voadores não identificados, entrando e saindo de suas águas.

“Estou fritando! Que sol forte!”, exclama Maya, incomodada pela intensidade da radiação solar sobre sua pele clara. Com o sol a pico, o uso protetor solar, boné e óculos de sol era fundamental.

“Caramba... olha essa beleza! A água é verde como turmalina!”, exclama Armando, fotografando, além da lagoa, a flora e a fantástica fauna ao redor. Por um instante, esquecendo-se da missão, enquanto David e Maya procuravam pelas entradas das cavernas, Armando apontava a objetiva da máquina para o céu, fotografando e filmando a beleza física e o canto do falcão-de-peito-vermelho (*Falco deiroleucus*), perseguindo o pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*) que costuma nadar naquelas águas. Os quero-queros (*Vanellus chilensis*) irritavam os ouvidos com a sua conversa constante e monossilábica, e, vez ou outra, avistava-se um tucano preto de bico amarelo (*Ramphastos toco*). Uma variedade de macacos de pequeno porte pulava entre os galhos de árvores próximas, em áreas mais verdes, no meio do semiárido cerrado.

“Cuidado, vamos seguir por esta trilha... está escorregadia.” Caminhando à frente, constantemente, David se virava, estendendo a mão para Maya e Ana, ajudando-as a descer nos pontos mais perigosos, enquanto Armando carregava a maior e mais pesada mochila, com vários itens de emergência, primeiros socorros, lanternas, cordas, alimentos, etc.

Ao chegarem ao platô da lagoa, o silêncio imperava. Tudo o que se ouvia era o som de vários ratões-do-banhado (*Miocastor coypus*), entrando e saindo de uma poça, ao lado da lagoa, assustando-se com a presença de humanos e

escondendo-se no mato, todos ao mesmo tempo.

“Cadê a cantoria dos quero-queros? O que aconteceu com as aves e aqueles ratões?”, pergunta Armando, ao guardar a máquina na mochila.

“Eu acho que parte foi por nossa presença... mas eu arrisco dizer que tem algo mais perigoso, no ponto de vista deles, fazendo-os sumir... assim tão de repente...”, responde Ana ao marido.

“Com certeza tem algo aqui... a energia é muito diferente...”, declara David, parecendo relaxar os cinco sentidos, buscando que o sexto o guiasse na trilha certa.

David e Maya contemplam e observam o silêncio de mãos dadas, permitindo a manifestação da grande conexão que os une e guia, respirando calmamente, sentindo saber o que fazer, através de uma troca de olhares com expressão carinhosa e alegre.

“É lá... naquela direção... só pode estar lá...”, diz Maya a David.

“Sim... vamos...”, de mãos dadas eles caminham adiante, deixando Ana e Armando para trás.

“Sabe o que esse silêncio significa, né?!”, exclama Armando para a esposa.

“Encrenca à vista...”, responde Ana, pegando a pequena mochila que tinha em suas costas e retirando um pacote de dentro.

“O que é isso?!”, pergunta Armando, extremamente interessado.

“Não é de comer... é um dispositivo de segurança... te explico no caminho... vamos, eles estão se afastando demais!”

Próximo ao leito do lago, existem diversas entradas para cavernas com amplas galerias, de imediato. Áreas como essas costumam afunilar por túneis úmidos e escuros repletos de perigos, morcegos e diversos animais peçonhentos. Comumente, a onça-pintada escolhe alguma delas para fazer toca e ter suas crias. Receosos pelo total desconhecimento do local, tinham a atenção redobrada.

“Deveríamos ter contratado um bom guia de cavernas!”, exclama Ana.

“Ah, sim, e o veríamos sair correndo ao dar de cara com o que vai acontecer, daqui a pouco, contando para todo mundo o que tem dentro dessas cavernas!”, diz o marido, comicamente.

“É... acho que qualquer um sairia correndo... mas a lógica pergunta é... qual túnel iremos pegar... tem vários e alguns estão alagados logo no primeiro lance de entrada, seguindo para sabe-se lá onde...”

“Ana, acho que você foi muito inteligente ao dizer isso... acaba de nos dizer quais túneis não devemos entrar...”, exclama Maya.

“Como assim?”, pergunta Ana.

“Bom, vamos usar a lógica, como você bem frisou. O sino é um equipamento grande. Precisariíamos de um buraco de quatro metros de largura por uns cinco de altura, para ele poder passar, raspando... água e aparelhos elétricos não se dão bem, portanto, iremos eliminar a grande maioria das entradas dessas cavernas”, completa Maya.

Enquanto isso, David avaliava, sob esse mesmo critério, as cavernas ao lado de onde estavam. Ele volta correndo, com a lanterna na mão:

“Acho que eu achei... tem uma caverna logo ali... o sino teria passado para uma área interna, uma segunda galeria...vamos até lá...”

Os outros três seguem David que novamente dispara na frente. Ao chegarem, encontram a entrada de uma grande caverna, totalmente seca, mas repleta de morcegos. Usando a lanterna, visualizam uma segunda abertura e uma nova galeria, com ainda mais morcegos.

“Coloquem as jaquetas, cubram o pescoço com a gola e lenços, caso tenham... o chão dessa caverna é um tanto quanto crocante...”, informa David.

“Cro... crocante?”, pergunta Armando.

“Sim, está cheio de insetos, a maioria mortos... sugiro que amarrem as calças nas botas, com estas cordinhas. Isso evitará que algum inseto entre pela calça.” Ele retira do bolso do colete um novelo de fios e os entrega aos outros. David exibia experiência nesse tipo de expedição. Ele já havia participado de aventuras como essas com seu irmão Solomon, quando eram mais jovens.

“Coloquem estas lanternas presas ao boné. Elas têm uma tira elástica.”

Após alguns minutos, silenciosamente, eles atravessam a galeria principal da caverna, tomando cuidado para não serem picados por cobras ou insetos perigosos. Até o momento, os morcegos se mostravam muito calmos, sem fazerem revoadas ou tentar atacá-los.

“Estes devem ser morcegos frutívoros, né?!”, pergunta Armando a Ana, já que era bióloga e poderia lembrar-se dos fenótipos desses animais e suas classificações.

“Eu diria que... alguns são... alguns...”, responde ela, engolindo em seco.

A caminhada até o fundo da primeira galeria transcorreu com facilidade e sem surpresas negativas, chegando em frente a uma entrada confirmada dentro das proporções observadas por Maya. David aponta uma potente lanterna, buscando enxergar o que havia ao final daquele átrio e uma segunda

galeria, menor que a primeira, foi encontrada, entretanto, vazia e aparentemente, sem saída.

“Esta caverna não leva a lugar algum... estamos no lugar errado... depois de tantos morcegos e insetos e um calor danado, erramos...”, diz Armando, com um ar de desconsolo, enxugando a testa com a manga da jaqueta *jeans*.

Enquanto o amigo reclamava daquilo que parecia ser um infortúnio, Maya e David são atraídos por uma rocha nitidamente não natural, cortada em formato quadrado, com cantos arredondados e dentro de dimensões instigantes.

“1,62x1,62x1,62m... fração áurea... isto é revelador...”, usando um pequeno instrumento de mensuração a *laser*, David confirma que aquelas medidas não estariam ali ao acaso.

“Alguém veio aqui, esculpiu uma rocha em formato perfeitamente quadrado, usou a fração áurea... e... fez gravações ainda mais reveladoras na base dela!”, exclama Maya, erguendo-se, praticamente nas pontas dos pés, ao focar a lanterna no topo da rocha.

“Quem quer que tenha feito isto era, pelo menos, da minha altura...”, diz David, do alto de seu 1,85m, confortavelmente visualizando a mesa gravada na pedra.

Círculos concêntricos com diversos tamanhos de anéis, ligados entre si, cobriam a superfície da rocha.

“Oito círculos... perfeita conformação de um magneto... tudo aponta para a intenção de gerarem um campo magnético... é idêntico aos milhares que existem na África, em gigantescos sítios arqueológicos onde foram revelados pela brilhante pesquisa de Michael Tellinger”, diz Maya.

“Tellinger... então, você acha que isso é um gerador de campo magnético que pode ser ativado por som?”, pergunta David.

“Sim, cimática, sendo mais específica... o estudo das ondas... a interação de ondas sonoras com o meio... os nossos antepassados usavam essa tecnologia... pena que se perdeu no tempo”, diz Maya, olhando para cima, como se estivesse distraída.

“Como podemos fazer essa rocha vibrar e criar os padrões certos?”, pergunta David.

“Certamente, devem ter deixado algo aqui para fazer isso...”, conclui ela, com confiança

Armando e Ana acompanhavam a conversa entre eles, sem interromper, já sabendo que, quando esse tipo de tema era desenvolvido pelo casal amigo, o

resultado seria positivo e uma grande descoberta aconteceria.

Caminhando em torno da rocha quadrada, Maya observa uma depressão de aproximadamente 2cm na superfície lisa, em relação à borda. O objetivo era muito evidente. No topo daquela estrutura, havia uma espécie de piscina para conter um líquido ou material fluido. Interagindo de imediato, David usa novamente seu medidor a *laser*, disparando-o sobre a superfície.

“Uma revelação fascinante... a altura da elevação lateral é de 1,62cm... a fração áurea novamente... e a disposição dos desenhos dos círculos concêntricos obedecem a Fibonacci...”

“Então... David... o local é aqui mesmo!”, exclama Maya.

“Ôh, pessoas! Eu sei que vocês dois se comunicam por telepatia e que, às vezes, um nem precisa falar que o outro já sabe o que tem na cabeça... mas dá para explicar para um pobre mortal e 100% humano que dados vocês estão usando para essa conclusão?”, pergunta Armando, sinalizando com os braços, querendo chamar a atenção para sua presença, devido à conversa entre Maya e David ter dado a impressão de ser reservada.

“É muito simples: esta mesa funciona com algum material sobre ela... pode ser água... areia...”, esclarece Maya.

“Água ou areia? Tem areia aqui atrás de mim... eu pisei nela”, diz Armando.

“Ah é?! Vamos ver se serve.”

Testando a granulometria do material entre os dedos, Maya o aprova, coletando uma boa quantidade dessa areia fina em uma garrafa plástica de água mineral vazia, sem o gargalo, enchendo-a até a boca e, em seguida, despejando-a sobre a mesa de rocha. David a auxiliava, cortando mais uma garrafa vazia com canivete e enchendo-a com a mesma areia. Uma sequência de cinco despejos foi o suficiente para cobrir o volume daquela superfície.

“E agora?”, pergunta Ana, demonstrando estar muito curiosa com o que poderia acontecer.

“Os símbolos demonstram uma certa frequência... um harmônico que na mesa com a areia tem que ser conformado... trata-se desse mesmo símbolo. Pelo que me recordo ter visto em vídeos que mostram o estudo da cimática, para obter essa geometria, teríamos que gerar algo entre 3.200Hz e 3.300Hz... esse deve ser o harmônico que entra em ressonância com essa estrutura”, completa Maya.

“Legal, hein?! Bacana mesmo.... mas.... como vamos gerar essa frequência? Essas coisas geralmente me mostram que é a minha vez de entrar

no clima da pesquisa e das descobertas, mas eu estou sem o meu notebook, e, mesmo com ele, eu precisaria de um wifi, internet de alta velocidade... será que os xavantes têm isso lá na aldeia?!”, exclama Armando.

“Espero que não seja necessário... não temos tempo!”, diz David, pegando do chão o que parecia ser um pedaço ou uma lasca de rocha relativamente fina; o formato lembrava uma orelha humana, com ponta fina e a base inferior mais grossa, tendo por volta de 40cm de altura, 15cm de espessura nas áreas mais grossas e 8 nas áreas mais finas.

“Orelha? Isso parece mais uma guitarra!”, exclama Armando.

“Muito bem observado... foi feita para tocar... som é o objetivo”, diz Maya, auxiliando David a posicionar a rocha na posição certa, com a ponta mais fina para cima.

“Ela é exatamente igual às que se encontram nos livros do Michael Teller... temos que fazer o que ele nos ensina... afinal, ele é engenheiro de som...”, declara Maya, com confiança.

“Precisamos de um cone ou algo parecido com um falo... uma rocha com aproximadamente 20cm de comprimento...”, gesticula Maya, com a intenção de demonstrar a largura e o comprimento com a mão, ao mesmo tempo que procurava algo similar pelo chão da caverna, auxiliada pela lanterna.

Armando se vira para Ana:

“Eu já te disse que ela não é boa companhia?!”

“Não... nunca...”, responde Ana, sorrindo e já sabendo o que viria da boca do marido.

“Estou dizendo agora... vamos procurar o falo dela... digo... o cone que ela tanto quer...”

“Procurem também umas rochas pequenas, em formato de *donuts*!”, grita Maya, mantendo-se com a cabeça para baixo, olhando para áreas que a lanterna iluminava.

“Onde tem um, tem o outro.”

“Agora sim, isso foi direto pra mim... ela tá me sacaneando...”

“Armando! Concentre-se! Isso é sério... vamos procurar os *donuts*!”, invoca Ana.

“Até você?! Ok, procure os cone fálicos, e eu procuro os *donuts*, é uma questão de probabilidade de encontrar”, diz ele, gesticulando.

Ana desiste de tentar fazê-lo levar a situação a sério, concentrando-se na busca, iluminando o lado oposto ao qual Maya estava.

“Maya! Venha logo aqui!”, grita Ana, para a amiga.

“Veja... dentro desta depressão da parede. Parece que tem exatamente o que procura.” Agachada, Ana aponta a lanterna na posição adequada para melhor iluminar o local observado.

“Com certeza, nesta parede havia várias dessas rochas musicais... veja... os nichos estão vazios. Devem ter sido levadas por pessoas que aqui entraram e não tinham a menor ideia do que se tratava”, diz Ana.

“Pelo menos sobrou mais uma. Só sabemos o que é isso graças ao fantástico pesquisador da África do Sul... são os mesmos achados detalhados em suas pesquisas. Isso prova que uma mesma civilização avançada, no passado distante, influenciou o mundo... ou o que havia de civilização na época. Neste caso, eu diria que, estamos tratando de assuntos que surgiram antes do dilúvio, há mais de 20 mil anos... e os nazistas sabiam disso...”

“Eles eram brilhantes nesses assuntos!”, exclama David, enquanto se abaixa, por ter visualizado algo ao jogar a luz da lanterna no pequeno fosso onde havia cones e *donuts* feitos de pura rocha, com variados tamanhos e densidades. Ele escolhe dois tipos de cada, erguendo-os, sentindo o seu peso.

“Vamos testar a nossa orelha mágica...”, diz David, entretido com a estrutura da pedra em seus braços.

“Eu acho que esse negócio lembra uma guitarra”, diz Armando.

“Uma guitarra mais gordinha... mas é um bom paralelo... David, sabe o que fazer?”, pergunta Maya.

“Sim... vamos começar com o cone e ouvir os sons que podemos produzir. Talvez nem precisemos destes conversores de frequências.” David se referia aos testes feitos por pesquisadores, quanto aos padrões de formas geométricas e físicas, geradas pelo som, especificamente ao usar esses tipos de objetos arqueológicos, feitos de pura rocha. Por vezes os *donuts*, ou conversores de energia, eram necessários, sendo encaixados nos cones, alterando a energia e as formas obtidas.

Posicionando no colo a rocha de aproximadamente 2kg, David prefere sentar-se sobre uma pedra, para melhor testar e manipular o som. Batendo, repetida e vagarosamente, a ponta do cone sobre áreas variadas, ele ouvia o som, tentando compreendê-lo, antes de bater novamente, procurando por harmônicos masculinos parecidos com os gerados pelos vasos tibetanos.

Assim que estuda uma série de sons graves, ou masculinos, obtidos das áreas mais volumosas do objeto, ele inicia a série de toques, nas áreas mais finas, produzindo sons similares aos dos gantas, pequenos sinos que criam frequências femininas, com bandas curtas e som mais agudo. Vez ou outra,

ele extraía sons que se assemelhavam a notas de piano, notas bem agudas.

“Estamos indo bem... mas precisamos de mais instrumentos como este para causar um melhor efeito... a areia mal se moveu!”, exclama Maya, procurando por outras dessas rochas com formatos de orelhas ou de certa forma, guitarras, com a lanterna.

“Será que sobrou alguma?”, pergunta Ana, ajudando a procurar.

“Achei... tem mais uma aqui”. Armando aponta a lanterna para uma rocha muito similar à primeira, levando-a consigo e sentando-se ao lado de David. Após alguns minutos, os dois homens conseguem produzir sons variados, reproduzindo-os adequadamente.

“Ok, agora tentem manter-se em uma mesma frequência, juntos pelo máximo de tempo... repitam os sons mais agudos...”, orientava Maya, mantendo a lanterna e os olhos sobre a mesa de rocha, coberta de areia, notando uma estranha geometria formar-se.

“Continuem e aumentem a frequência... sons mais agudos e sustentados... está dando certo! Tentem fazer juntos o mesmo som... esse mesmo! ... Repitam esse sem parar...”

Maya e Ana vigiavam a mesa e orientavam, baseadas na evolução do padrão geométrico desenvolvido até notarem a formação do mesmo desenho original da rocha, agora sobre a areia. Como em um passe de magia, os oito círculos interligados por um círculo maior e outro interior formaram-se geometricamente como em estrutura cristalina e ativa.

“Ressonância... conseguimos a ressonância!” Essa frase é acompanhada por um violento choque de plasma energético, saindo de dentro da pedra quadrada, golpeando Maya e Ana que estavam com as mãos apoiadas na superfície lateral da pedra, arremessando-as contra uma parede, que há um segundo atrás parecia sólida. Voando pelos ares, elas atravessam a parede, batendo com força no chão, na área interna de uma nova galeria.

Pegos de surpresa, David e Armando não conseguiam se mover. As paredes da caverna vibram, em eco, reproduzindo sons e frequências idênticas aos gerados por eles, em seus instrumentos, entretanto aumentadas em muitas vezes, causando uma violenta dor nos ouvidos e o instintivo reflexo de tampá-los com as mãos. Devido à dor e à perda de equilíbrio, eles caem ao chão, sem nenhuma orientação espacial. Alguns segundos de desespero se seguiram. Armando e David queriam socorrer suas esposas, mas não conseguiam se localizar, sentiam-se como se estivessem caindo por uma espiral sem fim, levantando e caindo, acompanhados pelo insuportável som

agudo e torturante. Sem explicação para o ocorrido, o silêncio retorna, e o equilíbrio é resgatado.

“Armando! Você está bem?!”, grita David, esforçando-se para levantar do chão, caindo umas duas ou três vezes, como se estivesse com uma crise grave de labirintite.

“Ainda estou vivo...e você?!...como é que se faz para levantar?!”, questiona Armando, sendo ajudado pelo amigo que se recuperava rapidamente, mesmo ainda oscilante.

“Meu Deus!!!”, exclama Armando, ao notar o desaparecimento de uma maciça e enorme parede de pura rocha, deixando à vista a abertura para mais uma galeria. Armando e David tinham à sua frente uma gigantesca e inimaginável visão.

46.

“Maya! Ana!”, gritam eles, desesperados, procurando-as, ao passar pela abertura feita onde antes era rocha sólida.

“Se derem mais um passo, eu atiro!”, grita um homem vestido com roupa estilo militar, totalmente preta; em seu braço, próximo ao ombro, destacava-se a gravura de um símbolo rúnico, tradicionalmente usado pela Sociedade Vrill, em formato de raio. Três homens, igualmente trajados, empunhavam pistolas semiautomáticas Walther PPK, fabricadas na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial. A cena trazia de volta anos de tensão e constantes confrontos.

Bem iluminada por um conjunto de lâmpadas fluorescentes, a galeria é bastante ampla e perfeitamente cavada dentro da rocha sólida, revelando um formato de dimensões não naturais: 33m de profundidade, por 22 de comprimento e 12 de pé direito. Nas laterais, havia uma série de plataformas metálicas, presas às paredes e suspensas em dois níveis, construídas a partir de uma liga de aparência escura e opaca, ainda desconhecida, provavelmente de aço com algum material cerâmico, gerando um produto de grande resistência, inclusive a altas temperaturas. Ao andar sobre elas, o som e a vibração produzidos eram mínimos, reforçando a teoria de algum material cerâmico fazer parte de sua composição. Cada plataforma guiava para novas passagens, através de pequenas pontes que levavam a aberturas fechadas por portas do mesmo metal.

Enquanto mantinham os braços erguidos, David e Armando observam seis pontes metálicas, duas de cada lado, exceto na entrada por onde vieram.

“O que existe naquelas áreas? Laboratórios de testes? Conexões com os famosos túneis que levam para as antigas cidades megalíticas do Peru e da Bolívia, ao redor do Lago Titicaca?”, questionava-se David, mentalmente, em apenas um segundo.

David e Armando controlavam os nervos, evitando atitudes que gerassem uma resposta negativa, como o disparo das armas apontadas. David declara não querer causar problemas e, assim, são rápida e facilmente cercados pelos guardas. Pressionando com o cano das pistolas à altura das costas, dois homens os empurram, causando um pouco de dor, além da intimidação. Ao

caminharem, os três homens que estavam à sua frente abrem espaço para a passagem, possibilitando enxergar, a poucos metros, Ana e Maya ainda sentadas no chão, visivelmente machucadas.

Com o forte impacto do plasma, gerado a partir da ativação da ressonância com a estrutura no topo da rocha cúbica, elas foram projetadas em uma espiral, a uma distância superior a dez metros, sofrendo um impacto na parte posterior da cabeça e várias escoriações leves pelo corpo, em consequência do arrastamento pelo chão nos últimos metros. Sem temer a prontidão dos guardas, os dois correm em direção às esposas, desejando ajudá-las:

“Calma... eu estou bem, só ganhei um galo na cabeça... e alguns arranhões... mas nem sei como... estou bem... fomos projetadas no ar, mas a nossa massa corporal foi, em parte, cancelada... isso nos salvou...”, revela Maya, já sentada, tentando se levantar, auxiliada por David.

“Eu também percebi! Estávamos quase sem peso!”, exclama Ana, demonstrando a surpresa proveniente da forma como foram arrebatadas em meio a um evidente cancelamento da gravidade.

“Quero dizer... ai que dor de cabeça!!! ... Girávamos no ar como astronautas no espaço!”, completa Ana, ao tocar a parte posterior da cabeça.

Enquanto erguiam as moças, com cuidado, devido a alguns hematomas e machucados que sangravam ligeiramente, eles não notam uma nova presença: um homem louro, alto e com olhos claros, se aproxima. Ele usava a mesma roupa da equipe, entretanto com duas insígnias extras. Além da runa Eihwaz, que representa o raio, símbolo da Sociedade Vrill, ele levava gravado, no lado esquerdo do peito, o Sol Negro e, no braço direito, a runa Sowilo ou Sieg, símbolo da SS.

“Eu sinto muito pelos machucados... eu sabia que conseguiriam abrir o portal. Outros tentaram e morreram. Vocês sempre conseguem esses feitos fantásticos, e eu os admiro por isso.”

Surpresos ao ouvir uma voz conhecida, enquanto erguiam as moças, eles olham para cima, ao mesmo tempo. Armando não se contém:

“Mas que bastardo! Se fazendo de bonzinho o tempo todo! Querendo pagar a promessa feita ao pai! Olha o cara aí! De uniforme moderninho... mas as pistolas são antigas... não combina, tá?! Ou você coloca tudo antigo ou tudo novo!”, exclama Armando, tipicamente como costumava fazer, ao ficar nervoso, falando sem parar e, por vezes, coisas sem sentido.

“Deixa pra lá, Armando. Nós já esperávamos algo semelhante... quando ele sumiu, deu na cara... mas essa caverna é bem superior ao que nós

imaginávamos... ai!", diz Ana, ainda demonstrando dores no corpo e na cabeça.

O homem louro ordena aos guardas que abaixem as armas.

"Olha lá, fazendo o papel de bom moço, de novo... nosso amiguinho Júlio Goldschmidt!", exclama novamente Armando.

Desconfiada, Maya se aproxima, amparada por David, observando o homem com quem Armando falava. David acena positivamente com a cabeça, já sabendo e concordando com o que ela tinha em mente.

"Típico! ... Isso é realmente típico!", exclama Maya, sem que Ana ou Armando entendessem o que ela queria dizer.

"Goldschmidt sim, mas... não é o Júlio...", diz David, para o seu melhor amigo.

"O quê?! Como?!", pergunta Armando, pego de surpresa.

"Olá, Gabriel!", exclama Maya. "Sua semelhança com seu irmão gêmeo é muito grande, mas, com o convívio, aprendemos a descobrir as diferenças."

"Interessante aparecer dessa forma... como simulou a sua morte? Foi tudo muito bem articulado. Nos enganou com perfeição", afirma David.

Ensaando um sorriso no rosto, Gabriel resolve contar sua história, andando calmamente em volta do grupo, como se estivesse medindo as reações de cada um a cada palavra dita.

"Então... você estava do lado dos irmãos Muller e da Sociedade Vril!", exclama Ana, revoltada.

"Não", responde Gabriel.

"Isso é coisa de irmão gêmeo mesmo... ele vai fazer conosco o mesmo jogo de palavras que o Júlio faz. Aposto que os gêmeos estão juntos nisso... afinal, gêmeos fazem tudo junto!", exclama Armando.

"Pra variar, você errou nas análises. A única análise que você consegue fazer com qualidade é através de um programa de computador!", exclama Gabriel, com frieza e maldade.

"Ah é?! Pois então, que tal responder a pergunta?", intimida Armando.

"A resposta é não... não estamos juntos", responde Gabriel calmamente.

"Eu não disse que ele iria fazer o tal joguinho de palavras?!", reclama Armando, dirigindo-se aos amigos.

Aproveitando a encenação, regada a gesticulações e reclamações de Armando, David e Maya não pretendiam esperar por novas surpresas e, por isso mesmo, estudavam o local, o número de guardas armados, a disposição e a possibilidade de fugas. Foi nesse momento que notaram, logo mais ao

fundo, um grande objeto, coberto por uma lona, apoiado em uma estrutura metálica com formato de arco.

“O sino!”, cochicha Maya para David, conclusão baseada no óbvio volume apresentado pela estrutura.

“É o Die Glocke, como teria dito o meu pai... o sino... precisamos fazê-lo funcionar... o tempo está se esgotando e, quanto mais passa, mais difícil fica abrir o portal”, declara Gabriel, “... *entfernen Sie die Decke!*”. Ele ordena aos seus homens a retirada da cobertura que protegia o objeto guardado naquele local.

A incrível estrutura em formato de sino, com aproximadamente 3m de comprimento e 4m de altura, coberta por cerâmica preta, comprovava a existência do mais incrivelmente avançado e arrojado projeto nazista, mostrando que aquele conhecimento, mantido às escondidas pelos vencedores da guerra, era real.

Inevitavelmente, os quatro amigos estavam boquiabertos.

Emocionado, Gabriel se esforçava para manter o equilíbrio, revelando a intenção de esclarecer o que lhe havia sido questionado.

“Este é o mais fantástico e poderoso projeto comandado por Maria Orsic e Hans Kammler na Sociedade Vril. Quase uma centena de brilhantes cientistas estiveram envolvidos nele... a maioria perdeu sua vida.”

“Tá... ok... a gente já sabe disso, mas... como é que você está vivo? Você foi constatado como morto...”, pergunta Armando, sem querer esperar pela parte poética e filosófica que aparentemente viria através do discurso de Gabriel.

Já entendendo como parte da articulação fora feita, Maya se precipita, mencionando o ponto chave.

“Nós não vimos o corpo dele... quem viu foi o Mestre Germano, que oficialmente fez o reconhecimento. O caixão ficou selado a partir de então...”

“Exatamente! Mestre Germano!”, exclama Gabriel, sem maiores explicações.

Maya e David trocam olhares significativos ao ouvirem o nome de Germano.

“O que aconteceu naquela noite em que Gabriela morreu?”, pergunta Maya.

“Ok, vamos voltar à cena. Como sabem, eu saí do restaurante, dirigindo o carro, tendo Gabriela ao meu lado e, poucos metros depois, fomos atacados, com vários tiros disparados por assassinos encomendados, dirigindo um

carro. Eles tentaram nos tirar da via, batendo contra a lateral do motorista, a minha. Eu estava armado. Sei atirar e sou bom nisso. Acertei quem estava no volante, mas infelizmente perdi a direção e bati contra um muro... Gabriela morreu... isso não era para ter acontecido... eu realmente gostava dela”, revela Gabriel, demonstrando um grande pesar, com sinceridade.

“Ok... e...”, exclama Ana, impacientemente.

“O outro carro se chocou com o meu, devido à morte do motorista. O carona bateu fortemente a cabeça... estava desmaiado. Eu fiquei machucado, mas quando vi que o carona se parecia comigo, com um porte físico similar, louro... troquei nossos documentos. Eu o enfiei no meu carro, atirei em seu peito, já que ainda tinha vida, e entrei no outro, empurrando o motorista morto para o lado.”

“Você deixou Gabriela morrendo e não a socorreu! Que raio de amor era esse?”, pergunta Maya.

“Eu achei que ela já estava morta e que não poderia fazer mais nada... não tinha tempo para salvamentos; precisava sumir.”

“E... o que há entre você e o Mestre Germano?”, questiona David, sentindo-se afetado pelo tema.

“Eu e o Germano estávamos em uma operação paralela... “Ele faz uma pausa.

“Estamos querendo ouvir... você poderia explicar isso melhor?”

Desconfiada, acreditando na possibilidade de uma história mentirosa e manipulada, dadas as circunstâncias, Maya questionaria tudo o que lhe viesse à cabeça e fosse possível, dentro da situação.

“Germano está comigo. Estamos combatendo a Sociedade Vrill que esteve sob o comando dos irmãos Muller. O detetive Ricardo e o meu irmão estão daquele lado... eles são os caras maus, e não eu e o Germano!”

“Ricardo nos disse que foi o responsável pela morte dos Muller”, informa David.

“Sim, foi, mas para poder ficar no lugar deles. Os chefes traficantes, mafiosos da falsa Sociedade Vrill americana, essa dos Muller, queriam uma prova de submissão, uma espécie de iniciação...”

“O Ricardo chegou a mencionar algo assim... em um determinado momento, ele disse que a Sociedade Vrill queria se livrar dos Muller...”, relembra Armando.

“Sim, ele disse isso...”, responde Maya, pensando o mesmo que David quanto a todas essas histórias em paralelo estarem muito mal contadas. Eles

não poderiam acreditar em absolutamente ninguém.

Maya olhava fixamente para Gabriel:

“O interessante é ver o quanto fomos postos de lado nessas histórias paralelas que aconteceram, ao mesmo tempo... e nós, os supostos encarregados de desvendar os mistérios e resolvê-los, fomos sendo feitos de bobos, manipulados...”, diz Maya, irritada.

“De certa forma, é isso mesmo... você e David são peças importantes para a Sociedade Thule e Vril... vocês desvendam os enigmas, encontram os objetos sagrados e os fazem funcionar. Exatamente da forma como precisamos... nos servem muito bem, somos gratos por isso...” Nessa declaração, a dualidade de intenção, revelava uma possível versão alterada.

“Olha, Gabriel, você pode melhorar essas explicações... afinal, de que lado você está?”, questiona Armando.

“Do lado certo.”

“O lado certo depende do ponto de vista, junto a vários elementos”, diz David, com grande firmeza.

“Do lado da Sociedade Vril correta, a original”, revela Gabriel.

“Eu sei que a Sociedades Thule foi dividida em duas, logo no começo, nos anos 20, devido a princípios e intenções diferentes... uma era focada totalmente no bem, na construção de uma nação sábia e abundante, e a outra... bom, nem tanto... mas eu não sabia que isso se aplicou à Sociedade Vril”, revela Maya.

“Exato... a mesma coisa aconteceu com a Sociedade Vril. Enquanto a Alemanha nazista foi jogada em uma guerra que tentou evitar, até o último instante, mas sem nenhum interesse pelo lado inglês, russo e americano por trás quanto a manter os acordos de paz que haviam sido assinados até 1936, uma batalha entre duas facções de magos negros foi iniciada. Uma a favor dos ingleses e outra, a favor dos alemães”, diz Gabriel.

“Os dugpas, magos negros tibetanos que trabalhavam para os ingleses e se infiltraram na Sociedade Vril... o homem da luva verde... era uma armadilha inglesa para Hitler, e ele caiu nela”, revela Maya.

“Exatamente, de um lado... do outro lado, os próprios nazistas não seguiram os conselhos dos magos da Golden Dawn, e o grupo mais focado na luz se retirou, deixando as trevas atuarem... isso tudo aconteceu na história da Sociedade Vril, a porção que focava na magia negra e na guerra”, revela Gabriel.

“A Maria Orsic e as médiuns do Vril, junto àquela maravilhosa equipe de

cientistas, estavam fora de tudo isso”, adiciona David.

“Exato... e eu sempre estive desse lado e contra os irmãos Muller, aqui no Brasil, os quais seguiam os rituais da magia negra, do Lodge Negro do Vril.”

“Então... você quer nos fazer crer que é ... bonzinho?”, questiona Ana.

“Como queira entender, Ana... eu faço parte da Sociedade Vril que tinha o foco na ciência ligado ao esoterismo. Tal e qual vocês”, enfatiza Gabriel.

“E o Mestre Germano está com você?”, pergunta David.

“Sim... ele é o meu líder, como sempre foi...”

47.

“Ok, digamos que eu acreditasse no que você está nos contando, de qualquer forma, ainda temos alguns detalhes a mais para esclarecer... como é que veio parar aqui dentro, se nós tivemos todo esse trabalho para entrar?” Maya desafiava Gabriel, testando-o quanto às suas reais intenções. Para ela, como para os outros, a atitude de desaparecer quando da morte de Gabriela, sem entrar em contato com os colegas da Thule, era bastante incriminadora, o mesmo aplicado ao Mestre Germano.

“Os seres de outra dimensão... aqueles que apareceram na fazenda... eles me ajudaram...”

“Quais? Homens de preto? Os fantasmas que aparecem do nada e congelam o tempo?”

“Sim, Armando... eles não são fantasmas”, diz Gabriel.

“Depende do ponto de vista”, retruca Armando.

“Como você sabe que eles apareceram na fazenda?”, Maya interpela sem deixar tempo para pensar.

“Eles me contaram... eles me contam tudo e ajudam. Estamos do mesmo lado. Ficamos esperando que vocês abrissem a entrada principal. Eles me disseram onde haveria uma abertura espelhada, de menor tamanho, por onde poderíamos passar... quando o Vril é acessado, tudo ocorre em duplicidade, por emparelhamento de elétrons.”

“É, aprendemos isso nas pesquisas que você tinha em seu apartamento...”, diz Ana.

“E... esses caras de preto também te contaram onde ficava o interruptor da luz? Quando a gente entrou estava tudo aceso aqui dentro!” Maya fazia uso do seu famoso humor negro.

“Essas luzes estão acesas desde 1944...”

Os quatro amigos trocam olhares incrédulos.

“What?!”, exclama Maya.

“Os cientistas do Vril fizeram esta instalação no final de 1944. As lâmpadas que vocês estão vendo seguem o projeto de Nikola Tesla, de 1890, com algumas adaptações dos cientistas do Vril. Lâmpadas sem eletrodos que geram luz por indução magnética. Nesta caverna, a energia elétrica funciona

através de supercondutores, a mesma tecnologia que nos teria tirado dos combustíveis fósseis, que os nazistas pretendiam usar em toda Alemanha e posteriormente no mundo. Essa foi uma das razões da guerra contra a Alemanha ter sido forjada.”

“Bom, pela teoria da supercondução, uma vez ativados, nunca mais deixam de funcionar, e aí vem o problema... sim, isso levaria a uma guerra, fomentada pelos donos de bancos e outros patrocinadores de guerras contra os alemães, afinal, quem vai ganhar dinheiro depois de uma única venda?”, concorda David.

“Quanto à construção deste complexo... quer dizer que esses homens de preto podiam entrar e sair desta caverna, quando quisessem?”, questiona Ana.

“Sim, eles não vivem na mesma fisicalidade que nós”, esclarece Gabriel.

“E portanto... foram eles que criaram a rocha que abre a conexão entre as cavernas?”, pergunta Maya.

“Exatamente.”

“De onde vieram esses tais homens de preto, já que é assim que os batizamos?”, questiona Armando.

“Eles são de um planeta que está na órbita de Aldebaran, a estrela Alfa da constelação do Touro... a real origem dos hiperbóreos e da posterior civilização, a atlante... vamos trazer a Era do Ouro e o brilhantismo daquela civilização de volta... é por isso que eu estou aqui. Como cientista, quero conhecer o que eles sabem e trazer para o nosso planeta.”

“De certa forma, foi o que a Sociedade Vril tinha como objetivo durante a era nazista... mas o contato era feito por médiuns... você quer fazer via ‘cientistas’”, diz Maya, gesticulando uma expressão de aspas, ao mencionar o termo cientistas.

“Ai, meu Deus!”, exclama Armando, “Aldebaran novamente... essa estrela nos persegue! Deu para perceber que você pretende dar continuidade ao sonho nazista, mas eu acho que ficaria mais fácil despertar a humanidade do estado de quase zumbi no qual se encontra do que abrir um portal e trazer seres mais evoluídos de lá para cá... não é por nada não”, diz Armando, com ênfase, demonstrando o quanto ele achava que Gabriel estava louco.

“Eles não pertencem mais à nossa realidade paralela. Nós é que temos que evoluir e nos tornarmos iguais a eles... estou certo de que esse era o real sonho nazista, pelo menos da facção bem intencionada”, diz David, olhando o relógio, impaciente.

“Gabriel, esse é um sonho intangível... o que os tais homens de preto

disseram é que, para manter o equilíbrio entre nossos mundos, eles precisam voltar para o deles... o que aconteceu naquele experimento, quando foram trazidos para cá, foi um acidente causado pela torção gerada pelo vórtice de plasma... o que você pretende não faz sentido algum!” Maya se esforçava em diminuir o estado de delírio pelo qual Gabriel flutuava.

“E se isso acontecer, teremos a destruição da Terra... o eixo poderá ser deslocado violentamente... o problema que temos hoje vai além desses delírios de poder obtido pelo conhecimento de uma mais avançada civilização”, completa David.

“Isso não é nenhuma certeza... mas se a vida na Terra sucumbir, por uma catástrofe como essa, poderemos reiniciar, ficando ainda mais fácil estabelecer uma nova civilização, mais evoluída a partir do zero! Uma civilização de deuses!” Gabriel estava hipnotizado pelo seu próprio plano, muito parecido com o antigo sonho nazista e tão perigoso quanto.

“Doidiiinho... isso se sobrar alguém para contar a história e, claro, repovoar a Terra!”, exclama Armando, apontando e girando o indicador na lateral da cabeça.

“Seria melhor a gente amarrar ele logo... se não fossem aqueles guardas com cara de dobermann...” com um olhar de soslaio, Armando se referia, em especial, a cinco guardas que os vigiavam de perto, mantendo a mão direita em estado de alerta, sobre a pistola retrô alemã.

Ainda sem saber o que e como fazer, frente à situação sem aparente saída, David intercede, procurando por uma maneira de testar as reais intenções do ex-colega da Thule Brasil.

“Gabriel, entendo que você queira ganhar a nossa confiança, mas mesmo que oficialmente estivesse no atentado que matou Gabriela, isso não te isenta da chance de ter trabalhado com a mesma organização que foi comandada pelos irmãos Muller... ou ainda seja a que você representa...”

“Não, eu já disse que não.” Segue-se uma pausa.

“Caramba, cara, você fala tudo aos pedaços... parece uma transmissão de mensagem russa em Código Morse! Pontinho-travessão-pontinho... Não dá para entender! Qual é a tua realmente?!”, exclama Armando, em seu estilo direto e grosso.

“Eu já disse: vocês é que não querem entender. Existem dois grupos que se intitulam Sociedade Vrill, sempre houve dois... um para a construção e gerar a independência mundial do petróleo, criando energia de ponto zero, energia livre, entre outras tecnologias avançadas, tal e qual o sonho de Tesla e Maria

Orsic... e outro que atendia aos pedidos para a guerra e dominação.”

“Então, você quer nos fazer crer que, dentro do que se chamou nazismo, existia uma turma do bem, que queria criar um mundo melhor... e a outra...”, Ana esforçava-se para assimilar as novas ideias.

“É isso...”, diz Gabriel, já sem paciência.

“E a pergunta agora é... já que está tudo ligado ao teu pai, a qual desses grupos ele estava associado?, questiona Armando.”

“Ao grupo de cientistas e médiuns que focavam no desenvolvimento científico... tal e qual o meu pai, eu quero ajudar...”

“Eu entendo que a guerra é sempre contada sob a perspectiva daqueles que a venceram, independentemente da verdade dos fatos, e, neste caso, foi a turma do petróleo, da indústria bélica e dos bancos que mandou o texto a ser publicado nos livros.” David pensava alto, olhando para o chão, passando as duas mãos pelos cabelos, lentamente, jogando-os para trás, como lhe era peculiar em momentos como este, quando estava à procura da solução de algum enigma. Ele não sabia se deveria acreditar em Gabriel; entretanto intuía que não.

A impaciência de Gabriel o levava a ficar mais irritado e perigoso:

“Eu já disse e friso: quanto mais nos aproximarmos do limite de tempo para abrir o portal, mais difícil será fazê-lo. Se a noite cair, começaremos a ter problemas. Temos que agir agora mesmo! Vocês têm que confiar em mim!”, diz Gabriel, quase gritando, demonstrando extrema alteração.

Maya e David sabiam que não poderiam confiar em Gabriel, independentemente disso, o sino tinha que ser posto em ação, antes que uma catástrofe de grandes proporções acontecesse. Não havia saída para a situação, a não ser colaborar com o que Gabriel queria que fizessem.

“Ok, mas tenho duas perguntinhas. A primeira é como vamos fazer o sino funcionar, e a segunda é... se ele deveria estar sobre a Lagoa Encantada, pois o portal é lá!”

“Sim, Maya, o portal é lá, mas esta caverna foi feita para aguentar o alto nível de energia que o sino gerará. Ele tem que ser isolado, vai flutuar, cancelar a gravidade na hora que estiver no ponto certo para abrir a conexão entre dois mundos, dissipando uma enorme quantidade de energia... aqui dentro ela será contida e não oferecerá grande perigo para os que estiverem do lado de fora, local para onde teremos que ir, assim que ele for ligado”, responde Gabriel.

“Sem dúvida, pesando mais de uma tonelada, seria impossível removê-lo.

Quem o colocou aqui não tinha essa intenção”, diz David, com total tranquilidade.

Gabriel e os quatro amigos estavam de frente para o sino, começando a analisar por onde deveriam começar.

“Entreguem o produto que foi produzido pela Arca! Sei que vocês estão com ele!”, ordena Gabriel em um tom diferente do amistoso, do qual fez uso, desde que se encontraram.

Maya e David trocam olhares significativos, de fato, surpresos, pelo desconhecimento de Gabriel com respeito aos detalhes, que se seguiram, no dia em que o pó de ouro, o mfkzt, foi produzido, em Cândido Godói, e com quem ficou. Se ele fosse realmente amigo dos homens de preto, ele deveria ter a correta informação. Sem conseguir conter-se frente à inegável conclusão, Armando balbuciava uma pergunta, sendo imediatamente silenciado por Ana, que puxava sua blusa, buscando detê-lo.

“Nós não ficamos com aquele produto... em teoria, ele foi levado pelo pessoal que estava com o Ricardo e ... o Júlio”, responde David, já preparado para uma reação explosiva vinda de Gabriel.

“Como ele não me disse isso?! É impossível! Eu lhe dei uma dose altíssima! Qualquer um teria dito tudo o que sabe! Vocês são inúteis sem o pó!”, gritava Gabriel. “Tragam ele aqui, agora!”

Em alguns segundos, vindo pela entrada espelhada no fundo da galeria, dois seguranças carregavam um homem que caminhava com dificuldade. Ao aproximarem-se, percebem de quem se tratava.

“Júlio!”, grita Ana, correndo até ele para observar suas condições gerais.

“Ele está drogado... está tendo visões, está fora de si...”

“O que deu a ele?”, pergunta David.

“Uma mistura que foi muito famosa no passado e que ainda continua em uso... LSD com derivados de escopolamina e um pouco de pentotal sódico... deveria ter funcionado totalmente!”

“O soro da verdade... turbinado.” Ana analisava as condições das pupilas de Júlio, a seguir toma seu batimento cardíaco, segurando o pulso.

“Ele está bem”, afirma ela, “só meio doidão...”

Com o rosto manchado por várias tonalidades de vermelho, devido à raiva contida, Gabriel avança em direção a Júlio, com o punho da mão direita fechado, exibindo uma enorme vontade de espancá-lo. Ele agarra o irmão pela camisa, chacoalhando-o energeticamente.

“Eu perguntei como fazer para o sino funcionar, e você me disse que só

precisávamos deles para abrir a entrada... mas eles não têm o pó de mfkzt! Onde está o pó de ouro monoatômico?”

“Eu disse que está com os meus amigos... eles são os meus amigos...”, responde Júlio, balançando o corpo e a cabeça de um lado para o outro, em frenesi, olhando para o teto e acenando para algo que via.

“Eles não têm o pó! Onde está o pó?!”

“Com os meus amigos... meu amigo...”, Júlio repete o termo tirando do plural.

Gabriel estava a ponto de espancá-lo.

“Você não pode mentir! Você tomou o soro da verdade! Onde está o pó de ouro monoatômico?!”

48.

“Com o melhor amigo dele!”, grita Ricardo, de longe, entrando no recinto, calmamente, carregando uma caixinha dourada que é entregue a Maya.

“Olá, minha garota predileta, você vai precisar disto. São seus...”

“Os Bastões de Toth...”, pensa Maya, assim que reconhece a caixa, conferindo o que havia dentro. Surpresa, ela penetra seu olhar questionador no de Ricardo, que o recebe tranquilamente, mantendo um sorriso maroto nos olhos.

“Ele, o grandão aí, que é seu marido, está olhando para nós com ares de encrenca... ele é bem maior que eu e, numa briga, eu levaria a pior, daí que, quem sabe, em outra realidade paralela a gente tenha uma chance, tá?!” Maya sorri, achando graça, entretendo-se com o sempre presente jogo dual e humor negro de Ricardo, que, como sempre, especialmente deleitava-se em provocar David. Ela não poderia negar o surgimento de uma empatia em relação a ele.

Gabriel caminha rápido e pesado até Ricardo, demonstrando sua fúria.

“O que faz aqui?”

“Vim ajudar... você acabou de dizer que precisava disto...” Instilando ironia, ele retira de um dos bolsos traseiros da calça um pacote transparente com o pó branco de ouro monoatômico. “E eu trouxe. Só faltou a bandeira de paz, mas como eu não sou de paz, trouxe os meus amigos...”

“Que amigos?”, exclama Gabriel em pânico, dando um passo para trás e mandando os seus guardas ficarem de prontidão.

“Eles...”, Ricardo aponta com a mão fechada, tendo o polegar indicativo em direção a algo atrás dele. “Dasi’wape!”, grita alto, virando-se para Maya. “Isso é atacar... protejam-se!”, diz ele aos quatro amigos. David salta agilmente à procura de Maya, enlaçando-a e jogando-a atrás de um pequeno *container* metálico. Armando e Ana escondem-se atrás de um grosso pilar de metal que sustentava uma das passarelas. Os homens-morcego, famosos moradores míticos do submundo acessado pelas cavernas da Serra do Roncador, ferozmente surgem em quantidade muito superior aos soldados da Sociedade Vrill, atirando com arco e flechas, além de usarem facas feitas de ossos lascados. O visual daqueles seres agachados, pulando como bestas, representava uma ode ao inferno, devido à sua aparência naturalmente

horrorosa, associada às pinturas corporais, junto a colares e pulseiras de ossos pendurados no corpo. Embora seu porte físico fosse pouco considerável, seus reflexos, agilidade e incrível habilidade com as facas e o arco e flecha, tornavam-nos extremamente eficazes. Apavorados, os guardas faziam o que podiam, matando as feras que os atacavam, mas também sendo mortos. Uma batalha é travada entre os seguranças armados com as pistolas alemãs e os ágeis, quase invisíveis e pequenos, homens-morcego, surgindo de todos os lados, lembrando seres das trevas.

Rapidamente analisando suas chances, gritando em alemão, Gabriel profere a ordem de extermínio de todos na caverna, exceto Maya. Ela deveria ser preservada. Devido à fluência na língua, Ricardo e David trocam olhares e palavras, rapidamente:

“Vamos juntos... estamos do mesmo lado. Eu te cubro!”, grita Ricardo para David.

“Ele está do nosso lado?! Como Ricardo pode comandar aquelas coisas?!”, questiona Maya, olhando pela lateral do container e vendo os homens-morcego lutando ferozmente.

“Eu não sei, mas saberemos. Fique aqui!”

Deixando Maya parcialmente segura, atrás do compartimento de aço, David se junta na luta contra os seguranças de Gabriel, derrubando o primeiro que encontra, com golpes certos de caratê. Sem a mesma habilidade e conhecimentos de lutas, Armando agarra uma barra de aço jogada próximo a ele, utilizando-a para se proteger dos que dele se aproximavam, golpeando um primeiro segurança na cabeça e vendo-o cair no chão, com prazer. Distraído pelo momento de vitória, ele estava prestes a ser alvejado por um tiro de pistola, quando é salvo por um dardo que atinge o pescoço do soldado da Sociedade Vril. Surpreso pelo dardo enfiado em seu pescoço e sentindo efeitos estranhos, o soldado o arranca, cambaleia e cai ao chão, exibindo um estranho enrijecimento corporal, praticamente em segundos.

Esgueirando-se, Ana se junta a Maya.

“O que é isso? Você matou aquele homem? Virou atiradora de dardos em zarabatanas?! ”

“É só paralisante... O que combinamos? ... Turbocurarina, precisamente alcurônio! Peguei no laboratório da Unicamp! Tome, atire com este!” Ana saca de uma sacolinha plástica um segundo tubo metálico, ao redor do qual cabiam dois dardos por vez, contendo 2mL de uma substância, contida em pequenas ampolas cilíndricas providas de agulhas. Essa era uma variante da

droga usada pelos índios da Amazônia para caçar animais.

“É só apertar este gatilho... tem um mecanismo que faz disparar o tubinho com tudo... invenção de um cara maluco do nosso ex-laboratório!”, exclama ela, excitada.

“Você que é a maluca... e genial!”, diz Maya, enquanto preparava o tubo para o disparo.

“Maya!”, grita Ana, apontando para a parte superior do *container*, de onde dois homens-morcego as observavam, com suas flechas a ponto de disparo. Sem terem tido tempo para recarregar a zarabatana tecnológica, elas estavam à mercê daquelas flechas.

“E ‘wa hã?”, o da direita pergunta “quem eram”.

“Îpe”, o da esquerda responde que eram pessoas boas, pulando do topo do *container* e desaparecendo em seguida, no meio do tumulto.

“Como é que...”, Ana tremia e gaguejava.

“Deixa prá lá... vamos montar isso e rápido!”, comanda Maya, destemida.

Em meio à batalha desferida entre os homens-morcego e os seguranças, dentro e fora da caverna, Gabriel foge, mas ao sair da caverna, cai em uma pequena lagoa, por olhar para trás enquanto corria. David vê a tentativa de fuga, correndo na intenção de apanhá-lo. Enquanto o cenário era de caos, já contando com vários mortos e feridos dos dois lados, Júlio permanece agarrado ao guarda-corpo de uma escada, mais preocupado com as imagens que via, devido aos delírios, do que com a luta em si.

Na saída da caverna, David é atacado por um soldado que estava sem munição, apelando para luta corporal. Após vários golpes, no momento em que vencia o seu opositor, Ricardo percebe que David estava prestes a ser alvejado por um segundo soldado. Ouvem-se dois tiros, disparados ao mesmo tempo, um atinge a parede ao lado de David, e o segundo derruba o soldado. Ricardo atingiu o atirador em uma fração de segundos, antes de seu próprio disparo, impedindo a precisão da bala. Sem sentir remorsos, Ricardo acena com um sinal de mão, especial para David. Surpreso, mas feliz por ter sido salvo, David retorna o mesmo gesto, em agradecimento, seguindo à procura de Gabriel. Ao deixar a caverna, depara-se com uma estranha cena: dois homens-morcego disparam suas flechas contra Gabriel, ferindo-o de raspão no braço e perna, facilitando que David o agarrasse, torcendo seu braço e empurrando-o de volta para a entrada da caverna. Os homens-morcego dizem alguma coisa a David, sem que este conseguisse entender, mas intui que era

positivo.

“Vai confiar no Ricardo?! Ele é que está do lado errado! É ele o perigo e não eu!”

“Sabe de uma coisa?”, diz David, torcendo o braço de Gabriel em suas costas, fazendo-o andar em direção à caverna, onde tudo parecia estar se acalmando... “ele não mandou me matar... Caminhe!”

Conduzindo Gabriel até à entrada da caverna, ouve-se um novo disparo, cuja origem e alvo não se sabia. Um dos seguranças que estava do lado de fora, caminha em direção a David e Gabriel, mostrando desespero e enrijecimento corporal, caindo de bruços no chão, deixando à vista o dardo que o alvejou.

“Caramba, eu mirei no pescoço e acertei o braço. Estou vendo que sou ruim de pontaria. Ainda bem que a agulha é forte!”, exclama Maya.

“Que coisa é essa?”, pergunta David, ainda contorcendo o braço de Gabriel.

“Isso se chama reinvenção de armas antigas e tem tudo a ver com a região amazônica! Uma perfeita sintonia...Agradeça à maluca da Ana!”

Tirando da pequena mochila que carregava em suas costas, Maya estende um pedaço de corda para David amarrar Gabriel.

“Não tente nada que eu ponho você para dormir e vai ficar durinho... deve ser bem desconfortável... dá uma falta de ar danada”, ameaça Maya com a zarabatana tecnológica, enquanto David amarrava Gabriel.

Ao retornarem para o interior da caverna, eles são surpreendidos por uma perfeita ordem no local. Não havia mais guardas ou feridos pela área, tampouco materiais jogados pelo chão. Tudo o que restava à vista, eram muitas poças de sangue.

“O que aconteceu aqui? Cadê aquele monte de guardas e homens-morcego feridos?”, questiona Maya.

“Pois é... surgiram mais daqueles tais caras morcegos do além e carregaram tudo e todos... eu arriscaria dizer que vão fazer um ensopado esta noite”, declara Armando.

“Onde está Ricardo? ... Ele salvou a minha vida”, pergunta e informa David.

Utilizando um equipamento para medir campo magnético, Ricardo estava no fundo da caverna. Gesticulando, ele chama os dois casais, demonstrando emergência, após constatar a leitura no aparelho.

“Não temos mais tempo. A estrutura das rochas está começando a ser

alterada... temos que fazer isso agora...”

“O sino... liguem o sino...”, diz Júlio, sentado no chão, declarando que o estado de êxtase diminuía, começando a voltar ao normal. Ana se agacha, oferecendo-lhe água e avaliando o seu estado geral, pupilas e batimentos cardíacos.

“Ele está bem... vai aguentar...”

Sabendo que era a melhor coisa a ser feita, David e Maya se unem a Ricardo.

“Mas... quem é você afinal?”, questiona Maya.

“Temos muito mais em comum do que vocês possam imaginar... uma hora dessas, eu explicarei. Agora, precisamos entrar em ação.”

“Mais ação do que já tivemos?! Que beleza!” Maya parecia brincar em meio a uma grande emergência; essa era claramente a sua forma de demonstrar o quanto estava tensa e preocupada.

“Vamos pela ordem, precisaremos disso e do que eu te dei, Maya...”

Ricardo tira o pacote de mfkzt de seu bolso, entregando-o a Armando, que arregala os olhos, sem ação, pois não sabia o que fazer com o precioso pó. Os cinco estavam de frente para o dispositivo, tentando imaginar como aquele enorme aparelho funcionaria.

“Alguém tem uma ideia de como abrir uma portinha, ou sei lá o que, e colocar, sei lá onde, esse pozinho?!”, questiona Armando.

“Acredito que eu tenha que responder essa pergunta, certo Ricardo?” Maya sabia que essa questão lhe pertencia e que ela deveria usar os Bastões de Toth para conseguir a resposta.

49.

MINA DE WENCEZLAUS – INSTALAÇÃO DER RIESE
(O GIGANTE) – POLÔNIA.
11 DE MAIO DE 1944, 7H.

Quatro andares abaixo da terra, em uma sala totalmente blindada por paredes de aço e vidros especiais que permitiam ver o que se passava durante o procedimento, dois jovens cientistas com aventais brancos e de um mesmo nível hierárquico se preparam para uma sequência de testes.

“Por que chegou aqui tão cedo? O que você pretende fazer?”

“Alguns testes. Her Kammler me mandou adicionar o pó no sistema da bobina de disco liso, entre as placas... é o que eu vou fazer.”

“É o ouro monoatômico?”

“Sim.”

“Mas... isso poderá gerar uma energia sem proporção de mensuração e controle... podemos pôr tudo a perder...”

“Eu sei... por isso mesmo é que tenho ordens de fazer este pequeno teste. Antes que ocorra o oficial, dentro de duas horas.”

“Mas... só estamos nós dois aqui... precisamos de outros da equipe para os cálculos.”

“Já tenho tudo o que precisamos. Ninguém pode ver o que colocarei entre as placas das bobinas. É um segredo. Se a Alemanha perder a guerra, isto terá que ficar entre nós dois, você está entendendo?!”

“Sim, eu entendo e darei a minha vida por esse segredo.”

“Ok, coloque dez gramas do pó em cada bobina, ligue e não ultrapasse 120 segundos de exposição. Quando fizermos o teste completo é quando teremos condição de prever alguma falha.”

“Wagner, esse projeto está ficando muito perigoso. Você viu a nova equipe de cientistas que chegou? Eles querem usar o sino para a guerra. Acreditam que ele poderá gerar uma espécie de capa de invisibilidade, distorcendo a matéria, tornando nossos navios invisíveis aos radares.”

Wagner Goldschmidt e seu colega de projeto, conversavam com voz mansa e pausada, tomando cuidado para não serem ouvidos. Trabalhando com movimentos tranquilos, compartilhavam uma grande tensão,

prevenindo-se de qualquer erro.

“A radiação gerada poder matar milhares de pessoas, de uma só vez”, declara o colega, revelando senso de responsabilidade com os possíveis afetados.

“É uma teoria possível. Com o desespero frente a uma iminente perda da guerra, podem querer usar este projeto como arma nuclear, matando a vida orgânica que estiver por perto... dizem que os americanos estão preparando a bomba atômica e irão usá-la, de qualquer forma”, diz Wagner

“Mas por que nos mandaram fazer um teste de invisibilidade com um navio? Não podemos usar esta tecnologia na presença de humanos... nós já testamos com ratos. Você viu os resultados?”

“Eu não vi, mas me contaram. O sangue dos animais e até as células foram cristalizadas... a matéria sólida virou cristal, e a matéria líquida foi separada, como por coacervação.”

“Uma morte lenta e horrível... estamos criando um monstro. A teoria de campo unificado pode estar certa, mas é falha ainda. Não podemos controlar essa fusão da teoria geral da relatividade e do eletromagnetismo... não sabemos como...”

“Acalme-se! O teste deverá ser feito apenas com um navio, sem tripulação... seria loucura testar com a tripulação... eu não concordo...”

“Estou certo de que será feito sem pessoas a bordo.”

“Pronto... coloquei as quantidades certas para o teste.”

“Feche o compartimento e ligue assim que chegarmos à área de isolamento.”

50.

2013 – SERRA DO RONCADOR – CAMPINÁPOLIS
CAVERNA PRÓXIMA À LAGOA ENCANTADA.

“Projeto Filadélfia!!!”, grita ela, perdendo o equilíbrio.

“Maya!!!”, clama David, abraçando-a.

“O que aconteceu?”, pergunta, apoiada por David, impedindo-a de cair no chão.

“Você simplesmente segurou as barras de Toth, por alguns segundos, e entrou em estado expandido de consciência... ficou fora de si e soltou as barras... elas caíram no chão... isso durou uns quatro a cinco segundos.” David esclarece o ocorrido, observando o estado geral da esposa, como sempre, demonstrando a sua preocupação com os riscos que ela corria.

“Descreva o que viu.”

De frente para o casal, com uma fisionomia extremamente séria, Ricardo desferia um olhar penetrante sobre Maya, ao mesmo tempo que, transparecia saber, em parte, o que sucedera.

“Agora eu sei de onde saiu a ideia do projeto Filadélfia... este projeto vazou bem antes do que se pensa e foi posto em prática, com total irresponsabilidade, pelos americanos!”

“O quê?!”, pergunta Ricardo, sem esperar por aquela frase, pego de surpresa.

“Eles copiaram... o projeto onde os americanos tentaram criar uma capa de invisibilidade para o destróier USS Eldridge, em outubro de 1943, talvez começo de 1944... eles estavam competindo pela mesma tecnologia. Quando os alemães fizeram diversos testes com o sino, descobriram que este gerava um campo de invisibilidade, daí que fizeram testes com estruturas de navios, mas sem pessoas dentro, usaram cobaias. Já pela ganância da informação roubada, via espionagem, os americanos testaram no USS Eldridge... com toda tripulação presente... todos morreram ou desapareceram.” Maya divagava, olhando para o seu canto esquerdo superior, permanecendo entre duas realidades paralelas, com grande dificuldade de estar no aqui e agora.

“Maya, isso não interessa agora. Relate o que viu sobre os homens de

preto!” Preocupado com o tempo, Ricardo pressionava-a a focar no tema principal.

“Onde está Júlio?”, pergunta ela, cambaleante.

Sentado no chão, Júlio ergue a mão direita, fazendo esforço para levantar-se, auxiliado por Ana, que dele cuidava.

“Aqui, eu já estou melhor. Ana me deu alguma coisa que interrompeu as visões.” Ana sorri, com cara de esperta, erguendo as sobrancelhas.

“Eu gostaria de saber o que você colocou nessa sua mochila das costas... é a *batbolsa*?!”, pergunta Armando, fazendo graça com as habilidades e conhecimento de Ana.

“Na verdade, é mais parecida com a bolsa da Hermione. Tem um completo kit mágico de emergência”, responde ela, piscando para o marido.

Quase recuperado e livre das visões, Júlio se aproxima dos três, enquanto Armando e Ana vigiavam Gabriel. Amarrado, sentado no chão, quieto e observador, ele se comportava de uma maneira resignada em excesso.

“Eu vi o seu pai... incrível como vocês são a cara dele... Wagner...”

Gabriel levanta o rosto, muito interessado.

“Sim, sim, é o nome dele... Wagner...”, afirma Júlio.

“Eu sei o que fazer, ele me mostrou... eu fui até lá, na instalação de Wencezlaus... ai... eu estou tonta... preciso de energia.” Maya sentia fortes tonturas. Toda vez que sua consciência era projetada para uma nova realidade, sob o auxílio dos Bastões de Toth, havia a perda imediata de glicose, necessitando da ingestão de algum líquido que repusesse o açúcar.

“Tenho um saquinho de energético líquido aqui, à base de carboidratos... vai te ajudar.” Ana abre a embalagem entregando-a a amiga.

Alguns minutos depois, já restabelecida e pronta para dar os comandos necessários, ela coloca em prática uma sequência de ações.

“Ricardo, tenha em mãos o mfkzt. Armando, abra aquela portinha da lateral do sino. Precisamos acessar o sistema de bobinas interno.”

Demonstrando habilidade com equipamentos de todos os tipos, Armando chega a parte interna do sino e, conforme as instruções dadas por Maya, deposita dez gramas do pó entre as placas da bobina inferior e a mesma quantidade na bobina superior.

“Nossa... isso daqui é pra lá de simples... e mesmo assim, faz todo esse estrago?! ”

“Segundo os cientistas que vi... foi no teste feito às nove horas da manhã que o desastre aconteceu. A energia se expande, exponencialmente, com o

aumento do vórtice eletromagnético gerado. Mesmo tendo feito um teste de menor proporção sem enfrentar problemas, na hora que aumentaram a dose do pó e do tempo de exposição, a matriz de espaço-tempo e o campo gravitacional foram brutalmente alterados. O mundo dos homens de preto foi atraído para o nosso... ele ainda está preso a nós e se não sair, a deformação que gerará na matriz espacial, fará a Terra pender em mais de 30 graus.”

“Isso será o fim da vida na Terra!”, exclama Ana, assustada.

“Não, não será... a gente vai mandar eles de volta, agora!” Com seu incrível entusiasmo e grande força interna, Maya era guiada por um saber completamente intuitivo.

Após alguns minutos dentro do aparelho, Armando fecha o compartimento de acesso às bobinas e, com a ajuda de David, selam a entrada do sino, utilizando travas externas.

“E agora? Onde a gente aperta o botão de liga?”, pergunta Armando, procurando por alguma coisa que pudesse levar energia inicial ao mecanismo composto por bobinas, múltiplas engrenagens e giroscópios internos.

Sem precisar se esforçar para lembrar, Maya visualizava a perfeita imagem do procedimento realizado pelos cientistas de Wenceslaus.

“Agora eu entendo o Nikola Tesla...”, pensava ela, pois em suas memórias. Ele deixou o relato sobre uma incrível capacidade de ver os projetos em sua mente, claros como estivessem projetados em papéis.

“Atrás das bobinas, existem cabos. Ligue-os a um conector de rosca. Assim que estiverem conectados, ele começará a funcionar, sem apertar um botão de início de processo. Se tem luz aqui dentro, temos energia suficiente para a partida do sistema... quando o processo começar, teremos cinco minutos para sair, antes que a radiação se torne perigosa. Por esse motivo, foi instalado no isolamento da caverna.”

“Consegui, cara! Consegui!!!”, grita Armando para os que estavam na frente do aparelho.

Apressados, reúnem seus pertences, enquanto Ricardo solta a corda que prendia as pernas de Gabriel, deixando apenas os braços amarrados nas costas. Sem nenhuma elegância, ele o empurra em direção à saída, alarmado com a radiação crescente.

“Você bem sabe que está cometendo um grande erro... traidor...”, diz Gabriel, em alemão e em tom de fúria; entretanto, sem gritar. Inevitavelmente, ao lado deles, David escuta, compreendendo as palavras e considerando este um possível elo para todos os mistérios revelados nos

últimos dias. Ele disfarça, fazendo de conta não considerar a frase relevante.

Em um minuto, uma incrível geração de plasma luminoso, em tom arroxeado, acompanhado de índices ainda baixos de radiação gama, é criada em volta da fuselagem, coberta por placas isolantes térmicas de cerâmica preta, enquanto o zumbido de abelhas, produzido pelas roldanas movimentando os giroscópios internos aumentava de intensidade. Armando e Ana, seguidos por Júlio, Ricardo e Gabriel, já estavam do lado de fora da caverna em relativa segurança.

“Cadê os dois?”, grita Armando.

“Não sei, eles estavam atrás da gente!”, responde Ana, ainda mais nervosa.

“Vou buscá-los...”, diz ela.

“Não... deixe-os. Eles virão”, diz Ricardo, despreocupado.

Parados na entrada da segunda galeria, Maya e David observavam, hipnotizados, o movimento do sino em direção ao teto. Preso a correntes, ele começava a levitar, intensificando o cancelamento da gravidade, concomitante ao sincronismo de giros entre o sistema de giroscópios internos e a rotação em sentido contrário, realizada pelos tambores estruturais da cobertura externa. Pelas grades abertas no sistema inferior de saias, viradas para cima, uma intensa luz roxa-avermelhada jorrava, transformando o ambiente em algo indescritível, pura magia. Uma esfera de campo eletromagnético se conformava e expandia.

“David, temos que ir...” Puxando-o com energia, ela o convence a saírem do ambiente, à procura de uma área menos provável de receber o impacto da desconhecida radiação.

Antes de se virarem em direção à saída, uma mudança na esfera de luz eletromagnética os reteve. A suástica, ou cruz ariana, cravada no corpo central do sino, ilumina-se, juntamente com os símbolos gravados na saia inferior. Estranhamente, mesmo com o movimento constante, já em alta velocidade, os símbolos eram claramente notados.

“São... runas... antes não dava para notar”, diz Maya.

Uma outra vibração na esfera eletromagnética que engolfava o sino gera uma nova imagem tridimensional. Uma belíssima mandala rúnica foi formada, aglutinando cada uma das runas em separado, construindo uma estrutura de luz multicolorida, densa e poderosa. A partir desse momento, era David que puxava Maya em direção à saída. De mãos dadas, eles correm com grande velocidade, alcançando os que os esperavam do lado de fora.

51.

“O que vocês estavam fazendo lá dentro?!”, Ana imprime um tom de desaprovação em sua voz, fruto da preocupação com aqueles que lhe eram caros. Compreendendo o problema, Maya balança a cabeça positivamente e, em seguida, devolve a questão, referindo-se a Ricardo.

“O que ele está fazendo dentro da lagoa?”, enfatiza ela, ao ver Ricardo a poucos passos de onde estavam, com água até os joelhos, imergindo as mãos em concha.

Somente nesse momento é que eles se dão conta da alteração da coloração do ambiente. Engolfados por uma bolha de plasma roxo-azulado-avermelhado, estendendo-se por aproximadamente 88m², a alteração que estava em processo, ia além das cores e da estática produzida pela corrente elétrica desenvolvida. Nitidamente, uma tempestade eletromagnética estava em curso. A estrutura atômica da água da Lagoa Encantada foi alterada. Notando e estranhando a transformação, Ricardo joga o líquido em sua camisa, comprovando que ele escorria, mas não molhava. A surpresa fica estampada em seu rosto. A cor do estranho líquido assume a mesma do ambiente, trocando do belo verde turmalina para o mesclado roxo-azulado-avermelhado, similar a uma mistura malfeita em aquarela. Ele sai da lagoa e se dirige diretamente a Maya.

“Eu desisto... a bruxa aqui é você. Eu queria uns minutos de fama, mas não deu certo... Eu recebi esta pedra dos tais homens de preto. Eles disseram que a cimática o ativaria na água... a água só poderia ser a da lagoa, mas a tal cimática é o que deve estar faltando.”

“Vamos ter que tocar aquelas guitarras de pedra, novamente?”, pergunta Armando, sem conseguir ser notado.

Ricardo mostra uma pedra parecida a um seixo branco, lisa, sem desenhos ou aparência de algo especial. Ao vê-la, Maya e David têm a mesma reação, repetindo a identificação:

“Runa!”

O grupo não reage, esperando por mais dados, pois como geralmente acontecia que o que diziam era plenamente entendido somente entre eles. David recolhe a pedra em suas mãos.

“Runa?!”, questiona Ricardo, com olhos arregalados.

“Ricardo, para um pretenso sabichão, como você, deveria saber que esta é a 25ª runa.”

Surpresa pela devolutiva de David a Ricardo, a frase lembrava uma atitude de vingança, justificada pelas vezes que ele debochou de David. Maya nunca havia presenciado uma atitude assim vinda dele. Isto demonstrava que, embora David sempre tivesse calado a todas os desconfortos causados por Ricardo, no fundo, ele aguardava um momento para responder à altura. A antipatia entre os dois não era dissimulada por nenhuma das partes, e, no centro dela, estava Maya.

“A runa do destino, a teia que interliga a vida em diversas dimensões... é uma teia quântica, randômica... destino...”, diz Maya.

Armando e Ana estavam completamente perdidos, enquanto os olhos de Ricardo se iluminaram, agora intuindo o que deveria ser feito.

“Eu não entendo nada de runas”, diz Ana, diretamente a Armando, que gesticulava não saber o que eles queriam dizer.

“Ôh, pessoal! Eu sei que vocês falam uma língua distante, que só vocês dois mesmos entendem, e pelo visto agora são três... mas dá para traduzir e bem rápido, pois a tempestade está piorando!?”

Raios e trovões percorriam o céu, acompanhados por estranhos ventos que se limitavam ao perímetro da enorme bolha de luz. David entrega a runa a Maya.

“Tome cuidado!”

“Eu sei”, diz ela, direcionando-se à lagoa, entrando na beirada, parando quando a substância na qual a água havia se transformado cobria o cano da bota esportiva que trajava, na altura dos tornozelos.

Receoso, David olha para cima, preocupado com a possibilidade de algum raio os atingir, principalmente a Maya, que estava na lagoa.

“Rápido!”, diz ele, preocupado.

Concentrando-se e executando exercícios de respiração, ela visava liberar a energia estática que estivesse à sua volta. Em seguida, agacha-se, mergulhando a runa na água e repetindo o som que ativaria sua chave quântica.

“Wyrð, wurd, urdr... wyrð, wurd, urdr... wyrð, wurd, urdr!”

A palavra destino foi pronunciada no inglês arcaico, antigo anglo-saxão e nórdico, em nome das três deusas Nornes, responsáveis pela fabricação da teia do destino, que liga passado, presente e futuro na mitologia nórdica, a

mesma que foi inspirada pelo povo que, em um passado muito distante, habitou a Terra, os nossos antecessores genéticos, os seres de Aldebaran.

Ao terminar a última palavra-chave, *urdr*, a runa reage, alterando sua cor branca para um mimético das colorações vistas na água e no céu, dentro da esfera. A runa vibra, emitindo sons que não se podiam ouvir, dada a alta frequência, e alguns de baixa frequência, os quais o ouvido humano conseguia identificar com muito incômodo.

“Vocês ainda procuram pelo Anel de Salomão?”, pergunta Ricardo, ironizando ao lado de David.

“Não entendi”, responde David, querendo prestar atenção no que aconteceria entre a runa e Maya.

“É a mesma coisa... uma mesma tecnologia em comum passada para todos os principais povos da Terra.”

Embora quisesse saber mais sobre o que Ricardo tinha a dizer, David não lhe dá atenção, observando o que acontecia à sua frente e ao redor.

Maya sai da água, ainda mantendo a pedra em sua mão.

“Deve ser atirada na lagoa... quanto mais longe, melhor...”, diz ela, passando a incumbência a David, devido ao seu porte atlético e força física. Com o maior esforço possível, ele a lança em direção ao centro da lagoa, mas ela não cai na água, ou naquilo que esta havia se transformado. A runa fica suspensa no ar, a três metros do líquido e próxima ao centro da Lagoa Encantada. Um jogo de luzes sai da pequena runa, com uma potência indescritível, devido ao seu tamanho. Raios de luzes imitavam um sol multicolorido, abrindo um tríptico portal, tendo um maior ao centro e dois menores equidistantes, um pouco abaixo do central. Os três portais descem ao nível do líquido da lagoa, cristalizando-o.

“Vocês fizeram um ótimo trabalho.”

“Achamos que levariam mais tempo.”

“Ou que não conseguiriam.”

Três dos homens de preto apareceram de surpresa, ao lado do grupo que observava as transformações.

“Eu pensei que vocês fossem apenas dois”, diz David.

“Na sua realidade, sempre fomos três, mas na nossa, somos apenas um. Precisamos dividir-nos, como um raio de luz quando passa por um prisma. No seu mundo, tudo é separado, mas interligado, como sabiamente entenderam o *wyrd*, embora não se recordem exatamente de como”, diz um dos três, olhando curioso para Maya.

Armando intervém na conversa, de maneira brusca:

“Legal, bonito, sincero... mas, dá pra vocês irem logo pegando o seu caminho, antes que o eixo da Terra desmonte? E, se der, levem os caras de morcego com vocês... eles são da tua região, certo?” Armando olhava o relógio com aflição, preocupado com o momento do pôr-do-sol, o limite de tempo para os dois mundos serem separados.

Novamente, ninguém lhe dava ouvidos.

“De onde vocês são?”, pergunta Maya

“De um planeta na órbita de Aldebaran, somos o seu passado, o seu presente e o seu futuro”, diz um deles.

“Como assim?”, pergunta Maya.

“Sua espécie está começando a se recordar... não vamos atrapalhar a diversão”, diz um deles.

“Esse humor negro é igualzinho ao do Ricardo. Vocês são parentes?”

“Sim”, diz um deles, deixando Armando surpreso, pois não esperava pela resposta.

“Somos todos parentes... somos o seu passado. Fomos chamados de hiperbóreos”, diz outro dos homens de preto.

“Aqueles caras morcego também são hiperbóreos?” Armando estava confuso.

“Não, exatamente. São híbridos, tal e qual vocês. Eles são uma espécie fraterna. Embora pareçam rudes ao seu ver, são muito avançados. Eles também foram aprisionados aqui pela experiência com o sino, assim como nós.”

“Vocês vão levá-los de volta?” Armando deixava clara a intenção de livrar-se dos homens-morcego.

“Por que está insistindo nisso? Eles nos salvaram!”, diz Ana a Armando, cochichando.

“Eles causam arrepios”, responde à esposa, também falando baixinho.

“Eles vão ficar. A densidade física deles e a nossa são muito diferentes. Eles podem ficar e assim decidiram. Já estão adaptados e se juntaram a alguns de seus índios, gerando uma nova raça. Continuarão habitando as cidades subterrâneas.”

Maya e David queriam perguntar mais coisas, quando foram interrompidos. Os três seres conversavam entre eles, através de mensagens telepáticas. Virando-se para o casal, eles dizem suas últimas frases:

“Temos que ir”, diz um deles.

“Agradecemos a ajuda para manter o equilíbrio entre os dois mundos”, diz outro.

“Preparem-se, vocês se surpreenderão... nosso mundo estará visível, devido à paralaxe.”

“É o efeito dos portais. Uma densidade de realidade encontrará a outra, por alguns segundos, em um lapso de tempo-espaco, ao qual ficaremos ligados”, diz um dos homens de preto.

Sem esperar por mais nada, os três se direcionam à lagoa cristalizada, e cada qual entra por um dos portais, gerando, ao centro, a fusão de suas imagens, transmutando-a para a de um único humanoide, de cabelos louros e roupa clara, em seguida, desaparecendo.

“É o que acontece com as cores em um prisma... a luz branca é a fonte geradora das frações coloridas que saem do prisma... incrível... o alfa e o ômega...”, diz Maya, sem perceber exatamente.

Imediatamente, o tríptico portal funde-se, transformando-se em apenas um, que ascende vários metros sobre a lagoa, projetando, por sua base inferior, imagens holográficas de um mundo extremamente avançado. Os que prestavam atenção nesse jogo de luzes e formas são inseridos em uma nova realidade virtual, menos densa, mais cristalina, lembrando as construções que se ergueram das águas da Baía de Mood Gardens, no Texas, no ano passado. No céu, passando por cima de suas cabeças, veículos que lembravam cestas suspensas pelo cancelamento da gravidade, sem rodas ou asas, carregavam de 4 a 12 pessoas, acomodadas sentadas. Linhas de luzes coloridas controlavam seu trânsito, que as levava de um edifício a outro.

“Nossa! Que maravilha!”, exclama Ana, agarrada ao braço de Armando, que não se movia do local.

Mais intrépidos, Maya e David dão alguns passos à frente, pisando sobre as águas cristalizadas da lagoa, notando um padrão luminoso geométrico espiralado, incrustado no piso. Ao erguerem suas cabeças, a visão que tiveram era de tirar o fôlego.

“Passamos do nosso mundo para o deles!”, exclama David, revelando surpresa e excitação.

“Era isso que o Gabriel queria fazer. Ele queria viver aqui, por tempo suficiente para adquirir esse conhecimento e depois voltar.”

Ao dizer isso, Maya e David sentem uma presença inesperada, ao seu lado.

“Vocês podem viver aqui, se quiserem. O tempo não corre da mesma forma como no seu mundo. O outro humano que queria vir para cá desejava

obter a tecnologia para controle do tempo, mas ele não sobreviveria a essas frequências... o corpo dele não está preparado para uma nova programação quântica... por outro lado, vocês aguentariam... no começo, teriam alguma dificuldade de adaptação, apenas isso. Seus corpos são diferentes da grande maioria das pessoas de seu mundo... como sabem...”

Agora, posicionado de frente, estava um dos representantes deste mundo, alguém com um rosto desconhecido, falando como um dos três com quem tiveram rápido contato.

“Sim, somos nós... agora na forma de apenas um.” Ao dizer isso, os trajes escuros são mudados para cores claras, sem um tom definido, parecendo alterar-se constantemente. O rosto do ser também se transformava de um novo e desconhecido para cada um dos três que conheceram e assim se mantinha, variando de forma e cor.

“Como é que...”, balbucia Maya, ao ver a transformação ocorrer, a cada instante.

“Você está vendo o que pode ver, devido à sua mente terrena. Você vê parcialidade na multiplicidade. Em dimensões menos densas, a fusão das formas é realizada até que elas não mais existam. Nós não nos vemos como vocês nos veem. Isso é fruto da capacidade que tem a sua mente de filtrar essas holografias mais complexas, fracionando-as... mas agora, aviso que vocês vão ser projetados de volta... eu sei que não querem ficar.”

Empurrados por um golpe de energia plasmática, eles são lançados de volta, ao lado de Júlio, Ana e Armando, não mais enxergando o outro mundo. A esfera de luz se desfez, juntamente com as cores geradas, voltando a paisagem e a água da lagoa ao normal.

“Gente! Vocês sumiram por alguns segundos! Eu estava tendo um ataque de nervos achando que não voltariam mais!”, diz Ana, enfaticamente.

Sem ter tido chance de responder à amiga, Maya e David notam a pequena runa branca aparecer na margem da lagoa. Abaixando-se, David a pega em sua mão direita. Ao erguer-se, olhando adiante ele nota que faltavam duas pessoas.

“Onde estão Gabriel e Ricardo?”

“Mas que burrice a minha! Fiquei assistindo o show e não prestei atenção!”, exclama Armando inconformado.

“Eu não acredito! Ele nos enganou! Ricardo nos enganou! Deve ter levado o Gabriel quando a coisa toda estava acontecendo!”, exclama Júlio, atordoado. “Mas por quê?!”

Sem demonstrar qualquer expressão corporal ou facial, David abaixa a cabeça, sem nada dizer, olhando a runa em sua mão, sendo observado de perto, com ar investigativo, por Maya.

“Eu diria que tem muita coisa que ficaremos sem saber... pra variar... por enquanto”, declara Maya, deixando Júlio, Armando e Ana sem nada entender, até que um forte som de motores chegou aos seus ouvidos, vindo do alto do morro. Aceleradamente, eles sobem o morro, com um só fôlego, derrapando e continuando, até que, chegando ao topo, visualizam um helicóptero iniciando a decolagem.

“Germano!”, diz Armando desconsolado, ao notar, em uma das janelas, Mestre Germano, olhando-os friamente. Ao seu lado, Ricardo, ironicamente, acenava um adeus. O helicóptero desaparece em poucos segundos.

“Estou me sentindo uma anta! Igualzinha aquelas ali”, aponta Armando, para uma família com seus filhotes, a vários metros, próximo à entrada de um matagal.

Maya envia a David um olhar severo.

52.

3H DA MADRUGADA. EM UM QUARTO
DO HOTEL DE ARAGARÇAS, GOIÁS.

“A pirâmide... o topo dela se separou... tem luz saindo... luz intensa... não consigo abrir os meus olhos... o olho... o olho está se abrindo... Germano... Ricardo... ele está com eles... David!...”, gritava Maya, até que ele a desperta.

Acendendo a luz do criado-mudo, David a abraçava, esperando pelo total despertar daquela visão que se apresentou, como em um pesadelo. Ele a confortava, sem nada dizer, apenas sabendo que seu segredo não mais poderia ser mantido. Rapidamente recomposta, ela ajeita a camisola, colocando graciosamente as alças na posição certa, enquanto cruzava as pernas e ganhava tempo, nitidamente transparecendo, que estava contando mentalmente de 1 a 20, procurando controlar-se.

“Agora eu entendi... eu sei... eu vi... era por causa disso que você não me contava as coisas... por isso todo aquele eterno segredo desde que nos conhecemos... por isso continuou defendendo o Germano, mesmo quando tudo apontava contra ele” diz ela, em voz baixa, olhando-o nos olhos. Sem poder sustentar a força de seu olhar, ele se afasta, sentando-se na beirada da cama.

“Temos um juramento... eu não posso revelar muitos detalhes... existe um propósito que vai além do entendimento de qualquer um, até mesmo do teu”, confessa David, parecendo extremamente incomodado e constrangido.

“Júlio, Gabriel e Ricardo estudaram juntos, eram amigos de infância... mas Júlio nunca soube o que Gabriel realmente estava fazendo. Gabriel e Ricardo entraram nas mesmas ordens secretas onde conheceram Germano... ele os treinou e os levou a fazer as coisas que precisavam ser feitas... eu também não sabia que o Ricardo fazia parte disso... até que ele me enviou um sinal de mão, na caverna... os seguidores não se conhecem, nem todos se conhecem... eu não sabia que Gabriel era de lá, muito menos Ricardo, que eu nunca havia visto... mas agora tudo ficou mais evidente.” David passa as mãos pelos cabelos, jogando-os para trás, dando um grande suspiro. Mesmo vestindo um pijama leve, de algodão, off-white, trajando short curto e camiseta regata, ele

começava a suar, sabendo da dificuldade e proibição quanto a maiores explicações.

“Dentro da organização, nós não sabemos o que outros membros estão fazendo. Nós só sabemos o que teremos que fazer.”

Maya chacoalhava a cabeça, querendo entender o que ele mal revelava.

“Espera, espera um pouquinho aqui... você está me dizendo que o Germano faz parte deles e que, tanto você como o Gabriel, acabaram entrando na Thule Brasil apenas para disfarçar?”

“Não, a Thule também era um dos nossos objetivos.”

“Era?”, repete Maya, com ar de questionamento sobre o verbo estar em tempo passado.

“Os membros se dispersaram... a Ordem está parcialmente desfeita...”, explica David.

“Ok, então o Germano é uma alta patente em ambas as ordens, e ele usa os mesmos membros que estão nas duas ordens ou em separado, de acordo com o interesse?”, questiona Maya, um tanto irritada.

“É algo assim...”

“E Gabriel? O Ricardo estava contra o Gabriel. Isso não era nada falso, ou era?”

“Gabriel traiu a organização... ele queria fazer uso do conhecimento que poderia adquirir com o mundo dos homens de preto em seu próprio proveito... pelo que eu também concluí, Ricardo foi escalado para impedi-lo... estou presumindo...”

“Você não sabe?! Você faz parte disso e não sabe?!”, reclama Maya, realmente indignada.

“Não... além de não conhecermos todos os membros, não sabemos as missões de cada um.”

“Eu nem sei o que dizer... e quanto a Júlio?”, pergunta ela.

“Ele nunca entrou em nenhuma dessas ordens secretas... ele estava apenas seguindo o que o pai havia lhe pedido... ele não sabe muito além disso”, completa David.

Maya se ajeita na cama, tentando controlar-se, sem sucesso, devido ao estado de agitação e inconformidade pela história do marido.

“De vez em quando, eu tenho vontade de apertar o seu pescoço... mas, no final, alguma coisa me diz, bem dentro de mim, que eu tenho que ter paciência... Ok, por que você e o Germano estão me usando como um boneco programável?!”

David se assusta com o que ela diz:

“Não! Não é isso! Os objetivos são sempre os mesmos.” Ele procurava as palavras certas para se justificar.

“Eu achava que era inteligente, mas você me faz sentir uma burra”, declara ela, por um momento, perdendo a paciência.

“Não... não pense dessa forma...”, diz David, começando a se desesperar, por temer a reação dela.

Maya se levanta, ajeitando a camisola curta de renda. Caminhando até a janela, ela ergue levemente a cortina, notando a maravilhosa e enorme Lua estampada em um limpo céu estrelado. Enquanto admirava a Lua, ela ergue a sobancelha esquerda, parecendo ter tido mais uma esclarecedora visão. Mantendo-se na janela, ela se volta para David, que ainda permanecia sentado na beirada da cama, aguardando pelo desenrolar do tema, resignado.

“Esses dois grupos... eles estavam juntos no passado? Ou isso só aconteceu agora?”

“Desde o início... Eles sabiam que tamanho conhecimento gerado pela Sociedade Vril levaria a uma guerra... foram se infiltrando e desviando as informações de forma a salvá-las, principalmente quando os aliados estavam começando a demonstrar vantagem sobre a Alemanha... precisavam proteger o que pudessem das garras dos aliados.” David baixa a cabeça, em sinal de que não diria mais nada.

Com um olhar compreensivo e compassivo, Maya se senta ao lado de David, na beirada da cama, abraçando-o e acariciando-o.

“Sabe... deve ser muito excitante fazer amor com um Illuminati...”

Sem vacilar, David sorri, satisfeito pela compreensão vinda de sua amada. Eles tiram suas roupas, vagarosamente e de maneira apaixonada, comprovando a enorme sintonia que tinham.

Table of Contents

[Sumario](#)

[Apresentacao](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)
[40](#)
[41](#)
[42](#)
[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)